

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

THEUAN CARVALHO GOMES DA SILVA

**CRIMINOLOGIA CULTURAL E RAP: uma análise discursiva de
identidades desviantes nas letras dos Racionais MC’s**

FRANCA

2017

THEUAN CARVALHO GOMES DA SILVA

**CRIMINOLOGIA CULTURAL E RAP: uma análise discursiva de
identidades desviantes nas letras dos Racionais MC's**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Direito. Área de concentração: sistemas normativos e fundamentos da cidadania.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Gabriela Mendes Braga

FRANCA

2017

GOMES DA SILVA, Theuan Carvalho.
Criminologia cultural e *rap*: uma análise discursiva de identidades
desviantes nas letras dos Racionais MC's / Theuan Carvalho Gomes da
Silva.

– Franca: [s.n.], 2017.

216 f.
Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Gabriela Mendes Braga

1. Criminologia Cultural. 2. *rap*. 3. Identidades desviantes. 4. Racionais
MCs. 5. Inter-relações. 6. Análise do discurso.

CDD – 342

THEUAN CARVALHO GOMES DA SILVA

**CRIMINOLOGIA CULTURAL E RAP: uma análise discursiva de
identidades desviantes nas letras dos Racionais MC's**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Direito. Área de concentração: sistemas normativos e fundamentos da cidadania.

BANCA EXAMINADORA

Presidenta: _____

Profa. Dra. Ana Gabriela Mendes Braga

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Franca, ____ de outubro de 2017.

Dedico à minha mãe, Monica de Carvalho, e ao meu pai, João Batista Gomes da Silva, por serem sempre meus dois pilares de sustentação.

AGRADECIMENTOS

Há pouco menos de um mês tive que escrever um agradecimento para minha monografia de especialização em direitos humanos. Boa parte do que reproduzo agora estava lá também. Isso porque, ao menos para mim, o momento do agradecimento, antes de tudo, é o momento de reconhecer os nossos privilégios. O privilégio de poder ter estudado em escolas de altíssima qualidade, quando ainda há um grande número de analfabetos no meu país. O privilégio de poder ter recebido apoio familiar, quando a maioria dos jovens precisa trabalhar desde cedo para contribuir em casa. O privilégio de ter chegado à pós-graduação, quando menos de 7% da população tem acesso ao ensino superior. Não fosse uma série de fatores que me privilegiaram, eu jamais poderia ter cursado e concluído uma graduação, uma especialização e agora um mestrado em direito. É preciso, portanto, reconhecer esses privilégios que me permitiram chegar até aqui.

Por sua vez, qualquer lista de agradecimento nunca será justa o suficiente, pois inúmeras pessoas contribuíram direta ou indiretamente com os resultados aqui apresentados: desde quem arrumava as salas de aulas logo pela manhã, passando pelos funcionários da portaria, da biblioteca, até as professoras e professores da universidade (e também da vida), enfim. Seria impossível nominar todos e todas – que de qualquer forma carrego em meus pensamentos. Mesmo assim, há se fazer agradecimentos especiais.

Como sempre, em primeiro lugar, agradeço a minha mãe, Monica de Carvalho. Desde sempre foi ela quem me ensinou tudo todos os dias. Por muitas vezes foi compreensiva e abriu mão de seus próprios interesses para que eu pudesse conquistar os meus. Não foi diferente nessa jornada acadêmica. Quantas e quantas vezes ela ficou me esperando para jantar quando eu estava trabalhando até mais tarde na escrita final. Ou quando tive que passar dias inteiros em Franca para puder cursar e concluir meu mestrado com o apoio emocional e financeira dela. Tudo com a certeza de alguém que te ama e sempre estará em casa para apoiar. Esse, talvez, seja meu maior privilégio. Obrigado, mamãe, por tudo todos os dias. “Meu amor pela senhora já não cabe em Saturno”, como diria Mano Brown.

Ao meu pai, João Gomes, pelo companheirismo diário e pela sabedoria de vida compartilhada. O seu incentivo e apoio foram fundamentais. A palavra amiga e os conselhos cotidianos me ajudaram a superar dificuldades, romper barreiras e sempre seguir em frente em busca da realização de meus objetivos. Obrigado, papai, por ter me dado o suporte necessário para vencer mais essa etapa tão importante para mim.

Agradeço, especialmente, a minha querida professora e orientadora Ana Gabriela Mendes Braga, que confiou em mim para desenvolver pesquisa sobre um objeto de estudo tão desafiador e rico. Desde nosso primeiro encontro sempre solícita, companheira e compreensiva. Com ela aprendi que a pesquisa científica deve ser engajada e responsável. Com ela aprendi que o diálogo é nossa maior arma, o que nos permite superar as diferenças e construir vias de mão-dupla. Com ela aprendi, por meio do exemplo, que nosso conhecimento deve ser sempre voltado para a luta dos direitos das minorias, daqueles que nunca tiveram voz e nem vez, como é o caso das pessoas presas. Desse modo, esta monografia é apenas uma pequena parte de tudo aquilo que ela me ensinou (e espero que continue a ensinar) todos os dias. Mais uma vez, obrigado, professora Ana, pelo exemplo de pesquisadora e ser humano!

Não seria possível deixar de agradecer aos meus amigos e amigas que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa. São aqueles e aquelas com quem, cotidianamente, compartilhei um pouquinho de minhas inquietações, angústias, medos, alegrias e vitórias. Essas pessoas são responsáveis por inúmeros diálogos que me ajudaram a compreender minhas próprias ideias, até por revisões da redação final desta monografia. Cada um de vocês contribuiu para que hoje eu pudesse concluir meu mestrado, o que me faz perceber como sou, mais uma vez, privilegiado. Obrigado ao “Núcleo Quente”: Paula Gonçalves Alves, Jéssica Rachel Sponchiado, Larissa Rosa, Renan Mandarinino e Pedro Borato, que mesmo antes da minha aprovação para a pós-graduação, já me ajudavam a encadear algumas das ideias iniciais do projeto de pesquisa. Por sua vez, também agradeço ao “Mestrado Moderno”, grupo que se formou durante o curso das disciplinas. Obrigado Leandro Teodoro, Sabina Varalda, Zulaiê Breviglieri, Esteves Camacho e Ana Luíza Porto! Nossa reta final não foi nada fácil, mas todos chegamos juntos até aqui! E não poderia ser diferente.

Seria impossível não agradecer, também, aos meus amigos e amigas que a vida me deu, como a Thaís Bialecki, a Nathália Regina Pinto, a Luiza Veronese, a Carolinas Simões, a Larissa Frade, o Fábio Loureiro, a Thaís Guerra, a Anamaria Balasteghin, a Bárbara Furtado, o Victor Serra e o Marcus Vinícius Cunha. Sem vocês muito pouco (ou quase nada) faria sentido.

Carregarei em minha memória esses tempos do mestrado como tempos de muita evolução e amadurecimento, tanto profissional, quanto intelectual, emocional e de vida. Obrigado a todos e todas que vieram comigo nessa caminhada!

“Fui rotulado pela sociedade / Um passo a mais pra
ficar na criminalidade / O meu cotidiano é um teste
de sobrevivência / Já tô na vida, então, paciência /
Pra cadeia não quero, não volto nunca mais / Ae
truta, se for pra ser, eu quero é mais / Aqui é mó
covil, ninho de serpentes / Tem que ser louco pra
vim bater de frente.”

Racionais MC's – *Crime vai e vem.*

GOMES DA SILVA, Theuan Carvalho. **Criminologia cultural e rap**: uma análise discursiva das identidades desviantes nas letras dos Racionais MC's. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2017.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a relação entre etiquetas nas letras de *rap*, estudar sua construção, desconstrução, reconstrução e/ou subversão dos rótulos tidos como desviantes e impostas pelo sistema de justiça criminal contra grupos específicos. O trabalho pretende, sobretudo, buscar o olhar daqueles que são, em regra, estigmatizados sobre os quais recaem tais rótulos. A pesquisa busca um olhar para além do cientificismo acadêmico, possível de ser encontrado em expressões artísticas populares, como é o caso do gênero musical *rap*, que traz experiências e vivências de seus atores com o sistema justiça criminal. Para tanto, parte-se dos aportes teóricos da criminologia crítica e cultural. Os Racionais MC's foi o grupo musical escolhido. O método escolhido para estudo foi a análise do discurso (AD), pois a abertura de significados que o método de investigação da AD nos traz dialoga com as propostas metodológicas da criminologia cultural, aporte teórico condutor da pesquisa. A análise do discurso das letras dos Racionais busca apreender significados e sentidos que só são possíveis a partir das compreensões sociais, históricas, políticas e ideológicas do enunciador. Essa perspectiva, portanto, rompe com os paradigmas tradicionais da pesquisa criminológica, valorizando a escuta e o olhar dos atores envolvidos com a questão criminal a partir do seu lugar de fala. A intenção é compreender como os rótulos e identidades desviantes são cantados por aqueles que, comumente, são assim estigmatizados.

Palavras-chave: identidade desviante. interacionismo simbólico. criminologia cultural. criminologia crítica. *rap*. análise do discurso. Racionais MCs.

GOMES DA SILVA, Theuan Carvalho. **Cultural Criminology and rap**: a discursive analysis of deviant identities in the lyrics by Racionais MC's. 2017. 140 f. Dissertation (Master Degree in Law) – School of Humanities and Social Sciences, São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2017.

ABSTRACT

This work aims to analyse the relationship between labels in rap lyrics, study their construction, deconstruction, reconstruction and / or subversion of labels considered as deviant and imposed by the criminal justice system against specific groups. The work aims, above all, to seek the eyes of those who are, as a rule, stigmatized on which these labels fall. The research seeks a look beyond academic scientificism, which can be found in popular artistic expressions, such as the rap music genre, which brings experiences and experiences of its actors with the criminal justice system. Therefore, it is based on the theoretical contributions of critical and cultural criminology. Racionais MC's was the chosen musical group. The method chosen for the study was the discourse analysis (AD), because the opening of meanings that the method of investigation of the AD brings us dialogues with the methodological proposals of cultural criminology, theoretical contribution conducting the research. The discourse analysis of Racionais letters seeks to capture meanings and meanings that are only possible from the social, historical, political and ideological understandings of the enunciator. This perspective, therefore, breaks with the traditional paradigms of criminological research, valuing the listening and the eyes of the actors involved with the criminal issue from their place of speech. The intent is to understand how deviant labels and identities are sung by those who are commonly stigmatized.

Keywords: deviant identity. symbolic interactionism. cultural criminology. critical criminology. *rap* music. speech analysis. Racionais MCs.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Objetos e categorias de análise.....	37
Tabela 2 – Imagem de capa e faixas do álbum Hip-hop cultura de rua.....	89

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Vagão de trem grafitado em Nova Iorque.....	67
Foto 2 – Galpão abandonado grafitado em Nova Iorque.....	67
Foto 3 – Capa do álbum Rapper's Delight.....	74

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise de discurso
CIDH	Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CtDH	Corte Interamericana de Direitos Humanos
DJ	Disc-jóquei
EUA	Estados Unidos da América
FGV	Fundação Getúlio Vargas
MC	Mestre de Cerimônia (<i>master of ceremony</i>)
MTV	Music Television
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RAP	Ritmo e Poesia (<i>rhyme and poetry</i>)
STF	Supremo Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo
VMB	Video Music Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 VOZES DA ACADEMIA: APORTES METODOLÓGICOS E CRIMINOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS LETRAS DOS RACIONAIS MC'S.....	17
1.1 Para amplificar a escuta	17
1.2 Aportes Metodológicos da Pesquisa.....	29
1.2.1 O recorte do objeto	31
1.2.2. O método da análise do discurso	36
1.3 Aportes Introdutórios de Criminologia Cultural	39
1.3.1 Contexto de surgimento da criminologia cultural	41
1.3.2 A criminologia do tédio.....	44
1.3.3 As possibilidades teórico-metodológicas da criminologia cultural.....	46
1.3.4 Algumas abordagens de pesquisa em criminologia cultural no Brasil.....	51
1.4 Afinando o Som.....	54
CAPÍTULO 2 VOZES DA RUA: A CULTURA HIP HOP, O RAP E OS RACIONAIS MC's.....	56
2.1 Introdução	56
2.2 O Surgimento do Hip Hop	58
2.2.1 O graffiti: intervenção estética na urbe.....	62
2.2.2 O break: expressão corporal de b-boys e b-girls	68
2.2.3 O rap: manifesto musical de MCs e DJs.....	70
2.2.4 Para além dos quatros elementos: o conhecimento	80
2.3 A Chegada do Hip Hop ao Brasil.....	84
2.4 A Trajetória dos Racionais MC's: 30 anos de estrada.....	89
2.5 Mano Brown: um Intelectual Orgânico e/ou Específico	97
CAPÍTULO 3 OUVINDO DIREITO (N)O RAP: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO ATOR SITUADO E AS IDENTIDADES DESVIANTES NAS LETRAS DOS RACIONAIS MC'S.....	102
3.1 O Ator Situado e a Construção de Identidades	102
3.2 A Análise do Campo	108
3.2.1 O processo de criminalização.....	109
3.2.2 O traficante	118

3.2.3 O ladrão.....	126
3.3 A Espiral de Criminalização e Resistência.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS	140
ANEXOS	
DISCOGRAFIA DOS RACIONAIS MC'S	154

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho caminha no sentido de ampliar a escuta do e no campo do direito para além da letra fria da lei, especificamente quanto a compreensão do fenômeno criminal, entendido aqui a partir das relações entre crime e cultura – elemento vivo e em movimento constante em nossa sociedade. Dessa maneira, este estudo se debruça sobre o movimento *hip hop*, que de um ponto de vista geral possui um forte viés contestador da ordem social vigente.

Nesse sentido, mais especificamente, as letras de *rap* são o objeto específico da pesquisa, por ser um este um gênero musical popular nas periferias e também compartilhado dentro das prisões. Desse modo, o *rap* receber atenção maior por ter esse papel especial de ser uma das formas de se dar voz àqueles que, em regra, são alvos preferenciais do sistema de justiça criminal, por exemplo. Essa cultura, portanto, se apresenta como um objeto de estudo rico e desafiador.

Mais especificamente, este trabalho tem por objetivo estudar a construção, desconstrução, reconstrução e/ou subversão das etiquetas tidas como desviantes e impostas pelo sistema de justiça criminal. Desse modo, as etiquetas mais operadas pelo poder punitivo contra a camada marginalizada da população são, em regra, as do traficante e a do ladrão. Portanto, essas são as identidades desviante que mais nos interessam.

O trabalho pretende, sobretudo, buscar o olhar daqueles que, em regra, são estigmatizados e se relacionam com os rótulos desviantes. Afinal, como se dá essa relação com o estigma operado pelos atores do sistema de justiça criminal por essas pessoas em seus respectivos meios sociais? A pesquisa busca um olhar para além do cientificismo acadêmico, possível de ser encontrado em expressões artísticas populares, como é o caso do gênero musical *rap*, que traz experiências e vivências de seus atores, devidamente situados em seus respectivos contextos, com o sistema justiça criminal.

Para tanto, parte-se dos aportes teóricos da criminologia cultural. Como principal referencial teórico do trabalho, a criminologia cultural investiga o crime e as agências de controle como produtos culturais. É bem por isso que a criminologia cultural se interessa pelo primeiro plano da dinâmica do fenômeno criminal, isto é, pela experiência desse ator social situado em seu contexto. Com efeito, essa perspectiva da criminologia cultural também dialoga com o paradigma das inter-relações que, do mesmo modo, retoma a ideia de ator situado para entender os processos de criminalização como uma vida de mão dupla (Capítulo 3, seção 3.1), paradigma utilizado para a análise das letras de *rap* selecionadas.

Por sua vez, os Racionais MC's foi o grupo musical escolhido porque é que um dos mais reconhecidos e um dos que possuem a carreira mais longa, contando mais de 9 álbuns lançados, sendo que o primeiro foi lançado ainda em 1988. O grupo formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KLLay é nacionalmente conhecido, tendo até mesmo sendo premiado no circuito *mainstream* da indústria fonográfica (ainda que sendo *outsiders* e lançando seus álbuns por gravadoras independentes). Contudo, nosso interesse se deve, principalmente, porque o grupo tem forte influência nas comunidades periféricas e nas prisões brasileiras, o que aponta uma identificação das pessoas preferencialmente selecionadas pelo sistema de justiça criminal com esse gênero musical específico.

Para o estudo empírico qualitativo das músicas dos Racionais, foram selecionadas palavras-chave aplicadas num banco de dados construído com todas as músicas lançadas pelo quarteto de *rappers* paulistanos (Capítulo 1, seção 1.2.1). O método escolhido para estudo do objeto recortado foi a análise do discurso (AD), pois a abertura de significados que o método de investigação da AD nos traz dialoga com as propostas metodológicas da criminologia cultural, aporte teórico condutor da pesquisa, bem como com o paradigma das inter-relações sociais, que valoriza a compreensão de um ator situado em seu contexto histórico e social. A análise do discurso das letras dos Racionais busca apreender significados e sentidos que só são possíveis a partir das compreensões sociais, históricas, políticas e ideológicas do enunciador, notadamente quando aos rótulos desviantes do “traficante” e do “ladrão”.

No Capítulo 1 são apresentados os aportes teóricos e metodológicos que nos permitiu ampliar a escuta para investigar objeto tão rico como a obra dos Racionais MC's. Para tanto, foi preciso detalhar o recorte do universo, bem como descrever como se construiu o corpo empírico da análise. A descrição do recorte do objeto e da metodologia empregada, qual seja, a análise do discurso, que serviu para o estudo das letras, é o que nos garante encontrar tanto os limites quanto os objetivos desta pesquisa. Além disso, são apresentadas as bases, o surgimento e as possibilidades teóricas da criminologia cultural para o pensamento criminológico, como tentativa de repensarmos alguns velhos paradigmas já consagrados na criminologia. Nesse sentido, a criminologia cultural inova não só no estudo de novos objetos, mas também nos métodos que permitem investigar esses objetos culturais. Portanto, o Capítulo 1 nos traz um objeto de estudo achado nas ruas e tenta trazê-lo para dentro do ambiente acadêmico, sem, contudo, tentar racionalizar, limitar ou reduzir as complexidades inerentes que tais objetos culturais possuem por sua própria natureza. Sendo assim, o primeiro capítulo se apresenta como diapasão que afina o som que será ouvido na sequência.

Por sua vez, no Capítulo 2 abordamos o surgimento e importância histórica da cultura *hip hop*. O movimento *hip hop*, que começa a se desenvolver a partir da década de 60, principalmente no Bronx (bairro periférico de Nova Iorque), recebeu forte influência dos movimentos negros estadunidenses que lutavam por direitos iguais. Em razão disso, o *hip hop* sempre foi um movimento que veiculou uma forte crítica social. Nesse capítulo são apresentados os elementos principais dessa cultura: o *break*, o *graffiti*, o *Disc-jockey* e o *Master of Ceremony*, bem como a *consciência*, elemento transversal pensado pelo DJ Afrikaa Bambaata transversal a todos os outros. Ainda, abordamos a chegada do *hip hop* no Brasil, que foi recepcionado na Estação São Bento pelos *breaking boys*. Por fim, o capítulo retoma o surgimento dos Racionais MC's, bem como a histórica de vida de Mano Brown, entendido como um intelectual orgânico e/ou específico, conforme a perspectiva de Gramsci e Foucault respectivamente.

O Capítulo 3, finalmente, é o espaço em que se faz a escuta e análise das letras dos Racionais MC's. Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade de se compreender o paradigma das inter-relações sociais, que retomado, conforme já dito, a perspectiva de um ator situado. Além disso, as contribuições da psicologia social, notadamente quanto a construção das identidades na sociedade numa via de mão dupla, sendo ao mesmo tempo produto e processo. Por fim, do campo de análise emergiram três categorias de interesse especial para um estudo criminológico das letras dos Racionais: os processos de criminalização, o traficante e o ladrão. A partir dessa abordagem, foi feita uma análise da espiral de criminalização e resistência na constituição de identidades tipicamente selecionadas pelo sistema de justiça criminal e também retratadas nas letras dos Racionais MC's, na linha das principais proposições da criminologia cultural.

A perspectiva, portanto, rompe com os paradigmas tradicionais da pesquisa criminológica, valorizando a escuta e o olhar dos atores envolvidos com a questão criminal a partir do seu lugar de fala. Especificamente, a intenção é compreender como os rótulos e identidades desviantes são cantados por aqueles que, comumente, são assim estigmatizados, e em que medida essas identidades são ressignificadas a partir do meio social em que este ator está situado.

CAPÍTULO 1 VOZES DA ACADEMIA: APORTES METODOLÓGICOS E CRIMINOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE DISCURSIVA DAS LETRAS DOS RACIONAIS MC'S

“Violentamente pacífico! / Verídico! / Vim pra sabotar seu raciocínio! / Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo! / Pra mim ainda é pouco, / Brown cachorro louco! / Número um guia terrorista da periferia! / Uni-duni-tê, eu tenho pra você, / O Rap Venenoso é uma rajada de PT!”

Capítulo 4 Versículo 3 – Racionais MC's

1.1 Para amplificar a escuta

O direito é surdo para outras vozes. O direito é fechado. Fechado demais. Fechado em si mesmo. Na letra fria da lei. Nos dogmas metafísicos do “dever ser” em detrimento do *ser*. Na sistematização de códigos e codificações herméticas. Na esterilização da vida que se transforma em papel esquecido num escaninho qualquer. Na prática automatizada do foro cotidiano. Nos modelos das petições que são reproduzidas por estagiários e estagiárias em todos os âmbitos da primeira à última instância – e que muitas vezes sequer são lidas. Na conformidade de muitos e muitas de que isso é assim mesmo. Parafraseando José Saramago, o direito poderia ser um ensaio sobre a surdez. Muito se fala e quase nada se ouve.

É preciso mais abertura no direito. É preciso ampliar e amplificar a escuta. Romper categorias. Repensar conceitos a partir de novos enfoques. Encher de vida àquilo que era visto como apenas mais um número, mais um processo, mais uma reposta automatizada a partir de fórmulas pré-estabelecidas e que nem de longe são capazes de solucionar, de fato, os conflitos deduzidos em cada processo judicial. É preciso olhar para além do direito. É preciso se abrir para o que há de humano nas relações jurídicas. Mormente dentro do sistema de justiça criminal. Estudar o fenômeno do crime e seu controle a partir de outras perspectivas. Não por acaso a criminologia cultural se propõe a estudar esse fenômeno a partir de perspectivas culturais, isto é, a partir daquilo que não está no direito, a partir da compreensão da vida sendo vivida, a partir das mais diversas e complexas manifestações e expressões artísticas que atualmente encontramos espalhadas em nossa sociedade.

A cultura *hip hop*, por exemplo, é uma fonte inesgotável de possibilidades de compreensões do direito. Principalmente para as ciências criminais, que através do paradigma da reação social escancarou que o direito penal atua contra determinadas pessoas pela prática de determinadas condutas tidas como desviantes, distribuindo rótulos e estigmas

desigualmente pela sociedade, selecionando, em regra, a camada marginalizada da população em decorrência do cometimento de “obras toscas”¹ como forma de assegurar as relações injustas entre capital e força de trabalho.²

Como diria o *rapper* brasileiro GOG³: “Preferencialmente preto, pobre, prostituta pra polícia prender. Pare! Pense. Por quê?”⁴ A seletividade criminal mais do que cantada em uma letra de *rap* é vivenciada diuturnamente pelos jovens nas periferias. E são esses jovens pretos, pretas e pobres, e pretas de tão pobres, que também se identificam com a cultura e o movimento *hip hop*, pois, afinal, é a sua realidade cotidiana que está ali sentida e cantada. Sendo assim, pode-se dizer que a principal proposta deste trabalho é trocar a letra fria da lei pela letra viva do *rap*.

Corroborando o que as letras de *rap* já cantavam desde já o muito, o Brasil vive um momento de punitivismo penal exacerbado, estamos prestes a possuir a terceira maior população prisional do mundo, de acordo com dados recentes divulgados pelo Departamento Penitenciário Nacional⁵. Esse quadro de encarceramento massivo possibilitou um cenário de violação sistemática de direitos humanos através do sistema penal. A taxa de pessoas presas no Brasil cresceu 575%⁶ nos últimos 25 anos, sendo que o déficit atual é 231.062⁷ vagas. É nesse contexto de superlotação em que as pessoas estão presas em condições subumanas. É nesse contexto que um grupo bastante específico da população tem seus direitos humanos mais básicos violados cotidianamente.

Prova disso são os diversos relatórios nacionais e internacionais sobre a questão. Em 2007, após visitar centenas de unidades prisionais, a CPI dos presídios constatou que as pessoas presas usavam produto inflável – leia-se, desinfetante – para o tratamento de doenças de pele como sarna.⁸ Noutro exemplo do grau de desumanização alcançado, os parlamentares constataram que as pessoas presas no Brasil sofrem, até mesmo, de sarna em decorrência da

¹ ZAFFARONI, Eugênio Raúl et al. **Direito penal brasileiro**: primeiro volume – teoria geral do direito penal. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. p. 47.

² SANTOS, Juarez Cirino dos. **A criminologia radical**. Rio de Janeiro: ICPC: Lumen Juris, 2008. p. 40-41.

³ Nome artístico de Genivaldo Oliveira Gonçalves, natural de Sobradinho (DF), nascido em 1965 e na estrada há mais de 25 anos cantando *rap*, tendo lançado mais de 10 álbuns até o presente.

⁴ Faixa 1: Brasil com “P”, 1:44 - GOG. **CPI da Favela**. Brasília, DF: Zâmbia Fonográfica: 2000. 1 CD. (50 min.).

⁵ DEPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN**: junho de 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 12.

⁶ Ibid., p. 15.

⁷ Ibid., p. 23.

⁸ BRASIL - CÂMARA DOS DEPUTADOS. **CPI do sistema carcerário**. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/2701>>. Acesso em: 7 ago. 2017. p. 84.

superlotação.⁹ Em 2015, em relatório especial, a própria ONU¹⁰ também constatou as condições de superlotação e violação de direitos nas prisões brasileiras.

Esse quadro de violação sistemática de direitos humanos nas prisões brasileiras já foi reconhecido, inclusive, pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e pela Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH). O Brasil já teve contra si deferidas 5 medidas cautelares perante a Comissão e 4 medidas provisórias perante a Corte. Todas em decorrência da violação de direitos humanos de pessoas presas, de norte a sul do país.

A primeira medida cautelar imposta contra o Brasil foi em decorrência do conhecido caso do presídio de Pedrinhas/MA, onde houve uma chacina que resultou mais de 40 mortes em 2013.¹¹ A segunda cautelar decorreu das condições do Presídio Central de Porto Alegre/RS, onde estavam presas 4591 pessoas num espaço destinado para 1984, afora a falta de água encanada, esgoto e energia elétrica.¹² A terceira, proferida em 2015, decorrente de violação de direitos de adolescentes privados de liberdade em centros de atenção socioeducativa de internação, no estado do Ceará, em que ficou constatado 3 homicídios, maus tratos, torturas, estupros e uma superlotação acima de 200%.¹³ A quarta foi proferida em julho de 2016, e decorreu de violação de direitos das pessoas presas no Instituto Penal Plácido de Sá Carvalho, em que 13 pessoas morreram em razão das condições desumanas, com taxa de ocupação por pavilhão superior a 280%, infiltrações no prédio, entrada da água da chuva nas celas, proliferação de doenças de pele, comida intragável, etc.¹⁴ A última cautelar foi deferida em agosto de 2016, com objetivo de garantir e preservar a vida e integridade física de adolescentes internados na unidade Cedro da Fundação Casa, na cidade de São Paulo/SP, onde a tortura se institucionalizou na prática do rito chamado “recepção”, em que os

⁹ BRASIL - CÂMARA DOS DEPUTADOS. **CPI do sistema carcerário**. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/2701> Acesso em: 7 ago. 2017. p. 84.

¹⁰ ONU. **Report of the Special Rapporteur on torture and other cruel, inhuman or degrading treatment or punishment on his mission to Brazil**. 2015. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G16/014/16/PDF/G1601416.pdf?OpenElement>. Acesso em: 15 out. 2016. p. 17.

¹¹ CIDH. **Medida cautelar n. 367/2013**. Asunto Personas Privadas de Libertad en el “Complejo Penitenciario de Pedrinhas” respecto de Brasil. Disponível em: <http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/MC367-13Resolucion11-13-es.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2016.

¹² Id. **Medida cautelar n. 08/2013**. Asunto Personas Privadas de Libertad en el “Presidio Central de Porto Alegre” respecto de Brasil. Disponível em: <http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/MC8-13Resolucion14-13-es.pdf>. Acesso em: 03 out. 2016.

¹³ Id. **Medida cautelar n. 60/2015**. Assunto: Adolescente privados de liberdade em unidades de atendimento socioeducativo de internação masculina do estado do Ceará, referente ao Brasil. Disponível em: <http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/2015/MC60-15-PT.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2016. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 2.

¹⁴ Id. **Medida cautelar n. 208/2016**. Assunto: as pessoas presas Plácido de Sá Carvalho, referente ao Brasil. Disponível em: http://www.portaldpge.rj.gov.br/Portal/sarova/imagem-dpge/public/arquivos/LIMINAR_CIDH_PLACIDO.pdf. Acesso em: 13 nov. 2016. p. 2.

adolescentes ingressantes eram levados para um quarto e os funcionários os surravam severamente.¹⁵

Mais recentemente, após os massacres nas penitenciárias brasileiras ocorridas no início do ano de 2017, a Corte Interamericana de Direitos Humanos criou o primeiro *supercaso* de violação de direitos humanos. Rafael Custódio, coordenador do Programa de Justiça da Conectas, afirmou que “Está claro que não podemos falar em crise do sistema prisional, mas em falência crônica – e a decisão da OEA de criar esse ‘supercaso’ respalda e reforça esse entendimento.”¹⁶ O supercaso foi criado a partir da união dos quatro casos de violação de direitos humanos de pessoas presas em trâmite na Corte, sendo eles: complexo do Curado, em Pernambuco; complexo de Pedrinhas, no Maranhão; Instituto Penal Plácido de Sá Carvalho, no Rio de Janeiro; e Unidade de Internação Socioeducativa no Espírito Santo.¹⁷

Outrossim, o caos penitenciário já foi reconhecido pelo STF. O Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), com assessoria da clínica de direitos fundamentais da UERJ, propôs perante a Suprema Corte a ADPF 347. Na decisão cautelar da referida ação, o STF declarou o Estado de Coisas Inconstitucional das prisões no Brasil, impondo aos entes federativos diversas obrigações voltadas para o desencarceramento. A violação de direitos humanos e fundamentais na prisão é dado certo.

Com efeito, um público bastante específico é selecionado para ingressar nessa máquina de violações de direitos humanos que é o sistema prisional brasileiro. Assumir a seletividade do sistema de justiça é um dos principais alicerces teóricos da pesquisa. Quem são essas pessoas que são selecionadas a ingressar nesse sistema de violações – que parece ser deliberado? Como elas são selecionadas para ingressar nesse sistema de violação de direitos? Como funcionam as dinâmicas dos processos de rotulação/criminalização? A criminologia crítica, aporte do qual partimos, propõe respostas para essas perguntas.

A ruptura criminológica do paradigma etiológico de crime – este tendo como projeto investigar uma causa que levaria o sujeito à prática de um crime – representou verdadeira viragem paradigmática (vide Capítulo 3) para as ciências criminais como um todo. A sociologia do desvio e a criminologia crítica, a partir da perspectiva construtivista em relação ao crime/criminoso, bem como da reação social ao desvio, apontou que o direito penal

¹⁵ CIDH. **Medida cautelar n. 43/2016**. Asunto adolescentes privados de libertad en el Centro de Atención Socioeducativo del Adolescente (CASA) Cedro del estado de San Pablo respecto de Brasil. <<http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/2016/MC302-15-ES.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 2.

¹⁶ CONECTAS DIREITOS HUMANOS. **Prisões**: Brasil terá de se explicar à OEA. São Paulo, 22 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.conectas.org/noticias/prisoos-brasil-tera-de-se-explicar-a-oea>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

¹⁷ CORTE IDH. **Resolução de 13 de fevereiro de 2017**. Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/docs/medidas/asuntos_unidad_se_01_por.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 5.

é seletivo e desigual ao tipificar determinadas condutas (criminalização primária), e não tipificar outras; e ao perseguir alguns indivíduos e não perseguir outros (criminalização secundária).¹⁸ Com isso, resta claro que o direito penal atende a interesses políticos ao taxar o que é crime e quem é o criminoso.¹⁹ A escolha da clientela penal não é aleatória. Conforme afirmam Zaffaroni e Nilo Batista, a seletividade criminal opera contra aqueles que não tem defesas contra o poder punitivo, e que, portanto, são/estão *vulneráveis* à criminalização secundária, uma vez que “[...] as agências acabam selecionando aqueles que circulam pelos espaços públicos com o figurino social dos delinquentes, prestando-se à criminalização – mediante suas obras toscas – como seu inesgotável combustível.”²⁰

Sendo assim, a violação de direitos através do cárcere representa um fenômeno seletivo e desigual, que vulnera ainda mais os direitos fundamentais e a cidadania de grupos sociais específicos. É por isso que urge buscar maior entendimento da dinâmica que orienta esse fenômeno social. A música, por sua vez, se transforma em verdadeira trincheira de resistência de denúncia da opressão imposta por meio dos agentes do controle social. Aliás, nos primeiros versos da música Capítulo 4 Versículo 3, do grupo Racionais MC's, encontramos contundente denúncia desse sistema de controle social que oprime a camada mais baixa – particularmente negra – do país:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais / Já sofreram violência policial / A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras / Nas universidades brasileiras / Apenas 2% dos alunos são negros / A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente no Brasil / Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.

¹⁸ Nesse sentido: “O processo seletivo de criminalização se desenvolve em duas etapas denominadas, respectivamente, primária e secundária. Criminalização primária é o ato e o efeito de sancionar uma lei penal material que incrimina ou permite a punição de certas pessoas. Trata-se de um ato formal fundamentalmente programático: o dever ser apenado é um programa geral, são as agências políticas (parlamentos, executivos) que exercem a criminalização primária, ao passo que o programa por elas estabelecido deve ser realizado pelas agências de criminalização secundária (policiais, promotores, advogados, juízes, agente penitenciários). Enquanto a criminalização primária (elaboração de leis penais) é uma declaração que, em geral, se refere a condutas e atos, a criminalização secundária é a ação punitiva exercida sobre pessoas concretas, que acontece quando as agências policiais detectam uma pessoa que supõe-se tenha praticado certo ato criminalizado primariamente, a investigam, em alguns casos privam-na de sua liberdade de ir e vir, submetem-na à agência judicial, que legitima tais iniciativas e admite um processo (ou seja, o avanço de uma série de atos em princípio públicos para assegurar se, na realidade, o acusado praticou aquela ação); no processo, discute-se publicamente se esse acusado praticou aquela ação e, em caso afirmativo, autoriza-se a imposição de uma pena de certa magnitude que, no caso de privação da liberdade de ir e vir da pessoa, será executada por uma gência penitenciária (prisonização).” ZAFFARONI, Eugênio Raúl et al. **Direito penal brasileiro**: primeiro volume – teoria geral do direito penal. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. p. 43.

¹⁹ BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal**: introdução à sociologia do direito penal. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002. p. 119.

²⁰ ZAFFARONI, Eugênio Raúl et al. op. cit., p. 47.

A criminologia crítica contribuiu sobremaneira para compreensão da seletividade a partir dos conceitos de criminalização primária e secundária. No entanto, pode ser que algo relevante tenha passado. Nessa visão criminológica mais tradicional e já consagrada, o objeto da seletividade, isto é, o indivíduo selecionado para ingressar no sistema penal, é desconsiderado. A pessoa selecionada é “vítima” da seletividade, sem expressão ou contribuição alguma na dinâmica. O que interessava para a criminologia, nesse primeiro momento, era a tipificação de condutas (atividade legislativa) e a atuação dos agentes e órgãos institucionais (atividade de Polícia, Ministério Público e do Poder Judiciário).

De outra banda, a questão do sujeito criminalizado, individualmente considerado, deixou de ser um objeto legítimo para essa criminologia. As explicações criminológicas se consagraram, sobretudo, no plano da superestrutura²¹. Essa criminologia foi produzida, primordialmente, entre as décadas de 60 e 80, fundada em uma perspectiva marxista. Diversos autores e autoras produziram pesquisas muito relevantes para a compreensão do sistema de justiça criminal durante esse período. Contudo, essa perspectiva criminológica pode ter deixado passar coisas importantes.

Nesse sentido, focaremos na construção de significados e nas experiências (sobre)vividas pelo indivíduo acusado perante o sistema de justiça criminal²², sem, contudo, desconsiderar a tradição do pensamento criminológico orientado para causas superestruturais – que representou contribuição inestimável para a compreensão do fenômeno punitivo nas sociedades capitalistas atuais. Partimos da hipótese de que a pessoa selecionada para ingressar

²¹ Nesse sentido: “As investigações de Rusche e Kirchheimer contribuíram para esclarecer as relações históricas do sistema punitivo como fenômeno jurídico e político superestrutural correspondente à estrutura econômica da sociedade – ou seja, ao conjunto das relações de produção –, na perspectiva da tese fundamental de que “o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral.” SANTOS, Juarez Cirino dos. **A criminologia radical**. Rio de Janeiro: ICPC: Lumen Juris, 2008. p. 65.

²² Para sistema de justiça criminal ou sistema penal, adotou-se o conceito de Zaffaroni e Batista: “[...] o conjunto das agências que operam a criminalização (primária e secundária) ou que convergem na sua produção. [...] Na análise de cada sistema penal devem ser consideradas as seguintes agências: a) as políticas (parlamentos, legislaturas, ministérios, poderes executivos, partidos políticos); b) as judiciais (que incluem juízes, ministério público, serventuários, auxiliares, advogados, defensoria pública, organizações profissionais; c) as policiais (que abarcam a polícia de segurança, judiciária ou de investigação, alfandegária, fiscal, de investigação particular, de informes privados, de inteligência do estado e, em geral, toda agência pública ou privada que cumpra funções de vigilância); d) as penitenciárias (pessoal das prisões e da execução ou da vigilância punitiva em liberdade); e) as de comunicação social (radiofonia, televisão, imprensa escrita); f) as de reprodução ideológica (universidades, academias, institutos de pesquisa jurídica e criminológica); e g) as internacionais (organismos especializados da ONU, da OEA, cooperação de países centrais, fundações, candidatos a bolsas de estudo e subsídio). ZAFFARONI, Eugênio Raúl et al. **Direito penal brasileiro**: primeiro volume – teoria geral do direito penal. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. p. 60-61.

no sistema de justiça criminal, de alguma forma, agencia²³ rótulos e identidades desviantes que lhes são impostos.

As perguntas que gostaríamos de antecipar, e que parecem relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa, são as que seguem: como a seletividade afeta os sujeitos de na construção de suas identidades individuais e/ou subculturais?²⁴ Qual é o poder agência de aquele ou aquela que é selecionado para ingressar no sistema de justiça criminal possui de sob os rótulos e identidades desviantes que lhes são impostos de cima pra baixo? E mais: de que forma que os rótulos criminais que são impostos às determinadas camadas da população não são, em alguma medida, resignificados, reinterpretados e/ou subvertidos? Será que ser taxado como ladrão, art. 157, criminoso, bandido, vilão, cabuloso, traficante, “vida loka”, etc., sempre é algo negativo? Em que medida esses sujeitos manobram e manipular essas identidades que lhes são impostas verticalmente? Esta pesquisa pretende, sem pretensão de esgotar a matéria, debater essas questões do ponto de vista criminológico.

Na nossa proposta, a criminologia enquanto saber interdisciplinar sobre o crime, o criminoso, a vítima e a sociedade, poderia ampliar horizontes a partir de fontes de pesquisas de produções culturais, no nosso caso, o *rap*, que é a sigla em inglês para *rhyme and poetry* (ritmo e poesia).

O *rap* está inserido numa cultura maior, conhecida como *hip hop*. Além do *rap*, o *hip hop* é composto por mais outros elementos: o *break* (dança), o grafite (arte plástica) e o DJ (música).²⁵ O DJ estadunidense Afrika Bambaataa ainda propõe que o *hip hop* seja perpassado um quinto elemento: o conhecimento.²⁶ O conhecimento transformaria o *rap* em

²³ Por agência, entende-se: “Em termos gerais, a noção de agência atribui ao ator individual a capacidade de processar a experiência social e de delinear formas de enfrentar a vida, mesmo sob as mais extremas formas de coerção. Dentro dos limites da informação, da incerteza e de outras restrições (físicas, normativas ou político-econômicas) existentes, os atores sociais são “detentores de conhecimento” e “capazes”. Eles procuram resolver problemas, aprender como intervir no fluxo de eventos sociais ao seu entorno e monitorar continuamente suas próprias ações, observando como os outros reagem ao seu comportamento e percebendo as várias circunstâncias inesperadas.” LONG, Norman; PLOEG, Jan Douwe van der. **Heterogeneidade, ator e estrutura**: a reconstituição do conceito de estrutura. Disponível em: <navi.ufsc.br/files/2011/09/Sobre-agencia.docx>. Acesso em: 10 ago. 2016.

²⁴ Não se olvida que há um debate acerca do sentido pejorativa quanto ao uso do termo *subcultura*, que denotaria uma cultura inferior ou menor que a cultura dominante, por assim dizer. No entanto, como a maioria dos criminologistas culturais usa essa expressão, e como objetivo deste primeiro capítulo é expor os principais pontos dessa criminologia, além de questões metodológicas, preferimos não enfrentar a questão neste espaço, sem deixar de pontuar, contudo, preocupação com a temática.

²⁵ Cf. Capítulo 2.

²⁶ Nesse sentido: “Já em 1977, o músico Afrika Bambaataa havia criado a *Zulu Nation*, tida como a primeira organização comunitária do hip-hop. Bambaataa pretendia combater a violência entre gangues promovendo a competição por meio dos chamados ‘quatro elementos’ DJ, MC, Break e grafite. Bambaataa passou a defender a existência de um quinto elemento na cultural hip-hop: o conhecimento. A ideia é um contraponto à redução do rap a um produto de mercado, reforçando sua potencialidade como instrumento de transformação.”

algo maior do que um simples produto de mercado na medida em que reforça sua potencialidade de transformação e crítica social.²⁷ Por ser o *hip hop* expressão historicamente ligada ao movimento negro e a denúncia de iniquidades, sua expressão popular sempre foi politizada e contestadora da ordem vigente. Talvez esse seja seu grande trunfo e aquilo que mais nos chame a atenção nesta pesquisa.

Também no Brasil o *hip hop* sempre marcou, como uma de suas principais características, sua posição contrária à ordem vigente, e isso ensejou diversas polêmicas. O grafite sempre foi criminalizado. Mais ainda o pixo.²⁸ O skate sempre foi sinônimo de resistência.²⁹ No *rap*, o caso não é diferente. Um bom exemplo disso é a forte crítica social presente na música “Fim de Semana no Parque”, lançada em 1993 pelos Racionais MC’s. Naquele momento o Brasil passava por uma espécie de ressaca da ditadura militar – conforme afirma Terpenamn³⁰ – com um cenário econômico de hiperinflação e cenário político de ruptura com o impeachment do primeiro presidente eleito após 25 anos de ditadura. Falava-se, naquele momento, no grande “pacto nacional” que havia sido a Constituição de 1988. E é aí, quando poucos estavam olhando para periferia, lugar em que Mano Brown e Edi Rock denunciavam o abandono das comunidades marginalizadas do Brasil do início da década de 1990:

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina 100 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto
Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari
Pronúncia agradável estrago inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso morro pra matar e
M.E.R.D.A.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 1180.

²⁷ Ibid., 137.

²⁸ Recentemente o prefeito da cidade de São Paulo, João Dória, instituiu o programa denominado “cidade linda”. Entre outras medidas, faz parte do programa a aplicação de multa de até R\$ 10.000,00 reais para pichadores. O prefeito da capital paulista tem propagandeado a “guerra ao spray” em programas de rádio e televisão por onde passa.

²⁹ Por todos. Cf: BÖES, Guilherme Michelotto. **Skate e a cidade**: uma pesquisa em criminologia cultural. Anais IV Congresso Internacional de Ciências Criminais. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/64.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2016.

³⁰ TEPERMAN, Ricardo, op. cit., Posição 362.

A crítica social é bastante presente nas letras de *rap*, o que expõe seu forte potencial contestador. Ricardo Teperman afirma que, muito provavelmente, foram os Racionais os primeiros a fazer uma crítica social tão contundente, sem meias palavras, rejeitando a versão conciliatória e de pacto social supostamente instituída na assembleia constituinte de 1988, assumindo uma posição de enfrentamento de classes, e por isso mesmo, revolucionária.³¹ Naquele momento histórico, o Brasil estava embebido de uma suposta coesão social, que tinha como grande objetivo a restauração da democracia. Não para os Racionais MC's, que em suas letras denunciavam o absoluto fracasso de qualquer democracia social em lugares como o Capão Redondo no extremo sul de São Paulo, por exemplo.

O grupo Facção Central, que tinha como MC's a dupla Eduardo Taddeo e Dum-Dum, teve o videoclipe da música *Isso aqui é uma guerra* censurado em 2000, após uma medida cautelar ter sido deferida pelo Poder Judiciário a pedido do Ministério Público paulista para que as fitas fossem recolhidas da emissora MTV, sob o argumento de que o clipe fazia apologia ao crime e incentivava a violência. Isso tudo porque o clipe contava a história de um sequestro relâmpago (muito em voga na época) e começava como os seguintes versos:

É uma guerra onde só sobrevive quem atira /
 Quem enquadra a mansão quem trafica /
 Infelizmente o livro não resolve /
 O Brasil só me respeita com um revólver, aí /
 O juiz ajoelha, o executivo chora /
 Pra não sentir o calibre da pistola /
 Se eu quero roupa, comida alguém tem que sangrar /
 Vou enquadrar uma burguesa e atirar pra matar /
 Vou fumar seus bens e ficar bem louco /
 Sequestrar alguém no caixa eletrônico /
 A minha quinta série só adianta /
 Se eu tiver um refém com meu cano na garganta /

Os referidos *rappers* chegaram a participar de uma entrevista no programa televisivo da apresentadora Sônia Abrão, juntamente com o promotor que requereu a retirada do clipe do ar. Na ocasião, Eduardo Taddeo, um dos vocalistas, explicou que o clipe tinha uma mensagem bem clara, que a opção pelo caminho do crime sempre culminava em cadeia ou morte, e que não adianta os ricos se esconderem atrás de mansões e carros blindados,

³¹ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 1180.

porque a desigualdade promove esse tipo de ação violenta.³² Hoje o clipe está disponível na internet.³³

Outro exemplo ocorreu em 2003 com o grupo liderado por Mano Brown. Os quatro membros dos Racionais foram presos, ainda no palco, no Festival *Rap no Vale*, no Anhangabaú (SP), e conduzidos até à delegacia de polícia. Isso tudo porque, supostamente, teriam eles incitado à violência contra a polícia militar a partir de suas letras. A polícia subiu ao palco no momento em que o grupo cantava *Homem na Estrada*, em que um de seus versos diz: “Eu não acredito na polícia, raça do caralho”. Chegando a delegacia o grupo foi liberado. Na ocasião, Mano Brown disse que a prisão dos Racionais “foi um desrespeito à liberdade de expressão.”³⁴

Outra a famigerada polêmica foi protagonizada por MV Bill. O *rapper* carioca, no festival Free Jazz, em 1999, cantou a música *Soldado do Morro* sem camisa e com uma arma na cintura. Mais tarde, o cantor afirmou se tratar de uma arma de brinquedo. No entanto, naquele primeiro momento a cena causou grande impacto. Posteriormente, MV Bill chegou a se defender em entrevistas ao afirmar que as pessoas não entenderam que se tratava de uma intervenção artística, tanto que feita num palco. A má compreensão do *rap* e da cultura *hip hop* em geral é bastante comum, o que quase sempre provoca reações sociais repressoras por parte do *establishment*.

Com efeito, as letras de *rap*, principalmente do subgênero conhecido como *gangsta rap*³⁵, se tornaram muito popular no Brasil, principalmente durante a década de 90.

³² FACÇÃO Central. Entrevistadora: Sônia Abrão. **Jornal da Noite**. São Paulo: RedeTV, [199-]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jn4yEwcsyvQ>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

³³ TADEU, Carlos Eduardo. Isso aqui é uma guerra. Interprete: Facção Central. In: FACÇÃO CENTRAL. **Versos sangrentos**. [s. l.]: Five Star Records, 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dXbpOiEHQhA>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

³⁴ FOLHA DE SÃO PAULO., 28 de setembro de 1994. **Polícia prende grupos de rap durante show**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/28/index.html#top>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

³⁵ Para Ricardo Teperman podemos entender o “*gangsta rap*” da seguinte maneira: “[...] é caracterizado por batidas pesadas e sombrias e letras politicamente engajadas e agressivas, retratando os aspectos mais duros da realidade social em comunidades desprivilegiadas. Uma palavra é recorrente, tanto nas letras quanto nos discursos dos rappers brasileiros para falar sobre o comportamento gangsta: “proceder”. Segundo o antropólogo Alexandre Pereira, a palavra sugere “um repertório próprio de modos de agir, de postura corporal, de fala, de gírias, de vestimenta e de outras referências comum, remetendo a dois significados: o de procedências (de origem, de proveniências) e o de procedimento (de modo de portar-se, enfim, de comportamento).” In: TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. 1. ed. Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição. 1474. No mesmo sentido é a posição do sociólogo Rogério Souza: “*Gangsta Rap*: surgiu nos Estados Unidos, em meados dos anos 1980, com o MC/Rapper Ice-T. Com letras caracterizadas pela agressividade, com destaque para atuação policial, o gangsta rap logo ganhou espaço na grande mídia. Entre os maiores cantores e grupos do gangsta rap destacam-se Public Enemy, 2pac e N.W.A. As rimas desses artistas falavam das desigualdades e do racismo, além do ódio que sentiam uns pelos outros.” In: SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 43-44. Vide a seguir seção 2.2.3 no capítulo 2.

Letras sempre recheadas de crítica social, referências à opressão policial e à criminalidade nas periferias fizeram e ainda fazem muito sucesso. Fação Central, Racionais MC's, Sabotage, MV Bill, Thaíde e DJ Hum, RZO, 509-E, Trilha Sonora do Gueto, dentre diversos outros grupos e *rappers*, formaram a cena musical do *gangsta rap* do final dos anos 80 e toda a década de 1990.

Esses atores sociais dão voz a uma população bastante específica, que em regra é aquela selecionada para ter direitos humanos violados através do cárcere e também pelo sistema de justiça criminal como um todo. Não por acaso, essas questões são refletidas em suas letras. A música “Diário de um detento”, por exemplo, foi escrita por Jocenir, ex-interno da Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru), lançada pelos Racionais no álbum “Sobrevivendo no Inferno”, em 1997. A música é um depoimento e narra em primeira pessoa a história de um sobrevivente de um dos maiores massacres promovidos pelo Estado brasileiro. A letra foi considerada a 52ª dentre as 100 maiores músicas brasileiras, de acordo com a revista Rolling Stone.³⁶

Por ora, é importante compreender que o estudo das letras de *rap* pretende provocar o lugar da criminologia acadêmica através dos saberes que podem estar sendo produzidos por pessoas que vivenciam em seu cotidiano as mazelas da justiça criminal, notadamente quanto à seletividade secundária e os estigmas decorrentes da rotulação criminal. Essas pessoas, ao fim e ao cabo, vocalizam a dinâmica da seletividade penal sob a perspectiva do acusado.

Assim sendo, é possível traçar um diálogo entre as letras de *rap* e o conhecimento desenvolvido na academia, sobretudo na criminologia – *locus* que esta pesquisa pretende se inserir. De forma geral, a figura “criminosa” construída cotidianamente corresponde as pessoas da camada econômica mais baixa da sociedade, e que são selecionados em razão de crimes ligados à sua condição de exclusão social, como são os crimes de tráfico, furto e roubo. Apenas esses três tipos penais são responsáveis por 59%³⁷ das pessoas encarceradas atualmente. Soma-se ainda o fato de que 68%³⁸ das pessoas sequer completaram o ensino fundamental e que 67%³⁹ delas são negras. Esse é o público preferencial da justiça criminal

³⁶ POTUMATI, Mateus. Diário de um detento: Racionais MC's © Jocenir/Mano Brown. **Revista Rolling Stones**, São Paulo, ed. 37, n. 52, out. 2009. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/37/noticia-4023>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

³⁷ DEPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN**: junho de 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 69.

³⁸ Ibid., p. 58.

³⁹ Ibid., p. 50.

no Brasil, e que, sem dúvida alguma, será submetido a um tratamento cruel e degradante a partir do primeiro segundo dentro de qualquer penitenciária do país.

Os números evidenciam um perfil bastante específico de quem é aquele selecionado para ingressar no sistema penitenciário. Em regra, são negros, negras, de baixa escolaridade e que praticam crimes relacionados ao patrimônio.⁴⁰ A seletividade secundária é um dos principais fatores para a violação a direitos através do cárcere de determinado grupo social. E essa população também compartilha entre si o gosto pelo gênero musical *rap*, já que esse é um gênero marcado pela expressão das contrariedades sociais vividas por essas pessoas, desaguando, inevitavelmente, na questão criminal.

A construção de identidades em subculturas tidas como desviantes favorece e possibilita uma ação da seletividade penal. Sendo assim, entender como o fenômeno criminal atinge essas pessoas é bastante importante para o desenvolvimento das ciências criminais e para maior compreensão do funcionamento do sistema de justiça criminal, suas desigualdades e as formas de violação de direitos através do encarceramento massivo de populações periféricas. Sendo o *rap* uma das expressões culturais dessa população que é atingida por esse sistema, a análise de suas letras pode ser lugar privilegiado para compreensão da construção, desconstrução, reconstrução ou subversão das identidades tidas como desviantes. Analisar as letras de *rap*, além de tudo, pode ser uma oportunidade de dar voz sobre questões que são particularmente sensíveis àqueles que nunca tiveram vez nos debates acadêmicos.

O lugar de fala dos *rappers* é fator importante para a escolha do recorte do objeto. Os *rappers*, que, em regra, estão fora dos espaços acadêmicos do direito penal, política criminal ou da criminologia, são capazes de descrever com recurso à música aquilo que se gasta anos pesquisando na academia em teses, dissertações e monografias. As interpretações dos saberes criminológicos gestados do “lado de lá da ponte” (Racionais MC’s), que são sentidos e experimentados na pele, muito embora não desfrutem do status de ciência, não deixam de ser uma fonte válida do saber – um saber “criminológico achado na rua.”⁴¹

⁴⁰ Embora a doutrina jurídico-penal não aponte o patrimônio como bem jurídico tutelado pelo crime de tráfico de drogas é inegável que esta conduta está diretamente ligada a questões patrimoniais. Nesse sentido, Vera Batista: “No caso do Rio de Janeiro, que não produz cocaína, percebe-se a partir dos anos setenta o fortalecimento gradual do seu consumo. A disseminação do uso da cocaína traz como contrapartida a especialização da mão-de-obra das comunidades periféricas na venda ilegal da mercadoria. Começa a aumentar nas delegacias, no juizado de menores, nas unidades de atendimento a jovens, as infrações relacionadas à posse, consumo ou venda de cocaína. Aos jovens de classe média, que a consome, aplica-se o estereótipo médico, e aos jovens pobres, que a comercializa, o estereótipo criminal.” In: BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 84.

⁴¹ Cf. SOUZA JÚNIOR, José Geraldo (org.). 4. ed. **O direito achado na rua**. Brasília: Editora UNB, 1987. passim.

1.2. Aportes Metodológicos da Pesquisa

Os membros dos Racionais MC's, além de serem *rappers*, são também moradores de comunidades carentes, marginalizados, em contato direto com o sistema de justiça criminal. A amálgama dessa experiência pode ser encontrada em suas composições musicais, objeto ora pretendido. O presente trabalho assenta-se na hipótese de que o *rap* pode nos apontar, à luz do interacionismo simbólico e da criminologia cultural, como as identidades aparecem e são (re)construídas através da cultura e das subculturas marginalizadas. O *rap* se apresenta como uma voz legítima de saberes que podem ser qualificados como criminológicos, numa espécie de dar voz aos especialistas na prática, que, na maioria das vezes, não são reconhecidos pela comunidade acadêmica ou sequer ouvidos nos rituais do sistema de justiça criminal. Assim, é fundamental o reconhecimento do *rap* enquanto discurso não oficializado, mas que se mostra fiel à realidade, decorrente das vivências cotidianas e práticas de seus atores, capazes de contribuir, sobremaneira, com o entendimento acerca da construção, desconstrução, reconstrução e/ou subversão das identidades tidas como desviantes.

Os aportes teóricos interdisciplinares da criminologia nos permitem uma nova abordagem para pensar e problematizar a relação desvio e sistema de justiça. Os discursos do *rap* possibilitam uma análise do crime e seu controle em relação a cultura. Nesse sentido, a criminologia cultural funciona como chave teórica importante para o rompimento com uma pesquisa criminológica eminentemente estatística, administrativa, atuarial e sem aporte crítico-social. Além disso, os estudos da criminologia cultural possibilitam dar uma passa além das criminologias que apenas orbitam o direito penal crítico. A investigação deste trabalho, portanto, tem como objetivo específico entender melhor o funcionamento das etiquetas relacionadas com o sistema de justiça criminal externadas nas letras dos Racionais MC's, analisando como os atores dessa expressão popular reconstroem, se empoderam e/ou subvertem as identidades institucionalmente tidas como desviantes.

Para compreender, o presente trabalho emprega a pesquisa empírica de abordagem qualitativa, privilegiando dessa forma os significados encontrados no universo pesquisado. Nesse sentido o método indutivo⁴², com técnica de análise de documentos (as

⁴² “O método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade. Constitui o método proposto pelos empiristas (Bacon, Hobbes, Locke, Hume), para os quais o conhecimento é fundamentado exclusivamente na experiência,

letras), é uma das escolhas para alcançar o campo de pesquisa, isto é, as letras do grupo de *rap* Racionais MC mais relevantes dentro do objetivo específico proposto. A escolha se mostrou adequada para a proposta de pesquisa, uma vez que se pretende extrair conclusões para a criminologia a partir de um universo empírico, qual seja as letras de *rap*.

Utilizamos o método dialético⁴³ para confrontar o discurso popular do gênero musical *rap* com aquele produzido dentro da academia, numa tentativa de investigação de um pelo outro, colacionado pela criminologia cultural e pela aproximação entre crime e cultura. Sendo assim, o campo de investigação é, sobretudo, interdisciplinar e reflexivo, de abordagem empírico-qualitativa. Para analisar as letras selecionadas, lançaremos mão do método da análise de discurso⁴⁴, pela sua versatilidade, que permite buscar significados e significações nas letras dos Racionais MC's, especialmente com relação às identidades desviantes, na medida em que a compreensão dos contextos históricos, sociais e ideológicos do enunciador também fazem parte da constituição dessas identidades (vide seção a seguir).

Aliado a esses métodos, as teorias do *labelling approach*, das subculturas e da criminologia crítica, culminando com o advento, mais recentemente, da criminologia cultural, configuram as linhas gerais da pesquisa. Esses são os marcos teóricos e metodológicos que nos permitirão jogar luz na dinâmica de gestão, disputa e/ou agenciamento dos rótulos e identidades desviantes. A pesquisa observa nas letras dos Racionais MC's, como os rótulos ligados ao desvio criminal são mobilizados por parte da cultura do *rap* – popularmente difundida nas classes que são, em regra, selecionadas a ingressar no sistema penal. Sendo assim, para além da explicação macrosociológica – já consagrada na criminologia –, a observação de componentes intersubjetivos pode caminhar no sentido de uma reinvenção, ressignificação e até mesmo subversão de identidades tidas como desviantes. As implicações

sem levar em consideração princípios preestabelecidos.” In: GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 12.

⁴³ “A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma.” In: GIL, Antonio Carlos, op. cit., p. 12.

⁴⁴ Cf.: “O ponto central aqui é que não existe nada “simples”, ou sem importância, com respeito à linguagem: fala e textos são práticas sociais, e até mesmo afirmações que parecem extremamente triviais, estão implicadas em vários tipos de atividades. Um dos objetivos da análise de discurso é identificar as funções, ou atividades, da fala e dos textos, e explorar como eles são realizados. [...] Diante da transcrição de uma discussão entre vegetarianos, por exemplo, o analista de discurso não procuraria descobrir ali por que as pessoas implicadas deixaram de comer carne e peixe, mas ao invés disso, estaria interessado em analisar como a decisão de se tornar vegetariano é legitimada pelos porta-vozes, ou como eles respondem a críticas potenciais, ou como eles formam uma auto identidade positiva (Gill, 1996b). A possibilidade de perguntas é interminável; mas, como se pode ver, elas são bem diferentes das convencionais perguntas sócio científicas.” In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 250-251.

observáveis do trabalho dizem respeito aos diálogos entre os saberes do *rap* e da criminologia, principalmente no tocante a disputas de sentido no universo criminal.⁴⁵

1.2.1. O recorte do objeto

O recorte quanto ao grupo musical escolhido se justifica pela sua representatividade na história do *rap* brasileiro. Os Racionais MC's estão na estrada desde 1988, há quase 30 anos, contando mais de 12 discos gravados, sendo 6 discos e 1 EP de músicas em estúdio, bem como 2 álbuns ao vivo e 3 coletâneas. O grupo é vencedor de diversos prêmios, sendo os principais: “Escolha da audiência – VMB 1998”; “Troféu Hutuz 2002”; “Ordem ao Mérito Cultural”, em 2006; “Melhores Artistas da Década”, Hutuz 2009; “Melhor Clipe” e “Melhor Música”, VMB 2012; “Troféu Raça Negra”, em 2012; “Mundo da Rua”, também em 2012; “Melhor show”, na Multishow em 2014⁴⁶. Soma-se que o grupo desfruta de notório reconhecimento dentro do sistema prisional e das comunidades marginalizadas, o que justifica ainda mais a escolha realizada.

Por outro lado, também é preciso destacar que os Racionais MC's estão dentro de certo *mainstream* da indústria fonográfica e do *hip hop* brasileiro. É verdade que o grupo ainda ocupa uma posição *outsider* (Becker), mesmo na indústria da música. Mas também é verdade que a banda é reconhecida e premiada pela Multishow e MTV, por exemplo, tendo Mano Brown e os Racionais, até mesmo, figurado como capa da revista Rolling Stones Brasil. É preciso dizer que os Racionais não são – mais – aqueles comumente denominados “pretos, pobres e periféricos”,⁴⁷ aqueles que nunca tiveram voz e nem vez na sociedade. Isso tudo graças ao sucesso que o *rap* os proporcionou. Os Racionais, ainda que não queiram ou neguem, podem ser entendidos como porta vozes da periferia, já que seu canto é ouvido por muitos. Apesar dessa projeção, a origem do grupo é da periferia paulistana, tendo eles sofrido a questão racial na própria pele, além de conviverem e conhecerem com propriedade os problemas e dilemas que a exclusão social produz, inclusive no âmbito criminal.

Dessa maneira, o banco de dados da pesquisa foi composto por todas as músicas autorais do grupo gravadas em estúdio, lançadas em seus 6 discos e 1 EP. Foram excluídos do

⁴⁵ “Uma boa teoria vem com um guia para desenvolver implicações observáveis sobre o fenômeno que ela procura descrever ou explicar. Somente ao avaliar essas implicações observáveis – comparando as implicações teóricas com algumas observações empíricas relevantes – é possível saber se a teoria é passível de estar correta.” In: EPSTEIN, Lee; KING, Gary. **Pesquisa empírica em direito**: as regras de inferência. São Paulo: Direito GV, 2013. p. 82.

⁴⁶ RACIONAIS MC's. **Racionais MC's**: timeline: prêmios. São Paulo, [2016]. Disponível em: <<http://www.racionaisoficial.com.br/timeline/?cat=41>>. Acesso em: 15 maio 2016.

⁴⁷ Trocamos o último “p”.

banco de dados os discos de coletâneas e ao vivo, já que eles não contam com músicas inéditas, mas sim regravações dos álbuns anteriormente lançados. O banco de dados, portanto, contou 7 álbuns: *Holocausto Urbano*, 1998; *Escolha Seu Caminho*, 1992; *Raio X Brasil*, 1993; *Sobrevivendo no Inferno*, 1997; *Nada como um dia após o outro dia*, 2002; *Cores e Valores*, 2014.

Quatro pessoas armadas e mascaradas em uma ação que lembra um assalto; a caricatura de um jovem segurando as barras de uma cela; quatro jovens negros reunidos em volta de uma mesa cercados de armas e munições. As próprias artes gráficas das capas dos álbuns dos Racionais MCs já seria um objeto de pesquisa relevante. Os encartes dos álbuns compõem a obra como um todo e contribuem para construir a representação estética da obra. O clima fúnebre criado pela cruz ao fundo preto estampada na capa do álbum “*Sobrevivendo no Inferno*”, lançado em 1997, já antecipa um pouco da narrativa do massacre do Carandiru, que é narrado na faixa “*Diário de um detento*”, por exemplo, além de expressar a poesia de guerra que estava por vir ali. Outro exemplo é a capa do álbum “*Raio X Brasil*”, em que a letra “X” (que na gíria das cadeias significa cela) sobreposta à imagem de uma cela superlotada compõe o diagnóstico de superencarceramento e aumento da repressão policial nas periferias vivenciado pelo grupo naquele momento, conforme também cantado na música “*Mano na porta do Bar*” do mesmo álbum.

Algo importante a ser destacado é que a imensa maioria dos álbuns dos Racionais MCs foram compostos e lançados na década de 90 ou começo dos anos 2000. Ainda, vale observar que o grupo passou por um grande hiato entre os anos 2002 e 2014⁴⁸ se levarmos em consideração que o álbum *1000 Trutas 1000 Tretas* não têm canções originais, e que o álbum *Tá Na Chuva*, na verdade, foi vazado e nunca lançado oficialmente. As músicas constantes do álbum vazado foram consideradas no universo da pesquisa, já que sua autoria foi reconhecida. Assim, o universo da pesquisa contém 73 letras musicais originais, lançadas entre os anos de 1990 e 2014. As letras, portanto, dizem muito sobre o contexto histórico, social e econômico das periferias brasileiras da década de 90 e início dos anos 2000, que era o lugar de onde falavam Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KLLay. Aliás, o álbum lançado em 2014 é bastante diferente dos anteriores, tendo uma estética bastante própria e destoante.

O banco de dados foi construído em um único documento de arquivo de texto eletrônico (*word*) com as letras musicais do grupo. Neste documento, foi utilizada a

⁴⁸ Período que – por coincidência ou não – significou grandes transformações nas periferias brasileiras, notadamente graças à ascensão à Presidência da República do Partido dos Trabalhadores, que promoveu diversos programas e políticas públicas de inclusão social e distribuição de renda – que por questão de espaço e pertinência não cabem ser discutidos aqui.

ferramenta de localização do próprio editor de texto para alcançar as letras que melhor pudessem expressar as temáticas pretendidas, filtrando-as a partir de palavras-chaves. A escolha das palavras chaves se deu por estarem na interface do saber marginal e do direito penal em relação à construção das possíveis identidade desviante, ou seja, foram palavras que diziam respeito ao desvio em relação ao sistema de justiça criminal. No total foram dez as palavras-chaves utilizadas na busca, sendo elas: “bandido”; “ladrão”; “criminoso”; “vítima”; “réu”; “preso”; “crime”; “sentença”; “cadeia” e “polícia”. A escolha das palavras chaves também se deu em razão de prévia audição de toda a discografia do grupo, o que permitiu uma compreensão mais geral sobre os principais temas constantes das letras.

O filtro com a palavra-chave “bandido” resultou 10 músicas, sendo elas: Racistas otários; Capítulo 4 Versículo 3; Vida loka parte 1; Otus 500 Crime vai crime vem; Estilo cachorro; Vida loka parte II; Truta e quebradas; Nova função; O mal e o bem.

O filtro com a palavra-chave “ladrão” resultou 16 músicas, sendo elas: Crime vai e vem; Diário de um detento; Fórmula mágica da paz; Na fé firmão; Mágico de Oz; A escolha que eu fiz; Estilo cachorro; Sou função; To ouvindo alguém me chamar; Artigo 157; Qual mentira vou acreditar; Jesus chorou; Mente do vilão; Quanto vale o show; Quem procurar acha; Salve.

Já com palavra-chave “criminoso” houve 3 músicas, sendo elas: Crime vai e vem; A vítima; 1 por amor 2 por dinheiro; Hey boy.

Por sua vez, a palavra-chave “vítima” apresentou apenas 3 resultados: Vida loka pt. 1; A vítima; Homem na estrada.

Com a palavra-chave “réu” houve 9 músicas: Racistas otários; Júri Racional; Capítulo 4 Versículo 3; A vítima; 1 por amor 2 por dinheiro; Crime vai crime vem; Mãos; Cores e valores; Somos o que somos; Racistas otários.

Já a palavra-chave “preso” resultou 7 letras: A vida é desafio; A vítima; Diário de um detento; Fórmula Mágica da Paz; Negro drama; Periferia é periferia; Sou função.

O filtro com a palavra-chave “cadeia” apresentou 8 letras: Hey boy; Vida loka parte 1; Diário de um detento; Negro drama; Na fé firmão; 12 de outubro; Crime vai crime vem; Tá na chuva.

Com a palavra-chave “crime” foram 15 músicas resultantes: Crime vai e vem; Diário de um detento; Fórmula mágica da paz; 1 por amor 2 por dinheiro; Na fé firmão; Negro drama; Racistas Otários; Mágico de Oz; A escolha que eu fiz; Tá na chuva; To ouvindo alguém me chamar; Cores e valores – finado Neguin; Da ponte pra cá; De volta a cena; O jogo é hoje.

A palavra-chave “sentença” contou 5 resultados, presente nas músicas: A vítima; Diário de um detento; A vida é desafio; Homem na estrada; Expresso da meia noite.

Por fim, a palavra-chave “polícia” somou 16 resultados: Crime vai e vem; Fórmula mágica da paz; Mágico de Oz; Capítulo 4 Versículo 3; Hey boy; Artigo 157; Otus 500; Qual mentira vou acreditar; A praça; Negro limitado; Fim de semana no parque; Mano na porta do bar; Júri Racional; Rapaz comum; Pânico na zona sul; Trutas e quebradas.

Após esse primeiro recorte, dentre as 73 letras constantes de toda a discografia do grupo, 50 músicas apresentaram ao menos uma das palavras-chaves selecionadas.

As palavras-chave que mais geraram resultados foram “ladrão” e “polícia”, presentes individualmente ao menos em 16 letras cada. Em segundo lugar, a palavra chave “crime” está presente em ao menos 15 canções. Em terceiro lugar, a palavra-chave “bandido” gerou 11 resultados. Na sequência, as palavra-chave “cadeia” e “réu” somaram cada uma delas 9 resultados, seguidas pela palavra “preso”, presente em 7 letras. “Sentença” obteve 5 resultados. “Criminoso” e “Vítima” apareceram em pelo menos 4 músicas.

A música que mais apresentou palavras-chaves foi “Crime vai e vem” somando 7 das 10 palavras-chaves. Na sequência aparecem as letras “Diário de um Detento” e “A vítima”, cada uma com 5 palavras-chaves. Com 4 palavras-chaves houve apenas uma música, “Fórmula Mágica da Paz”. Já com 3 palavras-chave houve 5 músicas. 12 letras apresentaram pelo menos duas das palavras-chaves, sendo elas. Todas as outras 27 músicas, das 50 resultantes da primeira filtragem, apresentaram apenas uma das dez palavras-chaves.

Ao se aplicar as 10 palavra-chave no banco de dados chegou-se ao total de 50 letras diferentes que apresentavam ao menos uma dessas palavras. Esse primeiro resultado já propõe inúmeros questionamentos. Em 68% das letras do universo da pesquisa, portanto, em alguma medida, os Racionais MC’s estão falando de problemas que podem estar ligados ao sistema de justiça criminal. Das 73 letras, as palavras-chave “bandido”, “ladrão” e “polícia” apareceram, individualmente, em 15 letras pelo menos. E isso já é um resultado significativo, que instiga diversas análises. Por que falar tanto dos problemas com a polícia, de cadeia, de vítimas, penas e problemas com o aparato repressor do Estado? Ora, porque, talvez, na década 90, nas periferias brasileiras, onde estavam Mano Brown, KL Jay, Ice Blue e Edi Rock, essa era a faceta do Estado que lhe era apresentada.

Com efeito, o universo de estudo com 50 letras musicais se apresentou como impraticável para uma análise qualitativa a partir do método da análise discursiva. Isso porque “ao contrário da ciência tradicional, na Análise do Discurso uma amostra demasiado extensa

pode tornar-se problemática.”⁴⁹ Sendo assim, para a realização prática da pesquisa empírica qualitativa através do emprego da análise de discurso optou-se, metodologicamente, por excluir do campo as 28 letras que apresentaram apenas uma das palavras. Por iguais razões, para se alcançar aquelas letras que melhor expressam temas ligados às questões criminais, a incidência do maior número de palavras-chaves se apresenta como critério razoável para se chegar a essas músicas, além de contribuir para que a pesquisa qualitativa seja feita em um número menor de letras.

Ressalta-se que, mesmo com o recorte do campo para 22 letras, os objetivos da pesquisa qualitativa não restaram comprometidos. Isso porque, em pesquisa exploratória realizada através da audição de toda a discografia do grupo, com a anotação daquelas letras que melhor pudessem expressar os significados das identidades tidas como desviantes, chegou-se a um resultado muitíssimo parecido com o apresentado após aplicação dos métodos e técnicas acima descritos para se delimitar o campo.

Portanto, a pesquisa empírica se debruça sobre as 22 letras que apresentaram ao menos duas das dez palavras chaves elencadas, sendo este o critério escolhido para conscientemente se abrir mão de algumas letras em preferência por outras. O recorte do campo de análise ficou configurado da seguinte maneira:⁵⁰

Tabela 1: Objetos e categorias de análise.

	Música	Álbum de lançamento	Palavras-chave
1	Crime vai e vem	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Bandido, ladrão, criminoso réu, cadeia, crime, polícia.
2	A vítima	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Criminoso, vítima, réu, preso, sentença.
3	Diário de um detento	Sobrevindo no inferno, 1997	Ladrão preso, cadeia, crime, sentença.
4	Fórmula mágica da paz	Sobrevindo no inferno, 1997	Ladrão, preso, crime, polícia.
5	1 por amor 2 por dinheiro	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Criminoso, réu, crime
6	Na fé firmão	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Ladrão, vítima, cadeia.
7	Negro drama	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Preso, cadeia, crime.
8	Racistas otários	Holocausto urbano, 1990	Bandido, réu, crime.
9	Vida loka pt. 1	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Bandido, vítima, cadeia.
10	Mágico de Oz	Sobrevivendo no inferno, 1997	Ladrão, crime, polícia.
11	A escolha que eu fiz	Core e valores, 2014	Ladrão, crime.
12	A vida é desafio	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Preso, sentença.
13	Capítulo 4 versículo 3	Sobrevivendo no inferno, 1997	Bandido, réu, polícia.
14	Homem na estrada	Raio X Brasil, 1993	Vítima, sentença.
15	Estilo Cachorro	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Bandido, ladrão.
16	Hey boy	Holocausto urbano, 1990	Cadeia, polícia.
17	Sou função	Tá na chuva, 2009	Ladrão, preso.

⁴⁹ NOGUEIRA, Conceição. Análise do Discurso. In: ALMEIDA, L. FERNANDES, E. **Métodos e técnicas de avaliação**: novas contribuições para a prática e investigação. Braga: CEEP, 2001. p. 33-34.

⁵⁰ A discografia, em ordem cronológica, e as respectivas letras das faixas de cada álbum, encontram-se nos apêndices deste trabalho.

18	Tá na chuva	Tá na chuva, 2009	Cadeia, crime.
19	Tô ouvindo alguém me chamar	Sobrevivendo no inferno, 1997	Ladrão, crime.
20	Eu sou 157	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Ladrão, polícia.
21	Otus 500	Nada como um dia após o outro dia, 2002	Bandido, polícia.
22	Qual mentira vou acreditar	Sobrevivendo no inferno, 1997	Ladrão, polícia.

Fonte: RACIONAIS MC'S. **Discografia**. Disponível em: < <http://www.racionaisoficial.com.br/>>.

Acesso em: 15 mar. 2017.

1.2.2. O método da análise do discurso

A análise do discurso é uma teoria e uma metodologia com muitas variações. Rosalind aponta que existem, provavelmente, pelo menos 57 variedades de análise de discurso.⁵¹ Dentre as abordagens mais tradicionais da análise de discurso (AD), a autora destaca 4 características-chave:

1. A postura crítica com respeito ao conhecimento dado, aceito sem discussão e um ceticismo com respeito à visão que nossas observações do mundo nos revelam, sem problemas, sua natureza autêntica.
2. O reconhecimento de que as maneiras como nós normalmente compreendemos o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas.
3. A convicção de que o conhecimento é socialmente construído, isto é, que nossas maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo em si mesmo, mas pelos processos sociais.
4. O compromisso de explorar as maneiras com os conhecimentos – a construção social de pessoas, fenômenos ou problemas – estão ligados a ações/práticas.⁵²

A linha francesa da análise discursiva, por exemplo, teve como um de seus fundadores Michel Pêcheux, que estabeleceu a relação existente no discurso entre língua, sujeito e história ou língua e ideologia.⁵³ Com efeito, a análise do discurso surgiu no contexto do giro linguístico⁵⁴ da filosofia. Esse novo paradigma filosófico influenciou os pós-estruturalistas no estudo de análise discursiva. Nesse contexto, o pensamento de Michel

⁵¹ GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.

⁵² Ibid., p. 245.

⁵³ CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Revista Texto & Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 10 jun. 2016. p. 680.

⁵⁴ Por *giro linguístico* entende-se: “[...] pode-se afirmar que, no *linguistic turn*, a invasão que a linguagem promove no campo da filosofia transfere o próprio conhecimento para o âmbito da linguagem, onde o mundo se descortina; é na linguagem que se dá a ação; é na linguagem que se dá o sentido (e não na consciência de si do pensamento pensante). O sujeito surge na linguagem e pela linguagem, a partir do que se pode dizer que o que morre é a subjetividade “assujeitadora”, e não o sujeito da relação de objetos (refira-se que, por vezes, há uma leitura equivocada do giro linguístico, quando se confunde a subjetividade com o sujeito ou, se assim se quiser, confunde-se o sujeito da filosofia da consciência [s-o] com o sujeito presente em todo ser humano e em qualquer relação de objetos).” STRECK, Lenio Luiz. **O que é isto – decido conforme minha consciência?**. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2013. p. 11.

Foucault trouxe enorme contribuição para o desenvolvimento da análise do discurso, especialmente a partir das obras *As Palavras e as Coisas* (1966), *Arqueologia do saber* (1969) e da aula inaugural *A Ordem do Discurso* (1970).

Na aula inaugural proferida no Colégio da França em 1970, Foucault lança uma interessante questão logo no início de sua fala: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”.⁵⁵ Mas na sua *Arqueologia do Saber* quem Foucault dá maiores contribuições para a análise discursiva.

O método da análise do discurso, conforme afirma Maria do Rosário Gregolin, nos permite “realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?). Ao analisarmos o discurso, estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou.”⁵⁶ Dentro da perspectiva foucaultiana da análise discursiva, a autora afirma que “o discurso é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos.”⁵⁷ No mesmo sentido, a portuguesa Conceição Nogueira, que também adota a análise do discurso na perspectiva foucaultiana, afirma que “a pesquisa do Discurso oferece rotas para o estudo dos significados, uma forma de investigar o que está implícito e explícito nos diálogos que constituem a acção social, os padrões de significação e representação que constituem a cultura.”⁵⁸

Muito embora não haja uma estrutura detalhada e bem definida para o uso do método da análise do discurso, Conceição Nogueira, a partir das construções de Ian Parker, elenca alguns critérios e fases que são fundamentais e essenciais para uma efetiva análise do discurso:

Critérios e fases

Textos

- 1- trata objetos de estudo como sendo textos (colocando em palavras)
- 2- explorar conotações, associação livre

Objectos

- 3- procurar objectos nos textos

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 8.

⁵⁶ GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa: Revista de linguística*. v. 39, p. 13-21, 1995. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3967/3642>>. Acesso em: 12 maio 2016. p. 17.

⁵⁷ GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. v. 4, n. 11, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105>>. Acesso em: 12 maio 2016. p. 11.

⁵⁸ NOGUEIRA, Conceição. Análise do Discurso. In: ALMEIDA, L. FERNANDES, E. *Métodos e técnicas de avaliação: novas contribuições para a prática e investigação*. Braga: CEEP, 2001. p. 22-23.

- 4- tratar a *fala* acerca desses objetos como objeto de estudo
Sujeitos
- 5- especificar sujeitos (pessoas, assuntos, temas, etc.), como tipos de objetos no texto
- 6- especular acerca de como eles podem “falar”
Sistema
- 7- traçar uma imagem do mundo, redes de relações
- 8- indicar as estratégias defensivas desses sistemas contra possíveis ataques
Ligações
- 9- identificar contrastes entre formas de “falar”
- 10- identificar pontos de sobreposição, *fala* dos mesmos objetos
Reflexão
- 11- relacionar maneiras de *falar* para audiências diferentes
- 12- escolher rótulos ou designações das formas de *falar*, os discursos
História
- 13- analisar com atenção como esses discursos emergem
- 14- questionar como os discursos contam a sua história acerca da sua origem
Instituições
- 15- identificar instituições reforçadas pelos discursos
- 16- identificar instituições que são atacadas pelos discursos
Poder
- 17- analisar que categorias de pessoas ganham e perdem
- 18- questionar quem os promoverá e quem se lhes oporá
Ideologia
- 19- analisar como eles se ligam com outros discursos opressivos
- 20- descrever como eles justificam o presente⁵⁹

No caso do *rap*, o diálogo entre a análise subjetiva, isto é, o que as letras dizem sobre as identidades desviantes, e a análise objetiva/contextual, que trata do contexto histórico-social do grupo Racionais MC's, bem como das ideologias e práticas sociais expressas, nos possibilita uma abertura da pesquisa para a apreensão de sentidos e significados importantes para a constituição de identidades desviantes. A perspectiva da análise do discurso está ligada às compreensões extratextos ou acima do próprio texto. Para que se compreenda o sarcasmo ou a ironia de um enunciado, por exemplo, as compreensões que estão fora do texto são extremamente relevantes. O complexo enunciativo está para além do texto, o que permite investigar contextos sociais, políticos e ideológicos do enunciador. Essa abordagem permite que o analista do discurso analise simultaneamente o discurso e o contexto interpretativo que se dá o discurso.

Os *rappers*, por viverem tradicionalmente em contextos de exclusão social e repressão policial, deixam transparecer nas suas composições de *gangsta rap* o complexo enunciativo de seu lugar de fala. É possível investigar, a partir das letras dos Racionais, como

⁵⁹ NOGUEIRA, Conceição. Análise do Discurso. In: ALMEIDA, L. FERNANDES, E. **Métodos e técnicas de avaliação**: novas contribuições para a prática e investigação. Braga: CEEP, 2001. p. 34-35.

as ideologias, posições políticas e contextos sociais de Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay influenciaram a sua obra. Esse salto qualitativo extratexto que a AD nos permite, pode contribuir para, por exemplo, ampliar o campo de visão no que se refere as identidades desviantes que aparecem nas letras musicais.

Rosalind nos traz um exemplo bastante simples, mas que pode ilustrar bem como se trabalha com a análise de discurso. A autora aponta que o enunciado “*Meu carro quebrou*” pode ter diversos significados, a depender dos contextos interpretativos. Um primeiro sentido, quando dito para um amigo na saída de uma reunião pode ser um pedido implícito para uma carona; quando dito a uma pessoa que lhe vendeu o carro há apenas alguns dias pode fazer parte de uma acusação ou repreensão; ou ainda, quando dito para o professor pode se constituir em uma explicação de atraso para aula.⁶⁰ Outro exemplo simples, porém bastante elucidativo, é trazido por Rita Caregnato e Regina Mutti, ao exemplificar com o enunciado “*é dando que se recebe*”, que poderá ter sentidos diferentes a depender se o enunciador for um padre franciscano, se o enunciador for um político ou se for uma prostituta.⁶¹

Essa abertura de significados que o método de investigação da AD nos traz dialoga com as propostas metodológicas da criminologia cultural, aporte teórico condutor desta pesquisa, especificamente no sentido que Jeff Ferrell propõe em sua *Morte ao Método*⁶². A análise do discurso das letras dos Racionais busca apreender significados e sentidos que só são possíveis a partir das compreensões sociais, históricas, políticas e ideológicas do enunciador. A perspectiva, portanto, quer romper com os paradigmas tradicionais da pesquisa criminológica, valorizando a escuta e o olhar dos atores envolvidos com a questão criminal a partir do seu lugar de fala.

1.3. Aportes Introdutórios de Criminologia Cultural⁶³

⁶⁰ GILL, Rosalind. Análise de Discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 249.

⁶¹ CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Revista Texto & Contexto – Enfermagem**. Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 10 jun. 2016. p. 681.

⁶² FERRELL, Jeff. Morte ao método: uma provocação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, pp. 157-176. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/viewFile/7295/5874>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

⁶³ Este subitem é uma versão revisada e ampliada de trabalho publicado como resultado parcial desta pesquisa de mestrado nos anais do V Encontro Internacional do CONPEDI, realizado em Montevideu, no Uruguai, entre os dias 8, 9 e 10 de setembro de 2016, na Faculdade de Direito da Universidad de la Republica Uruguay. Cf.: SILVA, Theuan Carvalho Gomes. Alguns aspectos teóricos e metodológicos de criminologia cultural. In: **Anais V Encontro Internacional do CONPEDI**. Disponível em: <<http://www.conpedi.org.br/publicacoes/9105o6b2/37p0p60l>>. Acesso em: 10 de dez. 2016.

Não é de hoje que culturas são criminalizadas em nossas sociedades. Há uma evidente disputa por espaço e poder quanto a representações e significações do que é o certo ou errado, bom ou mal, lícito ou ilícito, crime e não crime. E esse fenômeno pode ser compreendido também através da cultura, que produz e é produto do controle social. Dentro dessa perspectiva, a criminologia cultural é corrente de pensamento criminológico bastante recente e que ainda está em fase de formação. Numa tentativa de definição de conceito, Ferrell assevera que a criminologia cultural pretende explorar “[...] o entrelaçamento entre a dinâmica cultural e as práticas do crime e controle do crime na sociedade contemporânea. [...] enfatiza a centralidade do significado e representação na construção de crime como um evento momentâneo, esforço subcultural e questão social.”⁶⁴

Seu marco inicial é incerto, mas ganha força a partir de meados da década de 90. Suas propostas e perspectivas se apresentam como inovadoras e por isso é que é preciso melhor conhece-las, desenvolvê-las e debate-las no seio da comunidade acadêmica. Com efeito, sem ambição de esgotamento da matéria, o método utilizado nesta parte do trabalho foi o da revisão bibliográfica, que consiste no mapeamento de obras sobre criminologia cultural e da apresentação de conceitos-chaves já desenvolvidos por pesquisadores da área. Mais especificamente, pretende-se introduzir algumas bases teóricas e metodológicas dessa nova criminologia, e também apresentar algumas pesquisas já realizadas a partir desses referenciais teórico-metodológicos, principalmente no Brasil.

Num primeiro momento, buscamos trazer o desenvolvimento da criminologia cultural, que nos remete, sobretudo, aos EUA e a Inglaterra, chegando apenas mais recentemente no Brasil. Após apresentação do contexto de surgimento, passa-se ao “tédio criminológico”: a formação da criminologia cultural pode ser mais bem compreendida a partir daquilo que veio a ser chamado por Jeff Ferrell de criminologia do tédio.⁶⁵ O tédio é identificado no contexto do modernismo de nossas sociedades, principalmente nas sociedades desenvolvidas, como na Inglaterra e EUA, local onde a criminologia cultural também surge. A burocratização da vida decorrente disso permitiu, principalmente na América do Norte, o surgimento de uma criminologia administrativa, que sob o pretexto de ser reconhecida como

⁶⁴ FERRELL, Jeff. **Definition of Cultural Criminology in the Blackwell Encyclopedia of Sociology**. 2011. Disponível em: <<https://blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology/files/2011/03/cult-crim-blackwell-ency-soc.pdf>>. Acesso em 05 jun. 2016. p. 1. Tradução nossa. No original: “[...] intertwine with the practices of crime and crime control in contemporary society [...] emphasizes the centrality of meaning and representation in the construction of crime as momentary event, subcultural endeavor, and social issue”.

⁶⁵ FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, [s. v.], n. 82, p. 339, jan/fev 2010. passim.

ciência autônoma acabou se transformando em instrumento para produção de dados para o controle social.

A bem da verdade, o tédio também pode ser encontrado dentro da tradição brasileira de ensino e pesquisa da criminologia, que enxerga a criminologia como uma sucessão de escolas e paradigmas que tem o seu ápice com o pensamento crítico de tradição marxista, conforme sustenta Salo de Carvalho no *Das subculturas desviantes ao tribalismo urbano (itinerários da criminologia cultural através do movimento punk)*. Corroborando essa proposição, Gustavo Noronha e Álvaro Oxley da Rocha, após analisarem 19 grades curriculares de faculdade de direito nacionais, constataram que a criminologia é disciplina obrigatória em apenas 9 dessas faculdades, além de uma predominância do ensino histórico cronológico em detrimento de debates temáticos.⁶⁶ Portanto, a importância da criminologia cultural está no seu viés de rompimento com o que até então vinha sendo produzido, além de continuar provocando novas formas de pensar o crime e controle.

Na sequência, tratamos as possibilidades teóricas e metodológicas que a criminologia cultural traz como possível saída para recobrar a criminologia desse tédio. Nesse sentido, seria justamente os estudos culturais a resposta, por possibilitarem a captação dos sentimentos, significados e emoções humanas através dos estudos relacionando crime e cultura. Para isso, foi necessário buscar metodologias não ortodoxas, que permitissem a compreensão da dimensão das experiências e emoções humanas, como é o fenômeno da transgressão. Assim, se iniciou uma tradição de pesquisas sobre crime e cultura de inspiração antropológica, valendo-se do método da etnografia, mas também de outros métodos que permitiram essa abertura qualitativa para a compressão do fenômeno criminal.

Por fim, trazemos quatro trabalhos de pesquisadores brasileiros e brasileiras que contribuem para ilustrar o fazer da criminologia cultural. Essas pesquisas analisam a relação entre crime e cultura, principalmente na construção de identidades de subculturas desviantes, além de suas formas de representação e significação do desvio, que vão desde o picho, o skate, as torcidas organizadas de futebol, até letras musicais do gênero *rap*.

1.3.1. Contexto de surgimento da criminologia cultural

A data de nascimento da criminologia cultural é incerta. Os estudiosos da matéria destacam que os estudos culturais e as relações entre crime e cultura não são de hoje. Houve,

⁶⁶ OXLEY DA ROCHA, Álvaro Filipe; ÁVILA, Gustavo Noronha. Disciplina indisciplinada: o ensino da criminologia no Brasil hoje. **Revista Conpedi Law Review**. v. 2, n. 1, p. 91-111, 2016. p. 107-109.

no passado, momentos de altos e baixos nos estudos relacionando crime e cultura.⁶⁷ Isso significa dizer que, em alguma medida, a criminologia cultural já existia antes mesmo de assim ser chamada, mas apenas a partir da metade da década de 90 em diante é que uma série de pesquisadores vão se organizar em torno do que se convencionou chamar de “criminologia cultural”, conforme apontado por Oxley.⁶⁸

Com efeito, antes da formação da criminologia cultural, algumas tradições criminológicas e sociológicas foram muito importantes para seu desenvolvimento e construção de suas bases. Ferrell baliza que a criminologia cultural surgiu de uma complexa variedade evolutiva, tanto da sociologia, quanto da criminologia:

Um ponto de partida fundamental para o aparecimento [da criminologia cultural] é o trabalho de estudiosos associados com a Escola de Birmingham dos estudos culturais, a *National Deviancy Conference*, e a "nova criminologia" na Grã-Bretanha durante os anos 1970. Reconceituando a natureza do poder contemporâneo, esses estudiosos exploraram as dimensões culturais e ideológicas de classe social, examinaram mundos de lazer e subculturas ilícitas como sítios de resistência estilizados e significado alternativo, e investigaram as ideologias mediadas pela condução do controle social e legal. Por volta dessa mesma época, a sociologia norte-americana trouxe um segundo ponto de partida o que viria a se tornar criminologia cultural: a abordagem interacionista simbólica para crime e desvio.⁶⁹

Não foram poucas as bases da criminologia cultural. Por um lado, ela se funda dentro da tradição sociológica de estudos culturais, que ao re-conceituar a natureza do poder, pode explorar as dimensões culturais e ideológicas, imergindo em subculturas ilícitas como focos de resistência estilizados ao controle social e legal. Por outro lado, a proposta interacionista simbólica de Becker contribuiu sobremaneira com a perspectiva de um novo olhar para os significados do crime e do desvio em grupos *outsiders*. Além dessas bases, como nota Larissa Frade, a contribuição de tradições sociológicas clássicas como as de Marx,

⁶⁷ Como exemplo disso, pode-se citar, em alguma medida, dentre outros, o trabalho de Becker com os músicos de jazz e usuários de maconha na década de 60. Cf.: BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

⁶⁸ OXLEY DA ROCHA, Álvaro Filipe. Crime e controle da criminalidade: as novas perspectivas e abordagens da criminologia cultural. **Revista Sistema Penal & Violência**. v. 4, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12597/8811>>. Acesso em: 14 maio 2016. p. 181-183.

⁶⁹ FERRELL, Jeff. **Definition of Cultural Criminology in the Blackwell Encyclopedia of Sociology**. 2011. Disponível em: <<http://blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology/files/2011/03/cult-crim-blackwell-encysoc.pdf>>. Acesso em 05 jun. 2016. p. 1.

Durkheim, Parsons e Merton também foram essenciais para o desenvolvimento da criminologia cultural.⁷⁰

A partir dessas perspectivas teóricas uma *nova criminologia* emergia. Essa criminologia começou a ganhar forma, principalmente, a partir do estudo de Jeff Ferrell intitulado *Urban Graffiti: crime, control and resistance*, que depois se transformou no livro *Crimes of Style*, publicado em 1993. Na obra, o autor relata sua pesquisa com os grafiteiros de Denver (Colorado, EUA), mas que também analisou grafites de outras cidades dos EUA e da Europa. Ferrell, valendo-se do método da etnografia, se inseriu num conhecido grupo de grafiteiros chamado *Syndicate*. No livro, o autor retrata os contextos históricos, culturais, políticos, bem como os significados e emoções que o grafite pode veicular como expressão de identidade de determinada subcultura.

Ferrell demonstra que a criminalização do grafite, na verdade, amplificou a produção do grafite numa dinâmica de disputa entre os empreendedores da moral e as subculturas desviantes. A criminalização, portanto, surtiu efeito contrário do pretendido. A reação dinâmica entre os grafiteiros e os empreendedores da moral, reagindo uns aos outros, produziu uma “estranha dança de criminalização.”⁷¹ Ao conviver e entrevistar os grafiteiros, o autor percebeu que a adrenalina do momento de transgressão gerada pela ilicitude da conduta era algo que passava despercebido aos empreendedores da moral⁷². A criminologia cultural se abria, assim, para captura da ação humana e suas significações dentro de determinadas subculturas, tribos desviantes ou grupo *outsiders*.

Nesse primeiro momento, a criminologia cultural sequer tinha esse nome, sendo chamada por Ferrell de *criminologia anarquista*, já que o grafite incorporava questões de autoridade e poder, subordinação e insubordinação, sugerindo um tipo de criminologia que poderia, então, fazer oposição à autoridade.⁷³ A primeira vez que o termo criminologia cultural foi usado foi no ano de 1995. Apenas dois anos depois de lançado de *Crimes of Style*, Ferrell se junta a Sanders e lança a obra *Cultural Criminology*. Em 2000, Mike Presdee publica no Reino Unido a obra *Cultural Criminology and the Carnival of Crime*. Três anos depois, Keith Hayward publica *City Limits: crime, consumer culture and the urban*

⁷⁰ FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, 2015. p. 43.

⁷¹ FERRELL, Jeff. **Crimes of style**: urban graffiti and the politics of criminality. London: Routledge, 1993. p. 159.

⁷² Ibid., p. 171.

⁷³ Ibid., p. 160.

experience. Em volta desses e de alguns outros autores, iniciou-se uma tradição de pesquisas sob o guarda-chuva chamado de “criminologia cultural”.

No Brasil, Salo de Carvalho, José Linck, Marcelo Mayora e Moysés Pinto Neto publicam em 2011 a obra *Criminologia Cultural e Rock*, difundindo entre nós os aspectos de estudos criminológicos que relacionam crime e cultura. Nessa obra, os autores trabalham desde o samba, *rap*, *rock* até o *punk*, dentro de uma perspectiva de resistência contracultural e construção de identidades, através de uma imersão em Madame Satã, Racionais MC's, Beatles, Rolling Stone e Radiohead. Ainda no Brasil, destaca-se, dentre outros, a produção de Álvaro Filipe Oxley da Rocha, bem como os trabalhos monográficos de Saulo Ramos Furquim, Larissa Palermo Frade, Fernando Piccoli, Guilhermes Böes, Mateus Vieira da Rosa, dentre outros.

1.3.2. A criminologia do tédio

A criminologia cultural se define muito mais pelo o que combate do que necessariamente pelo o que defende. Os adeptos da criminologia cultural rejeitam a criminologia administrativa, de tabelas e estatísticas, que pretende prevenir a ocorrência de crimes, dentro de uma teoria da escolha racional, de um saber criminológico voltado para o controle.⁷⁴ O seu principal objetivo é romper com os paradigmas que limitam o pensamento criminológico dentro de conceitos fechados e encerrados.

Com efeito, o desafio principal era romper com o que então veio a ser chamado tédio criminológico, dominante nos Estados Unidos no contexto pós-crítica. A modernidade trouxe as incertezas das tradições e as frustrações das rotinas diárias, bem como à obediência às regras externas de automação e padronização da vida. No artigo *Tédio, crime e criminologia cultural*, Ferrell conclui que o tédio se multiplicou com o amadurecimento do mundo moderno, graças, por exemplo, às contribuições que o taylorismo e o avanço das tecnologias produziu entre o trabalho intelectual e manual; às escolas públicas como centro de treinamento para o novo tédio; e para os insuficientemente socializados na nova ordem a

⁷⁴ OXLEY DA ROCHA, Álvaro Filipe. Crime e controle da criminalidade: As novas perspectivas e abordagens da criminologia cultural. **Revista Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12597/8811>>. Acesso em: 14 maio 2016. p. 183.

resposta seria o manicômio, a prisão ou o centro juvenil como instituições dedicadas ao reforço do tédio.⁷⁵

Ferrell chama de “criminologia do tédio” essa incorporação das ferramentas instrumentais, que permitiram a produção de uma criminologia voltada para o controle. Para ele, “assim como nas fábricas, as agências oficiais e o mercado de trabalho foram racionalizados em nome do controle eficiente, a investigação criminológica é moldada conforme a eficiência científica, desumanizando os seus pesquisadores e aqueles aos quais se propõem investigar e controlar.”⁷⁶ O caminho percorrido por essa criminologia sem criatividade, notadamente rígida, afastada das questões humanas e voltada para o controle é decorrente do emprego de metodologias tradicionais que se aproximam muito das chamadas ciências duras, do gerencialismo dos escritórios e das fábricas, desvinculando de qualquer crítica social. O criminólogo, nessa perspectiva, é entendido como “tecnólogo” do crime:

[...] o tédio do modernismo é derivado da sistemática exaustão das incertezas e possibilidades da vida cotidiana, o tédio do pensamento criminológico resulta, em grande parte, dos projetos metodológicos direcionados, de forma igualmente explícita, a excluir a ambiguidade, o inesperado e o "erro humano" da pesquisa criminológica. Alinhadas aos aparatos estatais de controle em torno de fins comuns, estas metodologias levam à falência a promessa de uma produção acadêmica significativa, tornando-se, ao invés disso, a base para o tipo de "criminologia judicial" descrita por Ned Polsky (1998, p. 136) - a criminologia do "tecnólogo ou do engenheiro moral".⁷⁷

São os estudos de mapeamento urbano da criminalidade – ainda muito ligados à escola ecológica de Chicago da década de 1930 –, de levantamento de dados estatísticos sobre crimes, bem como formulações abstratas da incidência e controle do crime. A criminologia do tédio, portanto, pode ser compreendida como sendo aquela produzida pela criminologia do controle, atuarial, burocratizante, administrativa, ortodoxa e estatística, dominante no cenário pós-crítica no contexto estadunidense. Amparado por este tipo de conhecimento cientificista, o poder punitivo se expandiu, dentro da lógica neoliberalista, com o incremento de aparatos de segurança privada, vigilância por circuito interno de câmeras em todos os lugares, reforço de policiamento ostensivo nas urbes e grandes centros, privatização de presídios, etc. A indústria do controle do crime, visava, além de tudo, o lucro.

A propósito, Salo de Carvalho reconhece esse tédio criminológico também no Brasil, com alguma diferença. A criminologia – quando é ensinada no Brasil – é abordada a

⁷⁵ FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, [s. v.], n. 82, p. 339, jan/fev 2010. p. 359.

⁷⁶ Ibid., p. 360.

⁷⁷ Ibid., p. 346.

partir do desenvolvimento histórico e sucessivo de escolas e paradigmas, começando pela escola clássica ou positiva, culminando com o suposto ápice do conhecimento criminológico na criminologia crítica.⁷⁸ Nas palavras de Carvalho, “a impressão é a de que certas correntes da crítica criminológica creem inexistir quaisquer mudanças na criminologia ortodoxa ou no próprio pensamento crítico desde a queda do Muro de Berlim no final da década de 80 do século passado [...] que crê (e este termo é significativo) representar a criminologia crítica o fim da história do saber criminológico.”⁷⁹

O tédio seria, portanto, o grande responsável pelo fim da criatividade das investigações criminológicas, abrindo espaço para a criminologia atuarial, burocratizante, de cruzamento de dados e tabelas, fechada em escritórios, reduzindo questões humanas a categorias controláveis e quantificáveis. Ou ainda, a delimitação da criminologia apenas como crítica do direito penal, assumindo papel auxiliar e interno ao sistema jurídico-penal, que deveria ser de autocrítica do próprio direito penal para o avanço de uma dogmática crítica, o que impossibilita diferenciação entre temas e problemas criminológicos de jurídico-penais.⁸⁰

Ferrell nos aponta uma saída para o tédio: os estudos culturais. A única coisa a perder com os estudos culturais do crime seria o tédio, numa perspectiva de ruptura com o que até então vinha sendo produzido pela criminologia acadêmica. Para Ferrell, “a sedução, o vigor da criminologia cultural advém do seu envolvimento com os temas de investigação e de sua vontade de confrontar as condições socioculturais do tédio que permeiam a prática da criminologia oficial.”⁸¹ A criminologia cultural rompe com o tédio no momento que se abre para captar, intersubjetivamente, as emoções e significados da ação transgressora, possibilitando, a partir daí, uma miríade de possibilidades de investigações criminológicas, valendo-se de métodos, em regra, qualitativos e capazes de capturar a dimensão das construção de significados culturais.

1.3.3. As possibilidades teórico-metodológicas da criminologia cultural

A criminologia cultural nos permite não só lançar um olhar acadêmico para o fenômeno da criminalidade, mas principalmente, o inverso, partindo de um olhar carregado de

⁷⁸ CARVALHO, Salo de. Das subculturas desviantes ao tribalismo urbano (itinerários da criminologia cultural através do movimento punk). In: LINCK, José Antônio et al. **Criminologia cultural e rock**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011. p. 151-152.

⁷⁹ Ibid., p. 152.

⁸⁰ Ibid., p. 153.

⁸¹ FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, [s. v.], n. 82, p. 339, jan/fev 2010. p. 361.

significações para se investigar como determinados estereótipos e conflitos sociais são vistos, ouvidos, cantados, interpretados, pintados, retratados, filmados e sentidos por aqueles que vivenciam essas experiências em seu cotidiano. No caso desta pesquisa, por exemplo, o ponto de partida são letras musicais do grupo de *rap* Racionais MC's. Desse modo, a criminologia cultural tem como objetivo:

[...] desenvolver uma análise cultural profunda tanto do controle legal, quanto dos indivíduos e grupos visados por ele, bem como conceituar crime em relação às muitas complexidades de desigualdade contemporânea e injustiça. Tanto na teorização e quanto na pesquisa de campo, criminologistas culturais tentaram ir além dos velhos dualismos que há muito tem assombrado a análise sociológica e criminológica: estrutura contra agência, forma versus conteúdo, o material versus o ideológico, social versus o cultural.⁸²

A vantagem do aporte teórico da criminologia cultural está no fato de contribuir para a ruptura de um paradigma que explica os desvios apenas e unicamente a partir da perspectiva da estrutura, dentro de uma visão macrosociológica. Ou então como um fenômeno matemático que pode ser calculado, mapeado e controlado em determinadas circunstâncias. Assim, o método, de forma geral, será qualitativo. Nesse sentido, a criminologia cultural, sobretudo, percebe o crime e os empreendedores da moral como produtos da cultura. Para essa criminologia, os discursos produzidos pelas subculturas tipicamente criminalizadas são de fundamental importância para a compreensão do desvio como produto cultural, bem como da reação ao delito como também sendo um produto cultural. Nessa linha, Keith Hayward desenvolve o seguinte conceito para criminologia cultural:

[...] uma abordagem teórica, metodológica e intervencionista do estudo do crime, que posiciona a criminalidade e o seu controle no contexto da cultura, ou seja, enxerga a criminalidade e as agências e instituições do controle do crime como produtos culturais, como construções criativas (e como tais, devem ser lidas nos termos dos significados que elas carregam). Além disso, a criminologia cultural procura destacar a interação entre dois elementos chave: construções do andar de cima e construções do andar de baixo. Seu foco é sempre as contínuas gerações de significados em torno das interações entre regras criadas e regras quebradas, e uma constante interação entre empreendedorismo moral, inovações políticas e transgressões.⁸³

⁸² FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith. Possibilidades insurgentes: as políticas da criminologia cultural. **Revista Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 206-218. Jul/dez 2012. p. 174.

⁸³ HAYWARD, Keith. **Cultural criminology**. In: GOLDSOHN, Barry. **Dictionary of Youth Justice**. London: Routledge, 2008. Disponível em: <<http://blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology/files/2011/03/youth-justice-dictionary.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2016. p. 1.

Como visto, a questão da cultura é central nos estudos desenvolvidos por essa criminologia que se pretende pós-crítica. Aporte teórico importante para a criminologia cultural é a conceituação de cultura, portanto. Nesse sentido, Ferrell e Hayward esboçam seu entendimento sobre o significado de cultura como sendo:

[...] aquilo que constitui a conexão do significado coletivo e da identidade coletiva; dentro e por meio dela, o governo afirma ter autoridade, o consumidor analisa marcas de pão – e ‘o criminoso’, como pessoa e como percepção, ganha vida. A cultura sugere a pesquisa pelo significado, e o significado da pesquisa em si mesma; isso revela a capacidade das pessoas, agindo em conjunto ao longo do tempo, para dar vida até ao mais simples objeto – o carrinho de compras do mendigo, o cassete do policial, a bandana do membro da gangue – com importância e implicação.⁸⁴

A criminologia cultural não se preocupa apenas com as questões macrossociológicas, mas, agora também, com as relações intersubjetivas que provocam o fenômeno criminal, que não deixa de ser consequência de uma constante interação entre os empreendedores morais e daqueles que quebram as regras. O estudo das subculturas ou tribos desviantes, muitas vezes criminalizadas, pode apontar para uma forma de transgressão e afirmação da própria identidade daquele grupo. A criminologia cultural, assim, “direciona sua lente para observação dos atores que constituem e se constituem em determinadas tribos desviantes. Dentre outras, uma das preocupações da criminologia cultural estará voltada, portanto, para a construção das identidades desviante.”⁸⁵

Com efeito, essa é uma análise rica, e que pode ser observada, por exemplo, na música “Artigo 157”, composta por Mano Brown, e que diz o seguinte:

Hoje eu sou ladrão /
artigo 157 /
as cachorra me ama /
os playboy se derrete /
hoje eu sou ladrão /
artigo 157 /
a polícia bola um plano /
sou herói dos pivete.

⁸⁴ FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith. Possibilidades insurgentes: as políticas da criminologia cultural. **Revista Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 206-218. jul/dez 2012. p. 174. p. 208.

⁸⁵ CARVALHO, Salo de. Das subculturas desviantes ao tribalismo urbano (itinerários da criminologia cultural através do movimento punk). In: LINCK, José Antônio et al. **Criminologia cultural e rock**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011. p. 174.

É inegável que Mano Brown está dialogando com uma identidade criminal, desviante, que é o rótulo imposto àqueles periféricos que praticam assalto à mão armada, fruto da reação social do aparato repressor do Estado. O rótulo “157” é apropriado e resignificado, o que aponta um possível poder de agência sob as identidades ditas criminosas. Para o sistema de justiça, não se trata de mais nada além de um ladrão, alguém que praticou um roubo, alguém que subtraiu para si coisa alheia móvel mediante violência ou grave ameaça. E essa análise dogmática é bastante limitada, para não dizer estéril, sem vida. A tentativa de compreensão do fenômeno criminal apenas a partir do ponto de vista dogmático é bastante. Por outro lado, é essa abertura de compreensão que a criminologia nos proporciona, sobretudo a criminologia cultural.

Do ponto de vista criminológico, abre-se uma miríade de interpretações quando se escuta o que está sendo dito da boca de Mano Brown. Ele parece se orgulhar ao dizer que é 157, que por isso é amado, respeitado, admirado, temido pela polícia pela sua conduta audaciosa de roubar. O roubo não é apenas uma conduta típica prevista no código penal. E também não se trata apenas da vantagem patrimonial auferida. E isso não pode nos escapar se queremos entender melhor o complexo fenômeno criminal. E isso tudo só nos é permitido entender porque, ao usarmos o método da análise do discurso, podemos alcançar o contexto social em que os versos de Brown são ditos: um contexto em que o ladrão é alguém que tem reconhecimento; que não se trata de confissão de culpa ou de arrependimento em ser 157, mas sim o contrário disso; que esse tipo de atitude tem valor; que traz orgulho e que é constituinte de identidade.

Os significados decorrentes da interação desses personagens da dinâmica da cidade e da geração da criminalidade podem ser extraídos através de algumas expressões culturais, que, em alguma medida, constituem as identidades de determinadas subculturas. Isso significa que a conduta desviante pode ser produto de uma determinada cultura, o que desloca o olhar tradicional da criminologia quanto à compreensão do fenômeno criminal. Nesse sentido, o *rap*, o grafite, o funk, o samba, e diversas outras expressões artísticas, por exemplo, podem ser um lugar privilegiado para compreensão dos significados, sentidos e emoções que determinadas identidades subculturais carregam.

Por tudo isso é que a questão do método é central para o rompimento com a criminologia do tédio. Os criminologistas culturais são enfáticos ao não definir um método único para a criminologia cultural. Para eles, foi essa esperança de autonomia enquanto ciência social que levou a criminologia aos métodos científicos mais abstratos, que não são capazes de captar as dinâmicas das emoções dos seres humanos. Para resgatar a criatividade

das investigações criminológicas, bem como as questões e emoções próprias do ser humano, o método etnográfico tem sido bastante utilizado pelos criminologistas culturais, pois “tais estudos incorporam o significado cultural das pessoas estudadas, e assim afirmam a sua complexa humanidade que, de outra forma, são reduzidas a resíduos estatísticos”.⁸⁶

Em *Morte ao método: uma provocação*, Ferrell conclui que o pensamento criminológico norte-americano estava aprisionado pelos métodos ortodoxos, que são aqueles baseados apenas em *surveys* e análise estatística.⁸⁷ De modo geral, a criminologia cultural se coloca contrária a esses métodos da criminologia ortodoxa, ligada ao tédio criminológico de empirismo estatístico e sem compromisso social, conforme já dito sobre a criminologia do tédio. Por isso que foi necessário declarar morte ao método para tentar salvar a criminologia.⁸⁸ A questão principal é retomar as possibilidades de encontro com as emoções, com o humano, com a busca de significados e significações. Portanto, qualquer método que permita essa abertura é válido para a criminologia cultural. Nesse sentido, aplicar o método da AD nas letras de *rap* pode significar uma abertura considerável, conforme já visto.

Dessa maneira, alguns métodos empregados pelos criminologistas culturais atualmente, além da tradição etnográfica começada por Ferrell, são o de pesquisa-ação participativa, a netnografia, a análise de discurso e análise de conteúdo nas mídias, a produção de documentários, auto-etnografia diariamente fotografada, semiótica, inconologia, sistemas de significados de imagens, produção de filmes, etc.⁸⁹ As possibilidades que esses métodos oportunizam é o que permite os criminologistas culturais afirmarem que sua intenção “é manter girando o caleidoscópio intelectual, procurando por novas formas de enxergar o crime e a resposta social a ele.”⁹⁰

A partir dessa perspectiva intersubjetiva e qualitativa, a criminologia cultural tem com uma de suas principais preocupações entender, como e em que medida, o comportamento desviante, além de ser assim entendido pela explicação da reação social, pode ser entendido também como forma de subversão ou resistência contracultural a valores, símbolos e códigos

⁸⁶ FERRELL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, [s. v.], n. 82, p. 339, jan/fev 2010. p. 365.

⁸⁷ Id. Morte ao método: uma provocação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 157-176. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/viewFile/7295/5874>>. Acesso em: 18 jun. 2016. p. 161.

⁸⁸ Ibid., p. 159-160.

⁸⁹ YOUNG, Jock; HAYWARD, Keith. Cultural criminology. In: MORGAN, Rod; MAGUIRE, Mike; REINER, Robert. **The Oxford handbook of criminology**. London: Oxford University Press, 2012. p. 132-133.

⁹⁰ FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural criminology: an invitation**. London: Sage, 2008. p. 6.

da cultura dominante. Em outras palavras: a criminologia cultural tenta contribuir ao enxergar no desvio uma forma moderna de significação e resistência.⁹¹

1.3.4. Algumas abordagens de pesquisa em criminologia cultural no Brasil

Além dos trabalhos de Ferrell e Carvalho et al. já citados acima, a criminologia cultural tem sido trabalhada por diversos outros cientistas sociais. Contudo, não se pode olvidar que diversas pesquisas relacionam o fenômeno criminal e objetos culturais, ainda que sem não se autodenominem “criminologia cultural”. Como a criminologia cultural surgiu no contexto norte americano e inglês, mais pesquisas foram desenvolvimento por lá, ao menos por enquanto. Mas mesmo assim já é possível encontrar alguns estudos monográficos sob a temática também no Brasil. O que chama a atenção nessas pesquisas é a criatividade das abordagens bem como a singularidade dos objetos.

Para melhor ilustrar essas possibilidades, escolhemos quatro pesquisas que contemplam desde torcidas organizadas até pixo, skate e *rap*. Todas essas pesquisas aderem expressamente à criminologia cultural, tendo elas sido produzidas em graduação ou programas de pós-graduação em direito. Esses estudos foram encontrados após pesquisa exploratória em busca de bibliografia sobre o tema, realizada em diversos bancos de teses e dissertações de universidades, utilizando-se na busca a expressão “criminologia cultural”. Os principais buscadores utilizados foram o “Banco de teses CAPES” e “Google Acadêmico”. Além disso, também se utilizou banco de pesquisas de teses e dissertações de universidades nacionais que tem programa de pós-graduação voltados para ciências criminais, principalmente os da Faculdade de Direito da USP, da PUCRS, da UFRGS, da UFSC, da UFPR, da UFRJ, da UNB, dentre outros.⁹² Os estudos abaixo foram encontrados através das ferramentas e critérios agora mencionados, com objetivo de se ter um panorama geral do “estado da arte” das pesquisas em criminologia cultural nacionalmente desenvolvida.

Mateus Vieira Rosa, na monografia de conclusão do curso em direito, parte dos aportes da criminologia cultural para investigar as simbologias e a formação de estilo de vida próprio dos integrantes de torcidas organizadas de times de futebol no Brasil. O autor traz

⁹¹ OXLEY DA ROCHA, Álvaro Filipe. Crime e controle da criminalidade: As novas perspectivas e abordagens da criminologia cultural. **Revista Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12597/8811>>. Acesso em: 14 maio 2016. p. 185.

⁹² Uma das pesquisas encontradas foi desenvolvida na Faculdade de Direito de Coimbra. No entanto, foi escrita pela brasileira Larissa Frade Palermo. Além disso, o objeto da pesquisa foi o *rap* brasileiro. Sendo assim, por ser uma pesquisa desenvolvida por uma brasileira, com objeto brasileiro, ainda que no exterior, consideramos como uma pesquisa brasileira.

conclusões bastante interessantes, no sentido de que para esses grupos a violência pode ser interpretada pelo prazer e excitação da experiência da partida de futebol e também como ato comunicativo de imposição física e simbólica de expressão de superioridade da torcida, que visa reforçar a própria identidade coletiva. Além disso, Rosa traz à baila o papel da mídia nessa dinâmica de confrontos entre torcidas organizadas, que, enquanto empreendedora da moral, gera um pânico que contribui para a marginalização e rotulação das torcidas organizadas como grupos desviantes. Como resposta, a sociedade, então demanda uma política criminal repressora que é posta em prática, mas que funciona como uma espiral de amplificação do desvio.⁹³

Pesquisa interessante também foi realizada por Fernando Piccoli, sobre pichação na cidade de Porto Alegre/RS, de inspiração e referência nítida à obra *Crimes of Style* de Ferrell.⁹⁴ O pesquisador, também se valendo do método etnográfico, inseriu-se dentre os pichadores da sua cidade, em *rolês* noturnos, para buscar entender os significados do picho para além da opinião dominante, numa tentativa de entender o que significava pichação para um garoto, que mesmo após ter caído de um prédio de 20 andares e ter sofrido graves lesões, continuava a se arriscar na arte de rabiscar. Num comentário trazido pelo autor, de um pichador conhecido como Kavera, nos é dada uma pista do que o picho pode representar: “Eu nunca cheirei, só fumo maconha, mas sou dependente de adrenalina, de pichação.”⁹⁵ Com efeito, a frase atribuída à Kavera reforça proposições da criminologia cultural quanto à importância da experiência vivenciada para compreensão do fenômeno da transgressão.

Também em Porto Alegre, no programa de pós-graduação em ciências criminais da PUCRS, Guilherme Michelotto Böes conduz pesquisa sobre o skate e os espaços da cidade, sob o enfoque da criminologia cultural. Böes busca o conceito de “parafuncionalidade” dos espaços desenvolvido por Keith Hayward para fazer sua análise.⁹⁶ O autor, ao identificar um contexto de militarização da cidade a partir do domínio do

⁹³ ROSA, Mateus Vieira da. **Identidade, significado e imagem do desvio:** uma (re)leitura do fenômeno das torcidas organizadas a partir da criminologia cultural. 2015. [s. n.]. Monografia (Graduação em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133933>>. Acesso em: 01 jun. 2016. p. 115.

⁹⁴ Importante destacar que, embora inspirada em *Crimes of Style*, o resultado da pesquisa de Piccoli é bastante original – como só poderia ser –, uma vez que seu local e o objeto de análise são muito distintos. Aliás, a possibilidade de cotejamento entre essas duas pesquisas pode trazer conclusões bastante interessantes sobre as semelhanças e diferenças entre o fenômeno do picho em Porto Alegre e do grafite em Denver.

⁹⁵ PICCOLI, Fernando. **Riscos rebeldes:** notas etnográficas e criminológicas sobre a pichação. 2014. 100f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. p. 88.

⁹⁶ BÖES, Guilherme Michelotto. **Skate e a cidade:** uma pesquisa em criminologia cultural. In: Anais do IV Congresso Internacional de Ciências Criminais. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/64.pdf>>. Acesso em: 01 jun de 2016. p. 7.

concreto, asfalto e ferro, com cerca de 1 carro para cada 2 pessoas, percebe que o skate pode ser uma forma de romper com cada obstáculo que impede a circulação nesse cenário, resignificando o espaço público. Nesse sentido, ele afirma que "opor-se contra a sociedade motorizada é uma tentativa do skate e seus costumes. E pela possibilidade de andar sobre quatro rodas, andar com dois eixos, mas esse andar não é a partir da indústria automobilística, esse andar é romper, quebrar, rasgar, e ninguém conseguir parar, *skate or die*." ⁹⁷ O skate acaba sendo uma arma de contra uso da cidade, numa lógica de resistência contra a cultura dominante dos veículos automotores, razão pela qual o skate ganha visibilidade enquanto subcultura desviante. A necessidade de conciliar a existência dos veículos automotores e o skate no espaço público faz com que o skate represente uma quebra de paradigma da cultura dominante, além de afirmar uma identidade dos sujeitos na cidade. ⁹⁸

Outra pesquisadora brasileira que adota a matriz teórica da criminologia cultural é Larissa Palermo Frade. A pesquisadora, em sua dissertação de mestrado apresentada perante a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, estuda como o *rap* se constitui em ativismo urbano contracultural. A pesquisa analisou letras variadas de *rappers* e grupos de *rap* como Emicida, MV Bill, Thaíde e DJ Hum, Racionais MC's, Apocalipse 16 e Câmbio Negro, ⁹⁹ que só foi possível a partir de uma criminologia cultural "livre de amarras, fetiches positivistas e métodos predeterminados [...], aproximando-se das experiências cotidianas de pessoas que convivem com a violência das pessoas que criam identidades." ¹⁰⁰ Uma das conclusões da autora caminha no sentido de que o gênero musical *rap*, enquanto expressão popular que é cantada e composta, em sua maioria, por negros e moradores das periferias, acaba por sofrer a rotulação como subcultura desviante, isto é, a cultura como produtora do controle social, mas também como seu objeto, ainda que seja exatamente isso que alimenta e movimenta os *rappers* em seu ativismo urbano contracultural. ¹⁰¹

Esses são alguns poucos exemplos de possibilidades de pesquisas em criminologia cultural. Por certo, o leque de estudos relacionando crime e cultura a partir de métodos de pesquisa qualitativa que se abre para as relações intersubjetivas, lançando novo olhar para as identidades construídas pelas subculturas, é bastante significativo. Nessa perspectiva, a

⁹⁷ BÖES, Guilherme Michelotto. **Skate e a cidade**: uma pesquisa em criminologia cultural. In: Anais do IV Congresso Internacional de Ciências Criminais. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/64.pdf>>. Acesso em: 01 jun de 2016. p. 3.

⁹⁸ Ibid., p. 10.

⁹⁹ FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, 2015. p. 123.

¹⁰⁰ Ibid., p. 127.

¹⁰¹ Ibid., p. 125.

criminologia cultural acaba sendo muito mais uma posição política de abertura das investigações do que necessariamente um paradigma fechado de pensamento criminológico. Essa pode ser sua principal vantagem face as correntes de pensamento que não se permitem captar as emoções e os significados humanos que crime e cultura nos trazem. As pesquisas em criminologia cultural tendem a ser originais e únicas, graças aos variados métodos qualitativos que emprega e também pela singularidade dos seus objetos.

1.4. Afinando o Som

Se começamos afirmando a necessidade de amplificar a escuta no direito (e pelo direito), ao longo deste Capítulo tentamos afinar o som que será ouvido. Em síntese, pretendeu-se apresentar o objeto de estudo da pesquisa, o método e os principais referenciais teóricos que serão utilizados. A escolha pelos Racionais se justifica por diversas razões, dentre elas: ser o grupo que goza de maior repercussão perante a população periférica e que em regra é marginalizada; por ser um grupo composto de jovens, negros e periféricos da maior cidade do Brasil; por ter uma produção musical contestadora contra a ordem vigente, crítica e consciente; por ser um grupo reconhecido, até mesmo, perante o *mainstream* da indústria fonográfica; e, principalmente, por ser um grupo que trata das mazelas impostas pelo sistema criminal a grupos específicos. Para o estudo desse objeto, recortou-se 22 letras musicais a partir da aplicação de dez palavras-chaves num banco de dados construído com toda a discografia do grupo, filtrando-se àquelas que apresentaram ao menos duas das dez palavras chaves escolhidas.

Desse modo, para estudo qualitativo das letras optou-se pelo emprego do método da análise de discurso. Assim, essa pesquisa se insere numa perspectiva da criminologia cultural, que é aporte teórico recente, formada principalmente a partir de metade da década de 90. Por ter bases teóricas tão diversificadas, a criminologia cultural aposta em métodos desburocratizantes, como pretende essa pesquisa. Destaca-se a influência teórica do interacionismo simbólico de Becker, da escola britânica de estudos culturais, bem como a teoria das subculturas desviantes. Na questão do método, a criminologia cultural dedica atenção especial. Tanto que foi necessário decretar morte ao método de burocratização da vida, fruto da modernidade que atingiu também os estudos criminológicos, já que as pesquisas em criminologia, principalmente nos EUA, se resumiam a gráficos, estatísticas e mapeamentos do crime, havendo uma transformação do criminólogo em “tecnólogo do crime”, produzindo saber para o controle, dentro de escritórios cercado por formulários.

No Brasil, em alguma medida esse tédio criminológico também existe, mas à sua maneira. Salo de Carvalho pontua que ensino e da pesquisa da criminologia – quando existente nas universidades – se dá dentro de um quadro teórico evolutivo fechado, que começa com a escola clássica ou positiva e culmina na criminologia crítica. A criminologia cultural, portanto, se apresenta para tentar romper esse tédio, buscando captar significados e emoções nos estudos do crime e do controle em relação à cultura, com objetivo de manter girando o “caleidoscópio intelectual”.

Com efeito, não se olvida que a criminologia cultural tem uma matriz teórica e metodológica majoritariamente desenvolvida em países bastante diferentes do Brasil, o que poderia trazer questionamentos sobre sua pertinência para o contexto brasileiro e da América Latina. A crítica é válida e merece ser refletida. Sem desconsidera-la, a oportunidade de pesquisa com objetos culturais locais e regionais próprios pode garantir autonomia e originalidade da pesquisa criminológica em âmbito cultural específico. Isso porque as culturas são, inegavelmente, variadas de local para local, ainda que possam ter aspectos comuns entre si.

O fenômeno das torcidas organizadas, por exemplo, conforme pesquisado por Rosa, só se dá da forma que se deu, no Brasil, pois os elementos estudados só existem da forma como existem no contexto brasileiro pesquisado. Outro exemplo é a pichação em Porto Alegre, que só se dá como seu deu em Porto Alegre, conforme a pesquisa realizada por Piccoli. O fenômeno do *funk*, do samba e do *rap* brasileiro idem. Essa característica de singularidade dos objetos estudados pela criminologia cultural lhe confere uma autonomia e independência bastante particular, pois não se trata apenas de transposição irrefletida de um cabedal teórico-metodológico, mas sim de novas possibilidades para um novo olhar, a partir de novos lugares, para objetos bastante particulares, como, nessa pesquisa, se pretende fazer com o *rap* do grupo Racionais MC's.

Mas afinal, quem são os Racionais MC's? Como, quando e em que contexto surgiu e se desenvolveu o movimento *hip hop* no Brasil, e mais especificamente o *rap*? De onde falam os *rappers*? Quais as trajetórias percorridas por estes jovens que estão “do lado de lá da ponte” para conquistarem o reconhecimento artístico nacional e internacional? Essas são algumas perguntas se pretende responder no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2 – VOZES DA RUA: A CULTURA HIP HOP, O RAP E OS RACIONAIS MC's

“Aí, o rap fez ser o que sou / Ice Blue, Edi Rock e KLLJay,
e toda a família / E toda geração que faz o rap / A
geração que revolucionou / A geração que vai
revolucionar / Anos 90, século 21 / É desse jeito.”

Negro drama – Racionais MC's

2.1. Introdução

Compreender o que significa o *hip hop* não é tarefa fácil. Numa abordagem mais rasteira, há, até mesmo, quem acredite que *hip hop* seja apenas seu elemento musical, o *rap*, ou ainda apenas seu elemento dançante, o *break*. Na época em que a música era consumida em discos, não era tão incomum se encontrar álbuns de *rap* catalogados em prateleiras como pertencentes ao gênero musical “*hip hop*”. E para muitas pessoas o *hip hop*, até hoje, se resume a isso: aquela música de batidas pesadas, tensão espalhada por longos minutos, quase sem melodias e com rimas que costumam escancarar uma realidade que gostaríamos de esquecer que existe.

Contudo, o *hip hop* é maior do que o *rap*, compondo um quadro do que poderíamos chamar de cultura e(m) movimento. Além ser expressão cultural, o *hip hop* pode ser compreendido também como um movimento social, pois congrega atores que promovem lutas por reconhecimentos.¹ E essa luta se dá através das mais variadas frentes, inclusive da arte. A fundação dos *crews* nos EUA e das *posses*² no Brasil demonstra que o *hip hop*

¹ Nesse sentido: “A luta pelo reconhecimento, a defesa da identidade cultural e da autonomia, podem assumir a forma de luta pela igualdade de acesso ao direito de justiça e ao uso equitativo dos recursos públicos. Nesse sentido, a visão de Honneth é útil na comparação com visões culturalmente orientadas dos grupos subalternos que passaram a inscrever o debate da diversidade e do pluralismo. Como os partidários da política da diferença, Honneth defende a estima como uma das dimensões centrais nas lutas pelo reconhecimento e na estruturação de novas formas de distinção identitárias. A estima é a base da contribuição individual para o projecto colectivo e não está ligada apenas ao grupo e à subcultura da qual faz parte, estabelecendo também uma relação com as demais comunidades (Honneth, 1995a, p. 128). Os processos culturais adquirem um conteúdo político e também económico na medida em que se apresentam como projectos contra-hegemónicos. As estratégias de diferenciação que organizam os movimentos sociais são dispositivos de construção de novos campos de classificação e regulação das diferenças. Neste sentido, a procura de reconhecimento instrumentaliza-se a partir de um processo de autodefinição das minorias sociais, capacitando-as a mobilizar criativamente e moralmente argumentos políticos a favor da sua inclusão. Na medida em que este reconhecimento contém também uma base emocional construída em torno das relações intersubjetivas de reconhecimento mútuo, as formas de desrespeito, como a violência, o abuso, a depreciação e os insultos, podem motivar, quando canalizadas colectivamente, condições culturais para a luta e resistência.” In: VENTURA, Teresa. **Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo**. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n192/n192a07.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017. p. 608-609.

² Sobre *crews* e *posses* vide a seguir seção 2.2.4.

ultrapassa a cultura e se configura também como movimento social. Isso porque o *hip hop*, em alguma medida, promove o empoderamento dos sujeitos, uma vez que:

Para além do reconhecimento da personalidade, que se opera a um nível estritamente pessoal, a prática *hip-hop* oferece espaços de actuação e reivindicação política em que os jovens articulam e tematizam repertórios, lógicas e códigos de conduta que não coincidem com os do Estado e com os do Mercado.³

Não por acaso Mano Brown canta: “Aí, o rap fez ser o que eu sou”. Já letra de *Capítulo 4 Versículo 3* há uma nítida relação entre o *rap* e “a geração que revolucionou”. Parece mesmo que o *rapper* está evidentemente se referindo a seu capital político, a sua virada para não ser apenas “mais um preto fodido”. A democracia racial, por exemplo, é bastante questionada, sendo certo que o *hip hop* promove e exalta a cultura negra e as raízes africanas. A questão da negritude é bastante frequente em letras de *rap*, murais de *graffiti* e roupas de b-boys e b-girls. Talvez por isso que essa cultura seja comumente rotulada e estigmatizada como sendo “subversiva”. Afinal, o *hip hop* tem em seu DNA a contestação à ordem social vigente, o que certamente deve incomodar o *establishment*, que por sua vez, possui, inegavelmente, maior poder de agência em face daqueles que são, em regra, marginalizados, empenhando, portanto, maiores forças para que essa cultura seja cada vez mais malvista e mal compreendida na sociedade.

Por seu turno, o *hip hop* possui uma força mobilizadora bastante evidente. A participação de jovens moradores de periferia em práticas culturais e denúncias sociais são fatores que merecem ser considerados quando pensamos em cultura *hip hop*. A conquista de espaços e difusão dessa cultura permitiu a construção de carreiras artísticas – apesar do mercado da indústria cultural, por exemplo.

O *hip hop* promove seus próprios eventos, oficinas de grafiteagem, *break*, rima e *djing*. Também promove canais comunitários de rádio e televisão, além de organizar associações e ações comunitárias específicas. Há uma intervenção pública estética, cultural, política e social do *hip hop*, em diferentes frentes, em prol da inclusão de minorias, com protagonismo de atores que nunca tiveram vez tampouco voz na sociedade.⁴

Portanto, neste capítulo traçaremos – sem ambição de esgotar a matéria (o que seria, certamente, impossível) – num primeiro momento o surgimento do *hip hop* e sua

³ VENTURA, Tereza. **Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Análise Social**, Lisboa, v. 192, pp. 605-634, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n192/n192a07.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017. p. 613-614.

⁴ Ibid., p. 614.

chegada ao Brasil. Em seguida, o que se pretende é apresentar o desenvolvimento do *rap* propriamente dito, notadamente a formação e trajetória do grupo Racionais MC's, cuja obra este trabalho tem como seu principal objeto de estudo. Por fim, buscou-se delinear a trajetória de Mano Brown entendido como sendo um intelectual orgânico, conforme sustenta Rogério de Souza Silva em sua tese de doutorado intitulada “*A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown*”, a partir de uma perspectiva gramsciana.

Desse modo, foi feita revisão bibliográfica de monografias, dissertações e teses, das mais diversas áreas do saber, que se propuseram a estudar o *hip hop*, o *rap* e o quarteto de *rappers* paulistanos. Além do mais, também foram consultadas algumas poucas entrevistas concedidas pelo grupo. Com isso, pretende-se construir, de maneira simples, porém, elucidativa, um panorama do local de fala e um perfil de quem está falando nas músicas dos Racionais MCs. Portanto, o que se almeja é angariar elementos históricos, políticos e sociológicos para, posteriormente, subsidiar a análise discursiva das letras.

2.2. O Surgimento do Hip Hop

Em inglês *hip* significa quadril e *hop* significa salto. O DJ Afrika Bambaataa afirma ter pegado o termo *to hip to hop* (movimentar os quadris) emprestado do DJ Lovebug Starski, passando, então, a chamar as *Block Parties* de “encontros hip hop.”⁵

O berço tradicional de nascimento do *hip hop* está indissociavelmente ligado às comunidades afro-americanas e latinas da cidade de Nova Iorque, mais especificamente no Bronx e no Brooklin, surgindo a partir de meados da década de 60. Esses dois bairros nova-iorquinos são marcados, principalmente, pelo adensamento populacional, majoritariamente, de pessoas de baixa renda, negras e/ou hispânicas. As pessoas que habitavam esses bairros, em regra, eram imigrantes que vinham do Caribe, e mais especificamente da Jamaica. Além dos DJs anteriormente citados, os nomes que costumam estar ligados às raízes de fundação do *hip hop* são os de Grandmaster Flash e Kool Herc.⁶

Nesse primeiro momento de florescimento do *hip hop*, o contexto político, econômico e social dos EUA passava por grandes transformações. Na década de 60 e 70 havia

⁵ FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, 2015. p. 87.

⁶ Nesse sentido, conferir: MOTTA DE SOUZA, Ana Raquel. **A favela de influência**: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MC's. 2004. [s. n.]. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004. p. 6; e SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem**: trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 27.

uma forte intensificação das lutas por direitos de negros e negras estadunidenses. Referido período histórico ficou marcado por políticas segregacionistas como a separação de “escolas para brancos” e “escolas para pessoas de cor”; “banheiros para brancos” e “banheiros para pessoas de cor”; dentre várias outras formas de preconceito racial. Foi apenas em 1964 que a Lei dos Direitos Civis reconheceu, ao menos formalmente, o fim do racismo institucionalizado.

Com efeito, a fundação do *Black Panther Party* (Panteras Negras), a organização do movimento *Black Power* e o aparecimento de lideranças como Malcolm X, Martin Luther King, Nina Simone, Ângela Davis, etc., compõem um pouco do caldo cultural e político de construção da cena em que se desenvolveu o *hip hop*. As políticas segregacionistas, a repressão ao movimento negro e as influências de outros gêneros de raízes africanas como o *soul*, o *disco*, o *jazz*, o *blues* e o *funk*, fizeram do *hip hop* um veículo de difusão dessa mesma cultura oprimida.⁷ Não por acaso, James Brown entoava o canto “*Say it loud, I’m black and proud,*” nas oportunidades em que assumia o microfone.⁸ Artistas como Marvin Gaye e James Brown – duas grandes influências dos Racionais MCs – eram abertamente militantes do movimento *Black Power*.

De outro lado, o aspecto econômico estadunidense também enfrentava dificuldades. A custosa guerra do Vietnã – que já se estendia por mais de uma década naquele momento – era uma pauta constante de toda sociedade, principalmente dentre negros e hispânicos, que eram preferencialmente recrutados para servir o exército. Ademais, o avanço tecnológico impôs o desemprego estrutural. O serviço de muitas pessoas foi substituído por algumas poucas máquinas, o que agravou o desemprego das camadas populacionais comumente excluídas por terem menor qualificação.

Tatiane de Carvalho, ao estudar o surgimento do *hip hop*, afirma que esse contexto de decadência e exclusão econômico-social afetou, sobretudo, os bairros periféricos no país *Yankee*:

O governo americano parou de investir financeiramente em ações com fins sociais, muitas construtoras investiram em condomínios de luxo, ocasionando uma queda de áreas residenciais populares. Com o projeto urbano que buscava reformular Nova Iorque, com a construção de rodovias, áreas residenciais e parques, a região do Bronx foi a maior atingida: seus imóveis foram desvalorizados e a população, como alternativa, acabou por

⁷ ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC’s e Bezerra da Silva**. 2013. 252p. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. p. 51.

⁸ Ibid., p. 40.

superlotar as áreas periféricas dessa região. Novamente, negros e hispânicos foram os que mais sofreram. Para estes, sobrou a região sul do bairro, onde não existia infraestrutura adequada, residências suficientes, ou áreas de lazer, escolas e trabalho. Assim, as diferenças sociais, além de aumentar a discriminação racial, fizeram com que o acesso às drogas e à criminalidade fosse cada vez mais comum e a formação de gangues cada vez maior.⁹

Essa proposição também é corroborada pela pesquisadora Marcela Dias Teodósio, que afirma que

[...] os Estados Unidos presenciaram a desmontagem dos programas sociais conquistados durante as lutas políticas do pós-Segunda Guerra Mundial, o crescimento brutal do desemprego e do subemprego, o acirramento da segregação socioespacial e racial nas cidades, em decorrência de investimentos públicos privados em áreas de interesse das elites e, mais importante, o abandono das áreas ocupadas pelos pobres e negros. Essa situação intensificou a retomada das lutas pelos direitos civis, que visavam a mudança nas leis segregacionistas que exigiam o reconhecimento da cidadania e do direito dos negros.¹⁰

O avanço tecnológico que produziu o desemprego estrutural; a guerra do Vietnã que recrutava, preferencialmente, jovens das periferias estadunidenses; o contexto histórico de segregação racial dos Estados Unidos; a especulação imobiliária que produziu bolhas urbanas e zonas periféricas de exclusão. Sinteticamente, foram esses alguns dos principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento do *hip hop* como conhecemos hoje. A amálgama de negros e hispânicos imigrantes, desempregados, com baixa qualificação, vítima das mais perversas formas de discriminação e isolados dos grandes centros urbanos em decorrência da especulação imobiliária foi o que pariu, à força, o *hip hop*. É bem por isso que o *hip hop* vai ter um forte conteúdo de denúncia e crítica social em todas as suas expressões.

Seu nome de batismo costuma ser atribuído ao DJ Afrika Bambaataa e também ao DJ Lovebug Staski. Ana Carolina de Araújo afirma que a expressão foi empregada para “dar nome aos encontros de dançarinos de *break*, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres de cerimônia) nas festas de rua do bairro do Bronx, em Nova Iorque.”¹¹ Os principais DJs organizavam pelas ruas decadentes do Bronx as chamadas *Block Parties* (festas de quarteirão). Essas festas

⁹ CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério. **A identidade do movimento hip-hop curitibano a partir da análise do discurso de letras de música de rap**. 2011, 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. p. 44.

¹⁰ TEODÓSIO, Marcela Dias. **O rap e suas ressignificações**. 2011. 131f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. p. 27.

¹¹ ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva**. 2013. 252f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. p. 51.

eram assim denominadas porque fechavam um quarteirão e o transformavam numa verdadeira discoteca. Era nesse ambiente que os DJs tocavam suas *pickups* (sistema de som com dois toca discos), os jovens dançavam o *break*, os MCs improvisavam suas rimas e seus protestos, e os grafiteiros faziam sua criação estética. Foi a partir desse momento que:

Os membros das tradicionais gangues encontraram nessa nova forma de manifestação cultural uma maneira de canalizar a violência em que viviam submersos, e passam a frequentar as festas para dançar break e cantar palavras de ordem que expressavam o descontentamento com aquela situação socioeconômica.¹²

Mas foi apenas mais adiante que o termo “*hip hop*” se popularizaria, já no início dos anos 80, cerca de 20 anos depois de seus primeiros *beats*. O antropólogo Ricardo Teperman afirma que “filmes como *Wild Style* e *A loucura do ritmo*, lançado entre 1983 e 1984, mistos de documentário e ficção, retratavam esses diferentes fazeres do *hip-hop*: a música do DJ e o canto falado do MC (que juntos fazem o gênero musical rap), além do *break dance* e da *street art* (o *graffiti*).”¹³

Outrossim, o sucesso de algumas canções como *Rapper’s Delight*, do grupo Sugar Hill Gang, e também *SuperRappin*, do DJ Grandmaster Flash, bem como a incorporação de movimentos do *break* em filmes como *Flashdance*, e por cantores populares como Michael Jackson, difundiram o *hip hop* pelo imaginário cultural e social.¹⁴ Mais recentemente, em 2016, os estúdios Netflix lançaram o seriado *The Get Down* (referência ao momento em que o DJ repete parte do vinil em um dos dois toca discos, criando o momento do “get down”), que narra os primeiros anos do *hip hop* misturando história e ficção a partir da narrativa de jovens negros e marginalizados que se expressam através de rimas, dança e *spray*. Uma característica marcante do seriado é o retrato da decadência do bairro do Bronx naquele período, ocupado por gangues, prédios abandonados e imigrantes que vinham, principalmente, do Caribe.

É nesse turbilhão de acontecimentos históricos, políticos e sociais que o *hip hop* finca seus quatro principais pilares. Conforme já adiantado acima, originariamente, os quatro alicerces do *hip hop* são: o DJ (disc-jóquei), o MC (mestre de cerimônias) ou *rapper*, o *break* (dança) e o *graffiti* (representação visual). Esses são os comumente chamados “4 elementos” da cultura *hip hop*. Contudo, nem sempre esses elementos são elencados de maneira tão

¹² SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem:** trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 32.

¹³ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som:** as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 335.

¹⁴ SILVA, Rogério de Souza, op. cit., p. 29 e p. 69.

restritiva e definitiva. O DJ Afrikaa Bambaata, por exemplo, defende que o *conhecimento* deve ser um elemento transversal a todos os outros. Além disso, há também quem aponte o *Street Basketball* e também certa literatura de rua – tal qual o *slam* – como elementos integrantes da cultura *hip hop*. A seguir, tentaremos expor, ainda que brevemente, alguns aspectos desses principais elementos da cultura *hip hop*.

2.2.1. O *graffiti*: intervenção estética na urbe¹⁵

Uma primeira questão que parece ser relevante quanto ao *graffiti* diz respeito à nomenclatura usada para designar as pinturas feitas pela cidade. Neste trabalho optou-se por utilizar as palavras *graffiti* e *pixo*, exatamente com essa grafia, por ser assim utilizada pela maioria dos artistas de rua. Além da grafia, há quem defenda certa distinção entre o *graffiti* e o *pixo*. Em regra, as pessoas que defendem essa distinção costumam dizer que o primeiro seria arte e o segundo apenas “sujeira urbana”. Essa questão, contudo, não parece fazer sentido, sendo, na verdade, irrelevante qualquer distinção entre o *graffiti* e o *pixo*. O que de fato parece ser bem mais relevante é relação entre a referida manifestação e a reação social que ela provoca – o que faz mais sentido para se compreender a relação de identidade subcultural e criminalizações. Desse modo, o fato do *graffiti* e do *pixo* serem reprimidos da mesma forma é o que nos interessa mais, já que são condutas comumente criminalizadas.¹⁶

Até porque, vale destacar, o conceito estético do que é belo ou do que é arte, muitas das vezes, não passa de uma avaliação subjetiva – e, em geral, preconceituosa. Ademais, sequer há consenso quanto à existência de diferenciação entre o que seria o *graffiti* e o que seria *pixo*. Onde começa o *pixo* e termina o *graffiti*? As inscrições de nomes e siglas de autores e autoras em fontes desenhadas e coloridas seria *pixo* ou *graffiti*? Nos EUA, por exemplo, essa questão se mostra realmente desimportante, já que a palavra *graffiti* representa todos os tipos de intervenções estéticas de artistas de rua na cidade por meio do *spray*.

¹⁵ Uma versão ampliada deste texto está pendente de publicação no Boletim do IBCCRIM. Naquela proposta, o enfoque se deu quanto à discussão do *pixo* e do *graffiti* na cidade de São Paulo, sobretudo a partir do início da gestão de João Dória Júnior, que adotou política ostensiva de combate a essas manifestações da cultura *hip hop*.

¹⁶ No Brasil, o *pixo* e o *graffiti* são criminalizados pelo art. 65 da Lei 9.605/1998, o qual comina pena de detenção de 3 meses a 1 ano pela prática da conduta. Até 2011 a redação desse artigo previa os verbos “pichar” e “grafitar”. Após a alteração da Lei 12.408/2011, retirou-se o verbo “grafitar” e se inseriu no §2º a interpretação legislativa de que o *graffiti* seria manifestação artística “com objetivo de valorizar o patrimônio”, desde que “consentida pelo proprietário”. Dogmaticamente, pode-se dizer que o consentimento é causa de exclusão de ilicitude da conduta de “pichar”. Portanto, a falta de consentimento do ofendido iguala as condutas para fins penais.

Segundo pesquisadores e pesquisadoras da UFMS, em estudo sobre os grafismos urbanos conduzido em Santa Maria/RS,

[...] a distinção legal entre *grafitagem* e *pixação* não encontra uma precisão entre os próprios artistas gráficos, tratando-se de uma falsa dicotomia. Não existe uma definição que delimite o estilo do grafite e o da pixação. Lembrese, inclusive, que esta distinção só é realizada no Brasil, pois nos demais países o conceito geral é o do grafite, que inclui as “pichações” e o “grafite em sentido estrito”, independente do que estas categorias dúbias possam significar.¹⁷

Superada essa questão, vale destacar que a prática do grafismo é ancestral. Até mesmo na Roma antiga se via inscrições grafitadas nas ruas da cidade, em regra protestando contra a classe política de governantes. A palavra *graffiti* tem raiz no latim, e é o plural de *grafito*, que significa inscrição ou marca feita em muro. Da maneira como entendemos atualmente, pode-se dizer que surgiu mais recentemente na Jamaica, na década de 70. Com o fluxo de migrações caribenhas em direção à Nova Iorque, o *graffiti* aparece nos bairros negros e pobres a partir da década de 70, no mesmo momento em que os DJs do Bronx começavam a organizar as primeiras *Block Parties*.¹⁸

A questão do *graffiti* sempre esteve muito ligada à construção de identidade da juventude, além da necessidade de dar visibilidade para toda a cidade de que aquele canto esquecido e marginalizado também estava lá. De fato, não havia melhor forma para isso do que grafitar os vagões dos trens que circulavam por toda a Nova Iorque. Nesse sentido, Ana Carolina de Araújo explica que:

À época do surgimento do grafite como elemento do *hip hop*, muitos trens grafitados passaram a atravessar regiões centrais das cidades. O que os grafiteiros realmente queriam era que fossem vistos e considerados, pelo maior número de pessoas possível, não só como artistas, mas principalmente como indivíduos com voz e vez em meio ao confinamento em que se encontravam, em função de um sistema excludente que discriminava e expurgava esse segmento da sociedade (MOREIRA, 2009). Como protesto, jovens pertencentes a guetos de negros e imigrantes novaiorquinos preenchiam os espaços da cidade com este desenho característico – o grafite – que estampava a imagem destes grupos. Assim como o *break*, o grafite estabelece uma ligação forte entre o individual e o coletivo, dialogando com

¹⁷ WEBER, Luiza Damião; KESSLER, Márcia Samuel; CARVALHO, Salo de. Da margem ao centro: estudo sobre o controle punitivo dos grafismos urbanos em Santa Maria/RS. **Revista de Estudos Criminais**, Porto Alegre, [s. v.], n. 58, p. 65-84, jul./set. 2015. p. 81.

¹⁸ ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva**. 2013. 252f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. p. 53-54.

o espaço urbano de forma interventiva por meio da arte, fora dos meios consagrados e tradicionais em que ela costuma circular e ser produzida.¹⁹

Reafirmando o potencial de empoderamento da cultura *hip hop*, no mesmo sentido da proposição acima, Teresa Ventura sustenta que “o *graffiti* é encarado como um instrumento de luta social e de afirmação de uma potência transformadora que legitima simultaneamente a inclusão social, a crítica moral e a recriação da personalidade individual (recriação do self).”²⁰ A autora se baseia, principalmente, nas ideias do filósofo alemão Axel Honneth, notadamente no seu trabalho intitulado *Luta por reconhecimento*.²¹

Com efeito, além da questão do *graffiti* enquanto instrumento de luta social por reconhecimento, é inegável que tal manifestação também se liga ao fato da conduta ser criminalizada, ao fato da conduta ser transgressora, àquilo que os criminologistas culturais chamaram de *Seductions of Crime* (Katz). Conforme já adiantado no capítulo anterior, Jeff Ferrell produziu extensa pesquisa sobre o grafismo, principalmente na cidade de Denver, no Colorado. Em *Crimes of Style*, o autor faz uma incursão etnográfica num famoso grupo de grafiteiros conhecidos como *Syndicate*. O recorte da pesquisa se restringiu ao estudo dos grafites conhecidos como *taggers* ou *writers*, mais comum entre os grafiteiros do *hip hop*.²² Esse estilo era bastante popular naquela época entre os bairros de cultura negra nos EUA. Os artistas grafitavam edifícios abandonados e vagões de trens, conforme exemplos abaixo:

¹⁹ ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva**. 2013. 252f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. p. 55.

²⁰ VENTURA, Tereza. **Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Análise Social**, Lisboa, v. 192, pp. 605-634, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n192/n192a07.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017. p. 609.

²¹ HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

²² FERRELL, Jeff. **Crimes of style**. Boston: Northeastern University Press, 1993. p. 5.

Foto 1: Vagão de trem grafitado em Nova Iorque.



Fonte: WIDEWALLS. The History of Train Graffiti. Disponível em: <<https://www.widewalls.ch/train-graffiti/>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

Foto 2: Galpão abandonado grafitado em Nova Iorque.



Fonte: WIDEWALLS. The History of Train Graffiti. Disponível em: <<https://www.widewalls.ch/train-graffiti/>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

Contra essa disseminação da cultura periférica, os empreendedores da moral passaram a promover criminalizações e campanhas contra o *graffiti*. A imersão e a vivência junto com o grupo de grafiteiros permitiu ao pesquisador captar significados, sentidos e emoções relacionados ao momento da experiência do *graffiti*. É com base nessa experiência que Ferrell conclui que:

[...] grafiteiros grafitam e pixam tanto para conseguir a emoção, o "rush de adrenalina" da criatividade ilícita, como deixar marcas duradouras ou imagens. A escrita de grafite ocorre, então, num contexto que provoca, desafia e até celebra a ilegalidade do ato - um contexto que só pode ser exacerbado pelos duros esforços dos ativistas anti-grafite²³

Reforçando a importância da experiência, *Rasta 68*, um grafiteiro de Denver, afirma que: “Pessoalmente, eu quero atingir as coisas da cidade, como pontes ao invés de propriedades de outras pessoas. Eles constroem as porcarias mais entediantes por aí, então por que não embelezá-las?”²⁴ *Chaka*, um grafiteiro da Carolina do Sul, por sua vez, foi preso por grafitar o elevador do fórum enquanto visitava o oficial responsável por fiscalizar seu *probation*²⁵ decorrente de prévia condenação por grafitação.²⁶

No mesmo sentido, pesquisa conduzida com grafiteiros de Porto Alegre/RS também destaca a importância da experiência transgressora, da questão da adrenalina. Em sua pesquisa de mestrado, valendo-se do método etnográfico, Fernando Piccoli se inseriu em *rolês* com um grupo de grafiteiros da capital gaúcha. Um dos pixadores gaúchos, de codinome *Kavera*, afirma: “Eu nunca cheirei, só fumo maconha, mas sou dependente de adrenalina, de pichação.”²⁷ Reforçando a questão da adrenalina sentida e buscada pelos pixadores e pixadoras, Fernando Piccoli transcreve em seu trabalho um trecho da música de MC Papo, intitulada “Eu pixava sim”:

Antigamente a noite caia
Eu saía de rolê
Pulava o portão de tala na mão
Tu sabe como que é
Um rolo de trinta, cheio de tinta
Eu rasgava as madrugadas
Subia no teto, e no viaduto tá ligado na parada
PM pegava, me esculachava
Pintava minha cara e me humilhava
Mais eu não parava, eu continuava
Por que alguma coisa me hipnotizava
Moleque nervoso, perigoso
Me divertia de montão
Hoje eu parei, mais tá na memória

²³ FERRELL, Jeff. **Crimes of style**. Boston: Northeastern University Press, 1993. p. 148.

²⁴ Id. Urban graffiti: Crime, control, and resistance. **Youth & Society**, v. 27, n. 1, p. 73-92, 1995. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0044118X95027001005>>. Acesso em: 06 fev. 2017. p. 35.

²⁵ Instituto semelhante ao que no Brasil seria o livramento condicional.

²⁶ FERRELL, Jeff, op. cit., p. 37.

²⁷ PICCOLI, Fernando. **Riscos rebeldes**: notas etnográficas e criminológicas sobre a pichação. 2014. 100f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. p. 88.

Os momentos dessa zoação!

A diversão em rasgar as madrugadas com um rolo de tinta na mão para pixar viadutos é relatada como hipnotizante. MC Papo destaca que nem mesmo a polícia o intimidava, ainda que tomasse alguns “esculachos” – referência à atuação truculenta da polícia militar. *Acme*, grafiteiro do Rio de Janeiro, corrobora essa proposição e afirma que não vê problemas em apanhar da polícia em troca do prazer do grafismo: “Já levei muito soco da polícia, mas a pichação deu sentido a minha vida, você incomoda a sociedade, você divulga o seu nome, hoje eu sei que eu sou um artista.”²⁸

Com efeito, a questão da adrenalina e do prazer (ilícito) parece ser intrínseca ao fenômeno do *graffiti*. Ferrell afirma que “grafiteiros relatam consistentemente a mim e a outros que sua experiência de taggear é definida pela excitação incandescente, a precipitação da adrenalina, que resulta de criar sua arte em um ambiente perigoso e ilegal.”²⁹

De outra banda, o papel das autoridades e atores institucionais tem contribuição relevante na dinâmica da grafiteagem e da pichação. Em *Urban Graffiti: crime, control and resistance*, artigo prévio que depois serviu de base para o livro *Crimes of Style*, Ferrell levanta a questão da resistência às autoridades.³⁰ É a partir desses questionamentos que o autor destaca o papel das autoridades no combate ao grafite, através de projetos, campanhas e criminalizações. Nesse cenário de excitação ilegal, a pressão sofrida pelos grafiteiros por parte das autoridades acaba retroalimentando a adrenalina e o prazer sentido pelos grafiteiros. Ou seja, o papel dos empreendedores da moral reforça a conduta tida como desviante, resultando numa estranha dança entre autoridade e resistência que amplifica a intensidade da atividade que deveria ser suprimida.³¹

Ferrell relata que já em 1987 os empreendedores da moral lançavam campanhas contra o grafite e o pixo. A mais famosa campanha foi batizada de *Keep Denver Beautiful*, também conhecida como *Clean Denver*.³² Vale citar os absurdos que os estadunidenses já propuseram para acabar com o grafite:

²⁸ VENTURA, Tereza. **Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Análise Social**, Lisboa, v. 192, pp. 605-634, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n192/n192a07.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017. p. 618.

²⁹ FERRELL, Jeff. Urban graffiti: Crime, control, and resistance. **Youth & Society**, v. 27, n. 1, p. 73-92, 1995. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0044118X95027001005>>. Acesso em: 06 fev. 2017. p. 37.

³⁰ Ibid., p. 35.

³¹ Ibid., p. 37.

³² Id. **Crimes of style**. Boston: Northeastern University Press, 1993. p. 130. Com efeito, a relação com a atual polícia higienista protagonizada pelo prefeito de São Paulo João Dória é evidente.

Um membro da assembleia da Califórnia apresentou uma lei exigindo que as crianças condenadas por grafitar sejam publicamente palmeteadas; E em St. Louis, um vereador propôs chicoteadas em público (Bailey, 1994, Gillam, 1994, Henderson, 1994). Outros ativistas contra o grafite em Los Angeles e Denver aclamam as sugestões de arrancar as mãos e falam em pendurar, disparar e castrar (Colvin, 1993a, p.4), bem como pintar com spray publicamente os genitais dos grafiteiros (Kreck, 1993, Martin, 1992).³³

De mais a mais, a questão da pixação também já foi objeto de interessante pesquisa conduzida em Santa Maria/RS. Por lá, foram deflagradas duas operações da polícia civil com objetivo de “combater o grafite”. A primeira, denominada *Cidade Limpa*, e a segunda, denominada *Rabisco*, deflagradas respectivamente em 2012 e 2013. A análise da pesquisa objetivou alcançar os discursos dos atores sociais e institucionais que se relacionavam com a prática e a repressão ao grafismo urbano. Para tanto, a pesquisa adotou o método qualitativa de análise do discurso de entrevistas semiestruturadas conduzidas com um grafiteiro, um psicólogo, um magistrado do TJRS, o responsável pela secretaria que coordena a guarda civil local e um parlamentar da assembleia legislativa gaúcha. Amparado pelo referencial teórico de Bourdieu, uma das conclusões da pesquisa foi de que os discursos dos atores institucionalizados “acaba por realizar, de forma arbitrária, uma análise criminalizadora do conteúdo estético de uma intervenção urbana.”³⁴

Desse modo, o *graffiti* se desenvolve no mesmo contexto dos outros elementos da cultura *hip hop*, e assim como o *rap* e o *break*, também veicula sua crítica social na luta por reconhecimento. O fenômeno está ligado à produção de identidades subculturais, além de impor resistência aos esforços dos empreendedores da moral que tentam, a todo custo, combater essa forma de manifestação artística.

2.2.2. O *break*: expressão corporal de *b-boys* e *b-girls*

Break, em inglês, significa quebrar, partir, romper. Também é uma alusão ao *breakbeat*, batida que o DJ tira dos seus toca-discos. Isso porque os passos da dança *break* são quebrados no ritmo quadrado e marcado do *breakbeat*, isto é, os passos são marcados no momento do intervalo dos compassos musicais (o silêncio do *break*). Essa forma de dançar se caracteriza por movimentos bruscos, contorcidos, acrobáticos, que mesclam piruetas, rodopios

³³ FERRELL, Jeff. **Crimes of style**: urban graffiti and the politics of criminality. London: Routledge, 1993. p. 36.

³⁴ WEBER, Luiza Damião; KESSLER, Márcia Samuel; CARVALHO, Salo de. Da margem ao centro: estudo sobre o controle punitivo dos grafismos urbanos em Santa Maria/RS. **Revista de Estudos Criminais**, Porto Alegre, [s. v.], n. 58, p. 65-84, jul./set. 2015. p. 77.

no chão em diversas posições, e simulam movimentos mais duros como os de um robô, por exemplo. Um dos principais passos, o rodopio com a cabeça no chão e pernas ao alto, é inspirado nos helicópteros da guerra do Vietnã. Seus passos foram criados para simbolizar a inconformidade da juventude periférica com a situação pela qual passavam naquele momento.³⁵

Mister Dynamite e James Brown foram alguns dos principais nomes do *break* na década de 60, durante seu surgimento. Naquele momento, uma das maiores conquistas do *break dance* foi, sem dúvida, transformar as disputas territoriais de gangues em disputas de *break*, e depois também de *rap*. O trabalho do DJ Afrika Bambaataa nesse sentido é bastante destacado. Além de ser a ele atribuído o mérito de ter sistematizado o *hip hop* em seus quatro elementos mais o conhecimento, o DJ também estimulava que os jovens das periferias nova-iorquinas trocassem a violência das gangues por disputas de *break*. Segundo Rogério de Souza Silva,

[...] Afrika Bambaataa convence as gangues da época a usarem o break para disputar território, isto é, o grupo que se destacasse mais seria aqueles que comandariam o espaço. Os coletivos ou organizações criadas pelos grupos de break são denominados de *crew*, que em inglês significa equipe ou simplesmente grupo. Ao longo dos anos, toda organização ligada ao movimento hip hop passou a ser chamada de *crew* (no Brasil, posse).³⁶

Influenciados pela forma de dançar de James Brown, também chamado de *good foot* (pé bom, ou pé de valsa), os *break boys* e *break girls*, depois denominados b-boys e b-girls, eram os dançarinos performáticos que dividiam os palcos com os DJs e MCs nas *Block Parties*. No contexto de disputa através do *break*, os b-boys e b-girls do Bronx desenvolveram o passo chamado *top rocking*. De outra banda, no Brooklyn, se desenvolveu o passo *top roching*, também chamada de *brooklyn-up* ou *up-rock*, dança semelhante que respondia as provocações dos rivais do outro bairro. Prevaleceu a forma de dançar surgida no Bronx, que era menos chamativa que o *brooklyn-rock*. Os b-boys começaram a fazer algumas experimentações e o *top-rocking* desceu para o *floor-rock* (dança de chão) ou *foot work* (trabalho dos pés), que se distingue por utilizar movimentos circulares de acordo com o ritmo

³⁵ ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes:** reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva. 2013. 252f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. p. 53.

³⁶ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem:** trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 48.

da música dançado com apoio dos pés e das mãos no chão ao mesmo tempo, concluindo o movimento, repentinamente, com o *freeze*.³⁷

O *break* foi fundamental para difusão da cultura *hip hop* pelo mundo. A indústria cinematográfica foi a primeira a incorporar a cultura *hip hop*. Além do já citado *Flashdance* (1983), alguns outros filmes também fizeram sucesso ao trazer o *break* para as telas, dentre eles destacam-se: *Beat Street* (1984), *Breakin I* (1984), *No balanço do amor* (2001), *Honey, no ritmo do seu sonho* (2003), *Ela dança, eu danço I* (2006).³⁸

Destacando a importância do *break* na autovalorização da juventude, Ludimila Oliveira Rocha conduziu pesquisa empírica através de entrevistas semi-estruturadas com alguns b-boys na cidade de Goiânia, e um deles revelou que:

Eu gosto de desafio, adoro um desafio. Eu acho que é por isso que eu gosto tanto do break, porque é uma batalha constante né, não só com seu oponente, mas consigo mesmo todo dia. De aprender, de dar valor no que você faz no que você é, respeito a si mesmo como dançarino.³⁹

Com o passar do tempo, naturalmente o *break* foi se transformando. Legatário do *break*, atualmente o *street dance* é bastante praticado em academias e escolas de dança. De todo modo, o *break* teve e ainda tem papel importante dentro da cultura *hip hop*. Primeiro como pacificador dos bairros periféricos da cidade de Nova Iorque. Segundo como um dos principais difusores da cultura *hip hop* pelo mundo. Terceiro como fator de construção da identidade de grupo, que depois evoluiu para os *crews*.

2.2.3. O rap: manifesto musical de MCs e DJs

O rap é comumente compreendido como um gênero musical. O surgimento do rap é quase um efeito colateral das *Block Parties*. Num primeiro momento, o rap acontecia de forma espontânea, voluntária, improvisada. A princípio, o rap era apenas o *freestyle*, isto é, rimas de improviso de b-boys e b-girls que assumiam o microfone nas festas promovidas pelos principais DJs do Bronx, que também usavam a oportunidade para proferir discursos com conteúdo de denúncia e crítica social. Entre uma música e outra, era comum que rimas

³⁷ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 47.

³⁸ ROCHA, Ludimila Oliveira. **Hip hop ou hip e hop?** Disponível em: <<http://www.cpgls.pucgoias.edu.br/7mostra/Artigos/SAUDE%20E%20BIOLOGICAS/Hip%20Hop%20ou%20Hip%20e%20Hop.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

³⁹ Ibid., p. 10.

fossem feitas em cima do *groove* (ritmo, batida) criado pelo DJ em 4 ou 8 tempos a partir de dois toca-discos, o que permitia uma sonoridade dentro de colcheias e semicolcheias musicais.

Larissa Frade explica que foi o DJ Grand Master Flash que, “ao passar a entregar microfones nas mãos de dançarinos para que pudessem improvisar discursos acompanhando o ritmo da música, que criou uma espécie de repente-elétrico que passou a ser conhecido como *rap* (rythm and poetry); por seu turno os “repentistas” passaram a ser chamados de *rappers* ou MCs (masters of ceremony).”⁴⁰

Sobre a sigla *rap*, existem diversas versões quanto ao seu significado. A mais conhecida é a *rhyme and poetry* (rima e poesia) ou *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). Mas existe certa controvérsia quanto ao termo. Alguns *rappers* brasileiros defendem outros significados, como “Ritmo Amor e Poesia” e “Ritmo e Política”.⁴¹ O *rapper* Dexter, por exemplo, afirma que para ele *rap* significa “música de revolução”, defendendo o significado “Revolução Através das Palavras.”⁴² Mano Brown, no mesmo sentido, afirma que “fazia poesia de guerra; eu nem considerava poesia, eu achava que meu *rap* era uma arma; e era uma arma.”⁴³ Se neste trabalho tivesse que se fazer uma opção certamente o último significado seria o escolhido. Porém, essa controvérsia pode ser muito mais bem explorada por musicólogos, cientistas sociais, antropólogos e historiadores da música. Aqui, cabe apenas pontuar a existência do debate sobre a questão. Com efeito, o primeiro álbum de *rap* foi o *Rapper’s Delight*, produzido em 1979 e lançado em 1980 pela Sugar Hill Gang, possuindo apenas um único single de 14’32” de duração.

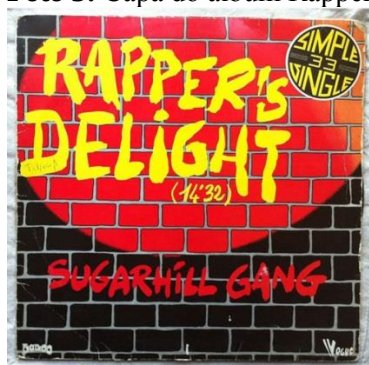
⁴⁰ FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, 2015. p. 85.

⁴¹ Nesse sentido, conferir: TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016; e ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes**: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC’s e Bezerra da Silva. 2013. 252f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. p. 55.

⁴² Afirmação feita em 13 jun. 2017 no TUCARENA, na PUCSP, no evento “Encarceramento em Massa não é Justiça”, promovido pela Rede de Justiça Criminal. Cf: REDE DE JUSTIÇA CRIMINAL. Encarceramento em Massa não é Justiça. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m9wNsTD0Sds>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

⁴³ MANO BROWN. Entrevistadora: Adriana Couto. Metrôpolis. São Paulo: TV Cultura, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oDoKYRVQ300>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

Foto 3: Capa do álbum *Rapper's Delight*.



Fonte: WIKIPEDIA. The Sugar Hill Gang. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rapper%27s_Delight>. Acesso em: 4 mar. 2017.

Há, porém, quem aponte a formação e o desenvolvimento do *rap*, por exemplo, bem antes de sua chegada ao solo norte americano, ainda nas tradições originárias da Jamaica e da África. Isso porque os imigrantes jamaicanos (e de várias outras nacionalidades latinas e africanas) foram quem trouxeram para os EUA as tradições dos *toastes* (em inglês, brindar), que é uma espécie de tradição musical de cultura africana fundada na oralidade. O *toast* era uma espécie de “brincadeira às avessas: em vez de um discurso de homenagem, fazem uma detração.”⁴⁴ Segundo Ana Raquel Motta de Souza,

Alguns estudiosos do rap consideram que ele já era praticado na Jamaica durante a década de 1960, na forma dos “toastes” jamaicanos, gênero musical que utilizava “sound systems” (dms- toca-discos acoplados) para tocar bases musicais em cima das quais as pessoas discursavam reivindicando melhorias sociais. Os “toastes” podem ser entendidos como um rap incipiente, que foi levado aos EUA por imigrantes jamaicanos, sendo que o rap, com a estrutura com que ficou conhecido, tomou forma em Nova Iorque.⁴⁵

Corroborando a proposição acima, o sociólogo Rogério de Souza Silva destaca que os “*Sound Systems* foram levados para o bairro do Bronx pelo DJ Kool Herc, jamaicano que com doze anos de idade migrou para os Estados Unidos. Foi Herc quem introduziu, no solo *yankee*, o *toast* – modo de cantar caracterizado por frases longas e rimas.”⁴⁶ Para o autor, os chamados *toasters* eram “autênticos mestres de cerimônia que comentavam, nas suas

⁴⁴ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 159.

⁴⁵ MOTTA DE SOUZA, Ana Raquel. **A favela de influência**: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MC's. 2004. [s. n.]. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004. p. 6.

⁴⁶ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem**: trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 30.

intervenções, assuntos como a violência das favelas de Kingston (capital do país caribenho), a situação política da ilha e outros temas polêmicos como sexo e drogas.”⁴⁷ Os *rappers* e os *toasters*, portanto, guardam profunda semelhança na sua forma e conteúdo.

Com efeito, a oralidade é bastante importante na cultura Africana. É comumente atribuída ao historiador africano Amadou Hamâté Bâ (1901-1991) a frase “na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima.” No mesmo sentido, o pesquisador Celso Sisto afirma que “para os africanos a escrita não está diretamente relacionada ao saber. A palavra falada diz, sim, muito mais de um homem do que aquilo que ele escreve.”⁴⁸

Os *griots*, por exemplo, são práticas africanas de transmissão de histórias e fatos históricos através de narrativas orais ou canções, e tinha como principal objetivo a preservação dos saberes. Ligado à preservação da história do povo e da cultura africana, Letícia Villela Lima da Costa explica que o *griot* é uma espécie “de menestrel ou trovador que percorre o país contando histórias, geralmente acompanhado por instrumentos musicais.”⁴⁹ O MC Marechal – um dos mais proeminentes *rappers* da nova geração – faz uma exaltação ao *Griot* na música que recebe o mesmo nome: “Mensajeiro sim senhor / Vagabundo se emociona / Porque sente o espírito dos ancestrais, Griot! Eu vim pra provar que a cultura não acabou.”⁵⁰

Há, portanto, uma clara relação de ancestralidade entre o *griot* e o *rap*, na medida em que o *rap* é uma expressão artística que se vale de rimas acompanhadas por uma batida musical e que tem como principal objetivo a difusão do *conhecimento* – o quinto elemento do *hip hop*, conforme se verá abaixo. Não por acaso, Pimentel Spensy, em *O livro vermelho do Hip Hop*, associa o surgimento do *rap* às *work songs*, de matriz africana, que eram cantadas nos campos de trabalho por toda à América:

Também da África os negros trouxeram as canções de trabalho (*work songs*), de frases curtas e ritmadas, com um puxador respondido por um coro. Você certamente já notou que o esforço físico parece menor quando se canta. Os brancos percebiam que com as canções os negros trabalhavam mais rápido,

⁴⁷ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem:** trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 38.

⁴⁸ SISTO, Celso. O conto popular africano: a oralidade que atravessa o tempo, atravessa o mundo, atravessa o homem. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/131/82>>. Acesso em: 10 fev. 2017. p. 9.

⁴⁹ LIMA DA COSTA, Letícia Villela. De objeto a sujeito: as marcas da oralidade em “vozes da sanzala Kahitu”. **Revista Transversos**, v. 6, n. 6, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/22078/16034>>. Acesso em: 03 fev. 2017. p. 78.

⁵⁰ MC MARECHAL. **Griot**. Produção independente. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c1syA2pBCEU>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

por isso permitiam que cantassem livremente. Algumas das work songs foram trazidas da África, outras eram inventadas no dia-a-dia mesmo.⁵¹

No mesmo sentido, a pesquisadora Larissa Frade sustenta que o *rap* “remonta à tradição africana de relatos orais, posto que se caracteriza por sua forma discursiva: o *rapper* na verdade declama de maneira ritmada a letra da música, em uma mistura de declame com canto.”⁵² Desse modo, o *hip hop*, e mais especificamente o *rap*, é legatário direto de toda essa tradição de oralidade ancestral da cultura africana. É com base nessas tradições de oralidade africana, cantadas e rimadas, com alguém entoando um canto falado, acompanhado ou não de percussão, que se desenvolveu um dos principais elementos do *hip hop*. As raízes africanas no surgimento do *rap* parecem ser mesmo incontestáveis.

Por outro lado, sempre há quem interroge a musicalidade do *rap*, afirmando, até mesmo, que “*rap* não é música”, questionamento esse que já atingiu diversos outros gêneros musicais em seu início. Ricardo Teperman explica que o “detrator das novas músicas é um velhinho, que diria, nos anos 1960, ‘rock não é música’, e nos anos 1970, ‘punk não é música’. Voltando para o início do século XX, o tal velhinho teria dito que a *Sagração da primavera*, de Igor Stravinsky, ‘não era música’. Em suma, as definições de música variam no tempo – e, claro também no espaço.”⁵³ Sendo assim, parece importante uma melhor abordagem estética sobre o *rap*, principalmente quanto a alguns elementos concernentes a sua forma e estruturação musical.

Uma das primeiras bases musicais de sonoridade do *rap* é o *breakbeat* ou *backspin*, criação comumente atribuída ao DJ Kool Herc. O *breakbeat* pode ser entendido como a base sob a qual os MCs cantam. Nesse sentido, sobre essa técnica musical específica, o musicólogo Marcelo Segreto, em sua dissertação intitulada *A linguagem cancional do rap*, explica:

O músico Kool Herc, um dos pioneiros do *hip hop* e organizador das primeiras festas do Bronx, é tido como inventor de um procedimento composicional muito difundido entre os DJ's, o chamado *breakbeat*. Trata-se da repetição de um fragmento musical de uma canção já gravada. Com dois

⁵¹ PIMENTEL, Spensy. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo, USP, 1997. p. 23, apud SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 39.

⁵² FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, 2015. p. 83.

⁵³ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 619.

toca-discos executando o mesmo LP, o DJ seleciona o Trecho de seu interesse (geralmente uma base instrumental com bateria, contrabaixo e guitarra elétrica) e após tocá-lo uma vez volta o disco para o ponto inicial e repete o mesmo fragmento. Essa técnica é também conhecida como *backspin* ou *back to back*. Dessa maneira, cria-se um novo acompanhamento, uma base musical cíclica sobre a qual os MC's cantam suas letras.⁵⁴

Somando-se ao *breakbeat*, temos o *scratch*, que pode ser traduzido livremente como arranhão ou risco, e que também é um elemento bastante utilizado pelos DJs. Segundo Marcelo Segreto, *scratch* é a “técnica na qual o DJ arranha o disco de vinil com a agulha da vitrola para produzir determinadas frases rítmicas.”⁵⁵ Muito embora seja, de fato, um arranhão no vinil, o *scratch* é uma forma bastante inteligente de se marcar ritmo, criar transições entre compassos e até permitir algum fraseado melódico. Aqueles que alegam que não se toca instrumentos no *rap* nunca perceberam a importância do trabalho dos DJs que, efetivamente, “tiram o som” dos seus toca discos.

Além do *scratch* e do *breakbeat*, o *flow* também é um elemento bastante importante no *rap*. Uma tradução livre para *flow* seria fluxo. Os MCs se referem ao *flow* como sendo uma boa sequência de rimas, isto é, “à fluidez que o improvisador encadeia suas rimas.”⁵⁶ A rima talvez seja o elemento pelo qual o *rap* melhor se caracteriza, sendo certo que alguns *rappers* usam como sinônimo a palavra “rimar” e “cantar”.⁵⁷ Com efeito, as rimas mais frequentes nas letras de *rap* são as chamadas “rimas de final”, comumente conhecidas no Brasil como quadrinha:

[...] as rimas mais comuns no rap são rimas “de final”, que caem no último tempo do compasso, sinalizando o término da linha poética. Esse jeito de organizar as rimas lembra um formato muito recorrente em várias partes do mundo e que no Brasil é conhecido vulgarmente como “quadrinha”: estrofes de quatro versos, sendo mais comum que a rima ocorra apenas entre o segundo e o quarto versos (ABCB). Ainda que a ideia do “bum-clap” oriente os MCs na construção das rimas, é aceitável e mesmo comum que os versos durem mais do que quatro tempos e o “encaixe” seja poeticamente irregular. O que importa é que o modo de rimar seja orientado por esse beat, mesmo que o extrapole.⁵⁸

⁵⁴ SEGRETO, Marcelo. **A linguagem cancional do rap**. 2015. 143f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 53.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 662.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Ibid.

Outra ideia importante para a construção do *rap* é o padrão rítmico do “bum-clap” – referência ao grave do bumbo (bum) e agudo da caixa (clap). É nesse ciclo de 4 ou 8 compassos que se desenvolve a letra, guardando as rimas para cada par de compassos, que costuma aparecer, em regra, ao final dos versos:

A ideia é que a escansão dos versos seja calcada na levada dos *breakbeats* (no geral tiradas de disco de funk e soul) e construída com bumbo (“bum”) no primeiro e terceiro tempos e caixa (“clap”) no segundo e quarto tempos do compasso quaternário. As rimas frequentemente acontecem no quarto tempo de cada par de compassos (ou oito tempos) [...] É claro que isso é apenas a estrutura formal, sobre a qual muitas variações rítmicas são possíveis, sempre buscando a rima a cada par de compassos.⁵⁹

Por fim, um último recurso musical utilizado pelos DJs na construção de suas bases é o *sample*, que numa tradução livre significa amostra. Sample é um pequeno trecho, ou até mesmo o *groove* (base, levada), extraído de outra música ou qualquer som. Os DJs se utilizam dessa técnica para dar um colorido a mais à suas composições. Ou até mesmo para homenagear outro artista. O procedimento de “*samplear*” é feito através de um equipamento chamado sampler, que armazena sons numa memória digital podendo reproduzir esses sons um a um posteriormente. Os Racionais MCs, por exemplo, tem samples bastante conhecidos. A base da música *Homem na Estrada* foi sampleada de *Ela partiu* de Tim Maia, numa clara homenagem do grupo ao seu ídolo. Na música Jorge da Capadócia, o DJ KL Jay também sampleou trecho da música de Jorge Ben, outro ídolo do grupo.

Mas os samples não vêm apenas de melodias ou batidas. É comum que sejam sampleadas notícias de jornal, o som de um rádio tocando ao fundo, sirenes de viaturas, barulho da chuva, o trecho de um discurso de uma grande liderança, os estampidos de uma rajada de tiros, o toque de um telefone, etc. Sobre a importância do sample para o *rap*, Marcelo Segreto afirma que

[...] o uso de samples retirados do repertório da *black music* (prática que é responsável por grande parte dos traços tematizantes que encontramos no rap) também representa uma importante atitude política, pois esses cantores norte-americanos das décadas de sessenta e setenta eram ícones de uma música de forte afirmação da cultura negra. As obras de James Brown e Jorge Ben, por exemplo, também cumpriam a função de valorização do negro num contexto de significativa segregação racial, tanto nos EUA quanto no Brasil. Mesmo que as canções não tratassem diretamente de

⁵⁹ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 647.

problemas raciais, o valor agregado a elas e os eventos em que eram executadas carregavam forte teor político.⁶⁰

Portanto, a atitude de samplear músicas do *soul*, *jazz*, e da *black music* em geral, é uma atitude política de valorização da cultura negra. O sample, mais do que uma técnica musical, é uma forma de interconexão do *rap* com diversos outros gêneros dos quais é legatário. Além do valor estético, o sample traduz uma posição política do *rap*, o que reforça sua importância. Com esses recursos, as composições dos DJs são extremamente criativas e politizadas, fazendo de suas músicas uma construção elegante e engajada.

Desse modo, para muito além da abordagem estética de construção do *rap*, sua constatação social enquanto experiência musical por parte das pessoas é inquestionável. A partir de uma perspectiva sociológica, pode-se dizer que “os gêneros musicais são constructos, e não valores em si”. Ricardo Teperman conclui afirmando que: “Se nada disso foi suficiente para argumentar que o rap é música, bastaria assumir como prova cabal o fato de que ele seja experienciado com tal por seus produtores e ouvintes. Na definição de grande compositor italiano Luciano Berio, ‘música é tudo aquilo que ouvimos com a intenção de ouvi música.’”⁶¹

E o *rap* enquanto gênero musical vem evoluindo e se modificando com o passar do tempo. Muito embora o *gangsta rap* tenha sido o que alçou o gênero ao grande público, é importante destacar que há também outros subgêneros de *rap*. O antropólogo Rogério de Souza Silva em sua tese de doutorado distingue os principais estilos e/ou subgêneros da seguinte maneira:

- a) *Freestyle*: modo de cantar de improviso encadeamento o maior número de rimas possíveis dentro de um discurso lógico e contundente, em regra respondendo a algum adversário em disputas organizadas na rua.
- b) *Gangsta rap*: surge após o *freestyle*, em meados da década de 80. O MC Ice-T costuma ser apontado como precursor nesse estilo. As letras de caracterizam por forte agressividade na crítica social, na denúncia ao racismo, com destaque para atuação truculenta da polícia nas periferias. Esse foi um subgênero de maior popularidade na década de 90, em que muitos grupos fizeram sucesso, tais como Public Enemy, 2pac, NWA, Sabotage, RZO, Facção Central, 509-e e os próprios Racionais MCs.
- c) *Rap underground* (ou rap alternativo): com letras menos agressivas, esse é um estilo que tem como marca a independência. Os *rappers* costumam produzir os próprios álbuns como forma de se evitar a exploração comercial dos problemas sociais que se canta. É uma corrente mais moderna, onde poderíamos citar como exemplo Emicida, Rael e Criolo.

⁶⁰ SEGRETO, Marcelo. **A linguagem cancional do rap**. 2015. 143f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 77-78.

⁶¹ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 778.

- d) *Rap core*: também aparece nos anos 80. É um estilo que combina *punk*, *rock metal* e o *breakbeat* do *hip hop*, trazendo com alguns instrumentos musicais como a guitarra elétrica, o baixo e a bateria. Exemplos dessa vertente seria o Run DMC e também o Beasties Boys.
- e) *Pop rap*: esse subgênero tenta ser uma versão mais comercial do *rap*, deixando de lado a agressividade e a crítica social. A sonoridade tende a ser mais melódica com letras sem profundidade. Um exemplo de muito sucesso foi o grupo Black Eye Peas.
- f) *Rap gospel*: é uma expressão que também veicula uma crítica social bastante forte, mas que busca na fé, sobretudo cristã, uma forma de se superação das dificuldades sociais vividas. Esse estilo costuma usar refrãos bastantes melódicos, em geral cantados por mulheres. No Brasil, o grupo Apocalipse 16 e depois o Pregador Lou são os principais representantes dessa vertente.
- g) *Charm*: semelhante ao *funk*, é um estilo mais melódico, sem a marca do *breakbeat* tão característico do *rap*. Tendo como influência a *black music*, o principal DJ brasileiro do *charm* é carioca DJ Corello.
- h) *Miami bass*: se destacada por ter ritmo mais acelerado que *rap*, com batidas mais pesadas. Com versos curtos, as letras de *Miami Bass* costumam retratar o cotidiano violento dos bairros pobres da cidade de Miami, de onde é originário.⁶²

É claro que essas subcategorizações não são estanques e tampouco precisas, servindo mais como linhas mestras de cada subgênero. Mais recentemente, por exemplo, começou a haver certa distinção dentro do *rap* nacional, que passou a se dividir em *old school* e *new school*. A primeira estaria mais ligada ao *gangsta rap*, ao *rap* com crítica social, em tom mais agressivo e contestatório da ordem social vigente. A segunda escola estaria ligada a um estilo de *rap* mais comercial e menos agressivo, mais preocupado com sonoridade estética e ritmo dançante – alguns chegaram a chamar de *rap universitário* em alusão ao surgimento do *sertanejo universitário*. Uma das principais diferenças entre as duas vertentes se manifesta no tratamento com a mídia. Os integrantes da *old school* são bastante refratários ao *mainstream* midiático. O *rapper* brasileiro GOG, por exemplo, sem criticar aqueles que participam da mídia tradicional, afirma que sua estratégia envolve responsabilidade, e que não vai fazer parte de uma estrutura que nega o racismo no Brasil:

Eu quero dizer pra vocês que a rede Globo me chamou seis vezes. E eu falei não! Sabe por que eu falei não? Não é porque eu sou burro não. É por que se você pegar as entrevistas e os livros de Ali Kamel, que é diretor geral de jornalismo da rede Globo, ele diz que o problema da periferia é falta de consciência. Ele fala que se der emprego e oportunidade... Ó! Tem que trabalhar, viu?! É desenvolvimento o problema. E aí preta... Você de óculos, linda aí ó – sorri pra mim – é de você que ele fala assim ó: “você não se preocupe que não existe racismo no Brasil”. Não existe racismo no Brasil,

⁶² SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem**: trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 45.

certo? E por aí eles falam várias fitas. Respeito a opinião de todo mundo. Não tô criticando quem vai. Mas pra gente montar esse quebra-cabeça social nosso, transformador, aí eu tenho responsabilidade. Aí eu vou falar: gente eu não acredito que a gente vai montar esse quebra-cabeça com essa estratégia. Vamo voltar pra quebrada. Vamo ocupar os nossos espaços, certo? E vamo dar pra eles um buquet de Espertirina Martins!⁶³

Corroborando a estratégia de GOG, até o ano de 2007, Mano Brown havia dado uma única entrevista à rede aberta de televisão, concedida ao programa Roda Vida. A relação entre *rap* e a mídia sempre foi delicada. Contudo, essa relação tem mudado, e muitos MCs da nova geração enxergam na grande mídia mais uma ferramenta – uma poderosa ferramenta – para se utilizar em favor do *rap*.

Poderíamos citar como expressão da nova escola MCs como Criolo, Emicida, Rashid, Projota, Haikass, Oriente, Rael, dentre outros. E da antiga geração teríamos os grupos como Trilha Sonora do Gueto, Facção Central, Consciência Humana, Sabotage, RZO, etc. Até mesmo os Racionais MCs parecem atualmente ter evoluído, como diz Mano Brown, passando para uma nova fase do *rap* conforme fica mais evidente no álbum Cores e Valores (2014) – o que desagradou muitos fãs.⁶⁴ Mano Brown, inclusive, já gravou ao lado de representantes da nova geração, como o DVD junto a Emicida e Criolo em 2013. Em entrevista, Brown disse que estava “mapeado” e “rastreado”, mas que ele não será “refém de nada, nem do rap.”⁶⁵

No entanto, mais do que entender o *rap* enquanto música a partir de uma perspectiva estética, nossa proposta caminha na busca de compreensão dos sentidos encontrados no *rap* e por meio do *rap*. De modo que não é possível entender o caráter contestador, denunciante e emancipatório das letras de *rap*, principalmente do subgênero *gangsta*, sem antes entender um pouco mais sobre o quinto elemento do *hip hop*: o conhecimento. *Rap* é compromisso, diria o saudoso Sabotage.⁶⁶ E esse compromisso é o que há de mais interessante para a criminologia, e especificamente para a compreensão das identidades desviantes, que direta ou indiretamente fazem parte das letras de *rap*.

⁶³ O RAP pelo Rap. (Documentário). Direção: Pedro Fávero. Produção Fitaria Filmes. [S.l., 2016]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc&t=2048s>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

⁶⁴ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016.

⁶⁵ CARAMANTE, André. Eminência parda. **Revista Rolling Stones**. ed. 39. dez. 2009. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/39/mano-brown-eminencia-parda#imagem0>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

⁶⁶ Após ter tido uma vida na criminalidade, Mauro Mateus dos Santos ficou conhecido como Sabotage, um dos *rappers* mais populares do Brasil. Faleceu em 23 de janeiro de 2003, assassinado com 4 tiros pelas costas. Lançou apenas o álbum *Rap é Compromisso*, em 2000, alcançado grande aceitação do público e da mídia. Em 2016 a produtora dos Racionais MC's, com apoio do RZO e do produtor Daniel Ganjaman, lançaram o álbum *Sabotage*, com músicas inéditas do MC.

2.2.4. Para além dos quatros elementos: o conhecimento

Na década de 70 os EUA e o mundo descobriram que o petróleo era finito e não renovável, o que deflagrou a conhecida crise do petróleo. Em razão da recessão econômica imposta e da impossibilidade do acúmulo contínuo de capital naquele momento, a solução mais rápida e fácil foi cortar gastos. E os primeiros gastos que são cortados durante as crises são os chamados “gastos sociais”, relacionados aos trabalhadores e aos serviços públicos em geral. Era a crise do modelo de *Welfare State*. Mais uma vez se aplicou a velha coerência capitalista de privatização dos lucros e socialização dos prejuízos – como sempre acontece em todos os momentos de crise dentro da lógica do neoliberalismo. Esse período histórico para o Bronx, especialmente, ficou marcado pela *Politics of Abandonment* (políticas de abandono).⁶⁷

O resultado produzido pelas medidas adotadas foi a perda de direitos da população mais pobre e a precarização da vida em geral. Crescimento do desemprego, deterioração dos serviços públicos e aumento da desigualdade social foram as consequências imediatas. No Bronx, bairro periférico e que recebia fluxos migratórios, a crise teve consequências ainda mais severas, pois “para seus habitantes mais jovens, em sua maioria afrodescendentes estadunidenses, caribenhos e latinos, o refúgio encontrado foi aderir às gangues.”⁶⁸ A violência se instalava a partir da lógica da disputa territorial entre os grupos rivais. E as gangues se espalharam, principalmente, pelo Bronx e outros bairros periféricos de Nova Iorque durante a década de 70.

Com efeito, o quadro de guerra urbana chegou a arregimentar cerca de 11 mil jovens, em sua maioria negros, latinos, caribenhos por toda a Nova Iorque. “Mas até no lixão nasce flor”, diriam os Racionais MCs. Foi nesse cenário que um membro de uma das gangues mais temidas, a *Black Spade* (Espadas Negras), se tornou conhecido por vencer um concurso de escrita e ganhar como prêmio uma viagem para a África. Esse membro do *Black Spade* era o já citado Afrika Bambaataa, que após viajar à África transformaria o Bronx no berço do *hip hop*. Para o DJ, ter visto as pessoas na África trabalhando nas mais variadas atividades, sendo proprietários das próprias terras, abrindo suas lojas, tocando o país em geral, foi o que mudou

⁶⁷ CHANG, Jeff. **Can't Stop Won't Stop: a History of the Hip-Hop Generation**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 2005. p. 10-17.

⁶⁸ FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, 2015. p. 89.

sua cabeça, pois nos EUA negros e negras não podiam fazer parte de nada daquilo em razão do racismo institucionalizado.⁶⁹

Desfrutando do reconhecimento dos jovens por ter sido *warlord* (espécie de presidente) da gangue *Black Spades*, Bambaataa era uma voz ouvida dentre a juventude inserida na guerra entre gangues. Aproveitando do reconhecimento que desfrutava dentro daquela subcultura, “Bambaataa pretendia combater a violência entre gangues promovendo a competição por meio dos chamados quatro elementos: DJ, MC, break e grafite. Bambaataa passou a defender a existência de um quinto elemento na cultura hip-hop, o conhecimento.”⁷⁰

O DJ conseguiu usar a posição que conquistara para difundir o ideal do *hip hop* entre os jovens. É nesse momento que Bambaataa passa a defender como *quinto elemento* da cultura *hip hop*, o *conhecimento*. Com objetivo de combater a violência, em meados da década de 70, o DJ fundou a organização Zulu Nation⁷¹, primeiro *crew* de *hip hop*.

No Brasil, os *crews* foram chamados de “posse”. Os *crews* e posses podem ser descritas como grupos de *rap*, b-boys, b-girls, grafiteiros e DJs que se reúnem para promover ações sociais e comunitárias em seus bairros, em regra ensinando por meio de oficinas cada um dos 4 elementos da cultura *hip hop* (vide seção a seguir 3.2.4). Desse modo, somado ao conhecimento, a cultura *hip hop* deixa de ser apenas mais um produto cultural de mercado, uma vez que potencializa a mudança através da arte, transformando o *hip hop* também em movimento social.

Em suas próprias palavras, Afrika Bambaataa afirma que “A *Universal Zulu Nation* reuniu os elementos de paz, unidade, amor e diversão, o que ajudou a eliminar qualquer atividade das antigas gangues que pudesse aparecer em uma festa.”⁷² Além da proposta pacifista, a Zulu Nation também denunciava o racismo, pois recebeu influências de ativistas que militavam pela causa *Black Power*, tais como Elijah Muhammad, Malcom X, James Brown, Martin Luther King, Dr. York, John Lennon e de todos os movimentos pelos direitos civis que eclodiam naquela época, especialmente os Panteras Negras.⁷³

⁶⁹ FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, 2015. p. 91.

⁷⁰ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 357.

⁷¹ Hoje ONG *Universal Zulu Nation*.

⁷² ORANGE, Karim. **Afrika Bambaataa**: the history of the Universal Zulu Nation, Hip-Hop, Culture and Electro Funk. [S.l.], 23 jan. 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/karim-orange/afrika-bambaataa-the-hist_b_4214189.html>. Acesso em: 15 jun. 2017.

⁷³ Ibid.

Contudo, muitos jovens que frequentavam as festas de Bambaataa, embora ali respeitassem os rivais de outras gangues, ainda não haviam se desligado completamente daquela situação conflituosa que se construiu ao longo do tempo. Ademais, na década de 70, o presidente Richard Nixon declarava guerra às drogas e, conseqüentemente, guerra às gangues dos bairros periféricos, aumentando exponencialmente a repressão policial contra a juventude marginalizada, o que potencializou a violência nesses lugares. Segundo Larissa Frade,

[...] embora a *Zulu Nation* pregasse a paz entre e dentro das gangues, nem todas abandonaram comportamentos criminosos. E, àquela altura, a política de policiamento de NIXON já havia declarado também guerra às gangues: nos noticiários circulavam informações generalizadas que associavam as gangues ao tráfico de drogas, à violência e conseqüentemente à juventude do Bronx, majoritariamente composta por afrodescendentes e latinos, os quais por vezes estavam conectados ao movimento *hip hop* (*rappers*, *b. boys*, MCs e grafiteiros). Para as instâncias formais de controle e para a sociedade conservadora, qualquer aglomerado de jovens negros e latinos trajando roupas e adereços parecidos entre si era etiquetável como gangue criminosa. Equivocadamente, todos os integrantes das tribos *hip hop* passaram a ser observados como membros de uma subcultura desviante e delinquente – e, em conseqüência, todos os símbolos do movimento *hip hop* passaram a ser interpretados como desviantes.⁷⁴

Já na década de 80, o ideal *hip hop* estava bastante difundido, e muitos *rappers* passaram a escrever letras recheadas daquilo que Bambaataa chama de *conhecimento*. O primeiro single que talvez estivesse dentro dessa concepção foi o “The Message”, lançado pelo aclamado DJ Grandmaster Flash em 1982.⁷⁵ Para o autor, os conflitos diários vivenciados no Bronx são metaforicamente interpretados como a luta diária por sobrevivência na selva, e o refrão da letra expõe exatamente isso: “It’s like a jungle sometimes / it makes me wonder / How I keep from goin’ under.”⁷⁶ Como aturar aquela situação de total abandono, degradação e luta constante por sobrevivência – na expressão mais literal da palavra – que o Bronx e todas as periferias impunham a seus moradores? A letra de Flash começa a questionar as condições do lugar em que vivia e como ele estava aprisionado naquela situação:

Broken glass everywhere
People pissing on the stairs, you know they just don't care
I can't take the smell, I can't take the noise
Got no money to move out, I guess I got no choice

⁷⁴ FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, 2015. p. 92-93.

⁷⁵ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 390.

⁷⁶ Tradução livre: Às vezes é tipo uma selva / isso me faz pensar / como eu consigo aturar.

Rats in the front room, roaches in the back
 Junkie's in the alley with a baseball bat
 I tried to get away, but I couldn't get far
 Cause the man with the tow-truck repossessed my car.⁷⁷

A difusão do conhecimento veio por meio, principalmente, das letras de *rap* por uma razão bem simples: sua forma. A estrutura de declamação do *rap* permitia o maior engajamento através do discurso mais do que outras expressões como os murais de *graffiti*, que embora revolucionários, não tinham o poder de articular o movimento e difundir o conhecimento em si.

A grande virada viria mesmo em 1987, com o Public Enemy (P.E.), grupo que depois se transformou numa das maiores referências na cena do *gansta rap*. Naquele ano, o P.E lançou o disco *It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back* (É preciso uma nação de milhões para nos segurar para trás). O álbum foi sucesso de público e crítica por todo o mundo – inclusive no Brasil – tendo sido escolhido o 48º melhor álbum de todos os tempos pela Revista Rolling Stone.⁷⁸ Em 1991 o Public Enemy fez um show histórico no ginásio do Ibirapuera. Naquela ocasião, Ice Blue conta que os 4 integrantes dos Racionais MCs invadiram o palco do P.E. para cantar ao lado de seus ídolos.⁷⁹

Precedido por um grito de revolta sampleado do grupo de *soul* The Soul Children, a música *Rebel Without a Pause* (rebeldes sem pausa), por exemplo, começa conclamando os irmãos e irmãs (de cor): “Brothers and Sisters, I don’t know what’s this world is coming too.”⁸⁰ Na referida letra, o grupo reforça seu papel de denunciante enquanto coletivo engajado: “P.E a group, a crew – not singular / We were black wranglers / We’re rap stranglers / You can’t angle us – I know you’re listenin’ / I caught you pissin’ in you’re pants / The crowd missn’ us / We’re on a mission boy.”⁸¹ Em *Louder Than a Bomb*, faixa também lançada no mesmo álbum, o grupo denuncia, por sua vez, o estereótipo criminal racista adotado pela polícia de Nova Iorque, bem como a criminalização da cultura *hip hop*:

⁷⁷ Tradução livre: Vidro quebrado por toda parte / Gente mijando na escadaria, simplesmente não tão nem aí / Eu não aguento o cheiro, não suporto o barulho / Não tenho grana pra me mudar, acho que não tenho escolha / Ratos na sala da frente, baratas na de trás / Um drogado, em um beco com um taco de beisebol / Eu tentei fugir, mas não pude ir muito longe / Porque o cara do reboque, guinchou meu carro.

⁷⁸ ROLLING STONE. **Top 500 Greatest Albums of All Time**. Disponível em: <<http://www.rollingstone.com/music/lists/500-greatest-albums-of-all-time-20120531/the-allman-brothers-band-at-fillmore-east-20120531?>>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

⁷⁹ 30 anos dos Racionais MCs. (Entrevista). RedBull Music Academy Festival. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OL_zmvutdYc&t=330s>. Acesso em: 15 jun. 2017. 29min.

⁸⁰ Tradução livre: Irmãos e Irmãs, eu não sei em que esse mundo está se transformado.

⁸¹ Tradução livre: P.E. um grupo, uma horda – não singular / Nós éramos negros polemistas / Nós somos estranguladores de rap / Você não pode nos tornar anjos / Eu sei que você está ouvindo / Eu te peguei mijando nas suas próprias calças / Vocês estão apavorados com a gente criticando / A multidão está sentido falta da gente / Nós somos garotos na missão.

This style seems wild.
 Wait before you treat me like a stepchild!
 Let me tell you why they got me on file,
 'cause I give you what you lack,
 Come right and exact,
 Our status is the saddest,
 So I care where you at,
 Black!
 And at home I got a call from Tony Rome,
 The FBI was tappin' my telephone.
 I never live alone.
 I never walk alone.
 My posses always ready, and they're waitin' in my zone.
 Although I live the life that of a resident,
 But I be knowin' the scheme that of the president,
 Tappin' my phone whose crews abused,
 I stand accused of doing harm.
 'cause I'm louder than a bomb.⁸²

A produção musical de álbuns do gênero *rap* – e especialmente do *gangsta rap* – sempre enfrentou dificuldades. O caminho encontrado pelos grupos foi a produção independente, como fizeram os Racionais MCs no Brasil, por exemplo. Mas a indústria fonográfica percebeu o potencial do gênero, e atualmente há um lucrativo mercado envolta da cultura *hip hop*. A mercantilização do *rap* promovida pela indústria fonográfica é alvo de muitas críticas. Mas para além disso, é inquestionável que, atualmente, o *rap* é um gênero musical conhecido e ouvido, tendo conquistado seu espaço a duras penas.

2.3. A Chegada do Hip Hop ao Brasil

De início, é preciso dizer que enquanto os DJs Grand Master Flash, Kool Herc e Afrika Bambaataa tocavam para 3 ou 4 mil pessoas em suas festas no Bronx, no Rio de Janeiro já ocorriam bailes de *black music*, especialmente o *funk*, para mais de 15 mil pessoas.⁸³ A cultura dos *bailes blacks* cariocas era vista como uma alternativa ao racismo cotidiano enfrentado pela juventude negra, que já nos anos 70, “[...] com pistas de dança

⁸² Esse estilo parece selvagem/ Espere antes de me tratar como um filho adotivo/ Deixa eu te dizer por quê eles têm minha ficha,/ Que eu vou dar o que te falta,/ Venha certo e exato,/ Nosso status é o mais triste,/ Então me preocupo onde você está,/ Preto!/ E em casa recebi uma ligação de Tony Rome,/ o FBI ‘tava grampeando meu telefone./ Eu nunca vivo sozinho./ Eu nunca ando sozinho./ Meu corpo sempre pronto, e eles esperando na minha área./ Embora eu viva a vida de um residente,/ Pensam que conheço o esquema do presidente,/ Grampeando meu telefone, minha galera abusada,/ Sou acusado de causar mau/ porque faço mais barulho que bomba. (Tradução nossa).

⁸³ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem:** trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 59.

improvisadas e poderosos equipamentos de som, dezenas de equipes promoviam festas nas periferias da cidade, tocando funk e, já nos anos 80, um pouco de rap. [...] cerca de 1 milhão de jovens cariocas frequentavam bailes todos os sábados e domingos, muitos deles promovidos pelas grandes equipes Soul Grand Prix e Furacão 2000.”⁸⁴ Em São Paulo, por exemplo, equipes como a Chic Show e a Zimbabwe (que depois lançaria os Racionais MC's), organizavam festas de samba-rock, funk e soul para 20 mil pessoas no ginásio da Sociedade Esportiva Palmeiras.⁸⁵

Isso significa que antes mesmo da recepção da cultura *hip hop* estadunidense, em alguma medida, o Brasil também já desenvolvia seu próprio estilo desse movimento cultural. Festas para as periferias e que tocavam música negra aconteciam no Bronx, Brooklyn, Rio de Janeiro e São Paulo simultaneamente. A autovalorização era pauta nas periferias de todo o mundo, afinal, conforme afirmam os Racionais, “periferia é periferia em qualquer lugar”. Portanto, ainda que a estruturação do *hip hop* tenha acontecido nos EUA, algo parecido acontecia espontaneamente também no Brasil. De modo que passados alguns anos do surgimento do *hip hop* nos EUA sua recepção estruturada no Brasil começou a acontecer a partir da década de 80. E o lugar onde isso ocorreu foi, principalmente, a estação São Bento, na capital paulista.

Mas o *hip hop* chegou mesmo ao Brasil através de filmes exibidos na TV, apresentando o *break* a nossa primeira geração de *b-boys*, que se identificaram com aquela dança e, sobretudo, com as pessoas que estavam dançando. Eram negros, negras e jovens de bairros periféricos que tinham orgulho de se vestir e de se expressar de uma maneira única e particular. Talvez por isso que o *break* seja tão contagiante. Além do mais, Michael Jackson, um dos mais populares artistas daquele momento, incorporou o *break* a um de seus maiores sucessos: a música Thriller.

O *b-boy* Nelson Triunfo está na semente que germinou o *hip hop* no Brasil, ao lado de tantos outros jovens, como Thaíde, DJ Hum e Marcelinho Back Spin. Esses jovens se reuniam na Galeria da Av. 24 de Maio e também nas escadarias do Teatro Municipal. Nelsão, como era mais conhecido, dançava *break* nas escadarias do Teatro Municipal. Ali passaram a ocorrer disputas de *break* e depois o *rap*, que depois foram para a estação São Bento e Praça Roosevelt. Por seu turno, a escolha da Av. 24 de Maio não se deu por acaso. Segundo o pesquisador Benjamin de Paula,

⁸⁴ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 421.

⁸⁵ Ibid., Posição 446.

Um dos principais fatores que determinou essa localização dos primeiros praticantes do *break* foi o fato de ali perto estar situada a “Galeria 24 de Maio” que, desde as décadas de 1960 e 1970, sempre foi um importante espaço de sociabilidade dos afro-brasileiros. Ali se encontravam os últimos lançamentos (inclusive importados) dos grandes expoentes da *black music*, as roupas mais “transadas” para os bailes *blacks* de São Paulo, os salões de beleza e cabeleireiros especializados nas modas mais “badaladas” do mundo *black*; enfim, a galeria se consolidou como o principal ponto de encontro da juventude negra da capital paulistana.⁸⁶

Bem no centro da maior megalópole brasileira, a juventude periférica começou a se reunir para compartilhar uma nova cultura. Influenciados por filmes como *A loucura do ritmo*, jovens de diversas regiões da cidade de São Paulo, vestindo roupas esportivas das marcas que viam nos filmes, colocavam pilhas em seus aparelhos de som portáteis e se deslocavam para disputas de *break* no centro da cidade. Nelson Triunfo fundou naquele momento o grupo de b-boys Funk Cia, que se apresentava na escadaria do Municipal, chamando a atenção de outros jovens que trabalhavam por ali como *office boy*. O movimento começou a ganhar adeptos, e frequentemente a polícia também desmanchava as rodas de *break*, demonstrando que desde o início que a criminalização da cultura *hip hop* é a regra. Foi quando então em 1985 os b-boys passaram a se reunir na estação São Bento, que além de possuir um amplo pátio, também possuía piso mais liso e adequado para as manobras de *break*.⁸⁷

Ou seja, diferentemente do que aconteceu no Bronx, com as *Block Parties*, no Brasil foi o *break* que conquistou as mentes e corações da juventude periférica, no movimento que irradiava a partir do centro para a periferia:

[...] o hip hop não chegou ao Brasil por meio do rap, mas pela *break dance* realizadas nos bailes organizadas pelas equipes de som. Na capital do Estado mais rico da federação, os frequentadores dos bailes passaram a ocupar as praças públicas que serviram de palco para encontros e apresentações das equipes de *break*, que fora progressivamente se formando. Espaços centrais da capital como a rua 24 de Maio foram estratégicos para as apresentações, pois favoreciam o acesso entre os praticantes (muitos deles *office-boys* que aproveitavam o horário do almoço), mas também pela proximidade com lojas que vendiam luvas e lantejoulas, acessórios usados para a prática do *break*. Com isso, o centro da capital paulista, especialmente as praças, foram

⁸⁶ PAULA, Benjamin Xavier de. O movimento hip hop e a construção da identidade negra/juvenil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s.l.], v. 2, n. 5, p. 63-73, out. 2011. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/339>>. Acesso em: 05 jul. 2018. p. 67.

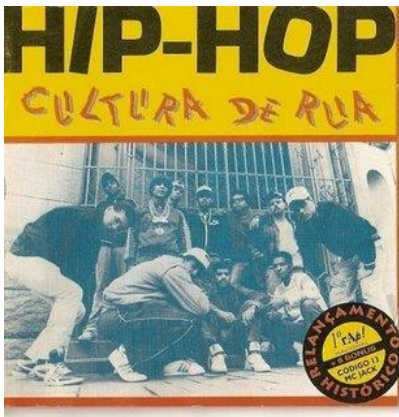
⁸⁷ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. 1. ed. Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 473.

os primeiros espaços de sociabilidade entre os que iniciavam as práticas em torno dos elementos da cultura hip hop.⁸⁸

Com efeito, foi na estação São Bento que Brown e Blue (então B.B. Boys) conheceram KL Jay e Edi Rock (então KL Night e Edi Night). A estação São Bento, além de ser o local escolhido para as disputas de *break*, se transformou também num grande centro de difusão da cultura *hip hop*. Lá, o cantor Nasi, do grupo Ira!, conheceu Thaíde e DJ Hum, o que resultou numa frutífera parceria. Após o encontro, “esses novos aliados articularam a produção de uma minissérie na TV Cultura, *Lucy Puma*, com a participação de vários b-boys e b-girls das gangues Back Spin e Nação Zulu”,⁸⁹ o que foi bastante importante para a difusão da cultura *hip hop* no Brasil. Agora que o *break* brasileiro já estava na TV, o passo seguinte seria a gravação do primeiro disco de *rap* brasileiro, o que aconteceria pouco tempo depois.

Nesse primeiro momento, nas periferias paulistanas o *rap* era chamado de “*funk* falado”, e há registros de que a primeira apresentação de *rap* teria ocorrido em 1986, no Teatro Mambembe, em São Paulo, pelo DJ Théo Werneck.⁹⁰ Mas o *rap* entrou em cena mesmo em 1988, quando a gravadora Eldorado decidiu lançar o primeiro disco de *rap* brasileiro, a coletânea *Hip hop cultura de rua*. Com *raps* de b-boys e b-girls da São Bento, o disco foi um verdadeiro sucesso, alcançado mais de 30 mil cópias vendidas.

Tabela 2: Imagem de capa e faixas do álbum *Hip-hop cultura de rua*.

 Coletânea: Hip-hop cultura de rua, 1988	Faixa 1. Corpo fechado – Thaíde & DJ Hum. Faixa 2. Código 13 – Código 13. Faixa 3. Centro da Cidade – MC Jack. Faixa 4. O Credo – O Credo. Faixa 5. Deus, a Visão Cega – O Credo. Faixa 6. Homens da Lei – Thaís & DJ Hum. Faixa 7. Gritos e Silêncio – Código 13. Faixa 8. Calafrio – MC Jack Faixa 9. A minha Banana – MC Jack Faixa 10. Vício – MC Jack Faixa 11. Cidade Maldita – MC Jack
--	--

⁸⁸ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem:** trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 62 e 63.

⁸⁹ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som:** as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 505.

⁹⁰ RIGHTI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia.** Construção identitária do negro no imaginário do RAP Brasileiro. 2011. 505f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. p. 63.

	Faixa 12. Loucura – Código 13 Faixa 13. Teu negócio é Grana – Código 13. Faixa 14. A garota da Casa – Código 13.
--	--

O *rap*, que ainda era secundário nas rodas de *break*, era então chamado de “tagarela”, em razão do canto falado de improviso. Contudo, como alguns *rappers* não dançavam *break* e queriam ter um espaço próprio, houve um deslocamento dos MCs, que fincaram seu território na Praça Roosevelt. Mas a estação São Bento continuava sendo o grande centro da cultura *hip hop*.⁹¹

Também foi na São Bento que Otávio e Gustavo Pandolfo tiveram seus primeiros contatos com a cultura *hip hop*, dançando *break* e grafitando.⁹² Mano Brown relata, ainda, que os irmãos Pandolfo também improvisavam algumas rimas de *rap*.⁹³ Hoje conhecidos como Os Gêmeos, a dupla se dedica ao *graffiti*, possuindo murais espalhados por São Paulo⁹⁴ e pelo mundo, inclusive com colaborações de outros grafiteiros de renome, como Banksy, por exemplo. O reconhecimento das obras dos Gêmeos é mundial, tendo recebido exposições em museus dos EUA, Alemanha, Chile, Argentina, Inglaterra, Japão, dentre outros.

De mais a mais, à exemplo do que aconteceu nos EUA com a formação das *crews*, no final dos anos 80 formaram-se no Brasil as denominadas “posses”, que constituem “coletivos de reivindicação e organização do movimento *hip hop*. As posses atuam em torno de atividades artístico-sociais e tem como principal objetivo fortalecer a militância do movimento *hip hop* nos bairros das periferias.”⁹⁵ De acordo com Benjamin Xavier de Paula, as posses são “unidades de organização autônoma dos adeptos do *hip hop* que se reúnem para estudar a cultura afro-brasileira e outros problemas que afligem os jovens da periferia, como drogas, gravidez, desemprego, violência, entre outros temas.”⁹⁶ O Movimento Hip Hop Organizado (MH2O) foi a primeira posse brasileira, fundada em 1989 por iniciativa de Milton

⁹¹ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem:** trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 66.

⁹² RIGHTI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia.** Construção identitária do negro no imaginário do RAP Brasileiro. 2011. 505f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. p.62.

⁹³ O RAP pelo Rap. (Documentário). Direção: Pedro Fávero. Produção Fitaria Filmes. [S.l., 2016]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc&t=2048s>>. Acesso em: 15 jun. 2017. 18 min em diante.

⁹⁴ Muito embora o prefeito João Dória tenha apagado alguns desses *graffitis*, os Gêmeos continuam produzindo sua arte na capital paulista.

⁹⁵ SILVA, Rogério de Souza, op. cit., p. 71.

⁹⁶ PAULA, Benjamin Xavier de. O movimento *hip hop* e a construção da identidade negra/juvenil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [s.l.], v. 2, n. 5, p. 63-73, out. 2011. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/339>>. Acesso em: 05 jul. 2018. p. 69.

Salles – produtor dos Racionais MCs. Atualmente existem diversas outras posses em atividade no Brasil, tais como Cooperifa, 1DaSul, Cufa e Sindicato Negro.⁹⁷ Segundo Ana Carolina de Araújo,

As posses surgem como uma forma de organização, típica desse movimento, que consiste numa articulação de grupos dentro dos quatro eixos (*rap*, *break*, grafite e DJ), com a perspectiva de uma ação mais organizada. Em geral, as posses buscam potencializar a ação artística dos grupos, procurando espaços para sua veiculação e produção, mas também se propõe a desenvolver atividades de caráter comunitário e político.⁹⁸

Com a fundação das posses o *hip hop* deixa de ser apenas uma cultura para ser uma cultura e(m) movimento. Para os jovens, frequentar esses espaços significava poder ter contato com as raízes da cultura africana, além de discutir temas relevantes que afetavam diretamente suas vidas. Soma-se o fato de que era ali uma das únicas opções de lazer para a juventude periférica. Nas posses, se apreendia novas formas de expressão através de uma arte própria constituída por música, poesia, pintura e dança. Era nas posses que o *conhecimento* defendido por Bambaataa se articulava, e foi através das posses que a cultura *hip hop* brasileira fincou suas raízes. Não havia nada parecido com isso nas periferias brasileiras naquele momento de ressaca da ditadura militar. Devidamente articulado, o *hip hop* começou a se difundir por todo o Brasil.

Confundindo-se com a história de surgimento do próprio *hip hop*, os quatro integrantes dos Racionais MC's estavam, desde o começo, imersos naquele novo universo que se formava a partir da estação São Bento. Compartilhando aquele fenômeno urbano e cultural, os Racionais MC's se tornariam o grupo de *rap* de maior sucesso no Brasil, tendo vendido mais de 1 milhão de cópias.

2.4. A Trajetória dos Racionais MC's: 30 anos de estrada

A origem do grupo remonta as disputas entre b-boys na estação São Bento, conforme afirmado anteriormente. O grupo foi formado por dois lados complementares: o lado norte e o lado sul. Do lado sul, temos os até então b-boys AC Brown (Antes do Capão

⁹⁷ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 225.

⁹⁸ ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva**. 2013. 252f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. p. 59.

Brown) e DC Blue (Depois do Capão Blue), chamados B.B.Boys (*Black Bad Boys*).⁹⁹ A dupla formada pelos primos morava no extremo sul da cidade de São Paulo, no Capão Redondo. Além dos laços afetivos, os primos partilhavam a predileção por James Brown – que serviu de inspiração para o nome artístico de Mano Brown – e Marvin Gaye, bem como tantos outros nomes da *black music* da década de 80. Os então b-boys se encontravam para dançar *break* na estação São Bento – berço do *hip hop* paulistano. Foi ali que os dois primos conheceram o lado norte do grupo. O DJ KLJay, morador do Tucuruvi, e o também DJ e MC Edi Rock, de Jaçanã, que já faziam *rap*. Ao menos naquele momento, o lado norte do grupo estava um passo à frente no desenvolvimento musical.

O grupo Racionais MCs foi formado em 1988. O nome do grupo foi inspirado no álbum *Tim Maia Racional vol. 1*,¹⁰⁰ lançado em 1975, e que propagava o ideal da “cultura racional.”¹⁰¹ O produtor Milton Salles foi quem fez a ponte que uniu as duas duplas dos lados sul e norte de São Paulo. Milton Salles foi quem, num primeiro momento, idealizou o grupo e os manteve afastado das mídias tradicionais, como a rede Globo, por exemplo. O produtor procurou internalizar o *hip hop* no Brasil de forma engajada, articulando os quatro elementos como um movimento social, bem na linha do que propunha o DJ Afrika Bambaataa.¹⁰² Ainda que esse não tenha sido seu objetivo, a ausência midiática do grupo também contribuiu, em alguma medida, para seu sucesso. Mesmo fora da mídia *mainstream* (Globo, Veja, SBT, Record, Band, Folha, Época, etc.), o grupo conseguiu vender aproximadamente 1,5 milhão de cópias, sem considerar o mercado informal de vendas.¹⁰³ Segundo Volnei Righi, “o Racionais também conquistou o reconhecimento do público pelo mito criado a partir da sua ausência dos meios de comunicação mais populares, suscitando ainda mais a curiosidade e as investidas midiáticas para conhecê-los e desvendar seus segredos.”¹⁰⁴

⁹⁹ CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: **Simpósio Internacional do Adolescente**, 1, 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100010&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 17 jun. 2017.

¹⁰⁰ Nesse sentido, conferir: TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. 1. ed. Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 958.

¹⁰¹ Filosofia pregada pela coleção o *Universo em Desencanto*, de autoria de Manoel Jacintho Coelho. Mais adiante em sua carreira, Tim Maia rompe com seu mentor e abandona a doutrina da cultura racional.

¹⁰² RIGHTI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia**. Construção identitária do negro no imaginário do RAP Brasileiro. 2011. 505f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. p. 83-84.

¹⁰³ ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva**. 2013. 252f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. p. 71.

¹⁰⁴ RIGHTI, Volnei José, op. cit., p. 85.

A estreia dos Racionais veio com a primeira coletânea de *rap* lançada no Brasil, o álbum *Consciência Black vol. 1*, da produtora independente Zimbabwe.¹⁰⁵ O título do álbum já demonstrava o engajamento na raiz do movimento *hip hop* brasileiro. No entanto, como cada grupo só podia lançar uma faixa na coletânea, a solução encontrada foi as duas duplas lançarem separadamente suas respectivas faixas, e assim terem duas músicas lançadas. Edi Rock e KL Jay lançaram a faixa *Beco sem saída*. Mano Brown e Ice Blue lançaram a faixa *Pânico na Zona Sul*. Dois anos depois o grupo lança o primeiro álbum de estúdio dos Racionais, chamado *Holocausto Urbano*, contendo as duas músicas anteriormente lançadas na coletânea *Consciência Black* e mais quatro faixas inéditas.

Mais uma vez, o título do álbum já aponta a direção das letras que ali seriam ouvidas. Holocausto é claramente uma alusão ao genocídio cometido durante a segunda guerra mundial. Em *Pânico na Zona Sul* os Racionais denunciam o extermínio da juventude periférica pelos “pé de pato”:

Justiceiros são chamados por eles mesmos
Matam humilham e dão tiros a esmo
E a polícia não demonstra sequer vontade
De resolver ou apurar a verdade
Pois simplesmente é conveniente
E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes
E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
Continua-se o pânico na Zona Sul.¹⁰⁶

Embora em 1990 o Brasil vivesse o mito da conciliação nacional em torno da redemocratização promovida pela constituinte de 1988, o mundo era diferente “da ponte pra lá”. A letra de *Tempos difíceis* escancara essa desconexão entre discurso e prática no Brasil, expondo as feridas periféricas da sociedade brasileira:

Eu vou dizer porque o mundo é assim.
Poderia ser melhor mas ele é tão ruim.
Tempos difíceis, está difícil viver.
Procuramos um motivo vivo, mas ninguém sabe dizer.
Milhões de pessoas boas morrem de fome.
E o culpado, condenado disto é o próprio homem.
O domínio está em mão de poderosos, mentirosos.
Que não querem saber.
Porcos, nos querem todos mortos.
Pessoas trabalham o mês inteiro.

¹⁰⁵ A Zimbabwe, ao lado da Chic Show, foram os principais selos da cena independente da *black music* paulistana. Além da produção, os dois selos promoviam shows, rádios comunitárias e diversos bailes.

¹⁰⁶ Gíria para matador de bandidos, justiceiro, grupo de extermínio.

Se cansam, se esgotam, por pouco dinheiro.
 Enquanto tantos outros nada trabalham.
 Só atrapalham e ainda falam.
 Que as coisas melhoraram.
 Ao invés de fazerem algo necessário.
 Ao contrário, iludem, enganam otários.
 Prometem 100%, prometem mentindo, fingindo, traindo.
 E na verdade, de nós estão rindo.¹⁰⁷

O sucesso de *Holocausto Urbano* começava a consolidar os Racionais MC's. Foi então que o Public Enemy veio ao Brasil. Em show histórico realizado no Ibirapuera, os Racionais invadiram o palco e cantaram ao lado de seus ídolos, forjando a abertura do maior grupo de *rap* do mundo naquele momento. Inevitavelmente, por compartilharem o estilo *gangsta*, as mídias começam a comparar os Racionais ao Public Enemy, catapultando ainda mais a popularidade do grupo brasileiro.

Diante da curva de ascensão, em 1992 a secretária de cultura da prefeita Luíza Erundina, a filósofa Marilena Chauí, convida os Racionais MCs para participarem de um projeto educativo intitulado *RAP...ensando*. O projeto teve enorme repercussão, principalmente porque além de trazer a arte para dentro da escola, passou também a discutir temas como violência policial, racismo, pobreza, tráfico de drogas, assassinato, enfim, tudo aquilo que atingia diretamente a vida da juventude periférica.¹⁰⁸

Ainda no final de 1992, o grupo lança o álbum *Escolha seu caminho*, contendo as faixas Voz Ativa e Negro Limitado. Mais uma vez os Racionais confirmavam seu potencial contestatório e engajamento na luta contra o racismo. Cada vez mais consolidado na cena independente, em 1993 o grupo participou do projeto “Música Negra em Ação”, realizado no Teatro das Nações, que contou com a presença de diversos outros artistas militantes do movimento negro, dentre eles destaca-se Thaíde e DJ Hum.¹⁰⁹

O lançamento de *Raio X Brasil*, terceiro álbum do grupo, foi que de fato colocou os Racionais no cenário nacional do *rap*. O álbum com mais de 40 minutos, contava com dois lados, cada um com quatro músicas. A introdução é feita por Edi Rock, que já adianta que está “usando e abusando da liberdade de expressão, um dos poucos direitos que um jovem negro ainda tem nesse país”. O álbum conta com hits que fazem sucesso até hoje, como Fim de Semana no Parque, Mano na Porta do Bar e Homem na Estrada. Aliás, em 2007, valendo-

¹⁰⁷ RACIONAIS MC'S. *Holocausto urbano*. São Paulo: Zimbabwe, 1990. 1 CD (29 min).

¹⁰⁸ CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: **Simpósio Internacional do Adolescente**, 1, 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100010&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 17 jun. 2017.

¹⁰⁹ Ibid.

se dos subsídios sociológicos constantes das letras dos Racionais, o então senador Eduardo Suplicy, como forma de protesto, cantou o Homem na Estrada na Comissão de Constituição e Justiça do Senado após ter sido aprovada por 12 votos a 10 uma proposta de redução da maioria penal.¹¹⁰ O lançamento desse álbum foi feito na quadra da escola Águias de Ouro e contou com a presença de mais de 10 mil pessoas.¹¹¹

Em 1994 acontece um incidente policial em que os Racionais são presos ainda no palco, no festival *Rap no vale*, no Anhangabaú. Isso tudo sob a alegação da polícia militar de que “as letras das músicas do grupo ‘incitam a violência’. A detenção ocorreu enquanto o Racionais cantava ‘Homem na estrada’, que traz o verso: não acredito na polícia, raça do caralho.”¹¹² Aliás, diferente do que muitos pensam, nenhum dos integrantes dos Racionais foi condenado e preso pela prática de crime, sendo o incidente do Anhangabaú o único episódio policial envolvendo os *rappers* paulistanos.

Até esse momento temos uma primeira fase dos Racionais. Os três primeiros álbuns dos Racionais marcam um período bastante importante, tanto para o *rap* nacional quanto para o país. Sob esse período Ricardo Teperman destaca que tais álbuns compõem a primeira fase do quarteto paulistano, e que teve um forte impacto nas periferias brasileiras:

Os três primeiros discos do Racionais (Holocausto urbano, de 1990, Escolha seu caminho, de 1992, e Raio X do Brasil, de 1993) foram produzidos, lançados e distribuídos pelo selo Zimbabwe, de William Santiago, fundador da equipe de baile de mesmo nome. Por meio de intensa divulgação nas dezenas de rádios comunitárias da periferia e de centenas de apresentações em clubes, casas de show e vários tipos de palcos improvisados nas “quebradas”, o Racionais causou um impacto difícil de dimensionar na juventude das favelas e periferias do Brasil.¹¹³

No mesmo sentido, Volei Righi divide a discografia dos Racionais em dois grandes momentos. Um primeiro momento, com o selo Zimbabwe, em que foram lançados quatro discos num curto espaço de tempo: *Holocausto Urbano* (1990), *Escolha seu Caminho* (1992), *Raio X Brasil* (1993) e *Racionais MC's* (1994). O segundo momento se inicia em

¹¹⁰ G1 Notícias. **Interpretação de Suplicy arranca gargalhadas.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL27911-5601,00-INTERPRETACAO+DE+SUPPLY+ARRANCA+GARGALHADAS.html>>. Acesso em: 15 jun. 2017. Com efeito, até hoje o referido PL tramita no Congresso Nacional.

¹¹¹ CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: **Simpósio Internacional do Adolescente**, 1, 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100010&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 17 jun. 2017.

¹¹² TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. 1. ed. Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 1016.

¹¹³ Ibid.

1995, momento em que o grupo rompe com a Zimbabwe e lança seu próprio selo, o Cosa Nostra. Sem ter que atender as necessidades mercadológicas, o grupo amplia o tempo de produção de cada álbum. Além disso, as capas dos álbuns deixam um pouco de lado o estereótipo *gangsta* e passam a ser mais artísticas e conceituais.¹¹⁴ Poderíamos mencionar, ainda, um terceiro período, após a criação do selo *Boogie Naípe*, conforme se verá abaixo.

O primeiro álbum produzido e lançado pelo selo Cosa Nostra foi o aclamado *Sobrevivendo no Inferno* (1997), tendo vendido mais de 1 milhão de cópias apenas no mercado formal. Contier afirma que:

Com esse CD, o Racionais MC 's tornaram-se conhecidos e admirados em todo o Brasil. As faixas desse disco eram tocadas em praticamente todas as emissoras de rádio do país atingindo um público que envolvia todas as classes sociais. A partir desse momento, o diálogo entre as culturas dominantes e dominadas intensificou-se com a consolidação do rap como um gênero musical que saia dos guetos sociais originais.¹¹⁵

Foi nesse momento que o grupo começou a aparecer um pouco mais na mídia tradicional, ainda que continuasse refratário a ela. As músicas de *Sobrevivendo no Inferno* começaram a tocar nas rádios e programas televisivos a pedido do público. Segundo Henrique Takahashi, a partir de *Sobrevivendo no Inferno* “o público ouvinte do grupo foi ampliado, o que antes estava restrito às periferias urbanas, atingia agora também a cama das classes média e alta.”¹¹⁶

Em 1998 o grupo gravou o clipe da música *Diário de um Detento*, que no ano seguinte venceu a premiação de “melhor clipe de rap” e recebeu o prêmio “escolha da audiência” no VMB da MTV Brasil. *Sobrevivendo no Inferno*, inclusive, aparece na 14ª posição entre os 100 melhores álbuns da música Brasileira, segunda a Revista Rolling Stone

¹¹⁴ RIGHTI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia**. Construção identitária do negro no imaginário do RAP Brasileiro. 2011. 505f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. p. 93.

¹¹⁵ CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: **Simpósio Internacional do Adolescente**, 1, 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100010&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 17 jun. 2017.

¹¹⁶ TAKAHASHI, Henrique Yagui. **EvangELHO segundo Racionais MC'S**: ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais nas narrativas do rap. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. p. 18.

Brasil.¹¹⁷ Sobre a importância desse álbum, Flow MC, do Afrika Kids Crews, afirma que: “Sobrevivendo no Inferno é um manual para negros”,¹¹⁸ tamanha a importância do disco.

Um dos principais méritos de *Sobrevivendo no Inferno* foi levar um pouco mais de autovalorização à juventude periférica, e mais uma vez, denunciar uma sociedade falida e cega. O álbum foi feito na periferia e para periferia. Há uma ritualização na forma em que o disco é apresentado. Logo na primeira faixa se inicia um pedido proteção à São Jorge, que tem como correspondente o orixá Ogum (deus da guerra) nas religiões de matriz africana. O final do álbum termina com um “salve”, que é um cumprimento comum dentro do sistema penitenciário – que na década de 90 passava por um crescimento vertiginoso. “Capítulo 4, Versículo 3” é referência ao quarto álbum do grupo e a terceira música do disco, profetizando a ressurreição da “fúria negra” – que, em alguma medida, se concretizou com o expressivo sucesso do disco.

Com suas músicas, os Racionais deram a chance aos jovens da periferia de se identificarem e se inspirarem em alguém como eles. Não por acaso na capa do disco está escrita a frase “apoiados por mais de 50 mil manos”. Aliás, essa frase também é uma referência álbum do Public Enemy “*It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back*”. Ser “um preto tipo A”, mesmo “contrariando todas as estatísticas” numa megalópole como São Paulo onde “Deus é uma nota de cem” é realmente deve inspirar multidões. Além disso, as denúncias sociais contidas no álbum, como a narrativa do massacre do Carandiru cantado em Diário de um Detento, fez com que muitas ouvintes se identificassem, na medida em que o massacre do sistema prisional os afeta direta ou indiretamente todos os dias. Isso reforça, mais uma vez, que para os Racionais “rap é compromisso”, como diria Sabotage. O conhecimento de que falava Bambaataa também está na obra dos Racionais. Com efeito, a denúncia do massacre do Carandiru é imagética:

Ratatatá! sangue jorra como água.
Do ouvido, da boca e nariz.
O Senhor é meu pastor...
perdoe o que seu filho fez.
Morreu de bruços no salmo 23,
sem padre, sem repórter.
sem arma, sem socorro.
Vai pegar Hiv na boca do cachorro.

¹¹⁷ ROLLING STONE. **100 Maiores Discos da Música Brasileira**. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/listas/os-100-maiores-discos-da-musica-brasileira/biacabou-chorarei-novos-baianos-1972-som-livreb/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

¹¹⁸ O RAP pelo Rap. (Documentário). Direção: Pedro Fávoro. Produção Fitaria Filmes. [S.l., 2016]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc&t=2048s>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Cadáveres no poço, no pátio interno.
 Adolf Hitler sorri no inferno!
 O Robocop do governo é frio, não sente pena.
 Só ódio e ri como a hiena.
 Rátátátá, Fleury e sua gangue
 vão nadar numa piscina de sangue.
 Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
 Dia 3 de outubro, diário de um detento.¹¹⁹

A letra de Diário de um Detento foi escrita em conjunto com Jocenir, então preso no Pavilhão 8. Brown recebeu o rascunho da letra em um dia de visita no Carandiru. Um ano depois a música era sucesso em todas as rádios. E muito do sucesso de *Sobrevivendo no Inferno* costuma ser atribuído ao fato de trazer à luz, da forma mais visceral possível, as principais mazelas sociais que a juventude periférica enfrentava. Mas quando perguntado sobre isso, em entrevista, Brown responde dizendo que:

Eles não vê porque eles tava cego. Tava na cara deles. Eles não encontrava com os moleque no farol? Eles já não tinha visto assalto? Eles já não tinha visto as favelas multiplicando na cidade? Eles não acompanha o noticiário? Eles não vê o cara que trabalha nele tirando a sujeira dele? Eles não vê? Tá cego?! Como é que você ignora a pessoa que tá na sua casa, cheia de problema, triste, cabeça baixa, e você não percebe? Uma puta rebelião morrendo gente pra caralho... Vocês tão aonde, parceiro? Na França, moro? Aí quando o Racionais vem falando o óbvio... “nossa, os cara é foda...” Foda o quê? Eu sou semianalfabeto. Eu só falei óbvio. Puta país racista do caralho. Nós só falamos o óbvio.¹²⁰

Ainda no auge de *Sobrevivendo no Inferno*, os Racionais resolveram parar por um tempo. O próximo álbum só viria em 2002. *Nada como um dia após o outro dia* é o maior álbum do grupo, com mais de 20 músicas lançadas, contando com vários hits de sucesso. É nesse álbum que são lançadas Vida Loka, Negro Drama, Eu sou 157 e A vida é desafio. Sempre exaltando a cultura negra, denunciando abusos policiais e as iniquidades pelas quais passavam, os Racionais entregaram um álbum consistente e esteticamente coerente.

Com *Nada como um dia após o outro dia* se fecha o segundo ciclo iniciado em 1995 com o nascimento do selo Cosa Nostra. O próximo álbum de estúdio só seria lançado 12 anos depois, agora produzido pelo novo selo do grupo, o *Boogie Naípe*¹²¹. Durante esse hiato, muitas coisas mudaram no país. A ascensão do governo de esquerda e o amadurecimento dos Racionais afetaram inegavelmente sua arte. Tanto que o *Cores e Valores* tem uma estética

¹¹⁹ RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1998. 1 CD (71 min).

¹²⁰ RACIONAIS MC's. (Entrevista). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W0KAz4oSMYg>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

¹²¹ Desconsiderando-se o vazamento do álbum “Tá na Chuva”, em 2009, que só circulou na internet.

bastante diferente dos outros, sendo um álbum bem mais curto, com faixas de até 30 segundos.

Muito embora os Racionais não tenham lançado álbuns de estúdio durante esse período, os *rappers* paulistanos não abandonaram a música. Em 2013, por exemplo, Edi Rock lançou seu álbum solo intitulado *Contra nós ninguém será*. O DJ KL Jay também lançou dois álbuns solos: *KL Jay na Batida – Vol. III*, em 2003 e *Fita Mixada Rotação 33*, em 2008. O álbum *Tá na chuva* (2009) antecipou diversos singles que apareceriam depois em *Cores e Valores* e também no álbum solo de Brown. Completando agora 30 anos de estrado, os *rappers* sempre continuaram fazendo shows por todo o Brasil, além de terem produzidos diversos outros artistas, bem como terem lançado álbuns solos de Edi Rock, KL Jay e mais recentemente de Mano Brown. Há previsão, ainda, do lançamento do segundo volume de *Cores e Valores*, contudo, sem data certa para tanto.

2.5. Mano Brown: um Intelectual Orgânico e/ou Específico

Primeiramente, cumpre esclarecer que dentre os quatro membros do grupo Racionais MC's, Mano Brown, inegavelmente, assume um papel de liderança. Muito embora o *rapper* divida muito bem a autoria das letras com Edi Rock, Mano Brown assume uma posição de destaque dentro do grupo. Isso atrai uma atenção especial sobre sua figura. Afinal, quem é Mano Brown e como conquistou esse espaço de reconhecimento que vai desde a periferia até as teses acadêmicas?

Pedro Paulo Soares Pereira nasceu em 22 de abril de 1970. Na década de 90 ficaria conhecido no Brasil inteiro, ainda jovem, como Mano Brown, o líder do grupo de *rap* Racionais MCs. Nascido e criado no Capão Redondo, Brown é filho de pai italiano, mas que nunca conheceu. O pai o abandonou quando sua mãe ainda estava grávida, assim como narrado numa das músicas de maior sucesso do grupo, Negro Drama: “Daria um filme / Uma negra e uma criança nos braços / Solitária na floresta de concreto e aço”. Negro drama é um hit dos Racionais. Talvez porque sua narrativa contemple a vida de milhões de moradores da periferia, que assim como Brown, além de sofrerem o racismo na pele, muitas das vezes não tiveram presentes a figura paterna.

Sua mãe, Dona Ana, é personagem exaltada em letras dos Racionais, pois trabalhou a vida inteira como doméstica para criar sozinha seu filho numa das maiores periferias do Brasil. Tendo estudado até a antiga oitava série num colégio adventista do Capão

– onde era bolsista –, Brown relata que abandonou o colegial porque não conseguia aprender, fato que ele atribui à falta de alimentação adequada durante sua infância¹²². De outro lado, a figura de Isac Santa Rita, pai-de santo que algumas vezes não cobrava o aluguel de dona Ana, complementava a noção de família para Brown. Em suas palavras, Isac era “o homem de barba que beijávamos no rosto.”¹²³ Além de seu Isac e Dona Ana, seu primo Paulo Eduardo Salvador, o futuro Ice Blue, também fez parte da infância de Brown.

Como se nota, a figura materna, portanto, teve papel central na vida do *rapper* – assim como na maioria daqueles nascidos e criados nas periferias, que, na maioria das vezes, compartilhavam da ausência da figura do pai. Na letra de “Da ponte pra cá”, por exemplo, Brown exalta sua “coroa”, desejando que ela seja tratada como uma verdadeira rainha de ébano: “Ver minha coroa onde eu sempre quis pôr / De turbante, chofer, uma madame nagô”. Em Negro Drama, mais uma vez, Brown agradece sua mãe por ter vivido e superado as dificuldades impostas pela cor da pele: “Eu sou fruto do negro drama / Aí dona Ana, sem palavra, a senhora é uma rainha, rainha”.

Mesmo assim, contraditoriamente, o *rap* sofre a pecha de ser machista.¹²⁴ Não sem razão. O respeito dispendido às mães não é o mesmo para outras mulheres. No caso dos Racionais a misoginia está exposta em letras como “Mulher elétrica”, “Estilo cachorro” e “Jesus Chorou”. Eliane Dias, esposa de Brown, afirmou que ele já a proibiu de ir a uma viagem pelo simples fato de ser mulher.¹²⁵ De todo modo, vale ressaltar que diversas *rappers* feministas tem ocupado a cena da Nova Geração, como as MCs Karol Konka, Lívica Cruz e a dupla Issa Paz e Sara Donato, do *Rap Plus Size*, por exemplo. As *minas* têm conquistado seu espaço no *rap*. Em entrevista à Revista *Trip* o próprio Brown reconhece o machismo arraigado em si, mas afirma que tem aprendido muito com as mulheres.¹²⁶

Outra figura marcante na vida de Brown – e dos Racionais MC’s, como já adiantado – foi Milton Sales. Em entrevista à MTV, Brown afirma que foi um dos grandes responsáveis pelo Racionais MC’s. É quase impossível falar em Racionais MC’s sem falar da

¹²² ROLLING STONE. **Racionais MC’s remontando a carreira de 30 anos**. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/assista-rationais-mcs-remontando-carreira-30-anos-rara-entrevista-2h/#imagem0>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

¹²³ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 101.

¹²⁴ Não por acaso que a análise pretendida das letras desconsidera as identidades desviantes assumidas por mulheres, o que limita a compreensão de tais identidades a partir de uma perspectiva de gênero.

¹²⁵ MARIA CLAIRE. **Entrevista Eliane Dias**. 8 de março de 2017. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/03/mano-brown-me-proibiu-de-ir-uma-viagem-pelo-simples-fato-de-ser-mulher-diz-eliane-dias-mulher-do-rapper.html>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

¹²⁶ TRIP. **Mano Brown estrategista, armado e romântico**. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/entrevista-mano-brown-disco-boggie-naipe-rationais-mcs>>. Acesso em: 27 de ago. 2017.

importância do produtor Milton Sales: “Sales foi uma espécie de ideólogo e produtor do grupo nos primeiros anos, e o próprio Mano Brown atribui a ele a politização do discurso e da atuação dos integrantes do Racionais.”¹²⁷

Com efeito, Brown sempre se destacou como líder dos Racionais. A liderança, muito embora não declarada, é exercida de maneira bastante natural pelo MC. Para muitos pesquisadores, “se Mano Brown e Edi Rock dividem de maneira equilibrada a autoria das letras, foi o primeiro quem acabou por tomar o lugar de liderança no que diz respeito à imagem do grupo. Mais que isso, Brown ocupa uma centralidade no *rap* que dificilmente encontra igual nos outros gêneros da música.”¹²⁸ E é apenas em razão dessa liderança que escolhemos falar sobre Brown neste espaço e não dos outros integrantes do grupo – que dividem a obra artística de maneira equânime entre si.

Privações na infância é uma das principais marcas da maioria daqueles que compartilham a cultura *hip hop*. Inevitavelmente essa experiência de vida é retratada nas letras. O Capão Redondo é muitas vezes rememorado como lugar em que sempre se quer estar, mas também como um lugar de muitas dificuldades. Mesmo dentro de um contexto de criminalização, diferentemente do que muitos pensam, Brown nunca foi condenado e preso pela prática de crime, possuindo sua ficha de antecedentes criminais limpa, muito embora ele já tenha sido selecionado em abordagens policiais. Contudo, o *rapper* relata que já se envolveu com a criminalidade em alguns momentos de sua vida, até mesmo depois do sucesso dos Racionais. De todo modo, hoje com 40 anos de idade – um *tiozinho*, como diz –, Brown é casado com Eliane Dias – mulher, negra, ativista, defensora dos direitos humanos, advogada e produtora musical –, com quem teve Kaire Jorge e Domenica, e um dos músicos mais reconhecidos e admirados do Brasil.

Com esse perfil, para muito além daquele estereótipo francês de intelectual enquanto alguém erudito, o sociológico Rogério de Souza Silva, partindo de aportes gramsciniano. Isso porque, “o pensador italiano condena o critério que define o intelectual com base naquilo que é intrínseco aos ofícios tidos como intelectuais em contraposição àqueles de natureza manual. Dessa forma, as funções dos intelectuais seriam aquelas relativas à organização da sociedade.”¹²⁹ Nesse sentido, é preciso pensar *novo intelectual*:

¹²⁷ TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. 1. ed. Amazon Kindle Ebook. São Paulo: Claro Enigma, 2016. Posição 959.

¹²⁸ Ibid.

¹²⁹ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem**: trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p.164.

[...] o intelectual contemporâneo não é, necessariamente, um vanguardista, não profetiza em relação ao futuro, não antecipa a história como o fazia o intelectual do princípio do século. É esse novo intelectual, especialmente aquele que nasceu e foi socializado nas periferias das grandes cidades brasileiras que necessitam de estudos e tratamento científico. No caso dos organizadores de cultura ligados ao hip hop, não podem ser enquadrados enquanto —intelectuais precários do tipo francês. No entanto, carregam a mesma inquietação, indisciplina e vontade de intervir na realidade..¹³⁰

Mano Brown, de acordo com a perspectiva gramsciana sustentada por Souza Silva, pode ser entendida como um intelectual orgânico por ser um desses organizadores da cultural que carrega em si a inquietação, indisciplina e vontade de intervir na sua realidade. E não há dúvidas que a expressão do *rap* é uma intervenção estética e urbana que provoca essas inquietações e permite reorganizar os espaços, principalmente a partir da periferia para o centro. É a partir das teorias do reconhecimento, principalmente em Honnet e Nancy Fraser, que Souza e Silva a intelectualidade de Brown, pois “Mano Brown discute nas suas músicas a luta pelo reconhecimento do morador da periferia, isto é, negro, semi-alfabetizado e pobre, para a concretização dos seus direitos enquanto um cidadão pleno.”¹³¹ Essa prática política de Brown o eleva a esse *status* de intelectual orgânico.

No mesmo sentido, Mano Brown também pode ser entendido a partir do *intelectual específico* de Foucault. Em sua *Microfísica do Poder*, Foucault afirma que “esta figura do intelectual ‘específico’ se desenvolveu a partir da Segunda Grande Guerra. Talvez o físico atômico – digamos em uma palavra, ou melhor, com um nome: Oppenheimer – tenha sido quem fez a articulação entre intelectual universal e intelectual específico.”¹³² Foucault supera a ideia daquela intelectual universal, que conduz as massas, erudito e iluminado pelo saber. Contudo, o intelectual específico, com seu saber específico, também é capaz de ter um discurso universal. É exatamente isso que Foucault fala sobre o físico atômico Oppenheimer: “é que a ameaça atômica concernia todo o gênero humano e o destino do mundo, seu discurso podia ser ao mesmo tempo o discurso do universal.”¹³³

Nesse mesmo sentido, podemos localizar o discurso de Brown como um discurso específico de quem está na periferia de São Paulo escrevendo letras de *rap* sobre as injustiças vistas e vividas em seu cotidiano. Mas essa especificidade das letras dos Racionais é capaz de

¹³⁰ SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem**: trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. p. 199.

¹³¹ Ibid., p. 204.

¹³² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 9.

¹³³ Ibid., p. 10.

dialogar com todas as injustiças universais produzidas contra as camadas marginalizadas da sociedade, o que universaliza o discurso e eleva Brown à condição de intelectual específico.

CAPÍTULO 3 – OUVINDO DIREITO (N)O RAP: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO ATOR SITUADO E AS IDENTIDADES DESVIANTE NAS LETRAS DOS RACIONAIS MC’S

“Eu tô aqui com uma nove na mão / Cercado de droga e muita disposição, ladrão / Fui rotulado pela sociedade / Um passo a mais pra ficar na criminalidade / O meu cotidiano é um teste de sobrevivência / Já tô na vida, então, paciência / Pra cadeia não quero, não volto nunca mais / Ae truta, se for pra ser, eu quero é mais!”

O Crime vai e vem – Racionais MC’s

3.1. O Ator Situado e a Construção de Identidades

Antes de adentrar na análise das categorias que foram extraídas do corpo empírico, cabe pontuar algumas questões teóricas que orientaram a análise desenvolvida a seguir. Retomamos aqui alguns paradigmas¹ teóricos que nortearam a busca de significados nas letras dos Racionais MC’s. Com efeito, há uma aproximação bastante significativa entre a criminologia cultural (referencial teórico adotado) – que permite uma abertura metodológica para o estudo do crime, do controle do crime em relação a cultura – com o *paradigma das inter-relações sociais*, na linha desenvolvida por Álvaro Pires,² que trabalha com a questão do *ator situado*, por exemplo. Além disso, também cabe fazer alguns apontamentos quanto a questão da construção de identidades e desempenho de papéis sociais.

O paradigma das *inter-relações sociais* surge como um terceiro paradigma dentro do pensamento criminológico, buscando uma integração³ entre a criminologia tradicional e a nova criminologia, conforme se verá abaixo. De fato, entre a década de 60 e 70 houve uma

¹ Nesse sentido: “A investigação histórica cuidadosa de uma determinada especialidade num determinado momento revela um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias nas suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação. Essas são os paradigmas da comunidade, revelados nos seus manuais, conferências e exercícios de laboratórios. Ao estudá-los e utilizá-los na prática, os membros da comunidade considerada aprendem seu ofício. Não há dúvida de que além disso o historiador descobrirá uma área de penumbra ocupada por realizações cujo *status* ainda está em dúvida, mas habitualmente o núcleo dos problemas resolvidos e das técnicas será claro. Apesar das amigüidades ocasionais, os paradigmas de uma comunidade científica amadurecida podem ser determinados com relativa facilidade.” In: KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 67.

² PIRES, Álvaro. La criminologie et ses objets paradoxaux: réflexions épistémologiques sur un nouveau paradigme. **Déviance et société**, Chêne-Bourg, 1993. v. 17, n. 2. pp. 129-161. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/AsPDF/ds_0378-7931_1993_num_17_2_1298.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2017.

³ Nesse sentido: SÁ, Alvinho Augusto. **Criminologia clínica e execução penal**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 462.

viragem paradigmática na criminologia, sobretudo a partir dos estudos do *labelling approach* e das teorias interacionistas.⁴

Esse novo momento ficou marcado pelo surgimento dos novos estudos criminológicos, agora preocupados em investigar a dinâmica da *reação social* em detrimento das *causas do delito*. Isso porque, num primeiro momento, os estudos da criminologia estavam lastreados numa proposta etiológica de compreensão do fenômeno criminal, que exatamente por isso buscava explicar o porquê de alguém praticar ou deixar de praticar um delito, dividindo e categorizando as pessoas em criminosas e honestas, por exemplo. Segundo Ana Gabriela Mendes Braga, essa criminologia “chamada tradicional ou positivista, tinha como objeto por excelência o homem delinquente e como objetivo principal buscar nesse indivíduo características que explicassem a delinquência.”⁵

Dentro desse paradigma tradicional, destaca-se o pensamento de Lombroso,⁶ Ferri e Garófalo, que no início do século XX deram o pontapé inicial nos estudos criminológicos, com vistas a superar os pressupostos da escola clássica do direito penal por meio de uma ciência que seria causal-explicativa. Por sua vez, a questão da seletividade do sistema de justiça criminal fundou o paradigma da criminologia da reação social. As contribuições do interacionismo simbólico, do *labelling approach*, da etnometodologia, e depois da *crítica de esquerda*, fundaram a criminologia crítica.⁷ Essa criminologia deixa de buscar as causas do delito na pessoa envolvida em situações problemáticas, e volta seus estudos para o sistema de controle a partir de uma perspectiva macrosociológica de inspiração marxista.⁸ Sobre a distinção entre a criminologia tradicional e a criminologia crítica, Baratta afirma que:

⁴ Nesse sentido, conferir: BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal**. Trad. Juarez Cirino dos Santos. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002. p. 85 e 210; ANDRADE, Vera Pereira. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum. **Revista Sequência**, v. 16, n. 30, p. 24-36, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15819>>. Acesso em: 07 jun. 2017. p. 31; BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **A identidade do preso e as leis do cárcere**. 2008. 205f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 9; e BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução crítica à criminologia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2012. p. 65.

⁵ BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **A identidade do preso e as leis do cárcere**. 2008. 205f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 7.

⁶ Lombroso sustentava a tese do criminoso-nato, que seria alguém degenerado, em que o crime decorre de uma regressão atávica, hereditária. Para Lombroso, por exemplo, além de ter tatuagem ser resistente a dor, o delinquente possuiria uma fisionomia composta por: “mandíbulas volumosas, assimetria facial, orelhas desiguais, falta de barba nos homens, fisionomia viril nas mulheres, ângulo facial baixo”. In: LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone Editora, 2007. p. 197.

⁷ Além do que se entende por criminologia crítica, novos estudos criminológicos críticos também se formaram em volta de perspectivas feministas, raciais, queers e culturais, que além de considerar a crítica macrosociológica e superestrutural, trouxeram ao debate da criminologia a perspectiva de minorias específicas.

⁸ BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2011. p. 210-211.

Para a criminologia tradicional o sistema penal existente e a prática oficial são os destinatários e beneficiários de seu saber, em outras palavras, o princípio para o qual é chamada a ser conselheira. Para a criminologia crítica o sistema positivo e a prática oficial são, antes de tudo, o objeto de seu saber. A relação com o sistema é crítica; sua tarefa imediata não é realizar as receitas da política criminal, mas examinar de forma científica a gênese do sistema, sua estrutura, seus mecanismos de seleção, as funções que realmente exerce, seus custos econômicos e sociais, e avaliar, sem preconceitos, o tipo de resposta que está em condições de dar, e que efetivamente dá, aos problemas sociais reais.⁹

Além desses dois paradigmas já bem consolidados, recentemente, mais especificamente a partir do início da década de 90, começa a surgir um novo paradigma de pensamento criminológico. Partindo das lições de Christian Debuyst, Álvaro Pires propõe um terceiro paradigma, dessa vez um paradigma das *inter-relações sociais*.¹⁰ Alvino Augusto de Sá, ao incorporar esse terceiro paradigma criminológico em sua criminologia clínica de terceira geração, afirma que:

O que Pires pretende é buscar uma forma de integração entre os dois paradigmas e propor um terceiro paradigma, que considere a realidade do ato que se tornou crime, mas que também considere toda a complexidade contextual desse ato, incluídas aí a reação social e a definição legal. Ele vai propor o que ele chama de *paradigma das inter-relações sociais*.¹¹

Alvino de Sá ainda destaca o antagonismo que os dois paradigmas consagrados da criminologia costumam apresentar. Tanto o paradigma etiológico quanto o paradigma da reação social, acabam considerando única e exclusivamente a dimensão que lhe é própria. O primeiro, leva em consideração apenas e tão somente o modo de agir. Já o segundo, se debruça única e exclusivamente na definição social.¹² Por sua vez, de acordo com Pires, o paradigma das *inter-relações sociais* articula tanto a questão da reação social, que promove a definição social por meio dos processos de criminalização, mas também considera a reação deste *ator social* face a essas situações problemáticas. Desse modo,

O paradigma da definição social propôs o estudo de dois aspectos do processo de criminalização: a questão da criação e manutenção de leis penais

⁹ BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal**: introdução a sociologia do direito penal. Rio de Janeiro: Revan, 2011. p. 215.

¹⁰ PIRES, Álvaro. La criminologie et ses objets paradoxaux: réflexions épistémologiques sur un nouveau paradigme. **Déviance et société**, Chêne-Bourg, 1993. v. 17, n. 2. pp. 129-161. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/AsPDF/ds_0378-7931_1993_num_17_2_1298.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2017.

¹¹ SÁ, Alvino Augusto. **Criminologia clínica e execução penal**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 441.

¹² Ibid., p. 442.

e a aplicação das leis e suas conseqüências (Baratta, 1975, p. 59, Robert, 1981, pp. 274-276). Debuyst mantém esses dois aspectos, mas propõe articulá-los em torno da noção de "ator social", a fim de integrar a dimensão relativa ao estudo de situações conflitantes (modo de fazer). Ele então identifica "dois níveis": o da transgressão da lei (do conflito) e da própria lei (criação e aplicação). Em suma, o nível da maneira de fazer as coisas e como definir e reagir.¹³

A proposta de um paradigma das *inter-relações sociais* passa a considerar a reação do ator social, isto é, o indivíduo dentro de seu contexto de relações, portanto, um *ator situado* face aos processos de criminalização – o que se conecta fortemente com as inquietações da criminologia cultural, preocupada em investigar o plano da experiência da transgressão. É exatamente nessa direção que caminha Álvaro Pires:

O ser humano, incluindo o ofensor, é aqui um *ator situado*: "na medida em que traz um ponto de vista particular que depende da posição que ocupa no contexto social, que foi seu e os projetos em torno dos quais sua atividade é organizada" (Debuyst, 1990: 26). As pessoas são vistas aqui como tomadas, por assim dizer, em "jogos de poder" e ter que viver "nos relacionamentos com outros dentro ou além desses jogos, processos reconhecimento ou não reconhecimento que parecem essenciais na elaboração da própria identidade" (Debuyst, *ibid.*).¹⁴

A ideia de *ator situado* traz uma relevante contribuição para entender como os Racionais MC's reagem, a partir de suas letras, aos processos de criminalização como um todo, notadamente quanto a estigmatização pela imposição de rótulos criminalizantes (traficante, ladrão, bandido, etc.). Isso porque "é neste contexto complexo de relações que o indivíduo elabora sua identidade, relativizando-se, portanto, sejam as supostas racionalidades e reponsabilidade absolutas, seja o suposto determinismo da conduta."¹⁵ Portanto,

¹³ No original: "Le paradigme de la définition sociale avait proposé l'étude de deux aspects du processus de criminalisation : la question de la création et du maintien des lois pénales et celle de l'application des lois et ses conséquences (Baratta, 1975, p. 59; Robert, 1981, p. 274-276). Debuyst retient ces deux aspects, mais propose de les articuler autour de la notion d'«acteur social» afin d'intégrer la dimension relative à l'étude des situations conflictuelles (manière de faire). Il identifie alors «deux niveaux» : celui de la transgression de la loi (du conflit) et celui de la loi elle-même (création et application). Bref, le niveau de la manière de faire et celui de la manière de définir et de réagir." In: PIRES, Álvaro. La criminologie et ses objets paradoxaux: réflexions épistémologiques sur un nouveau paradigme. *Déviance et société*, Chêne-Bourg, 1993. v. 17, n. 2. pp. 129-161. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/AsPDF/ds_0378-7931_1993_num_17_2_1298.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2017.

¹⁴ No original: "L'être humain, y compris l'infracteur, est ici un acteur situé: «dans la mesure où il est porteur d'un point de vue propre qui dépend de la position qu'il occupe dans le cadre social, de l'histoire qui a été sienne et des projets autour desquels son activité s'organise» (Debuyst, 1990, p. 26). Les personnes sont vues ici comme étant prises, si l'on peut ainsi dire, «dans des jeux de pouvoir» et, ayant à vivre «dans ses relations avec les autres à l'intérieur ou au-delà de ces jeux, des processus de reconnaissance ou de non-reconnaissance qui paraissent essentiels dans l'élaboration de sa propre identité» (Debuyst, *ibid.*)." In: PIRES, Álvaro, op. cit., p. 22.

¹⁵ SÁ, Alvino Augusto. *Criminologia clínica e execução penal*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 442.

compreender como essa experiência pode é expressada nas letras atende aos objetivos específicos deste trabalho.

Dessa maneira, buscar compreender os contextos das inter-relações sociais em que o indivíduo constitui suas identidades pode contribuir sobremaneira para a compreensão da dinâmica da seletividade em uma perspectiva mais ampla – que agora considera o indivíduo como *ator social*, como *ator situado*, com foco na experiência por ele vivenciada. Nesse sentido, Ana Gabriela Mendes Braga destaca o potencial emancipador dessa “terceira via”, na medida em que entender como o indivíduo se relaciona com o sistema em seu meio social pode fortalecê-lo perante essa seletividade, subvertendo a lógica do próprio sistema:

Pois enquanto a criminologia pautada pelo paradigma etiológico se preocupava em estudar o indivíduo e em tentar readequá-lo socialmente, aprisionando-o em uma identidade, e a criminologia pautada pelo paradigma da reação social busca realizar o estudo do sistema denunciando sua seletividade com o objetivo de modificar as relações de classe, mas esquecendo-se da subjetividade; essa “terceira via”, pautada no paradigma das inter-relações sociais, focaria na relação entre os dois (indivíduo e sistema), dando cabo à denúncia do sistema de controle, ao mesmo tempo em que busca compreender a relação do indivíduo com o sistema e com seu meio social, contextualizando as situações problemáticas vivenciadas por esse indivíduo, de forma a fortalecê-lo perante a seletividade do sistema punitivo.¹⁶

Desse modo, partindo de uma perspectiva das inter-relações sociais, é necessário também entender como esses atores situados constituem suas identidades a partir da reação aos processos de criminalização impostos pelo sistema de justiça criminal. Considerar o papel do indivíduo é considerar a possibilidade que ele possui de agenciar,¹⁷ ainda que minimamente, suas próprias identidades, bem como os rótulos que lhes são impostos. Por isso a questão da identidade também é importante para compreensão das letras dos Racionais MC's.

Para manter a coerência do trabalho, partimos de uma concepção de identidade que considera o ser humano enquanto produto e também produtor da (sua) história, isto é,

¹⁶ BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **A identidade do preso e as leis do cárcere**. 2008. 205f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 25.

¹⁷ Por agência, entende-se: “Em termos gerais, a noção de agência atribui ao ator individual a capacidade de processar a experiência social e de delinear formas de enfrentar a vida, mesmo sob as mais extremas formas de coerção. Dentro dos limites da informação, da incerteza e de outras restrições (físicas, normativas ou político-econômicas) existentes, os atores sociais são “detentores de conhecimento” e “capazes”. Eles procuram resolver problemas, aprender como intervir no fluxo de eventos sociais ao seu entorno e monitorar continuamente suas próprias ações, observando como os outros reagem ao seu comportamento e percebendo as várias circunstâncias inesperadas.” LONG, Norman; PLOEG, Jan Douwe van der. **Heterogeneidade, ator e estrutura**: a reconstituição do conceito de estrutura. Disponível em: <navi.ufsc.br/files/2011/09/Sobre-agencia.docx>. Acesso em: 10 ago. 2016.

contextualizado e não fragmentado. A psicologia social já superou desde há muito a dicotomia indivíduo x sociedade. Dessa maneira, a identidade é uma construção social, pois o ambiente além de influenciar, também constitui a formação de identidades. Há uma via de mão dupla entre o sujeito que cria a si próprio e também a outros e outras, bem como a sociedade em que está inserido, ao mesmo tempo que se deixa ser construído por eles.¹⁸

De acordo com psicólogo social Antônio da Costa Ciampa, toda vez que alguém nos pergunta “Quem é você?” ou quando nós mesmos nos perguntamos “Quem sou eu?”, podemos dizer que estamos investigando nossas identidades.¹⁹ Nesse sentido, Ciampa destaca como as identidades são construídas de maneira coletiva, pois o autor e o personagem da história da vida real contribuem para montar a própria história, o que nos leva a concluir que “não só a identidade de uma personagem constitui a de outra e vice-versa (o pai do filho e o filho do pai), como também a identidade das personagens constitui a do autor (tanto quanto a do autor constitui a das personagens).”²⁰

Em paralelo, pode-se dizer no sistema de justiça criminal também existe essa via de mão dupla para construção de identidades. Tanto o sistema impõe uma identidade desviante, quanto o indivíduo, em alguma medida, adquire aquela identidade e desempenha aquele papel social. O que resta perquirir é se tal indivíduo absorve amorfamente a identidade imposta, ou se ele, em alguma medida, ressignifica aquilo. Nas letras dos Racionais estudadas, por sua vez, as identidades desviantes tipicamente impostas pelo sistema de justiça criminal, como ladrão e traficante, possuem uma riqueza bem mais vasta do que o reducionismo dogmático que encara o agente como alguém que pratica uma conduta típica, antijurídica e culpável.

Entretanto, essas identidades nem de longe são estáticas, na medida em que temos diversas identidades por razões históricas e sociais, uma vez que o filho se torna pai, a criança se torna adulto, o jovem se torna ancião, o estudante se torna profissional, o civil se torna militar, e até aquele amigo de infância que se torna um criminoso.²¹ Portanto, Ciampa sustenta um conceito de identidade em *metamorfose*, ao passo que ela não é algo pronto e acabado,

¹⁸ LONG, Norman; PLOEG, Jan Douwe van der. **Heterogeneidade, ator e estrutura:** a reconstituição do conceito de estrutura. Disponível em: <navi.ufsc.br/files/2011/09/Sobre-agencia.docx>. Acesso em: 10 ago. 2016. p. 27-28.

¹⁹ CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia; CODO, Wanderley. (Org.). **Psicologia social:** o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58.

²⁰ Ibid., p. 60.

²¹ Ibid., p. 61.

mas se configura num processo de transformações dinâmicas. Em suas palavras: “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose.”²²

É a partir dessas premissas que Ana Gabriela Mendes Braga afirma que a identidade “não pode ser destacada de seu contexto histórico: a identidade é uma construção social à medida que o ambiente não só influencia a identidade, mas a constitui. [...] A identidade é ao mesmo tempo produto e processo.”²³

Dentro dessa dinâmica relacional, os atores sociais contribuem no processo de constituição de suas identidades, o que necessariamente implica em uma possibilidade de agência por parte de um *ator situado*, compreendido dentro de um paradigma das *inter-relações sociais*, que vive a experiência transgressora em primeiro plano.

Portanto, além de investigarmos os processos de criminalização que afetam determinadas pessoas, também precisamos investigar como essas pessoas reagem a isso e se constituem a si mesmas. Investigar nas letras dos Racionais MC’s a construção, desconstrução, reconstrução ou subversão de identidades desviantes impostas pelo sistema justiça criminal nos ajuda a compreender o fenômeno como um todo, mas por uma outra perspectiva: a perspectiva de quem é rotulado e como se dá essa relação com o rótulo. A abertura do paradigma das *inter-relações sociais* nos permite, portanto, dar um salto para o outro lado do fenômeno, superando as explicações meramente macrosociológicas e valorizando o indivíduo contextualizado em seu meio social.

3.2. A Análise do Campo

A partir da análise discursiva (vide Capítulo 1, seção 1.2.2) das letras previamente selecionadas (vide Capítulo 1, seção 1.2.1) que compuseram o campo da pesquisa empírica qualitativa, três categorias foram construídas para se alcançar uma melhor compreensão da dinâmica de gestão dos rótulos e construção de identidades. Essas três categorias tratam de temas caros a criminologia, e que aparecem diretamente nas letras dos Racionais MC’s. Nesse sentido, propõe-se a compreensão delas a partir de um saber criminológico *achado nas ruas e nos raps*.²⁴

²² CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia; CODO, Wanderley. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 74.

²³ BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **A identidade do preso e as leis do cárcere**. 2008. 205f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 28.

²⁴ Cf. SOUZA JÚNIOR, José Geraldo (org.). 4. ed. **O direito achado na rua**. Brasília: Editora UNB, 1987. passim.

Dentre as categorias, duas tratam especificamente das mais frequentes identidades tidas como criminosas e operadas pelo sistema de justiça criminal: o traficante e o ladrão. Somados, o tipo penal de tráfico e o tipo penal de roubo correspondem por aproximadamente 50% do número de pessoas presas,²⁵ o que evidencia a opção do sistema por esses rótulos e por esse tipo de criminalidade para promover o controle social. Além disso, a figura do ladrão e do traficante é recorrente nas letras, confirmando a importância dessas identidades no contexto social de um ator situado.

A terceira categoria que iremos trabalhar se refere ao processo de criminalização. As letras dos Racionais MC's tem origem em experiências com a questão da seletividade, da atuação opressora da polícia, da discriminação racial e de como isso impacta, diretamente, a vida de todos e todas que moram nas periferias.

3.2.1. O processo de criminalização

A seletividade do sistema de justiça criminal é vista e vivida nas ruas do Brasil e nos foros criminais cotidianos. A demanda por aumento da repressão penal não surte outro efeito apreensível que não o aumento da opressão de quem, em regra, sempre foi/é selecionado pelo poder punitivo. Falando sobre esse populismo penal que assola o senso comum punitivista, Mano Brown, ao *Programa Freestyle*, faz questão de destacar quem pagará por isso:

Mas quem vai preso? Quem é que vai preso? Essa lei, ela vai cobrar quem, na real? Vai cobrar o filho do bacana, que é faixa preta de 3, 4 luta e vai e mata um cara num bar, ali ó? Porque ele é mais forte e ele vai e prevalece? Não é esse cara que vai pagar... É o moleque da periferia... que tá de moto, que tá de capacete, que não tá sendo reconhecido, que vai dar uma fuga porque tá com um baseado no bolso. Aí vai e toma um tiro nas costas. Porque tá com a carteira atrasada, ou porque tá com o documento da moto atrasado, ou com pouco dinheiro, e ele vai fugir do comando, numa blitz. Ele vai ser baleado...²⁶

Os Racionais MC's sempre veicularam em suas músicas a denúncia dessa seletividade genocida do sistema de justiça criminal, representando a experiência da periferia com a violência Estatal, o que, por sua vez, promove, indiretamente, uma *conscientização*, no

²⁵ DEPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN**: junho de 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 69.

²⁶ MANO BROWN. Entrevistador: Marcílio Gabriel. **Programa Freestyle**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RoSJoONzt5k&t=2216s>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

sentido defendido por Afrika Bambaataa (vide Capítulo 2) de toda uma geração. Prova disso é o depoimento de Flow MC, representante da nova geração do *rap* nacional e integrante do Afrika Kids Crew, que no documentário *O Rap pelo Rap* diz o seguinte sobre o álbum mais vendido dos Racionais MC's: "Sobrevivendo no inferno é um manual para negros. Presta atenção! Acorda Jão! Acorda e presta atenção porque é que você tá assim. Você não sabe porque é que você tá aí preso, fodido... É por causa disso daqui, ó." ²⁷

O quarteto de *rappers* paulistanos aborda em suas letras, com expertise de causa, a questão da criminalização vivenciada dia e noite pelas populações periféricas. Bem por isso é que seus *raps* devem ser considerados como um saber criminológico construído com base na experiência vivenciada. Nesse sentido, diversas outras novas epistemologia tem surgido na criminologia, como, por exemplo, a criminologia feminista, que não dissocia o corpo e mente em suas práticas, o que permite a produção de um saber situado nas experiências ²⁸. Essa compreensão da dinâmica dos processos de criminalização apresentada pelos Racionais MC's em suas letras possui propriedade única, que, em alguma medida, são mais ricas do que as explicações macrossociológicas, uma vez que se trata de uma perspectiva daqueles que sofrem a rotulação.

De acordo com Eugênio Raúl Zaffaroni e Nilo Batista, existem pessoas que são *vulneráveis ao poder punitivo*, na medida em que não possuem poder, na medida em que, quando muito, praticam "obras toscas", e muitos vezes materialmente insignificantes. ²⁹ Segundo os criminólogos, a seletividade opera contra determinados grupos porque: "a) suas características pessoais se enquadram nos estereótipos criminais; b) sua educação só lhes permite realizar ações ilícitas toscas e, por conseguinte, de fácil detecção e c) porque a etiquetagem suscita a assunção do papel correspondente ao estereótipo." ³⁰ Dessa forma, a criminalização opera contra aqueles "em posição social desvantajosa e, por conseguinte, com educação primitiva, cujos eventuais delitos, em geral, apenas podem ser obras toscas." ³¹

²⁷ O RAP pelo Rap. (Documentário). Direção: Pedro Fávoro. Produção Fitaria Filmes. [S.l., 2016]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc&t=2048s>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

²⁸ "Desde nosso lugar de fala – enquanto professoras, universitárias, criminólogas e feministas – os temas da liberdade e da transgressão produzem um desdobramento para além do campo pedagógico: eles se inscrevem no nosso próprio campo de conhecimento e ganham relevância quando encarado desde considerando nossa posição de criminólogas críticas que lutam pela construção de uma sociedade democrática que necessita destruir os muros da segregação, sejam os da prisão, sejam os da academia." In: BRAGA, Ana Gabriela Mendes; PRANDO, Camila Cardoso de Mello. Práticas pedagógicas feministas e criminologia crítica: liberdade, transgressão e educação. **Boletim IBCCRIM**, São Paulo, v. 24, n. 280, p. 18-19. mar. 2016. p. 18.

²⁹ ZAFFARONI, Eugênio Raúl et al. **Direito penal brasileiro**: primeiro volume – teoria geral do direito penal. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. p. 46-51.

³⁰ Ibid., p. 47.

³¹ Ibid., p. 48.

Os malucos lá do bairro. / Já falava de revólver, droga, carro. / Pela janela da classe eu olhava lá fora. / A rua me atraía mais do que a escola. / Fiz dezessete, tinha que sobreviver. / Agora eu era um homem. / Tinha que correr. / No mundão você vale o que tem. / Eu não podia contar com ninguém. (*Tô ouvindo alguém me chamar*)

Um lugar onde só tinham como atração, / o bar e o candomblé pra se tomar a benção. / Esse é o palco da história que por mim será contada. / ...um homem na estrada. / Equilibrado num barranco um cômodo mal acabado e sujo, / porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio. / Um cheiro horrível de esgoto no quintal, / por cima ou por baixo, se chover será fatal. / Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou. / Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou. / Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas. / Logo depois esqueceram, filha da puta! (*Homem na estrada*)³²

Podemos entender essas “obras toscas” como sendo aqueles crimes mais facilmente apreensíveis, a exemplo do tráfico, furto e roubo. Essas são condutas que, em regra, sequer precisam ser investigadas, sendo certo que a maioria dos respectivos processos criminais decorre apenas de prisão em flagrante, diante da baixa complexidade dos fatos que se resumem na narrativa do auto de prisão. Evidentemente que essas condutas são preferencialmente selecionadas, pois, como já dito, apenas essas três “obras toscas” são responsáveis por quase 70% do número de pessoas presas.³³ Tais prisões, na maioria dos casos, são efetivadas pela polícia militar, que patrulha as zonas periféricas em busca de indivíduos com o estereótipo criminal. E as pessoas que se enquadram nesse estereótipo criminal são bastante determinadas e determináveis: seja pelo meio, seja pelas inter-relações pessoais.

É por isso que a situação de desigualdade social contribui para o aumento da vulnerabilidade ao poder punitivo de alguns grupos de pessoas. Contudo, não devemos concluir apressadamente que a delinquência se restringiria apenas às camadas desprivilegiadas da sociedade, sendo essas as “causas do delito”. Não é disso que se trata. Em verdade, a pobreza e a baixa educação são fatores que condicionam a criminalização desse grupo de pessoas, permitindo que aqueles que cometam crimes mais refinados (como lavagem de dinheiro, por exemplo) dificilmente sejam selecionados.³⁴ Portanto, a partir dessa perspectiva de *vulnerabilidade ao poder punitivo*, “ao invés da criminologia se debruçar sobre a biografia do indivíduo, tentando explicar a formação de sua identidade, ela compreenderia a

³² RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1998. 1 CD (71 min).

³³ DEPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN**: junho de 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 69.

³⁴ ZAFFARONI, Eugênio Raúl et al. **Direito penal brasileiro**: primeiro volume – teoria geral do direito penal. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. p. 48.

história de fragilização daquela pessoa perante o sistema punitivo.”³⁵ E essas histórias de fragilidade frente ao poder punitivo são contadas nas letras dos Racionais, contribuindo para formação de uma identidade desses grupos de pessoas.

Talvez a primeira questão que chame atenção nas letras dos Racionais MC's seja seu nítido conteúdo denunciador – e por isso mesmo emancipador. Não por acaso Mano Brown, um intelectual orgânico/específico, seja reconhecido como porta-voz da periferia, pois suas canções retratam a realidade de muitos e muitas. As narrativas em formato de rimas trazem as histórias dos *rappers* pelos *rappers* em seus contextos, que em regra lhes fragiliza perante o poder punitivo. Bem por isso é que nos debruçamos nessas letras, pois descrevem esses processos de criminalização contra essas pessoas estereotipadas.

De fato, os Racionais MC's falam em alto e bom som sobre as iniquidades que nossa sociedade opta em não ver e que afligem a periferia. Principalmente a sociedade do início da década de 90, comprometida com um “pacto conciliatório” de democracia que não incluiu a “quebrada” em seus planos, além de propagar o mito de uma “democracia racial” que nunca existiu – como podemos ouvir na música *Racistas Otários*. As letras tratam desses temas sociais com a expertise de quem (sobre)viveu na pele o racismo, o desemprego e a violência policial. A *consciência*, o quinto elemento do *hip hop*, aparece nas letras justamente como forma de denúncia das injustiças, que culmina nos processos de criminalização contra essas pessoas vulneráveis. É disso que Flow MC está falando em sua entrevista. É disso que Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KLJay falam em suas músicas.

A questão da desigualdade social e racial, por exemplo, aparece ao longo de toda a obra dos Racionais. Em *A Vida é Desafio*, num interlúdio antes de Edi Rock começar a rimar ao som do *beat* característico da música, ouvimos o som de grilhões batendo ao fundo, quando então Brown começa a narrar um diálogo que teve com sua mãe sobre desigualdade racial:

Desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Ai eu pensei.... Como ser duas vezes melhor se você tá pelo menos 100 vezes atrasado? Pela escravidão, pela história, pelos trauma, pelas psicose... Por tudo que aconteceu... Duas vezes melhor como? Ou melhora, ou você é o pior de uma vez. Sempre foi assim. Você vai escolher o que estiver mais perto da sua realidade. Você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí? Acorda pá vida, rapaz!³⁶

³⁵ BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **A identidade do preso e as leis do cárcere**. 2008. 205f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 21.

³⁶ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

A posição de contestação e resistência do quarteto paulistano é uma de suas marcas. O discurso político de abertura de *A vida é desafio* deixa bastante claro a leitura que os Racionais têm de nossa sociedade atual – e que é refletido em toda sua obra. Esse “acorda pra vida, rapaz!” é uma mensagem direta para os “mais de 50 mil manos” das periferias que, em alguma medida, enfrentam o racismo e a desigualdade social. A linguagem simples e o direcionamento do diálogo são elementos que criam uma conexão com o interlocutor, que imediatamente se identifica com a narrativa de seu cotidiano. É o “papo reto”. É uma tentativa de conscientização por meio do *rap*.

Já em *Negro Drama*, por meio do recurso de construção narrativa, o grupo articula uma crítica social contundente ao *status quo* e ao *establishment*, valendo-se da história do próprio Brown – que se confunde com a de muitos e muitas moradores das periferias: “Daria um filme / Uma negra e uma criança nos braços / Solitária na floresta de concreto e ação / Veja, olha outra vez / Um rosto na multidão / A multidão é um monstro sem rosto e coração.”

A história narrada em *Negro Drama* é compartilhada por centenas de milhares de jovens negros das periferias que cresceram sem a presença dos pais. A mãe que cria o filho sozinha numa megalópole como São Paulo indica a dificuldade de lutar contra a “torre de Babel”, o que contribui para a *vulnerabilidade* de quem vive o “negro drama”. A música retrata a alta possibilidade desse jovem, negro, periférico, sem pai, acabar se tornando mais um “promissor vagabundo”. A representação coletiva do “bandido” se baseia nesses marcadores sociais, o que aponta para a denúncia da seletividade penal descrita na música. Por isso Mano Brown conta sua “história real” de superação, lamento e dor na “mais rica metrópole e suas várias contradições”:

Hey, São Paulo, / Terra de arranha-céu, / A garoa rasga a carne, / É a torre de babel, / Família brasileira, / Dois contra o mundo, / Mãe solteira, / De um promissor, / Vagabundo. / Luz, / Câmera e ação, / Gravando a cena vai, / O bastardo, / Mais um filho pardo, / Sem pai, / Hey, / Senhor de engenho, / Eu sei, / Bem quem você é, / Sozinho, cê num guenta, / Sozinho, / Cê num guenta a pé, / Cê disse que era bom, / E as favela ouviu, la / Também tem / Whisky, e Red Bull, / Tênis Nike, Fuzil, / Admito, / Seus carro é bonito sim, / Eu não sei fazer, / Internet, vídeo-cassete, / Os carro louco, / Atrasado, / Eu tô um pouco sim, / Tô, / Eu acho sim, / Só que tem que, / Seu jogo é sujo, / E eu não me encaixo, / Eu sou problema de montão, / De carnaval a carnaval, / Eu vim da selva, / Sou leão, / Sou demais pro seu quintal,³⁷

³⁷ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

A crítica ao mito da democracia racial fica estampada ao longo de toda a música. Mano Brown denuncia as injustiças promovidas pelos “senhores de engenho”, que o colocou numa situação de desvantagem social bastante considerável – mais um elemento de *vulnerabilidade* ao poder punitivo. Mesmo assim, Brown marca sua posição de resistência, de alguém que não admite a situação da maneira como imposta. A metáfora do leão valoriza a posição de quem vive o “negro drama: entre o sucesso e a lama”, de alguém que não abaixa a cabeça e é soberano em sua “selva de pedra”. O negro drama “acorda pra vida” e pretende dominar o seu próprio território para também contar sua história de superação. É exatamente por isso que Brown é um “problema de montão”, pois entende o jogo sujo e dele não quer fazer parte, pelo contrário: o denuncia.

Do mesmo modo, em *Crime vai e vem*, os Racionais MC’s expressam, mais uma vez, a vulnerabilidade ao poder punitivo por força do desemprego e do preenchimento de um estereotipo criminal construído:

A qualidade daqui, são das piores; / Vários maluco dando o sangue por dias melhores; / Foi dado um golpe de estado cavernoso; / A máquina do desemprego; / Fabrica criminoso; / De bombeta, tatuado, sem camisa; / De bermudão, no pião, na mesma brisa; / Formação de quadrilha conduz o crime; / Fora da lei, eu sei, eu vejo filme;³⁸

As dificuldades enfrentadas das periferias são retratadas nas letras. Em *Homem na estrada* se lança a pergunta de como é possível ser feliz em local tão precário como a periferia da década de 90 (e de hoje): “Me digam quem é feliz / quem não se desespera / Vendo nascer seu filho / No berço da miséria. / Um lugar onde só tinham como atração / O bar e o candomblé pra se tomar a benção / Esse é o palco da história que por mim será contada / Um homem na estrada.” Mesmo assim, há uma relação de amor pelas origens humildes e pelo sofrimento compartilhado com os “irmãos”. Não raras vezes os Racionais mandam um “salve” para as “quebradas”, como no final da letra de *Mágico de Oz*, em que diversos bairros das periferias de São Paulo são mencionados: “Jardim Filhos da Terra e tal / Jardim Ebrom, Jáçanã, Jowa Rural / Piquiri e Mazzei, Nova Galvão / Jardim Corisco, Fontalis e então / Campo Limpo, Guarulhos Jardim Peri / Jb, Edu Chaves e Tucuruvi / Alo Doze, Mimosa e São Rafael / Zachy Narchi, tem lugar No céu”.

A letra de *A vítima*, por sua vez, nos traz uma narrativa bastante rica sobre o processo de criminalização. Trata-se de uma história envolvendo Edi Rock. O acidente de

³⁸ RACIONAIS MC’s. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

carro ocorrido em 14 de outubro de 1994 na marginal Pinheiros se transformou em faixa do álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*, lançado em 2002. Em razão do acidente com vítima entre o *Opala* de Edi Rock e uma *Kombi*, a ocorrência acabou sendo entendida pelo delegado como homicídio doloso no trânsito, pois supostamente o cantor estaria disputando um racha.³⁹ A letra cantada em primeira pessoa pela voz grave do *rapper* apresenta detalhadamente os fatos e a estigmatização sofrida pelo sujeito lírico: “Mano, foi um arraçado na marginal / Você capotou, teve até uma vítima fatal / Da zona sul e tal / Sentido ao centro / Uma da manhã – lembrei daquele momento”.

Algumas características dos personagens envolvidos na história são interessantes. Além de morador da periferia, o motorista dirigia “Opala cinza escuro / 2pac no alto-falante”. Vale fazer uma contextualização histórica e social para melhor análise desse trecho: em 1994 dirigir um *Opala* ouvindo *rap* seria o sonho de muitos “manos” e “minas”. Além disso, Tupac Shakur⁴⁰ (ou 2pac) foi um grande ídolo do *hip hop*, e naquela época fazia sucesso no Brasil e no mundo (e ainda faz), além de ser uma influência explícita dos Racionais. A cena como descrita, isto é, um negro, estilo *gangsta*, morador de periferia, ouvindo *rap*, dentro de um *Opala* cinza escuro, coloca nosso personagem como suspeito número de qualquer coisa ruim que aconteça num raio de vários quilômetros. Essas características preenchem o estereótipo que o poder punitivo seleciona. Talvez por isso que o caso tenha sido tratado pela mídia e pelo delegado como um crime:

Fatalidade ou uma imprudência, divergência, fudeu/ Ele deixou uma mulher que esperava um filho/ Um evangélico que nem conheceu o filho/ Um suspiro / perdi a calma/ Vi uma faca atravessando a minha alma/ Olhei no espelho e vi um homem chorar/ A mídia, a justiça, querendo me fuzilar/ Virei notícia, 1ª página/ Um paparazzi focalizou a minha lágrima/ Um repórter da Globo me insultou / Me chamava de assassino aquilo inflamou/ Tumultuou, nunca vi tanto carnicheiro/ Me crucificaram, me julgaram no país inteiro/ Pena de morte, se tiver sorte/ Cadeira elétrica se fosse América do Norte/ Opinião pública influenciada/ Era o réu sem direito a mais nada/ O meu mundo tinha desabado/ Na lei de Deus fui julgado, na lei do homem condenado.⁴¹

A divergência de interpretação sobre o elemento subjetivo do tipo penal desloca a situação para a esfera criminal. No trecho “dois anos e pouco de audiência / pra mim já era o

³⁹ FOLHA DE SÃO PAULO, 15 de outubro d 1994. **Acidente com Racionais MC's mata 1**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/15/cotidiano/26.html>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

⁴⁰ Tupac Amaru Shakur vendeu mais de 75 milhões de cópias pelo mundo. Nasceu em 1971 e foi assassinado em 13 de setembro de 1996, em *Las Vegas*, supostamente crivado por balas de um grupo rival.

⁴¹ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

início da minha penitência” percebe-se que a pior interpretação foi dada ao caso envolvendo Edi Rock, afinal, ele – muito embora em 1994 fosse um *rapper* em início de carreira – também estava vulnerável ao poder punitivo, tendo sido submetido às nadas sutis penas processuais⁴² decorrentes do sofrimento inerente ao fato de ser processado e, por isso mesmo, estigmatizado.

Como fica claro, o papel da mídia contribuiu sobremaneira para que o personagem de *A vítima* se transformasse em um “réu sem direito a mais nada”. Nesse sentido, o título da música indica uma sutileza: afinal, quem seria(m) vítima(s) dessa história? A ânsia punitiva dos veículos de comunicação, e também da própria justiça, somado a um agente que anda com o figurino criminal, foi o suficiente a permitir uma condenação sumária, independentemente do devido processo. Se possível, com aplicação da pena de morte – ou “cadeira elétrica se fosse América do Norte”. Interessante notar, conforme Nilo Batista, que o discurso de legitimação do dogma penal abriu a possibilidade para a mídia disputar, e até mesmo, operar como as agências executivas de controle, direcionando e condicionando a seletividade penal,⁴³ como fica claro na letra dos Racionais.

Ademais, a questão racial também tem forte influência na dinâmica da seletividade e construção de identidades tidas como desviante. Na música *Racistas Otários*, lançada em 1990 no álbum *Holocausto Urbano*, o grupo sintetiza a seletividade criminal na perspectiva da discriminação de raça, colocando em suspeição a imparcialidade da “Justiça”:

Justiça / Em nome disse eles são pagos / Mas a noção que se tem / É limitada e eu se / Que a lei / É implacável com os oprimidos / Tornam bandidos os que eram pessoas de bem / Pois já é tão claro que é mais fácil dizer / Que eles são os certos e o culpado é você / Se existe ou não a culpa / Ninguém se preocupa / Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa / O abuso é demais / Pra eles tanto faz / Não passará de simples fotos nos jornais / Pois gente negra e carente / Não muito influente / E pouco frequente nas colunas sociais / Então eu digo meu rapaz / Esteja constante ou abrião o seu bolso / E jogarão um flagrante num presídio qualquer / Será um irmão a mais / Racistas otários nos deixem em paz. (*Racistas otários*)⁴⁴

A ideia veiculada no trecho acima guarda correlação direta com a crítica produzida pela criminologia pós década de 60. Wacquant, por exemplo, em sua obra *Punir os pobres*, diagnostica que a falência do *Welfare State*, aliado a uma política de guerra às drogas

⁴² Neste sentido, conferir: CARNELUTTI, Francesco. **As misérias do processo penal**. Campinas: Sevanda, 2012. p. 90.

⁴³ BATISTA, Nilo. **Mídia e sistema penal no capitalismo tardio**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/batista-nilo-midia-sistema-penal.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017. p. 19.

⁴⁴ RACIONAIS MC’S. **Holocausto urbano**. São Paulo: Zimbabwe, 1990. 1 CD (29 min).

(que na verdade é uma guerra a juventude negra e periférica), como causa de um *Estado penal* que criminaliza a pobreza.⁴⁵ Em decorrência dessa nova política de Estado Penal, os Racionais MC's orientam seus ouvintes de forma direta: “esteja constante”, pois qualquer intermitência poderá te levar para a prisão, já que gente negra e sem influência são preferencialmente selecionados pelo sistema criminal.

É possível, por exemplo, fazer uma aproximação do caso de Rafael Braga, ocorrido recentemente, com esse *rap* lançado pelos Racionais ainda na década de 1990. Rafael foi preso em 2013 durante uma manifestação porque portava produtos de limpeza (pinho sol), considerados como “coquetel molotov” pela polícia. Depois de solto, em 2016, Rafael foi novamente preso, dessa vez com o “*kit flagrante*” que fala os Racionais. Foi condenado em primeira instância a 11 anos de prisão por supostamente ter sido encontrado com 0,6g de maconha e 9,3g de cocaína.⁴⁶

Nesse tipo de caso de flagrante de drogas forjado pela polícia, Luis Carlos Valois conclui que o policial militar se torna o verdadeiro delegado, promotor e juiz, já que a única “prova” produzida na maioria dos processos de tráfico dessa natureza se resume a palavra dos policiais militares.⁴⁷ Portanto, o que a polícia militar disser, na grande maioria das vezes, será o suficiente para encarcerar um preto, pobre e periférico. Por isso o recado dos Racionais: “esteja constante”.

A arbitrariedade policial, por sua vez, também aparece em diversas músicas, como em *Capítulo 4, Versículo 3*: “60 por cento dos jovens de periferia sem antecedentes criminais / já sofreram violência policial”. Ou ainda, no procedimento de abordagem padrão contra em razão da cor da pele:

Enquanto você sossegado foge da questão / Eles circulam na rua com uma descrição / Que é parecida com a sua / Cabelo cor e feição / Será que eles vêm em nós / Um marginal padrão / 50 anos agora se completam / Da lei anti-racismo na constituição / Infalível na teoria Inútil no dia a dia. (*Racistas Otários*)

Eu me formei suspeito profissional,/ Bacharel pós-graduado em tomar geral./
Eu tenho um manual com os lugares horários,/ De como dar perdido, ai

⁴⁵ WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres**: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 27-29.

⁴⁶ “[...] no dia 12 de janeiro de 2016, Rafael saiu pela manhã para ir à padaria a pedido de sua mãe, Dona Adriana, e no caminho foi abordado por policiais da UPP de lá. Os PMs diziam que ele tinha envolvimento com o tráfico e pediam que ele desse informações e assumisse que era bandido. Ele foi espancado no caminho à delegacia, sendo inclusive ameaçado de estupro caso não assumisse participação no tráfico. Os PMs imputaram ao Rafael um kit flagrante com 0,6g de maconha, 9,3g de cocaína e um rojão. Assim, desde janeiro Rafael responde por tráfico de drogas, associação para o tráfico e colaboração com o tráfico.” Disponível em: <<https://libertemrafaelbraga.wordpress.com/about/>>. Acesso em 07 jul. 2017.

⁴⁷ VALOIS, Luis Carlos. **O Direito Penal da Guerra às Drogas**. Belo Horizonte: D’Plácido, 2017. p. 500-517.

caralho.../ Prefixo da placa é My sentido Jaçanã, Jardim Hebron./ Quem é preto como eu, já tá ligado qual é, nota fiscal Rg polícia no pé./ Escuta aqui o primo do cunhado do meu genro é mestiço,/ Racismo não existe, comigo não tem disso,/ É pra sua segurança. Falou, falou... Deixa pra lá./ Vou escolher em qual mentira vou acreditar. (*Qual mentira vou acreditar*)⁴⁸

O racismo é denunciado pela voz de *Edi Rock*, que é “suspeito profissional”, e já foi tantas vezes abordado pela polícia que se considerar até “pós-graduado”. Além disso, a hipocrisia da democracia racial é mais uma vez denunciada no verso que retrata o discurso padrão de quem é racista mas finge não ser: “o primo do cunhado do meu genro é mestiço / Racismo não existe, comigo não tem disso”.

Por sua vez, esse tratamento diferenciado conferido as chamadas *obras toscas* é confirmado na letra de *Mágico de Oz*: “Se diz que / Moleque de rua rouba / O governo, a polícia, no Brasil, quem não Rouba? / Ele só não têm diploma pra roubar / Ele não se esconde atrás de uma farda suja / É Tudo uma questão de reflexão, irmão / É uma questão de pensar.” Mais uma vez, a crítica dos Racionais MC’s se dirige precisamente ao processo seletivo da criminalização, denunciando em suas canções a partir de uma constatação fática do cotidiano a dinâmica da seletividade das condutas.

3.2.2. O traficante

A partir da análise do campo emergiu a categoria “traficante”. Esse é um dos principais rótulos imposto pelo sistema de justiça criminal, que, conforme aponta a produção criminológica mais recente, se utiliza do aparato repressivo do Estado como forma de controle social das populações marginalizadas.⁴⁹ Como afirma Rosa Del Olmo, o traficante não é visto apenas como mais um criminoso, mas sim como um *narcoterrorista*. A guerra às drogas exportada pelos estadunidenses criou um *estereótipo político* de criminoso. Segundo a

⁴⁸ RACIONAIS MC’S. **Holocausto urbano**. São Paulo: Zimbabwe, 1990. 1 CD (29 min).

⁴⁹ Segundo Lóic Wacquant: “A causa-mestra deste crescimento astronômico da população carcerária é a política de “guerra à droga”, política que desmerece o próprio nome, pois designa na verdade uma guerrilha de perseguição penal aos vendedores de rua, dirigida contra a juventude dos guetos para quem o comércio a varejo é a fonte de emprego mais diretamente acessível (Adler, 1995). É uma “guerra” que não teria razão de ser visto que o uso de estupefacientes está em descenso desde o final dos anos 70 e que era perfeitamente previsível que se abateria de maneira desproporcional sobre os bairros deserdados: nele a presença policial é particularmente densa, o tráfico ilícito é facilmente identificado e a impotência dos habitantes permite à ação repressiva toda a liberdade. Entretanto, foi esta política que entupiu as celas e “escureceu” seus ocupantes. Em 1979, um preso federal em cada quatro tinha sido detido por violação da legislação sobre os estupefacientes; em 1991 esta taxa ultrapassava 56%.” In: WACQUANT, Lóic. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 29-30.

criminóloga venezuelana, esse estereótipo criminoso existe ao menos desde que surgiram as primeiras legislações sobre drogas,

[...] mas na atualidade se converteu em *estereótipo político-criminoso*, ao recorrer ao *discurso-político* para legitimar-se como discurso jurídico (produto da difusão do modelo geopolítico). A droga é vista como ‘inimiga’, e o traficante – objeto central de interesse deste discurso – como ‘invasor’, ‘conquistador’, ou mais especificamente como ‘narcoterrorista’ e ‘narcoguerrilheiro’.⁵⁰

Com efeito, a criminologia tem demonstrado que esse discurso está a serviço de uma ordem transnacional de controle social, na medida em que esses discursos “servem para criar uma série de estereótipos cuja principal finalidade é dramatizar e demonizar o problema. Com isso se escondem o alcance e suas repercussões econômicas e políticas atrás de um discurso único de caráter universal, atemporal e a-histórico que só contribui para a consolidação do poder das transnacionais que manejam o negócio.”⁵¹ Parafraseando a obra de Rosa Del Olmo, ao se analisar as letras dos Racionais MC’s que tratam sobre a figura do traficante e da droga, encontramos uma *outra face oculta da droga*. E dessa vez o que se percebe é uma face humana, de pessoas, indivíduo e sujeitos, que exatamente por isso constituem suas identidades situados em seus respectivos contextos.

Por isso, é bastante interessante perceber como a questão da droga afeta, especialmente, as comunidades periféricas. O “boy” que só vai na “quebrada” para comprar a droga; o usuário que é dependente de *crack* e que deixa de ser um “Preto tipo A” para se transformar num “neguinho”; o traficante que acumula riqueza e poder; o policial que se corrompe para que a “função” continue. Enfim. A questão da droga não é nada simples, e diversos cientistas sociais já se debruçaram sobre esse difícil tema. De todo modo, nosso objetivo é analisar como os Racionais MC’s enxergam essa dinâmica. Qual é o retrato da figura do traficante que emerge da análise discursiva de algumas das letras do grupo mais importante do *hip hop* nacional?

A letra de *Crime vai e vem*, sem dúvida, é a mais emblemática sobre esse assunto. Há uma narrativa complexa e cheia de meandros a respeito do movimento (vai e vem) que o mercado das drogas provoca na periferia, conforme seu refrão:

O crime vai, o crime vem / A quebrada ta normal e eu tô também / O movimento da dinheiro sem problema / O consumo tá em alta como manda o

⁵⁰ OLMO, Rosa del. **A face oculta da droga**. Rio de Janeiro: Revan, 1990. p. 24.

⁵¹ Ibid., p. 77.

sistema / O crime vai, o crime vem / A quebrada tá normal e eu tô também /
Onde há fogo, há fumaça / Onde chega a droga é inevitável, embaça.⁵²

A música começa com uma ligação entre duas pessoas. Um deles, que está de volta ao morro e quer se “levantar de novo” logo é alertado para ficar “ligeiro” com a polícia e com os “gansos” (informantes da polícia) – figuras reiteradamente depreciadas nas letras do grupo, pois são sempre vistos como a face opressora do Estado na periferia. Na sequência, entra a voz de Edi Rock, que começa a descrever a atividade da traficância: “Tá vendo aquele truta parado ali / Bolando ideia com os mano na esquina / é envolvido com crack, maconha e cocaína / Tirou cadeia / Cumpru a sua cota / pagou o que devia / Mas agora ele tá de volta.”

Interessante notar a narrativa da passagem pelo cárcere do indivíduo descrito como traficante. A criminalização secundária,⁵³ que incide fortemente sobre as pessoas entendidas pelos agentes da repressão como “traficantes” (em regra a juventude negra e periférica) gerou o encarceramento de uma multidão de pessoas rotuladas dessa maneira. Os últimos dados do INFOPEN informam que um terço da população prisional está encarcerada em razão do crime de tráfico de drogas.⁵⁴

Nessa dinâmica, os Racionais MC’s entenderam o contexto de criminalidade em que as favelas da década de 90 foram submetidos, principalmente após o advento da criminoso guerra às drogas, que provocou uma militarização dos espaços de venda por questão lógica de proteção a um produto supervalorizado e de acesso bastante restrito. Em razão da repressão ao tráfico, esses territórios urbanos passaram a viver um permanente estado de guerra: “O crime a favela é lado a lado / É que nem dois aliado / O isqueiro e o cigarro / Na viela, no beco / na rua sem saída / Na esquina da quebrada / continua assim na mesma vida”.

⁵² RACIONAIS MC’s. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

⁵³ No sentido defendido por Zaffaroni e Nilo Batista: “[...] a criminalização secundária é a ação punitiva exercida sobre pessoas concretas, que acontece quando as agências policiais detectam uma pessoa que supõe-se tenha praticado certo ato criminalizado primariamente, a investigam, em alguns casos privam-na de sua liberdade de ir e vir, submetem-na à agência judicial, que legitima tais iniciativas e admite um processo (ou seja, o avanço de uma série de atos em princípio públicos para assegurar se, na realidade, o acusado praticou aquela ação); no processo, discute-se publicamente se esse acusado praticou aquela ação e, em caso afirmativo, autoriza-se a imposição de uma pena de certa magnitude que, no caso de privação da liberdade de ir e vir as pessoa, será executada por uma agência penitenciária (prisionização).” ZAFFARONI, Eugênio Raúl et al. **Direito penal brasileiro**: primeiro volume – teoria geral do direito penal. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. p. 43.

⁵⁴ DEPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN**: junho de 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 69.

A expressão “Crime vai e vem” é uma alusão ao movimento que o mercado da venda de entorpecentes provoca dia e noite na favela. Esse movimento é atípico. Isso porque a periferia das grandes cidades, em regra, está isolada dos grandes centros. Em razão desse isolamento, as classes pobres e operárias, que foram expulsas dos grandes centros por causa da especulação imobiliária, acabam não tendo acesso as oportunidades de lazer e diversão noturna. As ruas dos subúrbios periféricos não oferecem opções de diversão como as ruas dos centros e regiões privilegiadas. Até porque, a distância imposta entre a periferia e o centro consome inúmeras horas em deslocamento, pois os empregos são oferecidos, em regra, nas regiões centrais. Desse modo, é comum que um trabalhador da periferia paulistana perca mais de 4 horas por dia em transporte público e raramente tenha tempo para qualquer tipo de relaxamento. Sendo assim, uma das coisas que mais movimenta as periferias costuma ser a venda de entorpecentes – à exceção de pequenos comércios e/ou igrejas que por ali se instalam.

É disso que Edi Rock está falando no refrão da letra: “O crime vai, o crime vem / A quebrada tá normal / e eu tô também / O movimento da dinheiro / sem problema / O consumo tá em alta como manda o sistema”. O retrato da realidade vivenciada pelos *rappers* aparece em forma de rimas em suas letras. O cotidiano da “quebrada”, afinal, é esse. Como se nota, é o movimento da venda de drogas nas favelas que traz dinheiro, e é exatamente isso que “manda o Sistema”, pois o consumo de entorpecentes está (e sempre esteve) em alta.

Dessa maneira, uma figura bastante especial e que merece atenção é aquele que gerencia esse movimento todo. Evidentemente, a posição do traficante tem destaque dentro da periferia, na medida em que além de acumular capital financeiro, também acumula capital social e político.⁵⁵ Seu retrato é bastante ambíguo e passa longe do maniqueísmo dos manuais de direito penal ou do senso comum teórico.

Em primeiro lugar, observa-se que o rótulo “traficante” dificilmente aparece nas letras dos Racionais. Contudo, em diversas letras há menção a pessoas envolvidas no comércio de drogas. De todo modo, analisando o contexto em que a periferia da década de 90 estava imersa, cabe perguntar: quem é essa pessoa que controla o “movimento”? Como é entendido o papel social que essa pessoa desempenha? Pelas letras dos Racionais é possível entender um pouco mais sobre esse personagem.

⁵⁵ Nesse sentido, podemos observar o importante papel político e social que Misha Glenny atribui à figura de Nem, traficante que comandou o morro da Rocinha por maior tempo: “As respostas de Nem eram ponderadas e sugeriam que ele compreendia bem a importância social e política do papel que desempenhava como efetivo presidente, primeiro-ministro e empresário mais poderoso de uma cidade de porte médio.” In: GLENNY, Misha. **O dono do morro**: um homem e a batalha pelo Rio. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 18.

Enquanto para o direito penal o traficante é alguém que pratica algum dos diversos verbos nucleares do art. 33 da Lei 11.343/2006, na letra de o *Crime vai e vem*, por exemplo, o traficante é alguém visto como “estrategista”, com “disposição”, alguém que luta pela sua “sobrevivência”, que também quer dinheiro e uma vida melhor “antes que tudo se transforme em pó”. A letra dos Racionais inverte o rótulo negativo do sistema de justiça e representa o traficante como alguém poderoso, capaz de manipular o mundo, comprar a polícia, a política, constituir sua milícia, e que pouca gente se habilita a debater:

Manipula o mundo e articula a verdade / Compra o silêncio, monta a milícia / Paga o sossego, compra a política / Aos olhos da sociedade / é mais um bandido / E a bandidagem paga o preço pela vida / Vida entre o ódio, a traição e o respeito / Entre a bala na agulha e a faca cravada no peito / Daquele jeito / Ninguém ali brinca com fogo / Perdedor não entra nesse jogo / É como num tabuleiro de xadrez / Xeque-mate, vida ou morte / 1, 2, 3, vê direito / Para, pensa, nada a perder / O réu acusado já foi programado pra morrer / Quem se habilita a debate (pode crer) / Quem cai na rede é peixe, não tem pra onde correr.⁵⁶

Entre a vida, o ódio a traição e o respeito. Os dilemas e contradições que o traficante enfrenta são os mesmos que a maioria das pessoas. A posição do traficante é complexa. “Sujeito ou cuzão, herói ou vilão?” A pergunta retórica deixa claro que não há resposta certa e refuta qualquer maniqueísmo reducionista. Há inúmeras contradições sobre a figura do traficante nas letras dos Racionais. Desde uma opção estratégica para aquele que vê no tráfico uma saída, até alguém que é visto como causador de muitos problemas que afetam a periferia, conforme se virá mais abaixo.

Assim como em *Crime vai e vem*, também em *Homem na Estrada*, um dos maiores hits dos Racionais, a figura do traficante é descrita como alguém que ganha muito dinheiro, alguém que ostenta os símbolos de riqueza como carros e relógios caros. Mas nem de longe há uma glamorização da figura do traficante. Esse mesmo personagem que ganhou dinheiro e “até *Rolex* tinha”, foi “fuzilado à queima-roupa” enquanto abastecia “a playboyzada de farinha”:

Um mano meu tava ganhando um dinheiro, / tinha comprado um carro, / até rolex tinha! / Foi fuzilado a queima roupa no colégio, / abastecendo a playboyzada de farinha. / Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, hu!, cartaz à polícia / Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares... superstar do notícias populares! / Uma semana depois chegou o crack, / gente rica por trás, diretoria. / Aqui, periferia, miséria de sobra. / Um

⁵⁶ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

salário por dia garante a mão-de-obra. / A clientela tem grana e compra bem, tudo em casa, costa quente de sócio. / A playboyzada muito louca até os ossos! / Vender droga por aqui, grande negócio.⁵⁷

A falência do modelo de *Welfare State*, que no Brasil sequer chegou a se consolidar, gerou um excedente de mão-de-obra com baixa qualificação que acabou sendo absorvida pelo pequeno varejo das drogas⁵⁸. É claro que esse mercado se tornou atraente para a juventude negra e periférica. No Brasil, a essa população marginalizada, que em regra é selecionada a ingressar nos presídios, possui baixo nível de escolaridade⁵⁹, o que também significa baixas oportunidades no mercado formal de trabalho. Não por acaso que “Vender droga por aqui, grande negócio”, já que a “clientela tem grana e compra bem”, com direito a proteção de “costa quente de sócio”. Portanto, o risco de ser fuzilado não impede concluir que o comércio das drogas é sim uma opção considerável por muitos e muitas.

Em *Mágico de Oz* o traficante é descrito como alguém bem-sucedido, sempre com dinheiro, com joias e relógios importados, que tem uma vida agitada, centro de atenções. Alguém que sempre está cercado por mulheres, alguém que não pode parar. É bastante compreensível a sedução que imagem do traficante provoca:

Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio, / pagando a rodada, risada e vagabunda no meio. / A impressão que dá, é que ninguém pode parar. / Um carro importado, som no talo, / "Homem na Estrada" eles gostam, / Só bagaceira só, / o dia inteiro só. / Como ganha o dinheiro, vendendo pedra e pó, / Rolex ouro no pescoço a custa de alguém, / Uma gostosa do lado pagando pau pra quem? / A polícia passou e fez o seu papel, / dinheiro na mão, corrupção à luz do céu! / Que vida agitada hein?⁶⁰

A posição narrada pelos autores coincide com os valores ligados ao consumo e capital presentes na sociedade, do sinônimo de sucesso. Nesse sentido, eles também compartilham dos valores dominantes na sociedade.

Por outro lado, os efeitos nocivos das drogas nas periferias também são sentidos e cantados pelos *rappers*. É também em *Mágico de Oz* que o fim das drogas, sobretudo o *crack*, se transforma no sonho utópico de uma criança. Antes da música começar, um garoto com

⁵⁷ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

⁵⁸ WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003. p. 129.

⁵⁹ Infop DEPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN**: junho de 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 69.

⁶⁰ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

voz infantil e embargada diz: “Comecei usar pra esquecer dos problemas. / Fugi de Casa. / Meu pai chegava bêbado e me batia muito. / Eu queria sair dessa vida. / O meu sonho? / É estudar, ter uma casa, uma família. / Se eu fosse mágico? / Não existia droga, nem fome e nem polícia”. A letra narra a vida de um garoto que “não passa dos doze / viu viveu, mais que muito homem de hoje”. É essa criança, vítima da sociedade diversas vezes e que também acaba se tornando dependente do *crack*. O mesmo personagem que é visto como alguém admirado pelo poder que acumula com a venda de drogas, também é um dos responsáveis pelo vício dos dependentes.

É esse “moleque”, “preto desde nascença e escuro de sol”, que não teve acesso a educação e que fugiu do alcoolismo dentro de casa, que agora mora nas ruas de uma megalópole como São Paulo. A esse garoto não restam muitas esperanças e o *crack* é uma realidade das noites frias:

A noite chega, e o frio também. / Sem demora e a pedra o consumo aumenta a cada hora / Pra aquecer ou pra esquecer? Viciar, deve ser pra se adormecer, pra sonhar, viajar na paranoia / Na escuridão, um poço fundo de lama / mais um irmão / Não quer crescer, ser fugitivo do passado. / Envergonhar-se aos 24 ter chegado.⁶¹

A questão da dependência química da droga é o que pode transformar um “Preto tipo A” num “Neguinho”. Em *Capítulo 4 Versículo 3* Mano Brown descreve a ascensão e declínio daquele que seria um “Preto tipo A”:

Mas quem sou eu pra falar / De quem cheira ou quem fuma? / Nem dá / Nunca te dei porra nenhuma. / Você fuma o que vem / Entope o nariz / Bebe tudo o que vê / Faça o diabo feliz / Você vai terminar tipo o outro mano lá / Que era um Preto Tipo A / Ninguém entrava numa / Mó estilo / De calça Calvin Klein / E tênis puma / Um jeito humilde de ser / No trampo e no rolê / Curtia um funk / Jogava uma bola / Buscava a preta dele no portão da escola / Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope / Mas começou colar com os branquinhos do shopping / “Aí já era” / Ih mano outra vida, outro pique / Só mina de elite / Balada, vários drink / Puta de butique / Toda aquela porra / Sexo sem limite / Sodoma e Gomorra / Faz uns nove anos / Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano / Cê tem que vê / Pedindo cigarro pros tiozinho no ponto / Dente tudo zoad / Bolso sem nenhum conto / O cara cheira mal / As tia sente medo / Muito louco de sei lá o quê logo cedo / Agora não oferece mais perigo / Viciado / Doente / Fudido / Inofensivo.⁶²

⁶¹ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

⁶² Ibid.

Nesse trecho encontramos diversos elementos constitutivos de uma outra identidade valorizada na letra dos Racionais. O “Preto Tipo A” também possui um *status* valorizado, assim como o traficante. O Preto Tipo A é aquele que está sempre no estilo, que também ostenta os símbolos de riqueza como “calça Calvin Klein” e tênis “Puma”. Uma pessoa humilde, que trabalha, curte um *funk* e que também “bate uma bola”. Esse é um dos exemplos que alimentam o ideário constituinte dessa identidade específica. Mas tudo se transforma quando esse personagem “começou colar com os branquinho do shopping”. A vida humilde é deixada de lado em favor de estilo de ostentação desenfreado. Ice Blue canta na letra que encontrou esse mesmo personagem acerca de 15 dias atrás, e que agora ele cheira mal, provoca medo nas pessoas, “doente tudo zuado” e sem qualquer dinheiro. O poder destrutivo da droga é exemplificado com contundência: “Muito louco de sei lá o quê logo cedo / Agora não oferece mais perigo / Viciado / Doente / Fudido / Inofensivo”.

Percebe-se que não é nada simples a relação entre droga, periferia e o personagem que articula tudo isso: o traficante. Vale destacar outro trecho interessante na música *Capítulo 4 Versículo 3*. No verso cantado por Blue, que diz “Eu tô aqui com uma nove na mão / cercado de droga e muita disposição, ladrão” há uma questão de resistência que chama atenção. A figura imagética que se constrói é de alguém armado com uma pistola de calibre nove milímetros e que tem disposição para proteger e gerenciar essa droga que o cerca. Essa imagem construída é forte, e geralmente representada pelos jornais como a do inimigo público número da sociedade. Principalmente quando se leva em consideração que para esse personagem o “cotidiano é um teste de sobrevivência / Já tô na vida, então, paciência / Pra cadeia não quero, não volto nunca mais, se for pra ser eu quero é mais.”

A disposição de alguém com uma pistola na mão e cercado por drogas parece contradizer a vontade de não querer voltar para cadeia. Mas a questão é justamente essa: na medida em que esse personagem assume a empreitada da venda de substâncias criminalizadas, vale a pena ir até o fim em busca de uma vida melhor: “Tentei evitar, mas não consegui saí / Se meu futuro já estiver traçado / Eu vou até o fim só pra ver o resultado / Quero dinheiro e uma vida melhor / Antes que meu castelo se transforme em pó”. Afinal, o que se tem a perder?

Portanto, como se percebe, há toda uma dinâmica relacional entre o rótulo imposto pelo sistema de justiça criminal e as pessoas a quem esses rótulos são dirigidos. Essa dinâmica não é nem um pouco simples, linear ou definitiva. A partir da análise das letras dos Racionais MC’s não é possível fazer uma interpretação maniqueísta da figura do traficante, justamente porque esse papel é cheio de contradições que ora podem ser consideradas

positivas, ora podem ser consideradas negativas, mas que diretamente contribuem para a aquisição do rótulo e desempenho do papel social. O que fica claro nas letras é uma visão bem mais complexa e profunda do que é ser “traficante”, para além do mero rótulo estigmatizador que é atribuído a determinadas pessoas pela prática de alguns dos verbos nucleares previstos no art. 33 da Lei de Drogas.⁶³

E nem poderia ser diferente diante das complexidades que são inerentes às relações humanas. Por isso mesmo é que nas letras dos Racionais o rótulo do traficante é, em alguma medida, diferente daquilo que o sistema de justiça criminal impõe, pois é preciso se situar a questão no espaço desse ator social. Nessa dinâmica, como se observa, há margem para ressignificações diferentes daquelas atribuídas pelos atores institucionais do sistema de justiça criminal.

O que vemos nas letras que tratam da figura do traficante é uma ressignificação do rótulo operado pelo sistema de justiça criminal. Há uma subversão na identidade do traficante, que deixa de ser necessariamente negativa para, em alguns contextos, levando em conta um *ator situado* em seu *meio social*, que pode significar poder, reconhecimento, admiração, etc. Dessa maneira, o movimento de criminalização e resistência que passa pela etiqueta “traficante” tem uma dimensão dúplice: de um lado, um estigma construído pelo sistema de justiça criminal e seus atores; de outro lado, uma identidade que pode assumir diferentes significados, inclusive positivos, permitindo um maior grau de agência (e consequente empoderamento) de atores sociais situados em seus respectivos contextos. Portanto, no que concerne à identidade do traficante, as músicas dos Racionais nos trazem elementos que permitem reconhecer um grau de autonomia de sua construção, na medida em que tais identidades são produzidas e também são produtos de uma dinâmica inter-relacional.

3.2.3. O ladrão

A palavra *ladrão* costuma designar aquele que rouba e/ou furta⁶⁴. A palavra *bandido*, por sua vez, possui significados parecidos, sendo os mais comuns: aquele que rouba, que integra bando, salteador, malfeitor, bandoleiro, etc⁶⁵. De toda forma, nas letras dos Racionais MC's as duas palavras aparecem quase como sinônimos. Na introdução de *Vida*

⁶³ BRASIL. Lei 11.343/06, de 23 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 31 dez. 1973. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm>. Acesso em 12 fev. 2018.

⁶⁴ SANTOS, Washington dos. **Dicionário jurídico brasileiro**. Belo Horizonte: DelRey, 2001. p. 141.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 43.

Loka parte 1 Brown recebe uma ligação de alguém que diz: “E aí, bandido mau, como que é, meu parceiro?”. Já em *Diário de um detento*, música que narra o massacre do Carandiru em primeira pessoa, Brown canta: “Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo / quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio”. Como se vê, as vítimas da chacina do Carandiru são genericamente consideradas na letra de *Diário de um detento* como sendo ladrões, muito embora é certo que nem todos que estavam ali presos tenham praticado furto ou roubo.

Sendo assim, percebe-se que há uma correlação entre as identidades de ladrão e bandido, ou seja, trataremos as duas palavras como sinônimos. Com efeito, essa identidade acaba sendo uma identidade abrangente e central para a compreensão da dinâmica da estigmatização, por ser, talvez, a mais representativa para o senso comum. Além disso, ao lado do crime de tráfico de drogas, os crimes patrimoniais são os que mais produzem encarceramento,⁶⁶ o que demonstra a centralidade dessa identidade para o sistema de justiça criminal.

Não é comum que letras de *rap* tenham refrão (vide Capítulo 2, seção 2.2.3). Mas em *Eu sou 157* ouvimos repetidas vezes os versos que marcam a música: “Hoje eu sou ladrão, artigo 157 / As cachorra me ama / Os playboy se derrete / Hoje eu sou ladrão, artigo 157 / A polícia bola um plano / Sou herói dos pivete”. Da maneira como cantada, levando em conta o contexto histórico e social do sujeito lírico, é possível dizer que há na voz do *rapper* uma espécie de gozo, uma espécie de prazer em se identificar como “157”. Talvez não por acaso essa seja uma das músicas mais famosas dos Racionais, pois trata diretamente de um rótulo criminal que é empregado massivamente contra seus ouvintes. A maneira incisiva e repetitiva como que esses versos são reproduzidos demonstra a importância dessa identidade dentro do contexto desse ator social.

O refrão de *Eu sou 157*, assim como o próprio título da música, indica um certo orgulho no auto reconhecimento dessa identidade desviantes. Isso porque tal identidade, ao que tudo leva a crer, traz *status* para esse ator situado em seu respectivo contexto social, qual seja, a periferia. A letra de *Eu sou 157* aborda a identidade do ladrão de uma maneira bastante diferente daquela operada pelo sistema de justiça criminal.

Quem subtrair coisa alheia móvel com emprego de violência e/ou grave ameaça terá contra si imputado o crime de roubo, *nomen juris* do art. 157 do Código Penal. “Ser um 157”, para os operadores do direito, é ter praticado uma conduta que subsume ao tipo do

⁶⁶ DEPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN**: junho de 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017. p. 69.

artigo 157 do Código Penal.⁶⁷ Para a dogmática penal e para os atores do sistema de justiça criminal como um todo, o roubador, o ladrão, o bandido, não passa de alguém que “oferece risco”, de alguém que “lesionou um bem jurídico penalmente tutelado pela norma”, de alguém que praticou um “delito grave” e que “abala a sociedade”, de alguém que rompe a lógica de transmissão patrimonial dentro de uma sociedade capitalista guiada pela lógica de acumulação de riquezas.⁶⁸

Mas não é exatamente dessa maneira que a identidade do ladrão aparece nas letras dos Racionais. Aliás, pelo contrário. A identidade do ladrão desfruta de um certo prestígio. Ser “157” é ser amado pelas “cachorras”⁶⁹, ser “herói dos pivetes”, ser alguém que escapa da polícia, alguém por quem “os playboy se derrete”. Desse modo, o estigma, o rótulo criminal, a valoração negativa dessa identidade, que é operada pelo poder punitivo, acaba sendo subvertida e/ou ressignificada no contexto em que esse ator está inserido.

Hoje eu sou ladrão, artigo 157 / As cachorra me ama / Os playboy se derrete / Hoje eu sou ladrão, artigo 157 / A polícia bola um plano / Sou herói dos pivete / Nego, São Paulo é selva / E eu conheço a fauna / Muita calma ladrão, muita calma / Eu vejo os ganso descer e as cachorra subir / E os dois peida pra ver quem guia o Gti / Mais também né João sem fingir, sem dá pano / É boca de favela, ô, vamos e convenhamos / Tiazinha trabaia 30 ano e anda à pé / As vez cagueta te revolta né?.
(*Eu sou 157*)

No trecho acima Brown relata que tanto os “ganso” (informantes da polícia) quanto as “cachorra” se esforçam para identificar quem é o ladrão que está guiando o *Gti*⁷⁰. E nessa hora que Blue entra releva o mérito do ladrão que guia o *Gti*, porque naquele contexto em que “tiazinha trabaia 30 ano e anda a pé” é bastante fácil chamar atenção guiando um carro esportivo. O verso cantando por Blue reforça a importância de contextualizar o local de fala de nosso ator situado. Diferentemente de outras regiões nobres, o ladrão se destaca e chama a atenção, chegando mesmo a ser admirado, porque em “boca de favela” diferente é ter dente.

Cabe alertar, todavia, que não se trata apenas da glamorização da prática do roubo ou da figura do ladrão, como pode sugerir uma leitura mais apressada. Não é disso que se

⁶⁷ BRASIL. Código Penal. Lei n. 2.848/40, de 7 de dezembro de 1940. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 jun. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 10 dez. 2017.

⁶⁸ E é essa a lógica que, a rigor, deve ser protegida pelo o aparato repressivo do Estado.

⁶⁹ Nesse trecho, mais uma vez, há um evidente conteúdo machista na letra dos Racionais, que compara a mulher, pejorativamente, a uma “cachorra”.

⁷⁰ Referência ao carro modelo *Golf Gti* da marca VW, muito apreciado como carro de fuga por ser um carro compacto com alta potência.

trata. Tanto que a história contada em *Eu sou 157* termina, tragicamente, com o assassinato de um dos assaltantes da história:

Caiu a fita, sujô! /Cadê o neguinho? /Demorou, caraio bem que eu falei /Todos fuça mudou /Só tinha 2, mais tem 3 /O neguinho vinha vindo do que vinha rindo? /O pesadelo do sistema não tem medo da morte/ Dobrou o joelho e caiu como um homem /Na giratória, abraçado com o malote /Eu falei: Porra, não te falei?! que não ia dar/ Pra mãe dele quem que vai falar /Quando nós chegar um filho pra criar /Imagina a notícia! /Lamentável, vamo aí /Vai chover de polícia /A vida é sofrida mas não vou chorar /Viver de que? /Eu vou me humilhar? /É tudo uma questão de conhecer o lugar /Quanto tem, quanto vem /E a minha parte quanto dá. Porque..⁷¹

Ao final da letra, ainda, no melhor estilo “salve”, Brown manda um recado para a “molecadinha”, alertando que aquilo que “vem fácil, vai fácil”. Brown também orienta: “não vai pra grupo não, a cena é triste”, deixando claro que o ladrão não é o exemplo a ser seguido porque o final da história é conhecido:

Aí louco, muita fé naquele que tá lá em cima / Que ele olha pra todos, e todos têm o mesmo valor / Vem fácil, vai fácil, essa é a lei da natureza! / Não pode se desesperar / E aí molecadinha, todo de olho em vocês, hein?! / Não vai pra grupo não, a cena é triste / Vamo estudar, respeitar o pai e a mãe / E viver, viver, essa é a cena..⁷²

Vale destacar alguns outros trechos de músicas dos Racionais MC's que descrevem a identidade do ladrão, ou mesmo as ações de atores que assumem, eventualmente, esse papel social em seus respectivos contextos. A música que aborda mais diretamente a identidade ladrão é *Eu sou 157*:

A máquina do desemprego / Fábrica criminoso / De bombeta, tatuado, sem camisa / De bermudão, no pião, na mesma brisa / Formação de quadrilha conduz o crime / Fora da lei, eu sei, eu vejo filme / Las Vegas o patrão gira a roleta / Controla tudo, na ponta da caneta / Sentindo na garganta, o amargo do fel / Com o crime organizado, na torre de babel / Inteligente é o que vai pra cama mais cedo / Com uma quadrada na cintura não é mais segredo / Não tenha medo, então, por que você veio aqui? / É guerra fria e você ta bem no meio aí / Fogo cruzado, lado norte /Só vagabundo, bandidagem e a morte / Boa sorte. (*Crime vai e vem*)

Foi a escolha que eu fiz / Agora o sangue que escorre não apaga, não é giz / Eu vacilei, não olhei / Tinha um pé ali atrás no balcão quando enquadrei / Entrei suando, era a deixa / Cada, cada prejuízo, o seu é a queixa / Eu me fodi de verdade, se pá não vai dar / Não vou ver nem as grades / Que merda é

⁷¹ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

⁷² Ibid.

essa que eu fiz / Eu não ouvi o meu parceiro como eu ouço o juiz [Infeliz] / Respire fundo, otário / Violento e desnecessário / Dói pra caralho e agora não é hora de rezar e brisar / Louco, deixa de história! / Tem que ser homem, ladrão / Mesmo sendo massacrado no chão, né não? (*A escolha que eu fiz*)

A cena é essa, ó, fica ligado / Um mão branca fica só de migué / No bar em frente o dia inteiro, tomando café, é nosso! / O outro é japonês, o Kazu / Que fica ali vendendo um dog e talão zona azul / Cê compra o dog dele e fica ali no bolinho / Ele tem só um canela seca no carrinho / Se liga a loira né? Então! / Vai tá lá dentro / De onda com os guardinha, pam / É nessa aí que eu entro / É 2! Tem mais um / Foi quem deu, tá ligeiro, na hora ele vai tá de AK no banheiro / Tem uma XT na porta e uma Sahara / Pega a contramão vira a esquerda e não para / A cara é direto e reto, na mesma até a praça / Que tá tudo em obra e os carro não passa / Do outro lado tá a Rose de Golf, na espera / Dá as arma e os malote pra ela e já era. (*Eu sou 157*)

Prestou vestibular no assalto do busão. / Numa agência bancária se formou ladrão. / Não, não se sente mais inferior. / Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor. / Guina, eu tinha mó admiração, ó. / Considerava mais do que meu próprio irmão, ó. / Ele tinha um certo dom pra comandar. / Tipo, linha de frente em qualquer lugar. / Tipo, condição de ocupar um cargo bom e tal. / Talvez em uma multinacional. (*Eu tô ouvindo alguém me chamar*)⁷³

Nos trechos selecionados se percebe que a figura do ladrão e a narrativa de assaltos aparecem com detalhes nas letras dos Racionais. O assaltante que começa no “busão” e que se forma “na agência” bancária. Aquele esporádico que aceita o convite “pela ordem” porque a é “merecedor”. O ladrão que “herói dos pivetes” e que é alvo de planos da polícia; Até mesmo aquele ladrão que pratica um assalto mal sucedido e agora está sendo “massacrado no chão”. Desse modo, há muitas nuances e abordagens diferentes tanto da figura do ladrão, quanto do desempenho desse papel social. O estigma produzido pelo rótulo “ladrão” não necessariamente significa a mesma coisa sempre, a depender do contexto e da importância que o ator opera.

As histórias de assaltos e representação da figura do ladrão, de fato, é frequente nas letras dos Racionais. Uma explicação que se pode dar para isso é que essa é uma realidade próxima do quarteto de *rappers* paulistanos, muito em razão dos processos criminalizantes acima descritos. Dificilmente um compositor da bossa nova brasileira abordaria uma questão como essa, pois, diferentemente dos Racionais, sua realidade e seu contexto histórico e social apontavam para outras questões – que também aparecem nas letras da *mpb*, como a crítica à ditadura militar brasileira, por exemplo. Enquanto Vinícius de Moraes tinha amigos diplomatas, Mano Brown tem amigos presos.

⁷³ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

Em *Eu tô ouvindo alguém me chamar*, lançada em 1997 no álbum *Sobrevivendo no Inferno*, temos mais um fato real cantado em rimas. Ao longo de mais de 11 minutos ouvimos a narrativa da história de um “mano” que começou a praticar assaltos ao lado de “Guina”⁷⁴, que era “um ladrão, e dos bons / especialista em invadir mansão”. As reflexões sobre o papel social desempenhado por Guina revelam, mais uma vez, que o rótulo *ladrão* não necessariamente é algo positivo ou negativo, rompendo qualquer dicotomia reducionista. Em determinado trecho Guina é descrito como alguém solidário, alguém que rouba dos ricos e dá aos pobres, e que por isso mesmo é admirado e faz com que seja um exemplo a ser seguido:

Putá aquele mano era foda. / Só moto nervosa. / Só mina da hora. / Só roupa da moda. / Deu uma pá de blusa pra mim. / Naquela fita na boutique do Itaim. / Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim. / Vida de ladrão, não é tão ruim. / Pensei, entrei no outro assalto pulei, pronto, aí o Guina deu mó ponto: / - Aí é um assalto, todo mundo pro chão, pro chão...! / - Aí filho da puta, aqui ninguém tá de brincadeira não! / - Mais eu ofereço o cofre mano, o cofre, o cofre..... /- Vamo lá que o bicho vai pegar!⁷⁵

O “mano foda”, alguém que ostentava os símbolos do sucesso como uma “moto nervosa” e “roupa da moda”. É o ladrão que assalta boutique no Itaim e que distribuía roupa na periferia no melhor estilo Robin Hood. Essa figura construída produz admiração, ao ponto de ser alguém que possui seguidores e servia de exemplo. Esse trecho é bastante revelador de como o rótulo criminal não é necessariamente algo negativo para o indivíduo que assume e desempenha esse papel social. Em razão do *status* adquirido como ladrão, Guina é alguém cercado por mulheres, que desfruta dos símbolos do capitalismo e que é admirado por seus “parceiros”.

O rótulo criminal, nesse sentido, para além de ser apenas um estigma, é uma identidade que, naquele contexto, naquele meio social, permite acumulação de capital social, político e econômico. Essa proposição é central para melhor compreensão da dinâmica da seletividade, na medida em que o indivíduo rotulado também manobra o rótulo que lhe é imposto, o que impõe reconhecer alguma agência em sua ação. Considerar tais aspectos ajuda a compreender melhor a assunção desse papel social por aquele ator naquele meio.

Mas não há apenas glamorização da figura do bandido, assim como não há a do traficante, conforme visto acima. Talvez o que impressiona nas letras dos Racionais seja a

⁷⁴ Uma pessoa passou a frequentar cultos evangélicos e dar um “testemunho” se identificando como “Guina”, se dizendo recuperado da vida do crime e se declarando um ex-membro dos Racionais. Mano Brown já desmentiu essa pessoa, e todos que conhecem a história dos Racionais sabem que sempre foram apenas quatro integrantes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WsL2J-gRXDo>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

⁷⁵ RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1998. 1 CD (71 min).

humanidade que fica clara nas nuances das diversas identidades que podemos assumir. Não se trata de certo ou errado, bem ou mau, herói ou vilão, etc. A complexidade da vida relatada nos versos dos Racionais permite uma maior identificação com os personagens ali descritos justamente porque não as reduz a categorias estanques, imutáveis e definitivas. Pelo contrário.

Guina no portão, eu e mais um mano. / - Como é que é neguinho? / Humm....
Se dirigia a mim, e ria, ria, como se eu não fosse nada. / Ria, como fosse ter virada. / Estava em jogo, meu nome e atitude. (tiros) / Era uma vez Robin Hood. / Fulano sangue ruim, caiu de olho aberto. / Tipo me olhando, Hee, me jurando. / Eu tava bem de perto e acertei os seis. / O Guina foi e deu mais três.⁷⁶

O mesmo Guina que há alguns versos atrás era descrito como alguém admirado, também é descrito na sequência como alguém frio, sanguinário e vingativo. O narrador rememora sua entrada na criminalidade ao lado de seu parceiro, e descreve a frieza de Guina durante um latrocínio. A complexidade da personagem de Guina é trazida na sequência:

Lembro que um dia o Guina me falou / Que não sabia bem o que era amor / Falava quando era criança / Uma mistura de ódio, frustração e dor / De como era humilhante ir pra escola / Usando a roupa dada de esmola / De ter um pai inútil, digno de dó / Mais um bêbado, filho da puta e só / Sempre a mesma merda, todo dia igual / Sem feliz aniversário / Páscoa ou Natal.⁷⁷

O ladrão que dispara a sangue frio é descrito logo em seguida como alguém que não conhece muito bem sentimentos como o “amor”. A infância sofrida, um pai vítima do alcoolismo, o trauma não ter motivos para comemorar qualquer data festiva compõem um pouco do histórico de vida de alguém que, agora, distribuía brinquedos na periferia, mas que também atirava para matar.

De todo modo, o que se percebe é que os Racionais MC's elevam a discussão sobre algumas identidades desviantes, como no caso do ladrão, para um outro nível. Elementos históricos e sociais são contextualizados para o local de fala de nosso ator situado. Essas possibilidades de interpretação do processo de criminalização e da constituição de identidades desviantes podem não ser perceptíveis se olharmos a penas a partir de uma perspectiva macrosociológica. Contudo, levando em quanto o ator situado, isto é, o “ladrão” o “traficante” dentro de seu meio social, assim como podemos apreender a partir das letras dos Racionais, a dinâmica das inter-relações (que é uma via de mão dupla) nos ajuda a

⁷⁶ RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1998. 1 CD (71 min).

⁷⁷ Ibid.

entender como essas identidades são ressignificados por aqueles que, em regra, o poder punitivo escolhe como alvo da criminalização.

Nesse sentido, a identidade do ladrão, conforme visto acima, passa por ressignificações que afastam a carga negativa que necessariamente os atores do sistema de justiça criminal opera contra esses indivíduos, na medida em que se modificados o lugar de compreensão, isto é, o contexto histórico e social desse indivíduo desempenhando essa mesma identidade.

O ladrão que aparece nas letras dos Racionais é muito mais complexo do que aquele que é levado de calça bege algemado perante um juiz. Na música dos Racionais é poder de agência, há possibilidade de gestão, há uma capacidade de manobra dessa identidade usada pelo poder punitivo, mas que pode se converter num “Robin Hood”, no “157”, no “ladrão sangue bom / tem moral na quebrada / Mas pro Estado é só um número, mais nada”. Enfim. Há toda uma dinâmica que precisa ser consideradas incluindo os indivíduos comumente estigmatizados, como fazem os Racionais MC’s ao descreverem, em versos e rimas,

3.3. A Espiral de Criminalização e Resistência

Conforme visto no Capítulo 1, para a criminologia cultural o papel das autoridades e atores institucionais tem contribuição relevante na dinâmica do crime e de seu controle. Em *Urban graffiti: crime, control and resistance*, artigo prévio que depois serviu de base para o livro *Crimes of style*, Ferrell levanta a questão da resistência às autoridades. É a partir desses questionamentos que o autor destaca o papel das autoridades no combate ao grafite, através de projetos, campanhas e criminalizações. Nesse cenário de excitação ilegal, a pressão sofrida pelos grafiteiros por parte das autoridades acaba retroalimentando a adrenalina e o prazer sentido pelos grafiteiros. Ou seja, o papel dos empreendedores da moral reforça a conduta tida como desviante, resultando numa estranha dança entre autoridade e resistência, que amplifica a intensidade da atividade que deveria ser suprimida.⁷⁸

Essa proposição da criminologia cultural encontra correlação como que analisamos nas letras de *rap* dos Racionais MC’s, notadamente quando a constituição de identidades desviantes a partir de processos de criminalização em via de mão dupla. Evidentemente que os Racionais MC’s relatam muito daquilo que vivenciam, como

⁷⁸ FERRELL, Jeff. *Urban graffiti: Crime, control, and resistance*. **Youth & Society**, v. 27, n. 1, p. 73-92, 1995. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0044118X95027001005>>. Acesso em: 06 fev. 2017. p. 37.

testemunhas oculares do processo de criminalização e construção de identidades como a do traficante e a do ladrão. Com efeito, essas letras de *rap* evidenciam que do mesmo modo que se opera o sistema justiça criminal contra as populações periféricas, essas populações periféricas também resistem a esses estigmas ao ressignificar identidades desviantes dentro de seu respectivo meio social. Portanto, quanto mais intenso for o processo de criminalização, mais intenso será o processo de ressignificação das identidades tidas como desviantes, tais como o ladrão e o traficante – analisados discursivamente nas letras dos Racionais MC's acima.

Uma conclusão que se encontra é que, assim como relatado por Ferrell, quanto mais intenso forem os processos de criminalização, por exemplo, mais facilmente identidades desviantes serão constituídas, assim como cantando nas letras dos Racionais, e mais facilmente essas identidades serão ressignificadas por aqueles que são estigmatizados.

Essa dinâmica de amplificação de um pelo outro é o que reforça as proposições da criminologia crítica quanto a deslegitimação do poder punitivo, na medida em que o sistema de justiça criminal não é solução para nenhum problema, aliás, pelo contrário, na medida em que acaba amplificando o fenômeno criminal, além de institucionalizar uma série de violências contra o indivíduo. Não há dúvida que o poder punitivo atua de maneira seletiva e desigual, sobretudo a partir de uma perspectiva superestrutural. Mas o que propomos é enxergar o o indivíduo nessa dinâmica como ator situado em seu meio social.

É nesse sentido que a criminologia cultural vai focar seus estudos na ação do indivíduo, assim como o paradigma das inter-relações sociais, que busca compreender o ator situado na dinâmica da criminalização, mas sem perder de vista toda a crítica estrutural ao sistema de justiça criminal, que possui déficit de legitimidade incontestado diante dos dados que se apresentam empiricamente. Nesse sentido, esses paradigmas da criminologia se aproxima e nos permite ampliar o horizontes de pesquisa, ao passo que ambos se preocupam com essa via de mão-dupla que nos faz enxergar e compreender o fenômeno criminal de maneira mais ampla e complexa. Para tanto, nada melhor do que começar ouvindo *rap*, um retrato fidedigno pela de uma *Vida Loka*

Eu sou guerreiro do rap
 E sempre em alta voltagem
 Um por um, Deus por nós, tô aqui de passagem
 Vida loka
 Eu não tenho dom pra vítima
 Justiça e liberdade, a causa é legítima
 Meu rap faz o cântico do loko e dos romântico

Vo por o sorriso de criança, onde for
Os parceiros tenho a oferecer minha presença
Talvez até confusa, mais real e intensa

Meu melhor Marvin Gaye, sabidão na marginal
O que será, será, é nós vamo até o final
Liga eu, liga nós, onde preciso for
No paraíso ou no dia do júizo pastor
E liga eu, e os irmão
É o pouco que eu peço, favela, fundão
Imortal nos meus versos
Vida loka⁷⁹

⁷⁹ RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito tempo que a criminologia demonstrou que o poder punitivo atua de maneira seletiva e desigual ao taxar o que é crime e quem é o criminoso, pautado, sobretudo, por questões superestruturais como a relação capital/trabalho assalariado. Essas pessoas que são preferencialmente selecionadas pelo sistema de justiça criminal têm seus direitos humanos mais básicos violados por meio do sistema penitenciário. Mesmo assim, esse indivíduo selecionado pelas agências de repressão do Estado, em alguma medida, deixou de ser interessante para o paradigma criminológico da reação social, que elevou suas explicações quanto ao fenômeno criminal apenas ao nível macrossociológico.

Levando isso em consideração, tanto a criminologia cultural, que busca compreender o fenômeno do crime e seu controle como construções criativas da cultura, sobretudo da perspectiva da experiência transgressora, bem como o paradigma das inter-relações sociais, que propõe um estudo de um ator situado em seu respectivo meio, temos uma retomada desse sujeito que, em regra, é selecionado pelo sistema de justiça criminal. É principalmente desse sujeito e para esse sujeito que os Racionais MC's direcionam suas letras de *rap* recheadas de indignação, conscientização e denúncia de iniquidades. O plano da ação, da experiência, da relação entre a atividade transgressora e o rótulo estigmatizante operado pelas agências de controle nos demonstra outras compreensões para a dinâmica do crime e do controle, agora a partir de perspectivas culturais e interacionistas.

O movimento *hip hop*, que concluímos ser uma cultura e(m) movimento, por meio de seus quatro elementos e mais a consciência, veicula uma resistência às formas de dominação (inclusive estéticas e culturais) tradicionalmente imposta, possibilitando o empoderamento e/ou emancipação desse grupo de pessoas que compartilha entre si essa cultura. Bem por isso, e também por ser uma cultura comum entre a população negra e periférica, forjada na luta antirracista estadunidense, é que o *graffiti*, o *rap*, o *break* e o *dj* sejam tantas vezes perseguidos pelos empreendedores da moral. Não é a outra a história do *hip hop* no Brasil desde os tempos da estação São Bento, até a promissora carreira dos Racionais MC's, que muito embora seja o grupo de *rap* mais popular da cena brasileira, já foi retirado do palco enquanto cantava uma música que supostamente fazia apologia ao crime (episódio do Anhangabaú).

A história dos Racionais MC's se confunde com a história do próprio movimento *hip hop* brasileiro. Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KLJay estavam na semente que

germinou e floresceu as letras que fazem a cabeça de uma multidão de jovens periféricos. Tudo isso com um forte conteúdo político de denúncias das iniquidades que afetavam as periferias da década de 90 e início dos anos 2000 – período em que a maior parte das letras foi escrita.

Uma das principais proposições que se extrai das letras dos Racionais MC's que se encontra é que, assim como relatado por Ferrell, quanto mais intenso forem os processos de criminalização, por exemplo, mais facilmente identidades desviantes serão constituídas, assim como cantado nas letras dos Racionais, e mais facilmente essas identidades serão ressignificadas por aqueles que são estigmatizados. Ferrell faz constatação semelhante ao estudar a dinâmica do *graffiti* ao afirmar que a perseguição dos empreendedores da moral aumenta o *rush* de adrenalina sentido e buscado pelos pichadores, o que significa dizer que a intensidade da repressão amplifica a atividade que pretende suprimir.

Essa dinâmica de amplificação de um pelo outro, isto é, da constituição de identidades desviantes a partir do aumento da intensidade dos processos de criminalização, é o que reforça as proposições da criminologia crítica quanto a deslegitimação do poder punitivo, na medida em que o sistema de justiça criminal não é solução para nenhum problema, aliás, pelo contrário, pois acaba amplificando o fenômeno criminal, além de institucionalizar uma série de violações de direitos humanos contra grupos específicos de pessoas. Portanto, quanto mais intenso forem os processos de criminalização, por exemplo, mais facilmente identidades desviantes serão constituídas, assim como cantando nas letras dos Racionais, logo, mais facilmente essas identidades serão ressignificadas por aqueles que são estigmatizados, o que gera uma espiral de criminalização e resistência amplificando-se um pelo outro.

A análise do campo serviu para demonstrar como as duas principais identidades desviantes, quais sejam, o traficante e o ladrão, são ressignificadas pelos Racionais – sem reducionismos maniqueístas quanto a herói ou vilão, certo ou errado, bom ou mau, etc. No caso do traficante, por exemplo, há letras questionam a posição do traficante como “Sujeito ou cuzão, herói ou vilão?”. O que se percebe, portanto, é que os Racionais MC's elevam a discussão sobre algumas identidades desviantes, como no caso do ladrão e do traficante, para um outro nível. Elementos históricos e sociais são contextualizados para o local de fala de nosso ator situado. Essas possibilidades de interpretação do processo de criminalização e da constituição de identidades desviantes podem não ser perceptíveis se olharmos a penas a partir de uma perspectiva macrosociológica.

Enquanto para o direito penal o traficante é alguém que pratica algum dos diversos verbos nucleares do art. 33 da Lei 11.343/2006, na letra de o *Crime vai e vem*, por exemplo, o traficante é alguém visto como “estrategista”, com “disposição”, alguém que luta pela sua “sobrevivência”, que também quer dinheiro e uma vida melhor “antes que tudo se transforme em pó”. A letra dos Racionais inverte o rótulo negativo do sistema de justiça e representa o traficante como alguém poderoso, capaz de manipular o mundo, comprar a polícia, a política, constituir sua milícia, e que pouca gente se habilita a debater. Do mesmo modo a identidade do ladrão. Conforme destacado acima, quem subtrair coisa alheia móvel com emprego de violência e/ou grave ameaça terá contra si imputado o crime de roubo. Nesse sentido, “ser um 157”, para os operadores do direito, é ter praticado uma conduta que subsome ao tipo do artigo 157 do Código Penal – e apenas e tão somente isso. Muito diferente das complexidades que possui a figura do ladrão nas letras dos Racionais.

Como em *Eu tô ouvindo alguém me chamar*, em que ouvimos a narrativa da história de um “mano” que começou a praticar assaltos ao lado de “Guina”, que era “um ladrão, e dos bons / especialista em invadir mansão”. As reflexões sobre o papel social desempenhado por Guina revelam, mais uma vez, que o rótulo *ladrão* não necessariamente é algo positivo ou negativo, rompendo qualquer dicotomia reducionista. Em determinado trecho Guina é descrito como alguém solidário, alguém que rouba dos ricos e dá aos pobres, e que por isso mesmo é admirado e faz com que seja um exemplo a ser seguido. O rótulo criminal, nesse sentido, para além de ser apenas um estigma, é uma identidade que, naquele contexto, naquele meio social, permite acumulação de capital social, político e econômico. Essa proposição é central para melhor compreensão da dinâmica da seletividade, na medida em que o indivíduo rotulado também manobra o rótulo que lhe é imposto, o que impõe reconhecer alguma agência em sua ação.

Não há dúvida que o poder punitivo atua de maneira seletiva e desigual, principalmente a partir de uma perspectiva superestrutural. Mas o que propomos é enxergar a importância do poder de *agência* do indivíduo nessa dinâmica. Entende esse indivíduo como um ator situado em seu meio social é o que nos amplia o horizonte para o lado de lá da dinâmica do processo de criminalização. Dessa nova perspectiva, esse ator situado subverte e resiste na gestão dos próprios rótulos em sua própria comunidade. Mesmo assim, não se olvide que também é exatamente essa internalização do rótulo que faz com que o poder punitivo opere justamente contra essas pessoas. Todavia, reconhecer esse espaço de atuação do sujeito na constituição de suas identidades, com todas as suas peculiaridades e

idiossincrasias, permite reconhecer sua autonomia enquanto pessoa dentro de uma dinâmica que afeta, principalmente, a si mesmo.

E essa dinâmica de resistência (dos indivíduos que ressignificam os rótulos) e criminalização (das agências de controle que operam o estigma) que constitui uma compreensão dúplice (dentro de um paradigma das inter-relações sociais) quanto ao crime e seu controle de uma perspectiva cultural.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vera Pereira. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum. **Revista Sequência**, v. 16, n. 30, p. 24-36, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15819>>. Acesso em: 07 jun. 2017.
- ARAÚJO, Ana Carolina Palma de. **O Direito por outras vozes**: reflexões críticas a partir da música de Racionais MC's e Bezerra da Silva. 2013. 252f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.
- BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal**: introdução à sociologia do direito penal. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- BATISTA, Nilo. Mídia e sistema penal no capitalismo tardio. **BOCC**: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, Covilhã, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/batista-nilo-midia-sistema-penal.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução crítica à criminologia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2012.
- _____. **Difíceis ganhos fáceis**: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Zahar, 2012.
- _____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. São Paulo: Zahar, 2005.
- BECKER, Howard Saul. **Segredos e truques da pesquisa**. São Paulo: Zahar, 2007.
- _____. **Writing for social scientist**: how to start and finish your thesis, book, or article. 2nd. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2007.
- _____. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. São Paulo: Zahar, 2009.
- _____. A epistemologia da pesquisa qualitativa. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 184-198, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.reedpesquisa.org/ojs-2.4.3/index.php/reed/article/view/18>>. Acesso em: 2 jul. 2015.
- BÖES, Guilherme Michelotto. Skate e a cidade: uma pesquisa em criminologia cultural. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS CRIMINAIS, 4., 2013, Porto Alegre. **Anais....** Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2013. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/64.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **A identidade do preso e as leis do cárcere**. 2008. Dissertação (Mestrado em Direito Penal) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. **A identidade do preso e as leis do cárcere**. 2008. 205f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____.; PRANDO, Camila Cardoso de Mello. Práticas pedagógicas feministas e criminologia crítica: liberdade, transgressão e educação. **Boletim IBCCRIM**, São Paulo, v. 24, n. 280, p. 18-19. mar. 2016.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Carcerário. **CPI sistema carcerário**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/2701>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

_____. Código Penal. Lei n. 2.848/40, de 7 de dezembro de 1940. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 jun. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 10 dez. 2017.

_____. Lei 11.343/06, de 23 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 31 dez. 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm>. Acesso em 12 fev. 2018.

BRUGGERMANN, Henrique Gualberto. Criminólogos do RAP. **Boletim do IBCCRIM**, São Paulo, n. 235, jun. 2012. Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/boletim_artigo/4633-Crimin%C3%B3logos-do-rap>. Acesso em: 28 ago. 2014.

CARAMANTE, André. Eminência parda. **Revista Rolling Stones**. ed. 39. dez. 2009. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/39/mano-brown-eminencia-parda#imagem0>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CARNELUTTI, Francesco. **As misérias do processo penal**. Campinas: Sevanda, 2012

CARNEY, Phil. Crime, punishment and the force of photographic spectacle. **Sistema Penal e Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 191-205, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12609/8812>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

CARVALHO, João Batista Soares. **A Constituição de identidades, representações e violência de gênero nas letras de RAP (São Paulo na década de 1990)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARVALHO, Salo. Criminologia cultural, complexidade e as fronteiras de pesquisa nas ciências criminais. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 17, n. 81, p. 294-338, nov./dez. 2009.

_____. Criminologia cultural: perspectiva desde el margen. **Revista de Ciências Sociales Delito y Sociedad**, Buenos Aires, año 19, n. 30, p. 85-100, 2010.

_____. **Antimanual de criminologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

_____. Das subculturas desviantes ao tribalismo urbano (itinerários da criminologia cultural através do movimento punk). In: LINCK, José Antônio et al. **Criminologia cultural e rock**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério. **A identidade do movimento hip-hop curitibano a partir da análise do discurso de letras de música de rap**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Univesidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CERRUTI, Marta Quaglia. **O jovem e o rap: ética e transmissão nas margens da cidade**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-07022017-103554/pt-br.php>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

CHANG, Jeff. **Can't stop won't stop: a history of the Hip-Hop generation**. New York: St. Martin's Press, 2005.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia; CODO, Wanderley. (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984,

CIDH. **Medida Cautelar n. 08/2013**. Asunto Personas Privadas de Libertad en el “Presidio Central de Porto Alegre” respecto de Brasil. Washington, DC, 30 Dic. 2013. Disponível em: <<http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/MC8-13Resolucion14-13-es.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2016.

_____. **Medida cautelar n. 43/2016**. Asunto adolescentes privados de libertad en el Centro de Atención Socioeducativo del Adolescente (CASA) Cedro del estado de San Pablo respecto de Brasil. <<http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/2016/MC302-15-ES.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

_____. **Medida cautelar n. 60/2015**. Assunto: Adolescente privados de liberdade em unidades de atendimento socioeducativo de internação masculina do estado do Ceará, referente ao Brasil. Disponível em: <<http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/2015/MC60-15-PT.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2016. Acesso em: 17 fev. 2017.

_____. **Medida cautelar n. 208/2016**. Assunto: as pessoas presas Plácido de Sá Carvalho, referente ao Brasil. Disponível em: <http://www.portaldpge.rj.gov.br/Portal/sarova/imagen-dpge/public/arquivos/LIMINAR_CIDH_PLACIDO.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2016.

_____. **Medida Cautelar n. 367/2013**. Asunto Personas Privadas de Libertad en el “Complejo Penitenciario de Pedrinhas” respecto de Brasil. Washington, DC, 16 Dic. 2013.

Disponível em: <<http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/pdf/MC367-13Resolucion11-13-es.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

CONECTAS DIRETOS HUMANOS. **Prisões:** Brasil terá de se explicar à OEA. São Paulo, 22 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.conectas.org/noticias/priso-es-brasil-tera-de-se-explicar-a-oea>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: **Simpósio Internacional do Adolescente**, 1, 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100010&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 17 jun. 2017.

CORTE IDH. **Resolução de 13 de fevereiro de 2017**. San José, 2017. Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/docs/medidas/asuntos_unidad_se_01_por.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2017.

COSTA, Leticia Villela Lima da. De objeto a sujeito: as marcas da oralidade em “vozes da sanzala Kahitu”. **Revista Transversos: Revista de História**, v. 6, n. 6, p. 69-84, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/22078/16034>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

CYMROT, Danilo. **A criminalização do funk sob a perspectiva da teoria crítica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. Ascensão e declínio dos bailes de corredor: o aspecto lúdico da violência e a seletividade da repressão policial. **Sistema Penal e Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 169-179, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12364/8810>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

DEPEN. **Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEN**: junho de 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

EPSTEIN, Lee; KING, Gary. **Pesquisa empírica em direito**: as regras de inferência. São Paulo: Direito GV, 2013.

FACÇÃO Central. Entrevistadora: Sônia Abrão. **Jornal da Noite**. São Paulo: RedeTV, [199-]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jn4yEwcsyvQ>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

Faixa 1: Brasil com “P”, 1:44 - GOG. **CPI da Favela**. Brasília, DF: Zâmbia Fonográfica: 2000. 1 CD. (50 min.).

FAGUNDES, Mari Cristina de Freitas. Do conhecimento científico ao conhecimento popular: enlace entre sociologia da violência, normas penalizadoras e rap. In: ENPOS, 15., 2013, Pelotas. **Anais....** Pelotas: Ed. UFPEL, 2013. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2013/CH_03000.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2014.

_____. Enlace entre criminologia cultural e rap brasileiro: possibilidades para uma nova compreensão do sistema coercitivo estatal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS CRIMINAIS, 4., 2013, Porto Alegre. **Anais....** Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2013. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV/61.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

FERRELL, Jeff. **Crimes of style: urban graffiti and the politics of criminality**. New York: Garland, 1993.

_____. **Definition of Cultural Criminology in the Blackwell Encyclopedia of Sociology**. 2011. Disponível em: <<https://blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology/files/2011/03/cult-crim-blackwell-ency-soc.pdf>>. Acesso em 05 jun. 2016.

_____. Morte ao método: uma provocação. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 157-176. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/viewFile/7295/5874>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

_____. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, [s. v.], n. 82, p. 339, jan/fev 2010.

_____. Urban graffiti: crime, control, and resistance. **Youth & Society**, Thousand Oaks, v. 27, n. 1, p. 73-92, 1995. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0044118X95027001005>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

_____.; HAYWARD, Keith J.; YOUNG, Jock. **Cultural criminology: an invitation**. London: Sage Publications, 2008.

_____.; HAYWARD, Keith. Possibilidades insurgentes: as políticas da criminologia cultural. **Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 206-218, jul./dez. 2012.

_____. Cultural criminology. In: RITZER, George (Ed.). **Blackwell Encyclopedia of Sociology**. Malden: Blackwell, 2011. Disponível em: <<https://blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology/files/2011/03/cult-crim-blackwell-ency-soc.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO, 28 de setembro de 1994. **Polícia prende grupos de rap durante show**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/28/index.html#top>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

_____. 15 de outubro de 1994. **Acidente com Racionais MC's mata 1**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/15/cotidiano/26.html>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1996

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRADE, Larissa Palermo. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultural, crime e olhares criminalizantes. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídico-Criminais) - Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

FURQUIM, Saulo Ramos. **A criminologia cultural e a criminalização das culturas periféricas**: discursos sobre crime, multiculturalismo, cultura e tédio. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídico-Criminais) - Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

_____. A necessidade de uma criminologia cultural face aos desdobramentos das teorias do conflito. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 20, n. 38, p. 95-109, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/7331>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

_____.; LIMA, Luiz Gustavo Stefanuto. Aportes iniciais sobre a criminologia cultural e a pertinência no universo subcultural. **Revista Transgressões: Ciências Criminais em Debate**, Natal, v. 3, n. 1, p. 150-170, maio 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/7199>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

_____. O prelúdio para a criminalização das culturas periféricas. **Revista Crítica do Direito**, v. 67, n. 5, p. 391-409, dez. 2015/abr. 2016.

G1 Notícias. **Interpretação de Suplicy arranca gargalhadas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL27911-5601,00-INTERPRETACAO+DE+SUPPLY+ARRANCA+GARGALHADAS.html>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

GARCIA, Walter. Sobre uma cena de “fim de semana no parque”, do Racionais MC’s. **Estudos Avanços**, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 221-229, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10608/12350>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILL, Rosalin. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GLENNY, Misha. **O dono do morro**: um homem e a batalha pelo Rio. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. 4. ed. [São Paulo]: [s.n.], [1891].

GOG. **CPI da Favela**. Brasília, DF: Zâmbia Fonográfica, 2000. 1 CD (50 min).

GOMES, Renan Lélis. **Território usado e movimento hip-hop**: cada canto um rap, cada rap um canto. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000907360&fd=y>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**: Revista de Linguística, Araraquara, v. 39, p. 13-21, 1995. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3967/3642>>. Acesso em: 12 maio 2016.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **CMC**: Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, n. 4 n. 11, p. 11-25, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>>. Acesso em: 12 maio 2016

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAYWARD, Keith. FERREL, Jeff. Possibilidades insurgentes: as políticas da criminologia cultural. **Sistema Penal e Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 206-218, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12598>>. Acesso em: 3 jan. 2015.

_____. Cultural criminology. In: GOLDSOHN, Barry. (Ed.). **The Dictionary of Youth Justice**. Cullompton: Willan, 2007. Disponível em: <<http://blogs.kent.ac.uk/culturalcriminology/files/2011/03/youth-justice-dictionary.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2016.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

JESUS, Isabel Cristina Augusto. **O discurso sobre as violências no grupo de RAP Racionais MC's**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) - Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://tardis.pucrs.br/dspace/handle/10923/180>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

KEHL, Maria Rita. Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-106, 1999.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

LEITE, Antonio Eleilson. **O legado simbólico do rap Da ponte pra cá**. São Paulo, 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/o-legado-simbolico-do-rap-da-ponte-pra-ca/>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

LIMA DA COSTA, Letícia Villela. De objeto a sujeito: as marcas da oralidade em “vozes da sanzala Kahitu”. **Revista Transversos**, v. 6, n. 6, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/22078/16034>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

LINCK, José Antônio et al. **Criminologia cultural e rock – criminologias**: discursos para a academia. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. Trad. Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2010

LONG, Norman; PLOEG, Jan Douwe van der. **Heterogeneidade, ator e estrutura**: a reconstituição do conceito de estrutura. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <navi.ufsc.br/files/2011/09/Sobre-agencia.docx>. Acesso em: 10 ago. 2016.

MANO BROWN. Entrevistadora: Adriana Couto. Metrôpolis. São Paulo: TV Cultura, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oDoKYRVQ300>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

_____. Entrevistador: Marcílio Gabriel. **Programa Freestyle**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RoSJoONzt5k&t=2216s>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

MARIE CLAIRE. **Entrevista Eliane Dias**. 8 de março de 2017. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/03/mano-brown-me-proibiu-de-ir-uma-viagem-pelo-simples-fato-de-ser-mulher-diz-eliane-dias-mulher-do-rapper.html>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

MC MARECHAL. **Griot**. Produção independente. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c1syA2pBCEU>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

MOREIRA, Tatiana Aparecida. **A Constituição da subjetividade em raps dos Racionais MC's**. 2009. 112f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

MORGAN, Rod; MAGUIRE, Mike; REINER, Robert. **The Oxford handbook of criminology**. London: Oxford University Press, 2012.

MOTTA DE SOUZA, Ana Raquel. **A favela de influência**: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MC's. 2004. [s. n.]. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

NOGUEIRA, Conceição. Análise do discurso. In: ALMEIDA, Leandro S.; FERNANDES, Eugénia M. (Ed.). **Métodos e técnicas de avaliação**: novas contribuições para a prática e investigação. Braga: CEEP, 2001.

OLMO, Rosa del. **A face oculta da droga**. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

ONU. **Informe del Relator Especial sobre la tortura y otros tratos o penas crueles, inhumanos o degradantes sobre su misión al Brasil**. Geneva, 29 ene. 2016. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G16/014/16/PDF/G1601416.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 15 out. 2016.

_____. **Report of the Special Rapporteur on torture and other cruel, inhuman or degrading treatment or punishment on his mission to Brazil**. 2015. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G16/014/16/PDF/G1601416.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 15 out. 2016.

ORANGE, Karim. **Afrika Bambaataa: the history of the Universal Zulu Nation, Hip-Hop, Culture and Electro Funk**. [S.l.], 23 jan. 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/karim-orange/afrika-bambaataa-the-hist_b_4214189.html>. Acesso em: 15 jun. 2017.

O RAP pelo Rap. (Documentário). Direção: Pedro Fávero. Produção Fitaria Filmes. [s.l., 2016]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc&t=2048s>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

OXLEY DA ROCHA, Álvaro Filipe; ÁVILA, Gustavo Noronha. Disciplina indisciplinada: o ensino da criminologia no Brasil hoje. **Conpedi Law Review**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 91-111, 2016.

_____. Crime e controle da criminalidade: as novas perspectivas e abordagens da criminologia cultural. **Sistema Penal e Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 180-190, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12597>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

_____. Crime e emoções na criminologia cultural. **Boletim IBCCRIM**, São Paulo, v. 20, n. 232, p. 13, mar. 2012.

_____. Criminologia cultural: contribuições para o estudo do crime e controle da criminalidade no Brasil. **Revista de Estudos Criminais**, Porto Alegre, v. 10, n. 45, p. 45-60, abr./jun. 2012.

_____. Criminologia cultural: uma introdução. **Boletim IBCCRIM**, São Paulo, v. 19, n. 224, p. 14-15, jul. 2011.

PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. **Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro**. 2009. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-06092011-142127/pt-br.php>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

PAULA, Benjamin Xavier de. O movimento hip hop e a construção da identidade negra/juvenil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**,

[s.l.], v. 2, n. 5, p. 63-73, out. 2011. Disponível em:
<<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/339>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

PICCOLI, Fernando. **Riscos rebeldes**: notas etnográficas e criminológicas sobre a pichação. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PIRES, Álvaro. La criminologie et ses objets paradoxaux: réflexions épistémologiques sur un nouveau paradigme. **Déviance et société**, Chêne-Bourg, 1993. v. 17, n. 2. pp. 129-161. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/AsPDF/ds_0378-7931_1993_num_17_2_1298.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2017.

_____.; DIGNEFFE, Françoise. Vers um paradigme de inter-relations sociales? Pour une reconstruction du champ criminologique. **Criminologie**, Montreal, n. 25, n. 2, p. 13-47, 1992. Disponível em: <<https://www.erudit.org/fr/revues/crimino/1992-v25-n2-crimino934/017321ar.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

POTUMATI, Mateus. Diário de um detento: Racionais MC's © Jocenir/Mano Brown. **Revista Rolling Stones**, São Paulo, ed. 37, n. 52, out. 2009. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/37/noticia-4023>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

RACIONAIS MC's. **Holocausto urbano**. São Paulo: Zimbabwe, 1990. 1 CD (29 min).

_____. **Escolha seu caminho**. São Paulo: Zimbabwe, 1992. 1 CD (21 min).

_____. **Raio-X do Brasil**. São Paulo: Zimbabwe, 1993. 1 CD (39 min).

_____. **Racionais MC's**. (Coletânea). São Paulo: Zimbabwe, 1994. 1 CD (73 min).

_____. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1998. 1 CD (71 min).

_____. **Ao vivo**. São Paulo: Cosa Nostra, 2001. 1 CD (67 min).

_____. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 2 CDs (CD 1 - 60 min; CD 2 - 70 min).

_____. **1000 trutas, 1000 tretas**. São Paulo: Cosa Nostra, 2006. 1 DVD (125 min).

_____. **Tá na chuva**. São Paulo: Cosa Nostra, 2009. 1 CD (30 min).

_____. **Cores e valores**. São Paulo: Boogie Naípe, 2014. 1 CD (29 min).

_____. **Racionais MC's**: timeline: prêmios. São Paulo, [2016]. Disponível em: <<http://www.racionaisoficial.com.br/timeline/?cat=41>>. Acesso em: 15 maio 2016.

RIGHTI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia**. Construção identitária do negro no imaginário do RAP Brasileiro. 2011. 505f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

REDE DE JUSTIÇA CRIMINAL. Encarceramento em Massa não é Justiça. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m9wNsTD0Sds>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ROCHA, Ludimila Oliveira. **Hip hop ou hip e hop?** Disponível em: <<http://www.cpgls.pucgoias.edu.br/7mostra/Artigos/SAUDE%20E%20BIOLOGICAS/Hip%20Hop%20ou%20Hip%20e%20Hop.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

ROLLING STONE. **100 Maiores Discos da Música Brasileira.** Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/listas/os-100-maiores-discos-da-musica-brasileira/biacabou-chorarei-novos-baianos-1972-som-livreb/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. **Top 500 Greatest Albums of All Time.** Disponível em: <<http://www.rollingstone.com/music/lists/500-greatest-albums-of-all-time-20120531/the-allman-brothers-band-at-fillmore-east-20120531?>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

_____. **Racionais MC's remontando a carreira de 30 anos.** Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/assista-racionais-mcs-remontando-carreira-30-anos-rara-entrevista-2h/#imagem0>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

ROSA, Mateus Vieira. **Identidade, significados e imagem do desvio:** uma (re)leitura do fenômeno das torcidas organizadas a partir da criminologia cultural. Trabalho de Curso (Graduação em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133933>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

SÁ, Alvino Augusto. **Criminologia clínica e execução penal.** 2010. Tese (Livre-Docência em Criminologia) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Juarez Cirino dos. **A criminologia radical.** Rio de Janeiro: ICPC: Lumen Juris, 2008.

SANTOS, Washington dos. **Dicionário jurídico brasileiro.** Belo Horizonte: DelRey, 2001.

SCRIBONI, Marília. Resenha de música: Diário de um detento – Racionais MC's. **Revista Liberdades**, São Paulo, n. 11, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=148>. Acesso em: 28 ago. 2014.

SEGRETO, Marcelo. **A linguagem cancional do rap.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, José Carlos Gomes. **RAP na cidade de São Paulo:** música, etnicidade e experiência urbana. 1998. 286f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SILVA, Theuan Carvalho Gomes. Alguns aspectos teóricos e metodológicos de criminologia cultural. In: **Anais V Encontro Internacional do CONPEDI.** Disponível em: <<http://www.conpedi.org.br/publicacoes/9105o6b2/37p0p60l>>. Acesso em: 10 de dez. 2016.

SILVEIRA, Fabiano Augusto Martins. Música: o malandro nos contatos com a polícia: identidade e seletividade racial do sistema penal na discografia de Bezerra da Silva. **Revista Liberdades**, São Paulo, n. 5, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistaliberdades.org.br/site/outrasEdicoes/outrasEdicoesExibir.php?rcon_id=68>. Acesso em: 3 mar. 2017.

SISTO, Celso. O conto popular africano: a oralidade que atravessa o tempo, atravessa o mundo, atravessa o homem. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 3, n. 1, esp., [p. 1-17], 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/131/82>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

SOUZA, Ana Raquel Motta de. **A favela de influência**: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MC's. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SOUZA JÚNIOR, José Geraldo et al. **O direito achado na rua**. Brasília, DF: Ed. UNB, 1988.

SILVA, Rogério de Souza. **A periferia pede passagem**: trajetória social e intelectual de Mano Brown. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

STRECK, Lenio Luiz. **O que é isto – decido conforme minha consciência?**. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2013.

STRELAY, Juliana Chaves. **Criminologia cultural**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/po/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2012_2/juliana_strehlau.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2014.

TAKAHASHI, Henrique Yagui. **Evangelho segundo Racionais MC'S**: ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais nas narrativas do rap. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

TADEU, Carlos Eduardo. Isso aqui é uma guerra. Intérprete: Facção Central. In: FACÇÃO CENTRAL. **Versos sangrentos**. [s. l.]: Five Star Records, 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dXbpOiEHQhA>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

TEODÓSIO, Marcela Dias. **O rap e suas ressignificações**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

TEPERMAN, Ricardo. **Tem que ter suíngue**: batalhas de freestyle no metrô Santa Cruz. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22022013-100553/pt-br.php>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

_____. **Se liga no som:** as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2016. (Ebook).

THOMPSON, Augusto. **Quem são os Criminosos?** O crime e o criminoso: entes políticos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

TRIP. **Mano Brown estrategista, armado e romântico.** Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/entrevista-mano-brown-disco-boggie-naipe-rationais-mcs>>. Acesso em: 27 de ago. 2017.

VALOIS, Luis Carlos. **Direito penal de guerra as drogas.** São Paulo: Saraiva, 2016,

VENTURA, Tereza. **Hip-hop e graffiti:** uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. **Análise Social**, Lisboa, v. 192, pp. 605-634, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n192/n192a07.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

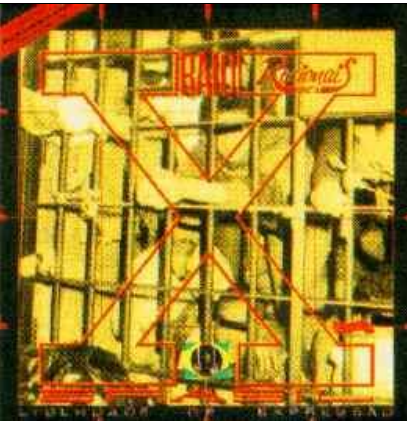
_____. **Punir os pobres:** a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

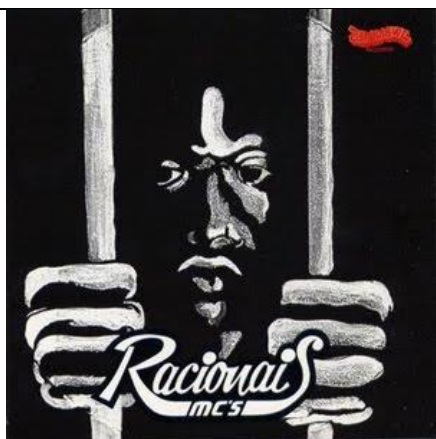
ZAFFARONI, Eugênio Raúl et al. **Direito penal brasileiro:** teoria geral do direito penal. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. v. 1.

ZIMBABWE COLORS. **Consciência black.** São Paulo: Zimbabwe, 1989. v. 1. 1 CD (33 min).

ANEXOS

DISCOGRAFIA DOS RACIONAIS MC'S

 Álbum: Holocausto Urbano, 1990	Faixa 1. Pânico na Zona Sul. 4:40 Faixa 2. Beco sem saída. 4:37 Faixa 3. Hey Boy. 5:11 Faixa 4. Mulheres Vulgares. 4:58 Faixa 5. Racistas Otários. 5:45 Faixa 6. Tempos difíceis. 4:04
 Álbum: Escolha seu Caminho, 1992	Faixa 1. Voz ativa (versão rádio). 5:33 Faixa 2. Voz ativa (versão baile). 5:12 Faixa 3. Voz ativa (capela). 4:47 Faixa 4. Negro limitado. 6:28
 Álbum: Raio X Brasil, 1993	Faixa 1. Introdução. 0:37 Faixa 2. Fim de semana no parque. 7:05 Faixa 3. Parte II. 5:27 Faixa 4. Mano na porta do bar. 6:08 Faixa 5. Homem na estrada. 8:38 Faixa 6. Júri Racional. 4:46 Faixa 7. Fio da navalha. 4:16 Faixa 8. Salve. 3:07



Álbum (coletânea): Racionais MC's, 1994

- Faixa 1. Fim de semana no parte. 7:48
- Faixa 2. Parte II. 5:32
- Faixa 3. Mano na porta do bar. 6:13
- Faixa 4. Homem na estrada. 8:42
- Faixa 5. Júri racional. 4:49
- Faixa 6. Fio da navalha. 4:17
- Faixa 7. Voz ativa (versão baile). 5:12
- Faixa 8. Negro limitado. 6:32
- Faixa 9. Pânico na zona sul. 4:38
- Faixa 10. Hey boy. 5:02
- Faixa 11. Mulheres vulgares. 4:54
- Faixa 12. Racistas otários. 5:50
- Faixa 13. Tempos difíceis. 3:59



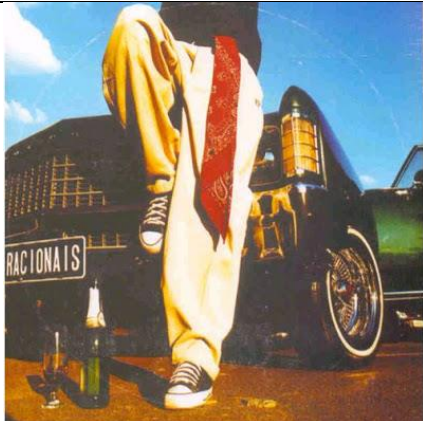
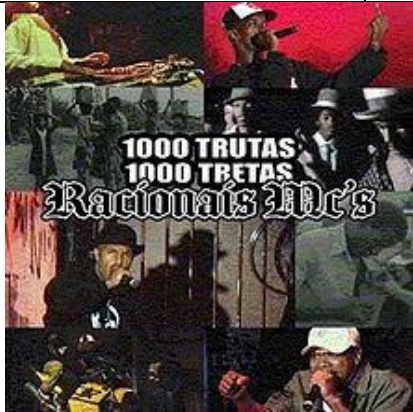
Álbum: Sobrevivendo no inferno, 1997.

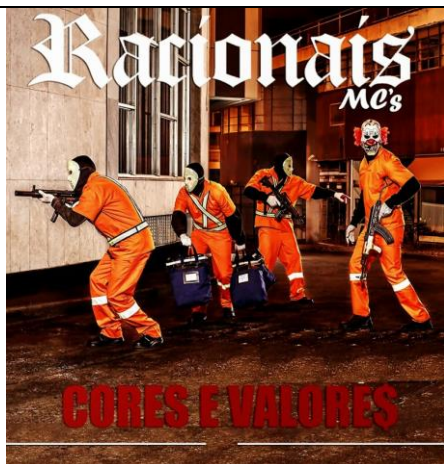
- Faixa 1. Jorge da Capadócia. 2:48
- Faixa 2. Genesis (intro). 0:21
- Faixa 3. Capítulo 4, Versículo 3. 8:05
- Faixa 4. Tô ouvindo alguém me chamar. 11:15
- Faixa 5. Rapaz comum. 6:20
- Faixa 6. 2:34
- Faixa 7. Diário de um detento. 7:30
- Faixa 8. Periferia é periferia (em qualquer lugar). 6:00
- Faixa 9. Qual mentira vou acreditar? 7:41
- Faixa 10. Mágico de Oz. 7:37
- Faixa 11. Fórmula mágica da paz. 10:39
- Faixa 12. Salve. 2:16



Álbum: Ao vivo, 2001.

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> Faixa 1. Brown (Fala, pt. 1). 1:19 Faixa 2. Abertura. 3:48 Faixa 3. Capítulo 4, Versículo 3. 7:58 Faixa 4. Qual mentira vou acreditar? 7:39 Faixa 5. Ice Blue (Fala). 1:06 Faixa 6. Lenta. 1:08 Faixa 7. Tô ouvindo alguém me chamar. 10:51 | <ul style="list-style-type: none"> Faixa 8. Edy Rock (Fala). 1:14 Faixa 9. Mágico de Oz. 6:27 Faixa 10. KL Jay (Fala). 0:42 Faixa 11. Rapaz comum. 3:14 Faixa 12. Diário de um detento. 7:30 Faixa 13. Fórmula mágica da paz. 10:35 Faixa 14. Brown (Fala, pt. 2). 0:24 Faixa 15. Grand Finale. 3:13 |
|---|--|

 Álbum: Nada como um dia após o outro dia, 2002.	Disco 1 – Chora agora Faixa 1. Sou + você. 1:49 Faixa 2. Vivão e vivendo. 1:58 Faixa 3. Vida loka (intro). 0:24 Faixa 4. Vida loka, pt. 1. 5:04 Faixa 5. Negro drama. 6:52 Faixa 6. A vítima. 7:20 Faixa 7. Na fé firmão. 6:05 Faixa 8. 12 de outubro. 3:31 Faixa 9. Eu sou 157. 8:50 Faixa 10. A vida é desafio. 7:13 Faixa 11. 1 por amor, 2 por dinheiro. 6:59	Disco 2 – Ri depois Faixa 1. De volta à cena. 2:02 Faixa 2. Otus 500. 2:11 Faixa 3. Crime vai e vem. 7:56. Faixa 4. Jesus chorou. 7:51 Faixa 5. Fone (intro). 1:56 Faixa 6. Estilo cachorro. 6:18 Faixa 7. Vida loka, pt. 2. 5:51 Faixa 8. Expresso da meia noite. 5:22 Faixa 9. Trutas e quebradas. 6:18 Faixa 10. Da ponte pra cá. 8:47
 Álbum: 1000 Trutas 1000 Tretas, 2006.	Faixa 1. Fórmula mágica da paz. 11:21 Faixa 2. Negro drama. 5:19 Faixa 3. Tô ouvindo alguém me chama. 2:12 Faixa 4. Crime vai e vem. 3:25 Faixa 5. Da ponte pra cá. 4:26 Faixa 6. Expresso da meia-noite. 4:52 Faixa 7. Eu sou 157. 7:05 Faixa 8. Diário de um detento. 3:19 Faixa 9. A vida é desafio. 6:45 Faixa 10. 1 por amor, 2 por dinheiro. 7:38 Faixa 11. Vida loka, pt. 1. 3:22 Faixa 12. A vítima. 4:59 Faixa 13. Jesus Chorou. 7:47 Faixa 14. Vida Loka, pt. 2. 6:00	
 Álbum: Tá na Chuva, 2009.	Faixa 1. Tá na chuva. 5:24 Faixa 2. Mulher elétrica. 3:38 Faixa 3. Canto de oração e Oya. 6:43 Faixa 4. Artigo 157 (nova versão). 4:51 Faixa 5. Quem procura acha. 5:02 Faixa 6. O inimigo e de graça. 4:30 Faixa 7. O jogo é hoje. 4:34 Faixa 8. Mãos. 3:31 Faixa 9. Mãos remix. 2:33 Faixa 10. Sou função. 6:27	



Álbum: Cores e valores, 2014.

- Faixa 1. Cores & Valores. 1:16
- Faixa 2. Somos o que somos. 1:07
- Faixa 3. Cores & Valores: preto e amarelo. 0:37
- Faixa 4. Trilha. 0:24
- Faixa 5. Eu te disse. 0:54
- Faixa 6. Preto zica. 2:03
- Faixa 7. Cores & Valores: finado Negin. 2:01
- Faixa 8. Eu compro. 3:34
- Faixa 9. A escolha que eu fiz. 1:49
- Faixa 10. A praça. 2:49
- Faixa 11. O mau e o bem. 4:59
- Faixa 12. Você me deve. 2:40
- Faixa 13. Quanto vale show? 2:53
- Faixa 14. Coração barrabaz 2. 1:23
- Faixa 15. Eu te proponho. 3:48

ÁLBUM HOLOCAUSTO URBANO (1990)

PÂNICO NA ZONA SUL

"Aqui é Racionais MC's, Ice Blue, Mano Brown, KLJay e eu Edy Rock."

- E aí Mano Brown, certo ?
- Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta ?
- É...a nossa vida continua, e aí quem se importa ?
- A sociedade sempre fecha as portas mesmo...
- E aí Ice Blue...
- PÂNICO...

Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que acontece
Ao que me parece prevalece a ignorância
E nós estamos sós
Ninguém quer ouvir a nossa voz
Cheia de razões calibres em punho
Difícilmente um testemunho vai aparecer
E pode crer a verdade se omite
Pois quem garante o meu dia seguinte

Justiceiros são chamados por eles mesmos
Matam humilham e dão tiros a

esmo

E a polícia não demonstra sequer vontade
De resolver ou apurar a verdade
Pois simplesmente é conveniente
E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes
E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
Continua-se o pânico na Zona Sul.

Pânico na Zona Sul
Pânico...

Eu não sei se eles
Estão ou não autorizados
De decidir que é certo ou errado
Inocente ou culpado retrato falado
Não existe mais justiça ou estou enganado?
Se eu fosse citar o nome de todos que se foram
O meu tempo não daria pra falar MAIS...
Eu vou lembrar que ficou por isso mesmo
E então que segurança se tem em tal situação
Quantos terão que sofrer pra se

tomar providência

Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência
E com certeza ignorar a procedência
O sensacionalismo pra eles é o máximo
Acabar com delinquentes eles acham ótimo
Desde que nenhum parente ou então é lógico
Seus próprios filhos sejam os próximos
E é por isso que
Nós estamos aqui
E aí mano Ice Blue...

Pânico na Zona Sul
Pânico...

Racionais vão contar
A realidade das ruas
Que não media outras vidas
A minha e a sua
Viemos falar
Que pra mudar
Temos que parar de se acomodar
E acatar o que nos prejudica
O medo
Sentimento em comum num lugar
Que parece sempre estar esquecido

Desconfiança insegurança
 mano
 Pois já se tem a consciência do
 perigo
 E aí?
 Mal te conhecem consideram
 inimigo
 E se você der o azar de apenas
 ser parecido
 Eu te garanto que não vai ser
 divertido
 Se julgam homens da lei
 Mas à respeito eu não sei
 Muito cuidado eu terei
 Scraath KLJay
 Eu não serei mais um porque
 estou esperto
 Do que acontece Ice Blue
 Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul
 Pânico...

Ei Brown
 Você acha que o problema
 acabou?
 Pelo contrário ele apenas
 começou
 Não perceberam que agora se
 tornaram iguais
 Se inverteram e também são
 marginais Mas...
 Terão que ser perseguidos e
 esclarecidos
 Tudo e todos até o último
 indivíduo
 Porém se nos quisermos que as
 coisas mudem
 Ei Brown qual será a nossa
 atitude?
 A mudança estará em nossa
 consciência
 Praticando nossos atos com
 coerência
 E a consequência será o fim do
 próprio medo
 Pois quem gosta de nós somos
 nós mesmos
 Te cuide porque ninguém
 cuidará de você
 Não entre nessa a toa
 Não de motivo pra morrer
 Honestidade nunca será demais
 Sua moral não se ganha, se faz
 Não somos donos da verdade
 Porém não mentimos
 Sentimos a necessidade de uma
 melhoria
 A nossa filosofia é sempre
 transmitir

A realidade em si
 Racionais MC's

Pânico na Zona Sul
 Pânico...

Certo, certo...Então irmão
 Volte a atenção pra você
 mesmo
 E pense como você tem vivido
 até hoje certo?
 Quem gosta de você é você
 mesmo
 Nós somos Racionais MC's
 DJ KLJay, Ice Blue, Edy
 Rocky e eu...Brown.
 PAZ...

Pânico...

BECO SEM SAÍDA

Às vezes eu paro e reparo, fico
 a pensar
 qual seria meu destino senão
 cantar
 um rejeitado, perdido no
 mundo, é um bom exemplo
 irei fundo no assunto, fique
 atento
 A sarjeta é um lar não muito
 confortável
 O cheiro é ruim, insuportável
 O viaduto é o reduto nas noites
 de frio
 onde muitos dormem, e outros
 morrem, ouviu ?
 São chamados de indigentes
 pela sociedade
 A maioria negros, já não é
 segredo, nem novidade
 Vivem como ratos jogados,
 homens, mulheres, crianças,
 Vítimas de uma ingrata herança
 A esperança é a primeira que
 morre
 E sobrevive a cada dia a
 certeza da eterna miséria
 O que se espera de um país
 decadente
 onde o sistema é duro, cruel,
 intransigente

Beco sem saída !

Mas muitos não progridem na
 verdade porque assim não
 querem
 Ficam inertes, não se movem,
 não se mexem
 Sabe por que se sujeitaram a

essa situação ?
 não pergunte pra mim, tire
 você a conclusão
 Talvez a base disso tudo esteja
 em vocês mesmos
 E a consequência é o descrédito
 de nós negros
 Por culpa de você, que não se
 valoriza
 Eu digo a verdade, você me
 ironiza
 A conclusão da sociedade é a
 mesma
 que, com frieza, não analisa,
 generaliza
 e só critica, o quadro não se
 altera e você
 ainda espera que o dia de
 amanhã será bem melhor
 Você é manipulado, se finge de
 cego
 Agir desse modo, acha que é o
 mais certo
 Fica perdida a pergunta, de
 quem é a culpa
 do poder, da mídia, minha ou
 sua ?
 As ruas refletem a face oculta
 de um poema falso, que
 sobrevive às nossas custas
 A burguesia, conhecida como
 classe nobre
 tem nojo e odeia a todos nós,
 negros pobres
 Por outro lado, adoram nossa
 pobreza
 pois é dela que é feita sua
 maldita riqueza

Beco sem saída !

"-É, meu mano KL Jay. O
 poder mente, ilude, e domina
 a maioria da população, carente
 da educação e cultura.
 E é dessa forma que eles
 querem que se proceda. Não é
 verdade?
 "-É, pode crê !"

Nascem, crescem, morrem,
 passam despercebidos
 E a saída é esta vida bandida
 que levam roubando,
 matando, morrendo, entre si se
 acabando
 Ei mano, dê-nos ouvidos!
 Os poderosos ignoram os
 direitos iguais
 Desprezam e dizem que vivam

comos mendigos a mais
 Não sou um mártir que um dia
 irá te salvar
 No momento certo, você pode
 se condenar
 Não jogamos a culpa em quem
 não tem culpa
 Só falamos a verdade e a nossa
 parte você sabe de cór
 Atravesse essa muralha
 imaginária
 em sua cabeça, sem ter medo
 de falhas
 Se conseguiram derrubar uma
 muralha real, de pedra
 você pode conseguir derrubar
 esta
 Leia, ouça, escute, ache certo
 ou errado
 mas meu amigo, não fique
 parado
 Isso tudo vai ser apenas um
 grito solitário
 Em um porão fechado, tome
 cuidado,
 não esqueça o grande ditado :
 Cada um por si !
 Siga concordando com tudo
 que eu digo (normal)
 Pois pra você parece mais um
 artigo (jornal)
 Esse é o meu ponto de vista,
 não sou um moralista
 deixe de ser egoísta, meu
 camarada, persista,
 É só uma questão: será que
 você é capaz de lutar?
 É difícil, mas não custa nada
 tentar

"-Ei cara, o sentido disto tudo
 está em você mesmo.
 Pare, pense, e acorde, antes que
 seja tarde demais
 O dia de amanhã te espera,
 morô?
 Edy Rock, KL Jay,
 Racionais!"

Beco sem saída ! (podicrê, né
 não ?)
 Beco sem saída ! (ai mano)
 Beco sem saída ! (certo !)
 Beco sem saída !
 Beco sem saída !
 Beco sem saída !
 Beco...beco...beco sem saída,
 beco sem saída, beco sem
 saída!

HEY BOY

Hey boy! hey boy!
 Dá um tempo ai, cola ai!
 Pera ai!
 Que é mano?
 Que esse otário tá fazendo
 aqui?
 Ai dá um tempo ai, chega ai...
 Que foi bicho!?
 Lembra de mim mano?
 Não...
 Então vamo trocar uma idéia
 nós dois agora...

Hey boy o que você está
 fazendo aqui
 Meu bairro não é seu lugar
 E você vai se ferir
 Você não sabe onde está
 Caiu num ninho de cobra
 E eu acho que vai ter que se
 explicar
 Pra sair não vai ser fácil
 A vida aqui é dura
 Dura é a lei do mais forte
 Onde a miséria não tem cura
 E o remédio mais provável é a
 morte
 Continuar vivo é uma batalha
 Isso é se eu não cometer falha
 E se eu não fosse esperto
 Tiravam tudo de mim
 Arrancavam minha pele
 Minha vida enfim
 Tenho que me desdobrar
 Pra não puxarem meu tapete
 E estar sempre quente
 Pra não ser surpreendido de
 repente
 Se eu vacilo trocam minha
 vaga
 O que você fizer
 Aqui mesmo você paga
 A pouca grana que eu tenho
 Não dá pro próprio consumo
 Enquanto nós conversamos
 A polícia apreende e finge
 A marginalidade cresce sem
 precedência
 Conforme o tempo passa
 Aumenta é a tendência
 E muitas vezes não tem jeito
 A solução é roubar
 E seus pais acham que a cadeia
 é nosso lugar
 O sistema é a causa
 E nós somos a
 consequência....Maior
 Da chamada violência

Por que na real
 Com nossa vida ninguém se
 importa
 E ainda querem que sejamos
 patriotas

Hey...Boy...

Isso tudo é verdade
 Mas não tenha dó de mim
 Por que esse é meu lugar
 Mas eu o quero mesmo assim
 Mesmo sendo o lado esquecido
 da cidade
 E bode espiatório de toda e
 qualquer mediocredade
 A sociedade já não sabe o que
 fazer
 Se vão interferir ou deixar
 acontecer
 Mas por sermos todos pobres
 Os tachados somos nós
 Só por ser conveniente

Hey boy...

Pense bem se não faz sentido
 Se hoje em dia eu fosse um
 cara
 Tão bem sucedido
 Como você é chamado de
 superior
 E tem todos na mão
 E tudo a seu favor
 Sempre teve tudo
 E não fez nada por ninguém
 Se as coisas andam mal
 É sua culpa também
 Seus pais dão as costas
 Para o mundo que os cercam
 Ficam com o maior melhor
 E pra nós nada resta
 Você gasta fortunas
 Se vestindo em etiqueta
 E na sergeta é as crianças
 Futuros homens
 Quase não comem morrem de
 fome
 Com frio e com medo
 Já não é segredo e as drogas
 consomem
 Sinta o contraste e só me de
 razão
 Não fale mais nada porque
 Vai ser em vão

Hey Boy...

Você faz parte daqueles que
 colaboram

Para que a vida de muitas
pessoas
Seja tão ruim
Acha que sozinho não vai
resolver
Mas é por muitos pensarem
assim como você
Que a situação
Vai de mal a pior
E como sempre você pensa em
si só
Seu egoísmo ambição e
desprezo
Serão os argumentos pra matar
você mesmo
Então eu digo Hey boy...
Não fique surpreso
Se o ridículo e odioso
Círculo vicioso
Sistema que você faz parte
Transforma num criminoso
E doloroso
Será ser rejeitado
HUMILHADO
Considerado um marginal
Descriminado, você vai saber
Sentir na pele como dói
Então aprenda a lição
Hey Boy...

"-Aí boy sai andando aí certo...
-Eu tenho todos os motivos
-Mas nem por isso eu vou te
roubar
-Morô?
-Sai andadando
-Vai caminha mano!
-Não tem nada pra você aqui
não, seu otário!
-Vai embora
-Sai fora
-E não pisa mais aqui hein!"

MULHERES VULGARES Alô?

E aí, Edi Rock, certo?
Ô Brown, e aí, certo mano?
Tava esperando cê me ligar,
mesmo.
Qual é a mão?
É sobre mulher, e tal.
Mulher? Que tipo de mulher?

Se liga aí:
Derivada de uma sociedade
feminista
Que considera e dizem que
somos todos machistas.
Não quer ser considerada
símbolo sexual.

Lutam pra chegar ao poder,
provar a sua moral
Numa relação na qual
Não admite ser subjugada,
passada pra trás.
Exigem direitos iguais.....

E do outro lado da moeda,
como é que é?
Pode crê!
Pra ela, dinheiro é o mais
importante.
Sujeito vulgar, suas idéias são
repugnantes.
É uma cretina que se mostra
nua como objeto,
É uma inútil que ganha
dinheiro fazendo sexo.
No quarto, motel, ou tela de
cinema
Ela é mais uma figura viva,
obscena.

Luta por um lugar ao sol,
Fama e dinheiro com rei de
futebol! (ah, ah!)
Ela quer se encostar em um
magnata
Que comande seus passos de
terno e gravata. (otário....)
Quer ser a peça centra em
qualquer local.
E a julgue total,
Quer ser manchete de jornal.

Somos Racionais, diferentes, e
não iguais.
Mulheres Vulgares, uma noite
e nada mais!
Mulheres..... vulgares.
Mulheres vulgares, uma noite e
nada mais.
Mulheres..... vulgares.
Mulheres vulgares, uma noite e
nada mais.
E aí, Brown? Cola aí, e tal...
Fala aí tua parte, e tal....
Ô, falo sim! Peraí, peraí.
É bonita, gostosa e sensual.
Seu batom e a maquiagem a
tornam banal.....

Ser a mau, fatal, legal, ruim.....
Ela não se importa!
Só quer dinheiro, enfim.
Envolve qualquer um com seu
ar de ingenuidade.
Na verdade, por trás vigora a
mais pura mediocridade.
Te domina com seu jeito

promíscuo de ser,
Como se troca de roupa, ela te
troca por outro.
Muitos a querem para sempre
Mas eu a quero só por uma
noite, você me entende?
Gosta de homens da alta
sociedade.
Até os grandes traficantes
entram em rotatividade.
Mestiça, negra ou branca
Uma de suas únicas qualidades:
a ganância.

A impressão que se ganha é de
decência
Quando se trata de dinheiro e
sexo, se torna indolência.
Fica perdida no ar a pergunta:
Qual a pior atitude de uma
prostituta?
Se vender por necessidade ou
por ambição?
Tire você a conclusão.
Mulheres..... vulgares.
Mulheres vulgares, uma noite e
nada mais.
Mulheres..... vulgares.
Mulheres vulgares, uma noite e
nada mais.
Então, irmão, é de coração.
Abra os olhos e veja a razão.

Querer, poder, ter
Não é pra você se proteger,
prever antes de acontecer.
E hoje ela diz: "Que cara vou
dormir?"
Com seu rosto bonito é fácil
atrair, e daí....
Pra sair não precisa insistir.
É só ser alguém e estalar os
dedos assim (plec!)
Francamente ela se julga capaz
De dominar a qualquer idiota
que tenha conforto pra dar.
Não importa a sua cor, não
importa a sua idéia,
Apenas dinheiro esnobando,
jogando pela janela.
Não entre nessa cilada.

Fique esperto com o mundo e
atento com tudo e com nada.
Mulheres só querem/preferem
o que as favorecem
Dinheiro e posse, te esquecem
se não os tiverem.
Somos Racionais, diferentes, se
não iguais.

Mulheres vulgares, (o quê) uma
noite e nada mais!
Mulheres..... vulgares.
Mulheres vulgares, uma noite e
nada mais.
Mulheres..... vulgares.
Mulheres vulgares, uma noite e
nada mais.
Gostei, gostei.....
É mano, tem uns caras que
ficam iludidos com essas mina
aí.....
Capa de revista, pôster, viagem
pra Europa.....
Mas por baixo mano, mó
sujeira!
Vai nessa, morô.....
E isso aí, mano. Até a próxima
Brown.

RACISTAS OTÁRIOS

Racistas otários nos deixem em
paz

Pois as famílias pobres não
aguentam mais
Pois todos sabem e elas temem
A indiferença por gente carente
que se tem
E eles vêem
Por toda autoridade o
preconceito eterno
E de repente o nosso espaço se
transforma
Num verdadeiro inferno e
reclamar direitos
De que forma
Se somos meros cidadãos
E eles o sistema
E a nossa desinformação é o
maior problema
Mas mesmo assim enfim
Queremos ser iguais
Racistas otários nos deixem em
paz

Racistas otários nos deixem em
paz

Justiça
Em nome disse eles são pagos
Mas a noção que se tem
É limitada e eu sei
Que a lei
É implacável com os oprimidos
Tornam bandidos os que eram
pessoas de bem
Pois já é tão claro que é mais
fácil dizer
Que eles são os certos e o
culpado é você

Se existe ou não a culpa
Ninguém se preocupa
Pois em todo caso haverá
sempre uma desculpa
O abuso é demais
Pra eles tanto faz
Não passará de simples fotos
nos jornais
Pois gente negra e carente
Não muito influente
E pouco frequente nas colunas
sociais
Então eu digo meu rapaz
Esteja constante ou abrirão o
seu bolso
E jogarão um flagrante num
presídio qualquer
Será um irmão a mais
Racistas otários nos deixem em
paz

Racistas otários nos deixem em
paz

Então a velha história outra vez
se repete
Por um sistema falido
Como marionetes nós somos
movidos
E há muito tempo tem sido
assim
Nos empurram à incerteza e ao
crime enfim
Porque aí certamente estão se
preparando
Com carros e armas nos
esperando
E os poderosos me seguram
observando
O rotineiro Holocausto urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser
imparciais
E dizem ser financeiro o nosso
dilema
Mas se analisarmos bem mais
você descobre
Que negro e branco pobre se
parecem
Mas não são iguais
Crianças vão nascendo
Em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz
necessária
São filhos de pais sofridos
E por esse mesmo motivo
Nível de informação é um tanto
reduzido

Não...
É um absurdo
São pessoas assim que se
fodem com tudo
E que no dia a dia vive tensa e
insegura
E sofre as covardias
humilhações torturas
A conclusão é sua...KL Jay
Porém direi para vocês irmãos
Nossos motivos pra lutar ainda
são os mesmos
O preconceito e desprezo ainda
são iguais
Nós somos negros também
temos nossos ideais
Racistas otários nos deixem em
paz

Racistas otários nos deixem em
paz

Os poderosos são covardes
desleais
Espancam negros nas ruas por
motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade lutaram
Se rebelaram morreram
E hoje o que fazemos
Assistimos a tudo de braços
cruzados
Até parece que nem somos nós
os prejudicados
Enquanto você sossegado foge
da questão
Eles circulam na rua com uma
descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição
Será que eles vêem em nós um
marginal padrão
50 anos agora se completam
Da lei anti-racismo na
constituição
Infalível na teoria
Inútil no dia a dia
Então que fodam-se eles com
sua demagogia
No meu país o preconceito é
eficaz
Te cumprimentam na frente
E te dão um tiro por trás

"O Brasil é um país de clima
tropical
Onde as raças se misturam
naturalmente
E não há preconceito racial.
Ha,Ha....."

Nossos motivos pra lutar ainda
são os mesmos
O preconceito e o desprezo
ainda são iguais
Nós somos negros também
temos nossos ideais

Racistas otários nos deixem em
paz...

TEMPOS DIFÍCEIS

Eu vou dizer porque o mundo é
assim.
Poderia ser melhor mas ele é
tão ruim.
Tempos difíceis, está difícil
viver.
Procuramos um motivo vivo,
mas ninguém sabe dizer.
Milhões de pessoas boas
morrem de fome.
E o culpado, condenado disto é
o próprio homem.
O domínio está em mão de
poderosos, mentirosos.
Que não querem saber.
Porcos, nos querem todos
mortos.
Pessoas trabalham o mês
inteiro.
Se cansam, se esgotam, por
pouco dinheiro.
Enquanto tantos outros nada
trabalham.
Só atrapalham e ainda falam.
Que as coisas melhoraram.

Ao invés de fazerem algo
necessário.
Ao contrário, iludem, enganam
otários.
Prometem 100%, prometem
mentindo, fingindo, traindo.
E na verdade, de nós estão
rindo.

Tempos... Tempos difíceis!
(4x)

Tanto dinheiro jogado fora.
Sendo gasto por eles em poucas
horas.
Tanto dinheiro desperdiçado.
E não pensam no sofrimento de
um menor abandonado.
O mundo está cheio, cheio de
miséria.
Isto prova que está próximo o
fim de mais uma era.
O homem construiu, criou,
armas nucleares.
E o aperto de um botão, o
mundo irá pelos ares.
Extra, publicam, publicam
extra os jornais
Corrupção e violência
aumentam mais e mais.
Com quais, sexo e droga se
tornaram algo vulgar.
E com isso, vem a AIDS pra
todos liquidar.
A morte, enfim. Vem
destruição, causam terrorismo.
E cada vez mais o mundo

afunda num abismo.

Tempos... Tempos difíceis!
(4x)

Menores carentes se tornam
delinquentes.
E ninguém nada faz pelo futuro
dessa gente.
A saída é essa vida bandida que
levam.
Roubando, matando, morrendo.
Entre si se acabando.
Enquanto homens de poder
fingem não ver.
Não querem saber.
Faz o que bem entender.
E assim... aumenta a violência.
Não somos nós os culpados
dessa consequência?
Destruíram a natureza e o que
puseram em seu lugar
jamais terá igual beleza.
Poluíram o ar e o tornaram
impuro.
E o futuro eu pergunto,
confuso: "como será?"
Agora em quatro segundos irei
dizer um ditado:
"Tudo que se faz de errado aqui
mesmo será pago"
O meu nome é Edy Rock, um
rapper e não um otário.
Se algo não fizermos,
estaremos acabados.
KL Jay! Tempos difíceis!
Tempos difíceis!

EP ESCOLHA SEU CAMINHO (1992)

VOZ ATIVA

Eu tenho algo a dizer
E explicar pra você
Mas não garanto porém
Que engraçado eu serei dessa
vez
Para os manos daqui
Para os manos de lá
Se você se considera um negro
Pra negro será MANO !!!
Sei que problemas você tem
demais
E nem na rua não te deixam na
sua
Entre madames fodidas e os
racistas fardados
De cérebro atrofiado não te
deixam em paz

Todos eles com medo
generalizam demais
Dizem que os negros são todos
iguais
Você concorda...
Se acomoda então, não se
incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda
Prefere não se envolver
Finge não ser você
E eu pergunto por que ?
Você prefere que o outro vá se
foder.

Não quero ser o Mandela
Apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende
Mas eu lamento que
Irmãos convivam com isso

naturalmente
Não proponho ódio, porém
Acho incrível que o nosso
conformismo
Já esteja nesse nível
Mas Racionais, existente nunca
iguais
Afrodinamicamente manter a
nossa honra viva
Sabedoria de rua
O RAP mais
expressiva(Heim...)
A juventude negra agora tem a
voz ativa(Pode crer)

Pois quem gosta gosta, de
Nós(Hum...)
Somos Nós, Nós, Nós, Nós
mesmos(Hum...)

Pois quem gosta, gosta,
(Scracthes..), gosta de Nós
Somos Nós, Nós, Nós, Nós
mesmos(Hum...)

Pois quem gosta, gosta,
(Scracthes..), gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós
mesmos(Hum...)

Pois quem gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós
mesmos

Precisamos de um líder de
crédito popular
Como Malcom X em outros
tempos foi na América
Que seja negro até os ossos, um
dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que
foi feito em destroços
Nossos irmãos estão
desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro
desorientados
Brigando por quase nada
Migalhas coisas banais
Prestigiando a mentira
As falas desinformado demais

Chega de festejar a
desvantagem
E permitir que desgatem a
nossa imagem
Descendente negro atual meu
nome é Brown
Não sou complexado e tal
Apenas Racional
É a verdade mais pura
Postura definitiva
A juventude negra
Agora tem voz ativa

Pois quem gosta, (Scracthes..),
gosta, gosta de Nós(Hum...)
Somos Nós, Nós, Nós, Nós
mesmos(Hum...)

Pois quem gosta, (Scracthes..),
gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós
mesmos(Hum...)

Pois quem gosta, (Scracthes..),
gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós
mesmos(Hum...)

Pois quem gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós
mesmos

Mais da metade do país é negra
e se esquece
Que tem acesso apenas ao resto
que ele oferece
Tão pouco para tanta gente
Tanta gente
Tanta gente na mão de tão
pouco
Pode crer
Geração iludida uma massa
falida
De informações distorcidas
subtraídas da televisão

Fodidos estão sem nenhum
propósito
Diariamente assinando o seu
atestado de óbito

Pô to cansado de toda essa
merda que eles mostram na
televisão
Todo dia mano...não aguento
mais é foda mano...

Mas onde estão
Meus semelhantes na TV
Nossos irmãos
Artistas negros de atitude e
expressão?
Você se põe a perguntar por
que
Eu não sou racista
Mas meu ponto de vista é que
Esse é o Brasil que eles querem
que exista
Evoluído e bonito, mas sem
negro no destaque
Eles te mostram é um país que
não existe
Esconde nossa raiz
Milhões de negros assistem
Engraçado que de nós eles
precisam
Nosso dinheiro eles nunca
discriminam
Minha pergunta que fica
Desses artistas tão famosos
Qual você se identifica ?

Então, Lecy Brandão, Moisés
da Rocha,
Thaíde e Dj Hum, Ivo
Meireles, Moleques de Rua e
tal
E da Zona leste de São Paulo

Grupo DMN.
Pode crer é isso aí.

Nossos irmãos estão
desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro
desorientados
Mulheres assumem a sua
exploração
Usando o termo mulata como
profissão
É mal...
Modelos brancas no destaque
As negras onde estão...? Ham
Desfilam no chão em segundo
plano
Pouco original mais comercial
a cada ano
O carnaval era a festa do povo
Era...mas alguns negros se
venderam de novo
Branco em cima negros em
baixo
Ainda é normal natural
400 anos depois 1992 tudo
igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e
tal
Precisamos de nós mesmos
essa é a questão
DMN meus irmãos descrevem
com perfeição então
Gostamos de nós brigarmos
por nós
Acreditarmos mais em nós
Independente de que os outros
façam
Tenho orgulho de mim, um
rapper em ação
Nós somos negros sim de
sangue e coração
Mano IceBlue me diz

Justiça é que nos motiva a
minha a sua
A nossa voz ativa

(Scracthes..)
Racionais
(Scracthes..)
Racionais
(Scracthes..)
Racionais
Ra, Ra, Racio, Ra, Ra,
(Scracthes..), Ra, Ra,
(Scracthes..), Ra, (Scracthes..),
Ra, (Scracthes..), Ra, Racionais
NEGRO LIMITADO
Você não me escuta
Ou não entende o que eu falo

Procuro te dar um toque
 E sou chamado de preto otário,
 Atrasado, revoltado
 Pode crer
 Estamos jogando com um
 baralho marcado
 Não quero ser o mais certo
 E um mano esperto
 Não sei se você me entende
 mas eu distingo errado do
 certo.
 (e mano se vai continuar com
 essas idéias ae se ta me
 tirando? Da licença)
 A verdade é que enquanto eu
 reparo meus erros
 Você si quer admite os seus
 Limitado é seu pensamento
 você mesmo quer,
 Falar sobre mulher
 Seu principal passatempo
 O dom juan das vagabundas eu
 lamento
 Vive contando vantagem se
 dizendo o tal
 Mas simplesmente falta
 postura, qi suficiente.
 Me diga alguma coisa que
 ainda não sei.
 Malandros como você muitos
 finados contei.
 Não sabe se quer dizer.
 Veja só você, o número de cór
 do seu próprio rg.
 Então, príncipe dos burros,
 limitado.
 Nesse exato momento foi
 coroado.
 Diga qual a sua origem, quem é
 você!
 Você não sabe responder.

Negro Limitado.

"- Então, vocês que fazem o
 RAP aí, são cheios de ser
 professor, falar de drogas,
 polícia e tal, e aí, mostra uma
 saída, mostra um caminho e tal,
 e aí..?"

Cultura, educação, livros,
 escola.
 Crocodilagem demais.
 Vagabundas e drogas.
 A segunda opção é o caminho
 mais rápido.
 E fácil, a morte percorre a
 mesma estrada é inevitável.
 Planejam nossa restrição.
 Esse é o título.
 Da nossa revolução, segundo
 versículo.
 Leia, se forme, se atualize,
 decore.
 Antes que os racistas otários
 fardados de cérebro atrofiado.
 Os seu miolos estoirem e estará
 tudo acabado.
 Cuidado...!
 O Boletim de Ocorrência com
 seu nome em algum livro.
 Em qualquer arquivo, em
 qualquer distrito.
 Caso encerrado, nada mais que
 isso.
 Um negro a menos cotarão com
 satisfação.
 Porque é a nossa destruição que
 eles querem.
 Física e mentalmente, o mais
 que puderem.
 Você sabe do que estou
 falando.
 Não são um dia nem dois.
 São mais de 400 anos.
 Filho, é fácil qualquer um faz.
 Mas cria-los, não, você não é
 capaz.
 Ele nasce, cresce, e o que
 acontece?
 Sem referencia a seguir, cê terá
 que ouvir.
 Um mal aluno na escola
 certamente ele será.
 Mas um menino confuso.
 No quarto escuro da
 ignorância.
 Se o futuro é das crianças...!
 Talvez um dia de você ele se
 orgulhara.
 Você tem duas saídas.

Ter consciência, ou, se afogar
 na sua própria indiferença.
 Escolha o seu caminho.
 Ser um verdadeiro preto, puro,
 informado.
 Ou ser apenas mais um negro
 limitado.

Negro Limitado (refrão)

"- É, consciência, consciência,
 e os outros manos,
 você é consciente sozinho?"

Faça por você mesmo e não por
 mim.
 Mantenha distancia de dinheiro
 fácil.
 De bebidas demais, policiais e
 coisas assim.
 Enfim, de modo eficaz.
 Racionais declaram guerra.
 Contra aqueles que querem ver
 os pretos na merda.
 E os manos que nos ouvem irão
 entender.
 Que a informação é uma
 grande arma.
 Mais poderosa que qualquer PT
 carregada.
 Roupas caras de etiqueta, não
 valem nada.
 Se comparadas a uma mente
 articulada
 Contra um racista otário é
 química perfeita
 Inteligência, e um cruzado de
 direita.
 Será temido, e também
 respeitado.
 Um preto digno, e não um
 negro limitado.

Negro Limitado

" - Pode crê, tem tudo a ver,
 não é não..! Racionais, fio da
 navalha, pode contar comigo. É
 isso aí, valeu."

ÁLBUM RAI0-X BRASIL (1993)

FIM DE SEMANA NO PARQUE

Chegou fim de semana todos
 querem diversão
 Só alegria nós estamos no
 verão,

mês de Janeiro São Paulo Zona
 Sul
 Todo mundo a vontade calor
 céu azul
 Eu quero aproveitar o sol

Encontrar os camaradas
 prum basquetebol
 Não pega nada
 Estou à 1 hora da minha
 quebrada
 Logo mais, quero ver todos em

paz
Um dois três carros na calçada
Feliz e agitada toda
"prayboyzada"
As garagens abertas eles lavam
os carros
Desperdiçam a água, eles
fazem a festa
Vários estilos vagabundas,
motocicletas
Coroa rico boca aberta, isca
predileta
De verde florescente queimada
sorridente
A mesma vaca loura circulando
como sempre
Roda a banca dos playboys do
Guarujá
Muitos manos se esquecem
mas na minha não cresce
sou assim e estou legal, até me
leve a mal
malicioso e realista sou eu
Mano Brown

Me dê 4 bons motivos pra não
ser
Olha meu povo nas favelas e
vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do
ano
Toda equipada e o tiozinho
guiando
Com seus filhos ao lado estão
indo ao parque Eufóricos
brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é
que tá
Provalvemente correndo pra lá
e pra cá
Jogando bola descalços nas
ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
Gritando palavrão é o jeito
deles
Eles não tem video-game às
vezes nem televisão
Mas todos eles tem Doum, São
Cosme e
São Damião A única proteção.
No último natal papai Noel
escondeu um brinquedo
Prateado, brilhava no meio do
mato
Um menininho de 10 anos
achou o presente,
Era de ferro com 12 balas no
pente
E fim de ano foi melhor pra

muita gente
Eles também gostariam de ter
bicicleta
De ver seu pai fazendo cooper
tipo atleta
Gostam de ir ao parque e se
divertir
ê que alguém os ensinasse a
dirigir
Mas ele só querem paz e
mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Sto.
Antônio.

Refrão:

Vamos passear no Parque
Deixa o menino brincar Fim de
Semana no parque Vou
rezar pra esse domingo não
chover
Olha só aquele clube que da
hora.
Olha aquela quadra, olha
aquele campo Olha,
Olha quanta gente
Tem sorveteria cinema piscina
quente
Olha quanto boy, olha quanta
mina
Afoga essa vaca dentro da
piscina
Tem corrida de kart dá pra ver
é igualzinho o que eu ví ontem
na TV,
Olha só aquele clube que da
hora,
Olha o pretinho vendo tudo do
lado de fora
nem se lembra do dinheiro que
tem que levar
Pro seu pai bem louco gritando
dentro do bar
nem se lembra de ontem de
onde o futuro
ele apenas sonha através do
muro...
Milhares de casas amontoadas
ruas de terra
esse é o morro a minha área me
espera
gritaria na feira (vamos
chegando !)
Pode crer eu gosto disso mais
calor humano
Na periferia a alegria é igual
é quase meio dia a euforia é
geral
É lá que moram meus irmãos
meus amigos

E a maioria por aqui se parece
comigo
E eu também sou bam bam
bam e o que manda O pessoal
desde às 10 da manhã está no
samba Preste
atenção no repique atenção no
acorde (Como é que é Mano
Brown ?)
Pode crer pela ordem
A número número 1 em baixa-
renda da cidade Comunidade
Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão a
tiazinha desse o morro
Polícia a morte, polícia socorro
Aqui não vejo nenhum clube
poliesportivo
Pra molecada frequentar
nenhum incentivo
O investimento no lazer é
muito escasso
O centro comunitário é um
fracasso
Mas aí se quiser se destruir está
no lugar certo
Tem bebida e cocaína sempre
por perto
A cada esquina 100 200 metros
Nem sempre é bom ser esperto
Schimth, Taurus, Rossi, Dreyer
ou Campari
Pronúncia agradável
estrago inevitável
Nomes estrangeiros que estão
no nosso morro pra
matar e M.E.R.D.A.
Como se fosse hoje ainda me
lembro
7 horas sábado 4 de Dezembro
Uma bala uma moto com 2
imbecis
Mataram nosso mano que fazia
o morro mais feliz
E indiretamente ainda faz,
mano Rogério esteja em paz
Vigiando lá de cima
A molecada do Parque Regina

Tô cansado dessa porra
de toda essa bobagem
Alcolismo,vingança treta
malandragem
Mãe angustiada filho
problemático
Famílias destruídas
fins de semana trágicos
O sistema quer isso

a molecada tem que aprender
Fim de semana no Parque Ipê

"Pode crer Racionais Mc's e
Negritude Junior juntos Vamos
investir em nós mesmos
mantendo
distância das Drogas e do
alcool. Aí rapaziada do Parque
Ipê, Jd. São Luiz, Jd. Ingá,
Parque Arará,
Váz de Lima Morro do Piolho
e Vale das Virtudes e
Pirajussara É isso aí mano
Brown
(é isso aí Netinho paz à todos)"

PARTE II

VAGABUNDA - E aí Edy...?
EDY - Eu já falei pro cê meu, é
embaçado...

Eu conheço o cara a mil anos,
não tem condições...

VAGABUNDA - Deixa ele
fora disso.

EDY - Não fica meio..., fica
muito....

VAGABUNDA - É entre eu e
você...

EDY - Não, não tem
condições...

VAGABUNDA - Por que, você
tem medo dele?

EDY - Não é bem medo, você
sabe que não é bem medo,
morô....

Mas é que eu conheço o cara a
mil anos.

VAGABUNDA - Mas ninguém
precisa saber, e só entre eu e
você....

EDY - Como ninguém precisa
saber meu? Só basta eu saber
daparada, entendeu...?

VAGABUNDA - Há, não...

EDY - Cara, eu conheço o
cara....

É FODA, viu meu....

VAGABUNDA - Mas eu
esperei tanto tempo por isso...

EDY - É.

VAGABUNDA - Agora que eu
tenho a oportunidade você
medespreza...

EDY - Não, não, não tô
desprezando, não tô

desprezando....

Só to falando que eu conheço
ele...

Antes dele namorar com você

eu já conhecia ele, a muito
tempo entendeu...

VAGABUNDA - Olha Edy, eu
não aceito não como resposta,
eu quero e pronto...!

EDY - Pô assim eu não
aguento, é foda essas mina.
Mulher de aliado meu eu
considero homem,
não admito dando em cima de
mim ou de outros camaradas,
são sem-vergonha, não prestam
mesmo sendo compromissadas,
não criam vergonha na cara,
então, escória de safada,
quero pedir para ele se ligar, se
tocar,

só que nas minhas palavras ele
não vai acreditar,
vai achar que é inveja ou surto
parecido
do outro lado da moeda ela que
é o inquérito.

Quer tudo na palma da sua
mão,
a faca, o queijo, o pão e muito
mais então

Vive dizendo pra que sair fora
do vacilão

se ele o tem e a quem mais
quiser

Melô demais para querer iludir
e foi iludido,
será que Deus deu o seu castigo
merecido

está com a mente totalmente
atrofiada (que vacilada)

Pode crê, lá vai ele com a
cabeça enfeitada (deu entrada)

Está sendo passado pra trás,
na lista dos cara de boi está em
primeiro lugar

Ajoelhou, agora tem que rezar !

Ela te troca, troca, troca por
outro

Eu lamento, o Don Juan das
vagabunda, eu lamento ! (3x)

Ela é mais uma figura viva
obscena...

Eu lamento !

No rebanho de fêmea, ela é a
fêmea pior

Também a pedra branca no
jogo de dominó,

Ás do baralho, papagaio sem
língua

árvore sem galho, repentista
sem rima.

Pode crê, ela bate o pé, ele
abaixa a cabeça

ela grita na frente dos outros,
ele respeita que treta
Acredita em meias palavras,
lágrimas, (juras ensaiadas).
Eu tenho dó de fulano, beltrano
e sicrano,
que fica iludido com esse tipo
de mulambo,
masturbação mental, pra ela é
normal,
agindo discretamente, dando
em cima dos conhecidos
que não estão interessados em
carne mastigada,
mas às vezes saem por pensar (
não pega nada...)

Nem estão nem um pouco
ligando tratando de mulher,
he!,

se esquece de quem é mano,
consideração ficou pra trás, já
não existe mais,

mil vezes peço meus pêsames,
em poucos amigos se pode

confiar,
mulher então, menos se pode
contar

não gostam, não vivo, não
penso nas minhas palavras pra
falar (oquê...)

mestiça, negra ou branca
sempre sai uma vagabunda,
não se esqueça, se você
ajoelhar, você vai ter que rezar
!

Ela te troca, troca, troca por
outro

Eu lamento, o Don Juan das
vagabunda, eu lamento ! (3x)

Ela te troca, troca, troca por
outro

Eu lamento !

Né não...?

Fique de olho na sua mulher,
fique atento,

mesmo sendo de mil anos
confie apenas 50 por cento,

tire da cabeça que mulher é
incapaz,

capaz ela é e mentirosa o
quanto quiser,

nunca se sabe o que se passa na
cabeça dela,

muda a cada instante de cão pra
cadela,

mulher de mano é mesma coisa
que homem,

não gosto de me envolver nem
me imagino,

isso é mancada de canalha,

cuzão, que sempre deu falha
merece tomar salva de bala na
cara (hê, hê)
Existe 7 mulheres pra cada
homem ou mais
então pra que cismar, passar
seu aliado para trás,
e vice-versa mulher também
entra nessa
mas a metade eu te garanto que
não presta
Deus não costuma dar asas pra
cobra criada
mas foi dada, a essa cascavel
Na minha história não perdôo
quem pratica traição
Nem com o fogo do inferno ela
ganhará o perdão (não !)
Come e cospe no mesmo prato
que usa,
ela tem duas, três caras chega
até uma dúzia e suga
até finalizar o que você tem e o
que você tiver
sabe como arrancar pois é,
patrício meu sei que não se
morde,
Edy Rock em pessoa por isso te
dou um toque e acorde,
a bomba pode e vai explodir
no meio da sua cara se você
não ouvir o que,
o descendente negro tem pra
falar,
inocente ou culpado
Você vai ter que rezar !
Ela te troca, troca, troca por
outro
Eu lamento, o Don Juan das
vagabunda, eu lamento ! (3x)
Ela te troca...
Eu lamento...
troca por outro...
VAGABUNDA - Mas e aí
Blue....
BLUE - Mas e aí, cê namora
com meu mano e tal...
xavecou meu outro mano,
agora quer sair comigo...
VAGABUNDA - Mas deixa os
dois fora disso...
BLUE - Como deixar fora
disso...?
VAGABUNDA - É entre eu e
você, deixa os dois pra lá...
BLUE - Eu e você, eu conheço
cara, você deu entrada pro
outro cara...
E eu conheço dos dois caras,
você vem me....

MANO NA PORTA DO BAR

Você viu aquele mano na porta
do bar
Jogando um bilhar
descontraído e pá
Cercado de uma pá de
camaradas
Da área uma das pessoas mais
consideradas
Ele não deixa brecha, não fode
ninguém
Adianta vários lados sem olhar
quem
Tem poucos bens, mais que
nada,
Um fusca 73 e uma mina
apaixonada
Ele é feliz e tem o que sempre
quis
Uma vida humilde porém
sossegada
Um bom filho, um bom irmão,
Um cidadão comum com um
pouco de ambição
Tem seus defeitos, mas sabe
relacionar
Você viu aquele mano na porta
do bar
(aquele mano)
Você viu aquele mano na porta
do bar
Ultimamente andei ouvindo ele
reclamar
Da sua falta de dinheiro era
problema
Que a sua vida pacata já não
vale a pena
Queria ter um carro confortável
Queria ser uma cara mais
notado
Tudo bem até aí nada posso
dizer
Um cara de destaque também
quero ser
Ele disse que a amizade é
pouca
Disse mais, que seu amigo é
dinheiro no bolso
Particularmente para mim não
tem problema nenhum
Por mim cada um, cada um
A lei da selva consumir é
necessário
Compre mais, compre mais
Supere o seu adversário,
O seu status depende da
tragédia de alguém,
É isso, capitalismo selvagem
Ele quer ter mais dinheiro, o
quanto puder

Qual que é desse mano ?
Sei lá qual que é
Sou Mano Brown, a
testemunha ocular
Você viu aquele mano na porta
do bar
(Aquele mano)
- " Quem é aqueles mano que
tava andando com você ontem
a noite ?"
- " É uns mano diferente aí que
tá rolando de outra quebrada
aí,mas é
o seguinte, eu tô agarrando os
mano de qualquer jeito, certo ?
"
- " Nós somo aqui da área
mano !? "
- " Não tem nada a ver com
você !!! "
- " Já era meu irmão ! já era !!!
"
- " Qual que é ? Num tô te
entendendo, explica isso aí
direito..."
- " Movimento é dinheiro meu
irmão... "
- " Você nunca me deu nada !!!
"
Você viu aquele mano na porta
do bar
Ele mudou demais de uns
tempos para cá
Cercado de uma pá de tipo
estranho
Que promete pra ele o mundo
dos sonhos
Ele está diferente não é mais
como antes
Agora anda armado a todo
instante
Não precisa mais dos aliados
Negociantes influentes estão ao
seu lado
Sua mina apaixonada, linda e
solitária
Perdeu a posição agora ele tem
várias...
Várias mulheres, vários
clientes, vários artigos,
Vários dólares e vários
inimigos.
No mercado da droga o mais
falado
O mais foda, em menos de um
ano subiu de cotação
Ascensão meteórica, contagem
numérica,
Farinha impura, o ponto que
mais fatura

Um traficante de estilo, bem peculiar
 Você viu aquele mano na porta do bar
 (Aquele mano)
 Ele matou um feinho a sangue frio
 As sete horas da noite,
 Uma pá de gente viu e ouviu, a distância
 Dia de cobrança, a casa estava cheia
 Mãe, mulher e criança
 Quando gritaram o seu nome no portão
 Não tinha grana pra pagar perdão é coisa rara
 Tomou dois tiros no meio da cara
 A lei da selva é assim, predatória
 Click, cleck, BUM, preserve a sua glória
 Transformação radical, estilo de vida
 Ontem sossegado e tal
 Hoje um homicida
 Ele diz que se garante e não tá nem aí
 Usou e viciou a molecada daqui
 Eles estão na dependência doentia
 Não dormem a noite, roubam a noite
 Pra cheirar de dia
 O tal do vírus dos negócios muita perícia
 Ele da baixa, ele ameaça, truta da polícia
 Não tem pra ninguém no momento é o que há
 Você viu aquele mano na porta do bar
 (Aquele mano)
 " - E aí mano, e aquela fita de ontem a noite ? "
 " - Foi um mano e tal que me devia, mó pilantra safado, queria medá perdido... - Negócio é negócio, deve pra mim é a mesma coisa que
 dever pro capeta, dei dois tiro na cara dele, já era... virou osolhos. "
 " - Mas e agora, como é que fica !? "
 " - Ih...Sai fora !!! Sai, Sai !!!
 Você tá vendo o movimento na

porta do bar
 Tem muita gente indo pra lá, o que será ?
 Daqui apenas posso ver uma fita amarela
 Luzes vermelhas e azuis piscando em volta dela
 Informações desencontradas gente, indo e vindo
 Não tô entendendo nada, vários rostos sorrindo
 Ouço um moleque dizer, mais um cuzão da lista
 Dois fulanos numa moto, única pista
 Eu vejo manchas no chão, eu vejo um homem ali
 É natural pra mim, infelizmente
 A lei da selva é traiçoeira, surpresa
 Hoje você é o predador, amanhã é a presa
 Já posso imaginar, vou confirmar
 Me aproximei da multidão e obtive a resposta
 Você viu aquele mano na porta do bar
 Ontem a casa caiu com uma rajada nas costas...
HOMEM NA ESTRADA
 Um homem na estrada recomeça sua vida
 Sua finalidade: a sua liberdade
 Que foi perdida, subtraída
 E quer provar a si mesmo que realmente mudou
 Que se recuperou e quer viver em paz
 Não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!
 Pois sua infância não foi um mar de rosas, não
 Na FEBEM, lembranças dolorosas, então
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim
 Muitos morreram sim, sonhando alto assim
 Me digam quem é feliz, quem não se desespera
 Vendo nascer seu filho no berço da miséria.
 Um lugar onde só tinham como atração
 o bar e o candomblé pra se tomar a benção
 Esse é o palco da história que por mim será contada
 Um homem na estrada

Equilibrado num barranco, um cômodo mal acabado e sujo
 Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio
 Um cheiro horrível de esgoto no quintal
 Por cima ou por baixo, se chover será fatal
 Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou
 Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou
 Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas
 Logo depois esqueceram, filha da puta!
 Acharam uma mina morta e estuprada
 deviam estar com muita raiva
 "Mano, quanta paulada!"
 Estava irreconhecível, o rosto desfigurado
 Deu meia noite e o corpo ainda estava lá
 coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado
 O IML estava só dez horas atrasado
 Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim
 Quero que meu filho nem se lembre daqui
 Tenha uma vida segura.
 Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura e uma "PT" na cabeça.
 E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa o que fazer para sair dessa situação
 Desempregado então
 Com má reputação
 Viveu na detenção
 Ninguém confia não
 E a vida desse homem para sempre foi danificada
 Um homem na estrada
 Um homem na estrada
 Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual
 Calor insuportável, 28 graus
 Faltou água, já é rotina, monotonia
 Não tem prazo pra voltar, hã!
 Já fazem cinco dias
 São dez horas, a rua está agitada
 uma ambulância foi chamada com extrema urgência
 Loucura, violência, exagerado

Estourou a própria mãe, estava embriagado
 Mas bem antes da ressaca ele foi julgado
 Arrastado pela rua o pobre do elemento
 o inevitável linchamento, imaginem só!
 Ele ficou bem feio, não tiveram dó
 Os ricos fazem campanha contra as drogas
 E falam sobre o poder destrutivo dela
 Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro
 Com o álcool que é vendido na favela
 Empapuçado ele sai, vai dar um rolê
 Não acredita no que vê, não daquela maneira
 crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo
 seu café da manhã na lateral da feira
 Molecada sem futuro, eu já consigo ver
 Só vão na escola pra comer, apenas nada mais
 Como é que vão aprender sem incentivo de alguém
 Sem orgulho e sem respeito
 Sem saúde e sem paz
 Um mano meu tava ganhando um dinheiro
 Tinha comprado um carro
 Até Rolex tinha!
 Foi fuzilado a queima roupa no colégio
 Abastecendo a playboyzada de farinha
 Ficou famoso, virou notícia
 Rendeu dinheiro aos jornais, ham!, cartaz à polícia
 Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares
 Superstar do notícias populares!
 Uma semana depois chegou o crack
 Gente rica por trás, diretoria
 Aqui, periferia, miséria de sobra
 Um salário por dia garante a mão-de-obra
 A clientela tem grana e compra bem
 Tudo em casa, costa quente de sócio

A playboyzada muito louca até os ossos
 Vender droga por aqui, grande negócio.
 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim
 Quero um futuro melhor, não quero morrer assim,
 num necrotério qualquer, um indigente sem nome e sem nada
 O homem na estrada
 Assaltos na redondeza
 levantaram suspeitas
 logo acusaram favela para variar
 E o boato que corre é que esse homem está
 Com o seu nome lá na lista dos suspeitos, pregada na parede do bar.
 A noite chega e o clima estranho no ar
 e ele sem desconfiar de nada,
 vai dormir tranquilamente
 mas na calada caguetaram seus antecedentes
 como se fosse uma doença incurável
 No seu braço a tatuagem, DVC,
 uma passagem, 157 na lei
 No seu lado não tem mais ninguém
 A Justiça Criminal é implacável
 Tiram sua liberdade, família e moral
 Mesmo longe do sistema carcerário
 Te chamarão para sempre de ex presidiário
 Não confio na polícia, raça do caralho.
 Se eles me acham baleado na calçada
 Chutam minha cara e cospem em mim é
 Eu sangraria até a morte
 Já era, um abraço!
 Por isso a minha segurança eu mesmo faço
 É madrugada, parece estar tudo normal.
 Mas esse homem desperta,
 pressentindo o mal
 muito cachorro latindo
 Ele lembra ouvindo barulho de carro e passos no quintal
 A vizinhança está calada e insegura
 Premeditando o final que já

conhecem bem
 Na madrugada da favela não existem leis
 Talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez
 Vão invadir o seu barraco, é a polícia!
 Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia
 Filhos da puta, comedores de carniça!
 Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta"
 Não são poucos e já vieram muito loucos
 Matar na crocodilagem, não vão perder viagem
 Quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas
 Com uma "treze tiros" automática
 Sou eu mesmo e eu, meu Deus e o meu orixá
 No primeiro barulho, eu vou atirar.
 Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém
 E o que eles querem: mais um "pretinho" na FEBEM.
 Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim
 A gente sonha a vida inteira e só lembra no fim
 Minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada
 Bang! Bang! Bang!
 "Homem mulato aparentando Entre vinte e cinco e trinta anos
 É encontrado morto na estrada do
 M'Boi Mirim sem número
 Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais.
 Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal."
JÚRI RACIONAL
 Você não tem amor próprio, fulano!
 Nos envergonha, pensa que é o maior.
 Não passa de um sem vergonha, em seus atos!
 Por si só define sua personalidade.
 Mas é a inferioridade que você sente no fundo.
 Dá aos racistas imundos razões o bastante pra prosseguirem nos fodendo como antes.

Ovelha branca da raça, traidor!
 Vendeu a alma ao inimigo,
 renegou sua cor!
 Mas nosso júri é racional, não
 falha!
 Por que?
 Não somos fã de canalha!
 Existe um velho ditado do
 cativo que diz:
 que o negro sem orgulho é
 fraco e infeliz.
 Como uma grande árvore que
 não tem raiz.
 Mas se assim você quis, então
 terá que pagar!
 Porém agora os playboys,
 querem mais é que se foda!
 Você e e a sua raça toda!
 Eles nem pensam em te ajudar!
 Então! Olhe pra você e lembre
 dos irmãos!
 Com o sangue espalhado,
 fizeram muitas notícias!
 Mortos na mão da polícia,
 fuzilados de bruços no chão.
 Me causa raiva e indignação
 a sua indiferença quanto à
 nossa destruição!
 Mas, o nosso júri é racional,
 não falha!
 Não somos fã de canalha! (2x)
 As vagabundas que você a vida
 toda elogiara,
 Se divertem hoje, e riem da sua
 cara.
 Aquelas vacas usufruíram,
 usaram do pouco que você
 tinha
 até a última gota!
 No entanto, não há outra...
 E agora?
 Você foi desprezado, jogado
 fora!
 Você não precisa delas!
 Se existem negras tão belas, e
 pode ter as melhores,
 Por que ficar com as piores?
 Burguesas cadelas? pode crer,
 estou falando sobre nossa auto-
 estima,
 voce despreza seu irmão não dá
 a mínima;
 mas nosso júri é racional, não
 falha!
 Não somos fã de canalha! (2x)
 "Aqui é o Mano Brown,
 descendente negro atual,
 Você está no júri racional e
 será julgado, otário!
 por ter jogado no time

contrário.
 O nosso júri é racional, não
 falha.
 Não somos fã de canalha.
 Prossiga mano Edy Rock e tal."
 Gosto de Nelson Mandela,
 admiro Spike Lee.
 Zumbi, um grande herói, o
 maior daqui.
 São importantes pra mim, mas
 você ri e dá as costas.
 Então acho que sei da porra
 que você gosta:
 Se vestir como playboy,
 frequentar danceterias,
 agradar as vagabundas, ver
 novela todo dia,
 que merda!
 Se esse é seu ideal, é
 lamentável!
 É bem provável que você se
 foda muito,
 você se auto-destrói e também
 quer nos incluir.
 Porém, não quero, não gosto,
 sou negro, não posso,
 não vou admitir!
 Do que valem roupas caras, se
 não tem atitude?
 Do que vale a negritude, se não
 pô-la em prática?
 A principal tática, herança de
 nossa mãe África!
 A única coisa que não puderam
 roubar!
 Se soubessem o valor que a
 nossa raça tem,
 tingiam a palma da mão pra ser
 escura também !
 Mas nosso júri é racional, não
 falha!
 Não somos fã de canalha!
 O nosso júri é racional, não
 falha!
 Não somos fã de canalha! (2x)
 Quero nos devolver o valor,
 que a outra raça tirou.
 Esse é meu ponto de vista. Não
 sou racista, morou?
 Escravizaram sua mente e
 muitos da nossa gente,
 mas você, infelizmente,
 sequer demonstra interesse em
 se libertar.
 Essa é a questão: auto-
 valorização.
 Esse é o título da nossa
 revolução.
 Capítulo 1:
 O verdadeiro negro tem que ser

capaz
 de remar contra a maré, contra
 qualquer sacrifício.
 Mas no seu caso é difícil: você
 só pensa no seu benefício.
 Desde o início, me mostram
 indícios
 que seus artifícios são vistos
 pouco originais, anormais,
 artificiais, embranquiçados
 demais.
 Ovelha branca da raça, traidor!
 Vendeu a alma ao inimigo,
 renegou sua cor.
 Mas nosso júri é racional, não
 falha!
 Por quê? Não somos fã de
 canalha!
 "Por unanimidade,
 o júri deste tribunal declara a
 ação procedente.
 E considera o réu culpado
 Por ignorar a luta dos
 antepassados negros
 Por menosprezar a cultura
 negra milenar.
 Por humilhar e ridicularizar os
 demais irmãos.
 Sendo instrumento voluntário
 do inimigo racista.
 Caso encerrado."

FIO DA NAVALHA
 Instrumental.

VOZ ATIVA

Eu tenho algo a dizer
 E explicar pra você
 Mas não garanto porém
 Que engraçado eu serei dessa
 vez
 Para os manos daqui
 Para os manos de lá
 Se você se considera um negro
 Pra negro será MANO !!!
 Sei que problemas você tem
 demais
 E nem na rua não te deixam na
 sua
 Entre madames fodidas e os
 racistas fardados
 De cérebro atrofiado não te
 deixam em paz
 Todos eles com medo
 generalizam demais
 Dizem que os negros são todos
 iguais
 Você concorda...
 Se acomoda então, não se

incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda
Prefere não se envolver
Finge não ser você
E eu pergunto por que ?
Você prefere que o outro vá se foder.

Não quero ser o Mandela
Apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende
Mas eu lamento que
Irmãos convivam com isso naturalmente
Não proponho ódio, porém
Acho incrível que o nosso conformismo
Já esteja nesse nível
Mas Racionais, existente nunca iguais
Afrodinamicamente manter a nossa honra viva
Sabedoria de rua
O RAP mais expressiva(Heim...)
A juventude negra agora tem a voz ativa(Pode crer)

Pois quem gosta gosta, de Nós(Hum...)
Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos(Hum...)

Pois quem gosta, gosta, (Scracthes..), gosta de Nós
Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos(Hum...)

Pois quem gosta, gosta, (Scracthes..), gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós mesmos(Hum...)

Pois quem gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós mesmos

Precisamos de um líder de crédito popular
Como Malcom X em outros tempos foi na América
Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços
Nossos irmãos estão desorientados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados
Brigando por quase nada

Migalhas coisas banais
Prestigiando a mentira
As falas desinformado demais

Chega de festejar a desvantagem
E permitir que desgatem a nossa imagem
Descendente negro atual meu nome é Brown
Não sou complexado e tal
Apenas Racional
É a verdade mais pura
Postura definitiva
A juventude negra
Agora tem voz ativa

Pois quem gosta, (Scracthes..), gosta, gosta de Nós(Hum...)
Somos Nós, Nós, Nós, Nós mesmos(Hum...)

Pois quem gosta, (Scracthes..), gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós mesmos(Hum...)

Pois quem gosta, (Scracthes..), gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós mesmos(Hum...)

Pois quem gosta de Nós
Somos Nós, (Scracthes..), Nós mesmos

Mais da metade do país é negra e se esquece
Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece
Tão pouco para tanta gente
Tanta gente na mão de tão pouco
Pode crer
Geração iludida uma massa falida
De informações distorcidas subtraídas da televisão

Fodidos estão sem nenhum propósito
Diariamente assinando o seu atestado de óbito

Pô to cansado de toda essa merda que eles mostram na televisão
Todo dia mano...não aguento mais é foda mano...

Mas onde estão
Meus semelhantes na TV
Nossos irmãos
Artistas negros de atitude e expressão?
Você se põe a perguntar por que
Eu não sou racista
Mas meu ponto de vista é que
Esse é o Brasil que eles querem que exista
Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque
Eles te mostram é um país que não existe
Esconde nossa raiz
Milhões de negros assistem Engraçado que de nós eles precisam
Nosso dinheiro eles nunca discriminam
Minha pergunta que fica
Desses artistas tão famosos
Qual você se identifica ?

Então, Lecy Brandão, Moisés da Rocha,
Thaíde e Dj Hum, Ivo Meireles, Moleques de Rua e tal
E da Zona leste de São Paulo Grupo DMN.
Pode crer é isso aí.

Nossos irmãos estão desorientados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados
Mulheres assumem a sua exploração
Usando o termo mulata como profissão
É mal...
Modelos brancas no destaque
As negras onde estão...? Ham Desfilam no chão em segundo plano
Pouco original mais comercial a cada ano
O carnaval era a festa do povo
Era...mas alguns negros se venderam de novo
Branços em cima negros em baixo
Ainda é normal natural
400 anos depois 1992 tudo igual
Benvindos ao Brasil colonial e tal

Precisamos de nós mesmos
essa é a questão
DMN meus irmãos descrevem
com perfeição então
Gostarmos de nós brigarmos
por nós
Acreditarmos mais em nós
Independente de que os outros
façam
Tenho orgulho de mim, um
rapper em ação
Nós somos negros sim de
sangue e coração
Mano IceBlue me diz

Justiça é que nos motiva a
minha a sua
A nossa voz ativa

(Scracthes..)
Racionais
(Scracthes..)
Racionais
(Scracthes..)
Racionais
Ra, Ra, Racio, Ra, Ra,
(Scracthes..), Ra, Ra,
(Scracthes..), Ra, (Scracthes..),
Ra, (Scracthes..), Ra, Racionais

NEGRO LIMITADO

Você não me escuta
Ou não entende o que eu falo
Procurro te dar um toque
E sou chamado de preto otário,
Atrasado, revoltado
Pode crer
Estamos jogando com um
baralho marcado
Não quero ser o mais certo
E um mano esperto
Não sei se você me entende
mas eu distingo errado do
certo.
(e mano se vai continuar com
essas idéias ae se ta me
tirando? Da licença)
A verdade é que enquanto eu
reparo meus erros
Você si quer admite os seus
Limitado é seu pensamento
você mesmo quer,
Falar sobre mulher
Seu principal passatempo
O dom juan das vagabundas eu
lamento
Vive contando vantagem se
dizendo o tal
Mas simplesmente falta
postura, qi suficiente.

Me diga alguma coisa que
ainda não sei.
Malandros como você muitos
finados contei.
Não sabe se quer dizer.
Veja só você, o número de cór
do seu próprio rg.
Então, príncipe dos burros,
limitado.
Nesse exato momento foi
coroadado.
Diga qual a sua origem, quem é
você!
Você não sabe responder.

Negro Limitado.

"- Então, vocês que fazem o
RAP aí, são cheios de ser
professor, falar de drogas,
polícia e tal, e aí, mostra uma
saída, mostra um caminho e tal,
e aí..?"

Cultura, educação, livros,
escola.
Crocodilagem demais.
Vagabundas e drogas.
A segunda opção é o caminho
mais rápido.
É fácil, a morte percorre a
mesma estrada é inevitável.
Planejam nossa restrição.
Esse é o título.
Da nossa revolução, segundo
versículo.
Leia, se forme, se atualize,
decore.
Antes que os racistas otários
fardados de cérebro atrofiado.
Os seu miolos estoirem e estará
tudo acabado.
Cuidado...!
O Boletim de Ocorrência com
seu nome em algum livro.
Em qualquer arquivo, em
qualquer distrito.
Caso encerrado, nada mais que
isso.
Um negro a menos cotarão com
satisfação.
Porque é a nossa destruição que
eles querem.
Física e mentalmente, o mais
que puderem.
Você sabe do que estou
falando.
Não são um dia nem dois.
São mais de 400 anos.
Filho, é fácil qualquer um faz.

Mas cria-los, não, você não é
capaz.
Ele nasce, cresce, e o que
acontece?
Sem referencia a seguir, cê terá
que ouvir.
Um mal aluno na escola
certamente ele será.
Mas um menino confuso.
No quarto escuro da
ignorância.
Se o futuro é das crianças...!
Talvez um dia de você ele se
orgulhara.
Você tem duas saídas.
Ter consciência, ou, se afogar
na sua própria indiferença.
Escolha o seu caminho.
Ser um verdadeiro preto, puro,
informado.
Ou ser apenas mais um negro
limitado.

Negro Limitado (refrão)

"- É, consciência, consciência,
e os outros manos,
você é consciente sozinho?"

Faça por você mesmo e não por
mim.
Mantenha distancia de dinheiro
fácil.
De bebidas demais, policiais e
coisas assim.
Enfim, de modo eficaz.
Racionais declaram guerra.
Contra aqueles que querem ver
os pretos na merda.
E os manos que nos ouvem irão
entender.
Que a informação é uma
grande arma.
Mais poderosa que qualquer PT
carregada.
Roupas caras de etiqueta, não
valem nada.
Se comparadas a uma mente
articulada
Contra um racista otário é
química perfeita
Inteligência, e um cruzado de
direita.
Será temido, e também
respeitado.
Um preto digno, e não um
negro limitado.

Negro Limitado

" - Pode crê, tem tudo a ver,
não é não..!
Racionais, fio da navalha, pode
contar comigo. É isso aí,
valeu."

PÂNICO NA ZONA SUL

"Aqui é Racionais MC's, Ice
Blue, Mano Brown, KLLay e eu
Edy Rock."

- E ai Mano Brown, certo ?
- Certo não está né mano, e os
inocentes quem os trará de
volta ?
- É...a nossa vida continua, e ai
quem se importa ?
- A sociedade sempre fecha as
portas mesmo...
- E ai Ice Blue...
- PÂNICO...

Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que
acontece
Ao que me parece prevalece a
ignorância
E nós estamos sós
Ninguém quer ouvir a nossa
voz
Cheia de razões calibres em
punho
Difícilmente um testemunho
vai aparecer
E pode crer a verdade se omite
Pois quem garante o meu dia
seguinte

Justiceiros são chamados por
eles mesmos
Matam humilham e dão tiros a
esmo
E a polícia não demonstra
sequer vontade
De resolver ou apurar a
verdade
Pois simplesmente é
conveniente
E por que ajudariam se eles os
julgam delinquentes
E as ocorrências prosseguem
sem problema nenhum
Continua-se o pânico na Zona
Sul.

Pânico na Zona Sul
Pânico...

Eu não sei se eles
Estão ou não autorizados
De decidir que é certo ou

errado
Inocente ou culpado retrato
falado
Não existe mais justiça ou
estou enganado?
Se eu fosse citar o nome de
todos que se foram
O meu tempo não daria pra
falar MAIS...
Eu vou lembrar que ficou por
isso mesmo
E então que segurança se tem
em tal situação
Quanto terão que sofrer pra se
tomar providência
Ou vão dar mais algum tempo
e assistir a sequência
E com certeza ignorar a
procedência
O sensacionalismo pra eles é o
máximo
Acabar com delinquentes eles
acham ótimo
Desde que nenhum parente ou
então é lógico
Seus próprios filhos sejam os
próximos
E é por isso que
Nós estamos aqui
E ai mano Ice Blue...

Pânico na Zona Sul
Pânico...

Racionais vão contar
A realidade das ruas
Que não media outras vidas
A minha e a sua
Viemos falar
Que pra mudar
Temos que parar de se
acomodar
E acatar o que nos prejudica
O medo
Sentimento em comum num
lugar
Que parece sempre estar
esquecido
Desconfiança insegurança
mano
Pois já se tem a consciência do
perigo
E ai?
Mal te conhecem consideram
inimigo
E se você der o azar de apenas
ser parecido
Eu te garanto que não vai ser
divertido
Se julgam homens da lei

Mas à respeito eu não sei
Muito cuidado eu terei
Scratch KLLay
Eu não serei mais um porque
estou esperto
Do que acontece Ice Blue
Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul
Pânico...

Ei Brown
Você acha que o problema
acabou?
Pelo contrário ele apenas
começou
Não perceberam que agora se
tornaram iguais
Se inverteram e também são
marginais Mas...
Terão que ser perseguidos e
esclarecidos
Tudo e todos até o último
indivíduo
Porém se nos quisermos que as
coisas mudem
Ei Brown qual será a nossa
atitude?
A mudança estará em nossa
consciência
Praticando nossos atos com
coerência
E a consequência será o fim do
próprio medo
Pois quem gosta de nós somos
nós mesmos
Te cuide porque ninguém
cuidará de você
Não entre nessa a toa
Não de motivo pra morrer
Honestidade nunca será demais
Sua moral não se ganha, se faz
Não somos donos da verdade
Porém não mentimos
Sentimos a necessidade de uma
melhoria
A nossa filosofia é sempre
transmitir
A realidade em si
Racionais MC's

Pânico na Zona Sul
Pânico...

Certo, certo...Então irmão
Volte a atenção pra você
mesmo
E pense como você tem vivido
até hoje certo?
Quem gosta de você é você

mesmo
Nós somos Racionais MC's
DJ KJay, Ice Blue, Edy
Rocky e eu...Brown.
PAZ...

Pânico...

HEY BOY

Hey boy! hey boy!
Dá um tempo aí, cola aí!
Pera aí!
Que é mano?
Que esse otário tá fazendo
aqui?
Aí dá um tempo aí, chega aí...
Que foi bicho!?
Lembra de mim mano?
Não...
Então vamo trocar uma idéia
nós dois agora...

Hey boy o que você está
fazendo aqui
Meu bairro não é seu lugar
E você vai se ferir
Você não sabe onde está
Caiu num ninho de cobra
E eu acho que vai ter que se
explicar
Pra sair não vai ser fácil
A vida aqui é dura
Dura é a lei do mais forte
Onde a miséria não tem cura
E o remédio mais provável é a
morte
Continuar vivo é uma batalha
Isso é se eu não cometer falha
E se eu não fosse esperto
Tiravam tudo de mim
Arrancavam minha pele
Minha vida enfim
Tenho que me desdobrar
Pra não puxarem meu tapete
E estar sempre quente
Pra não ser surpreendido de
repente
Se eu vacilo trocam minha
vaga
O que você fizer
Aqui mesmo você paga
A pouca grana que eu tenho
Não dá pro próprio consumo
Enquanto nós conversamos
A polícia apreende e finge
A marginalidade cresce sem
precedência
Conforme o tempo passa
Aumenta é a tendência
E muitas vezes não tem jeito

A solução é roubar
E seus pais acham que a cadeia
é nosso lugar
O sistema é a causa
E nós somos a
consequência....Maior
Da chamada violência
Por que na real
Com nossa vida ninguém se
importa
E ainda querem que sejamos
patriotas

Hey...Boy...

Isso tudo é verdade
Mas não tenha dó de mim
Por que esse é meu lugar
Mas eu o quero mesmo assim
Mesmo sendo o lado esquecido
da cidade
E bode espiatório de toda e
qualquer mediocridade
A sociedade já não sabe o que
fazer
Se vão interferir ou deixar
acontecer
Mas por sermos todos pobres
Os tachados somos nós
Só por ser conveniente

Hey boy...

Pense bem se não faz sentido
Se hoje em dia eu fosse um
cara
Tão bem sucedido
Como você é chamado de
superior
E tem todos na mão
E tudo a seu favor
Sempre teve tudo
E não fez nada por ninguém
Se as coisas andam mal
É sua culpa também
Seus pais dão as costas
Para o mundo que os cercam
Ficam com o maior melhor
E pra nós nada resta
Você gasta fortunas
Se vestindo em etiqueta
E na sergeta é as crianças
Futuros homens
Quase não comem morrem de
fome
Com frio e com medo
Já não é segredo e as drogas
consomem
Sinta o contraste e só me de
razão

Não fale mais nada porque
Vai ser em vão

Hey Boy...

Você faz parte daqueles que
colaboram
Para que a vida de muitas
pessoas
Seja tão ruim
Acha que sozinho não vai
resolver
Mas é por muitos pensarem
assim como você
Que a situação
Vai de mal a pior
E como sempre você pensa em
si só
Seu egoísmo ambição e
desprezo
Serão os argumentos pra matar
você mesmo
Então eu digo Hey boy...
Não fique surpreso
Se o ridículo e odioso
Círculo vicioso
Sistema que você faz parte
Transforma num criminoso
E doloroso
Será ser rejeitado
HUMILHADO
Considerado um marginal
Descriminado, você vai saber
Sentir na pele como dói
Então aprenda a lição
Hey Boy...

"-Aí boy sai andando aí certo...
-Eu tenho todos os motivos
-Mas nem por isso eu vou te
roubar
-Morô?
-Sai andadando
-Vai caminha mano!
-Não tem nada pra você aqui
não, seu otário!
-Vai embora
-Sai fora
-E não pisa mais aqui hein!"

MULHERES VULGARES

Alô?
E aí, Edi Rock, certo?
Ô Brown, e aí, certo mano?
Tava esperando cê me ligar,
mesmo.
Qual é a mão?
É sobre mulher, e tal.
Mulher? Que tipo de mulher?

Se liga aí:
 Derivada de uma sociedade
 feminista
 Que considera e dizem que
 somos todos machistas.
 Não quer ser considerada
 símbolo sexual.
 Lutam pra chegar ao poder,
 provar a sua moral
 Numa relação na qual
 Não admite ser subjugada,
 passada pra trás.
 Exigem direitos iguais.....

E do outro lado da moeda,
 como é que é?
 Pode crê!
 Pra ela, dinheiro é o mais
 importante.
 Sujeito vulgar, suas idéias são
 repugnantes.
 É uma cretina que se mostra
 nua como objeto,
 É uma inútil que ganha
 dinheiro fazendo sexo.
 No quarto, motel, ou tela de
 cinema
 Ela é mais uma figura viva,
 obscena.

Luta por um lugar ao sol,
 Fama e dinheiro com rei de
 futebol! (ah, ah!)
 Ela quer se encostar em um
 magnata
 Que comande seus passos de
 terno e gravata. (otário....)
 Quer ser a peça centra em
 qualquer local.
 E a julgue total,
 Quer ser manchete de jornal.

Somos Racionais, diferentes, e
 não iguais.
 Mulheres Vulgares, uma noite
 e nada mais!
 Mulheres..... vulgares.
 Mulheres vulgares, uma noite e
 nada mais.
 Mulheres..... vulgares.
 Mulheres vulgares, uma noite e
 nada mais.
 E aí, Brown? Cola aí, e tal...
 Fala aí tua parte, e tal.....
 Ô, falo sim! Peraí, peraí.
 É bonita, gostosa e sensual.
 Seu batom e a maquiagem a
 tornam banal.....

Ser a mau, fatal, legal, ruim.....

Ela não se importa!
 Só quer dinheiro, enfim.
 Envolve qualquer um com seu
 ar de ingenuidade.
 Na verdade, por trás vigora a
 mais pura mediocridade.
 Te domina com seu jeito
 promíscuo de ser,
 Como se troca de roupa, ela te
 troca por outro.
 Muitos a querem para sempre
 Mas eu a quero só por uma
 noite, você me entende?
 Gosta de homens da alta
 sociedade.
 Até os grandes traficantes
 entram em rotatividade.
 Mestiça, negra ou branca
 Uma de suas únicas qualidades:
 a ganância.

A impressão que se ganha é de
 decência
 Quando se trata de dinheiro e
 sexo, se torna indolência.
 Fica perdida no ar a pergunta:
 Qual a pior atitude de uma
 prostituta?
 Se vender por necessidade ou
 por ambição?
 Tire você a conclusão.
 Mulheres..... vulgares.
 Mulheres vulgares, uma noite e
 nada mais.
 Mulheres..... vulgares.
 Mulheres vulgares, uma noite e
 nada mais.
 Então, irmão, é de coração.
 Abra os olhos e veja a razão.

Querer, poder, ter
 Não é pra você se proteger,
 prever antes de acontecer.
 E hoje ela diz: "Que cara vou
 dormir?"
 Com seu rosto bonito é fácil
 atrair, e daí.....
 Pra sair não precisa insistir.
 É só ser alguém e estalar os
 dedos assim (plec!)
 Francamente ela se julga capaz
 De dominar a qualquer idiota
 que tenha conforto pra dar.
 Não importa a sua cor, não
 importa a sua idéia,
 Apenas dinheiro esnobando,
 jogando pela janela.
 Não entre nessa cilada.

Fique esperto com o mundo e

atento com tudo e com nada.
 Mulheres só querem/preferem
 o que as favorecem
 Dinheiro e posse, te esquecem
 se não os tiverem.
 Somos Racionais, diferentes, se
 não iguais.
 Mulheres vulgares, (o quê) uma
 noite e nada mais!
 Mulheres..... vulgares.
 Mulheres vulgares, uma noite e
 nada mais.
 Mulheres..... vulgares.
 Mulheres vulgares, uma noite e
 nada mais.
 Gostei, gostei.....
 É mano, tem uns caras que
 ficam iludidos com essas mina
 aí.....
 Capa de revista, pôster, viagem
 pra Europa.....
 Mas por baixo mano, mó
 sujeira!
 Vai nessa, morô.....
 E isso aí, mano. Até a próxima
 Brown.

RACISTAS OTÁRIOS

Racistas otários nos deixem em
 paz
 Pois as famílias pobres não
 aguentam mais
 Pois todos sabem e elas temem
 A indiferença por gente carente
 que se tem
 E eles vêm
 Por toda autoridade o
 preconceito eterno
 E de repente o nosso espaço se
 transforma
 Num verdadeiro inferno e
 reclamar direitos
 De que forma
 Se somos meros cidadãos
 E eles o sistema
 E a nossa desinformação é o
 maior problema
 Mas mesmo assim enfim
 Queremos ser iguais
 Racistas otários nos deixem em
 paz

Racistas otários nos deixem em
 paz

Justiça
 Em nome disse eles são pagos
 Mas a noção que se tem
 É limitada e eu sei
 Que a lei

É implacável com os oprimidos
Tornam bandidos os que eram
pessoas de bem
Pois já é tão claro que é mais
fácil dizer
Que eles são os certos e o
culpado é você
Se existe ou não a culpa
Ninguém se preocupa
Pois em todo caso haverá
sempre uma desculpa
O abuso é demais
Pra eles tanto faz
Não passará de simples fotos
nos jornais
Pois gente negra e carente
Não muito influente
E pouco frequente nas colunas
sociais
Então eu digo meu rapaz
Esteja constante ou abirão o
seu bolso
E jogarão um flagrante num
presídio qualquer
Será um irmão a mais
Racistas otários nos deixem em
paz

Racistas otários nos deixem em
paz

Então a velha história outra vez
se repete
Por um sistema falido
Como marionetes nós somos
movidos
E há muito tempo tem sido
assim
Nos empurram à incerteza e ao
crime enfim
Porque aí certamente estão se
preparando
Com carros e armas nos
esperando
E os poderosos me seguram
observando
O rotineiro Holocausto urbano
O sistema é racista cruel
Levam cada vez mais
Irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser
imparciais
E dizem ser financeiro o nosso
dilema
Mas se analisarmos bem mais
você descobre
Que negro e branco pobre se
parecem
Mas não são iguais
Crianças vão nascendo

Em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz
necessária
São filhos de pais sofridos
E por esse mesmo motivo
Nível de informação é um tanto
reduzido
Não...
É um absurdo
São pessoas assim que se
fodem com tudo
E que no dia a dia vive tensa e
insegura
E sofre as covardias
humilhações torturas
A conclusão é sua...KL Jay
Porém direi para vocês irmãos
Nossos motivos pra lutar ainda
são os mesmos
O preconceito e desprezo ainda
são iguais
Nós somos negros também
temos nossos ideais
Racistas otários nos deixem em
paz

Racistas otários nos deixem em
paz

Os poderosos são covardes
desleais
Espancam negros nas ruas por
motivos banais
E nossos ancestrais
Por igualdade lutaram
Se rebelaram morreram
E hoje o que fazemos
Assistimos a tudo de braços
cruzados
Até parece que nem somos nós
os prejudicados
Enquanto você sossegado foge
da questão
Eles circulam na rua com uma
descrição
Que é parecida com a sua
Cabelo cor e feição
Será que eles vêm em nós um
marginal padrão
50 anos agora se completam
Da lei anti-racismo na
constituição
Infalível na teoria
Inútil no dia a dia
Então que fodam-se eles com
sua demagogia
No meu país o preconceito é
eficaz
Te cumprimentam na frente
E te dão um tiro por trás

"O Brasil é um país de clima
tropical
Onde as raças se misturam
naturalmente
E não há preconceito racial.
Ha,Ha....."

Nossos motivos pra lutar ainda
são os mesmos
O preconceito e o desprezo
ainda são iguais
Nós somos negros também
temos nossos ideais

Racistas otários nos deixem em
paz...

TEMPOS DIFÍCEIS

Eu vou dizer porque o mundo é
assim.
Poderia ser melhor mas ele é
tão ruim.
Tempos difíceis, está difícil
viver.
Procuramos um motivo vivo,
mas ninguém sabe dizer.
Milhões de pessoas boas
morrem de fome.
E o culpado, condenado disto é
o próprio homem.
O domínio está em mão de
poderosos, mentirosos.
Que não querem saber.
Porcos, nos querem todos
mortos.
Pessoas trabalham o mês
inteiro.
Se cansam, se esgotam, por
pouco dinheiro.
Enquanto tantos outros nada
trabalham.
Só atrapalham e ainda falam.
Que as coisas melhoraram.
Ao invés de fazerem algo
necessário.
Ao contrário, iludem, enganam
otários.
Prometem 100%, prometem
mentindo, fingindo, traindo.
E na verdade, de nós estão
rindo.

Tempos... Tempos difíceis!
(4x)

Tanto dinheiro jogado fora.
Sendo gasto por eles em poucas
horas.
Tanto dinheiro desperdiçado.

E não pensam no sofrimento de um menor abandonado.
O mundo está cheio, cheio de miséria.
Isto prova que está próximo o fim de mais uma era.
O homem construiu, criou, armas nucleares.
E o aperto de um botão, o mundo irá pelos ares.
Extra, publicam, publicam extra os jornais
Corrupção e violência aumentam mais e mais.
Com quais, sexo e droga se tornaram algo vulgar.
E com isso, vem a AIDS pra todos liquidar.
A morte, enfim. Vem destruição, causam terrorismo.

E cada vez mais o mundo afunda num abismo.

Tempos... Tempos difíceis! (4x)

Menores carentes se tornam delinquentes.
E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente.
A saída é essa vida bandida que levam.
Roubando, matando, morrendo.
Entre si se acabando.
Enquanto homens de poder fingem não ver.
Não querem saber.
Faz o que bem entender.
E assim... aumenta a violência.
Não somos nós os culpados

dessa consequência?
Destruíram a natureza e o que puseram em seu lugar jamais terá igual beleza.
Poluíram o ar e o tornaram impuro.
E o futuro eu pergunto, confuso: "como será?"
Agora em quatro segundos irei dizer um ditado:
"Tudo que se faz de errado aqui mesmo será pago"
O meu nome é Edy Rock, um rapper e não um otário.
Se algo não fizermos, estaremos acabados.
KL Jay! Tempos difíceis! Tempos difíceis!

ÁLBUM SOBREVIVENDO NO INFERNO (1997)

JORGE DA CAPADÚCIA

Ogum Ê
Jorge sentou praça na cavalaria
E eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia.

Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge.
Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem.
Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem.
Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam.
E nem mesmo em pensamento eles possam ter para me fazerem mal.

Armas de fogo meu corpo não alcançarão
Facas e espadas se quebrem sem o meu corpo tocar.
Cordas e correntes arrebentem sem o meu corpo amarrar.

Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge.

Jorge é de Capadócia
Salve jorge!

Salve jorge!

Jorge é de Capadócia
Salve jorge!
Salve jorge!

(Correia)

GENESIS

"Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor.
O homem me deu a favela, o crack, a traiagem, as arma, as bebida, as puta.
Eu?! Eu tenho uma bíblia véia, uma pistola automática e um sentimento de revolta.
Eu tô tentando sobreviver no inferno".

CAPÍTULO 4 VERSÍCULO

3

(Introdução)
60 por cento dos jovens de periferia sem antecedentes criminais
Já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
Nas universidades brasileiras
Apenas 2 por cento dos alunos são negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente
Em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto,

mais um sobrevivente

(Mano Brown)
Minha intenção é ruim...
esvazia o lugar
Eu tô em cima, eu tô afim... um dois pra atirar
Eu sou bem pior do que você tá vendo
O preto aqui não tem dó... é 100 por cento veneno
A primeira faz bum, a segunda faz tá
Eu tenho uma missão e não vou falhar
Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
Minha palavra vale um tiro...
eu tenho muita munição
Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
E tem disposição pro mal e pro bem
Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico
Juiz ou réu, um bandido do céu
Malandro ou otário, quase sanguinário
Franco atirador se for necessário
Revolucionário, insano ou marginal
Antigo e moderno, imortal
Fronteira do céu com o inferno
Astral imprevisível, como um ataque cardíaco no verso

Violentemente pacífico,
verídico
Vim pra sabotar seu raciocínio
Vim pra abalar seu sistema
nervoso e sanguíneo
Pra mim ainda é pouco... dá
cachorro louco
Numero um... dia terrorista da
periferia
Uni-duni-tê, eu tenho pra você
Um rap venenoso ou uma
rajada de Pt
E a profecia se fez como
previsto
1997 depois de Cristo
A fúria negra ressuscita outra
vez
Racionais capítulo 4 versículo
3

(Ponte)
Aleluia (x2)
Racionais no ar
Filha da puta, pá pá pá

(Ice Blue)
Faz frio em São Paulo... pra
mim tá sempre bom
Eu tô na rua de bombeta e
moletom
Dim dim dom, rap é o som que
emana do Opala marrom
E aí, chama o Guilherme
Chama o Fader, chama o
Dinho... e o Di
Marquinho, chama o Éder,
vamo aí
Se os outros mano vem pela
ordem tudo bem melhor
Quem é quem no bilhar, no
dominó

(Mano Brown)
Colou dois mano, um acenou
pra mim
De jaco de cetim, de tênis,
calça jeans

(Ice Blue)
Ei Brown, sai fora, nem vai,
nem cola
Não vale a pena dar idéia nesse
tipo aí
Ontem à noite eu vi na beira do
asfalto
Tragando a morte, soprando a
vida pro alto
Ó os cara só o pó... pele e osso
No fundo do poço, mó
flagrante no bolso

(Mano Brown)
Veja bem, ninguém é mais que
ninguém
Veja bem, veja bem, e eles são
nossos irmãos também

(Ice Blue)
Mar de cocaína e crack, uísque
e conhaque
Os mano morre rapidinho sem
lugar de destaque

(Mano Brown)
Mas quem sou eu pra falar de
quem cheira ou quem fuma?
Nem dá... nunca te dei porra
nenhuma
Você fuma o que vem... entope
o nariz
Bebe tudo o que vê... faça o
diabo feliz
Você vai terminar tipo o outro
mano lá
Que era um preto tipo A...
ninguém tava numa
Mó estilo de calça Calvin
Klein, tênis Puma
Um jeito humilde de ser no
trampo e no rolê
Curtia um funk, jogava uma
bola
Buscava a preta dele no portão
da escola
Exemplo pra nós... mó moral,
mó ibope
Mas começou a colar com os
branquinho do shopping
Ai já era... Ih, mano, outra
vida, outro pique
Só mina de elite, balada, vários
drinques
Putá de butique, toda aquela
porra
Sexo sem limite, Sodoma e
Gomorra
Hã, faz uns nove anos
Tem uns quinze dias atrás eu vi
o mano
Cê tem que ver... pedindo
cigarro pros tiozinho no ponto
Dente tudo zuado, bolso sem
nenhum conto
O cara cheira mal, as tias sente
medo
Muito louco de sei lá o que
logo cedo
Agora não oferece mais perigo
Viciado, doente, fudido...
inofensivo

Um dia um Pm negro veio
embaçar
E disse pra eu me pôr no meu
lugar
Eu vejo um mano nessas
condições, não dá
Será assim que eu deveria
estar?
Irmão, o demônio fode tudo ao
seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e
outdoor
Te oferece dinheiro, conversa
com calma
Contamina seu caráter, rouba
sua alma
Depois te joga na merda
sozinho
Transforma um preto tipo A
num neguinho
Minha palavra alivia sua dor
Ilumina minha alma, louvado
seja o meu senhor
Que não deixa o mano aqui
desandar
E nem senta o dedo em
nenhum pilantra
Mas que nenhum filha da puta
ignore a minha lei
Racionais capítulo 4 versículo
3

(Ponte)
Aleluia (x2)
Racionais no ar
Filha da puta, pá pá pá

(Edi Rock)
Quatro minutos se passaram e
ninguém viu
O monstro que nasceu em
algum lugar do Brasil
Talvez o mano que trampa
debaixo do carro sujo de óleo
Que enquadra o carro forte na
febre com o sangue nos olhos
O mano que entrega envelope o
dia inteiro no sol
Ou o que vende chocolate de
farol em farol
Talvez o cara que defende o
pobre no tribunal
Ou o que procura vida nova na
condicional
Alguém no quarto de madeira,
lendo à luz de vela
Ouvindo rádio velho, no fundo
de uma cela
Ou o da família real de negro
como eu sou

Um príncipe guerreiro que
defende o gol

(Mano Brown)

E eu não mudo, mas eu não me
iludo

Os mano cu de burro têm, eu
sei de tudo

Em troca de dinheiro e um
carro bom

Tem mano que rebola e usa até
batom

Vários patrícios falam merda
pra todo mundo rir

Haha, pra ver branquinho
aplaudir

É, na sua área tem fulano até
pior

Cada um, cada um... você se
sente só

Tem mano que te aponta uma
pistola e fala sério

Explode sua cara por um toca-
fita velho

Click plau plau plau e acabou
Sem dó e sem dor, foda-se sua
cor

Limpa o sangue com a camisa
e manda se fuder

Você sabe por que, pra onde
vai, pra quê

Vai de bar em bar, de esquina
em esquina

Pega cinquenta conto, troca por
cocaína

E fim o filme acabou pra você
A bala não é de festim, aqui
não tem dublê

Para os mano da baixada
fluminense à Ceilândia

Eu sei, as ruas não são como a
Disneylândia

De Guaianases ao extremo sul
de Santo Amaro

Ser um preto tipo A custa caro
É foda... Foda é assistir a

propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você

Playboy forgado de brinco, um
trouxa

Roubado dentro do carro na
Avenida Rebouças

Correntinha das moça, as
madame de bolsa

Dinheiro... não tive pai não sou
herdeiro

Se eu fosse aquele cara que se
humilha no sinal

Por menos de um real, minha
chance era pouca

Mas se eu fosse aquele
muleque de touca

Que engatilha e enfia o cano
dentro da sua boca

De quebrada, sem roupa, você
e sua mina

Um dois, nem me viu... já sumi
na neblina

Mas não... permaneço vivo,
prossigo a mística

Vinte e sete anos contrariando
a estatística

Seu comercial de Tv não me
engana

Eu não preciso de status nem
fama

Seu carro e sua grana já não me
seduz

E nem a sua puta de olhos azuis
Eu sou apenas um rapaz latino

americano

Apoiado por mais de cinquenta
mil manos

Efeito colateral que o seu
sistema fez

Racionais capítulo 4 versículo
3

TO OUVINDO ALGUÉM ME CHAMAR

(Aí mano, o Guina mandou
isso aqui pra você)

Tô ouvindo alguém gritar meu
nome.

Parece um mano meu, é voz de
homem.

Eu não consigo ver quem me
chama.

É tipo a voz do Guina .

Não, não, não, o Guina tá em
cana.

Será? Ouvi dizer que morreu.

Última vez que eu o vi, eu
lembro até que eu não quis ir,
ele foi.

Parceria forte aqui era nós
dois.

Louco, louco, louco e como
era.

Cheirava pra caralho, (vixe)
sem miséria.

Doido ponta firme.

Foi professor no crime.

Também maior sangue frio,
não dava boi pra

ninguém(Hamm...)

Putaquele mano era foda.

Só moto nervosa.

Só mina da hora.

Só roupa da moda.

Deu uma pá de blusa pra mim.
Naquela fita na butique do
Itaim.

Mas sem essa de sermão,
mano, eu também quero ser
assim.

Vida de ladrão, não é tão ruim.
Pensei, entrei no outro assalto
pulei, pronto, aí o Guina deu
mó ponto:

- Aí é um assalto, todo mundo
pro chão, pro chão...!

- Aí filho da puta, aqui
ninguém tá de brincadeira não!

- Mais eu ofereço o cofre
mano, o cofre, o cofre.....

- Vamo lá que o bicho vai
pegar!

Pela primeira vez vi o sistema
aos meu pés.

Apavorei, desempenho nota
dez.

Dinheiro na mão, o cofre já
tava aberto.

O segurança tentou ser mais
esperto, então.

Foi defender o patrimônio do
playboy, cuzão. (tiros)

Não vai dar mais pra ser super-
heroi.

Se o seguro vai cobrir (hehe),
foda-se, e daí ?

Hamm... O Guina não tinha
dó.

Se reagir, bum, vira pó.

Sinto a garganta ressecada.

E a minha vida escorrer pela
escada

Mas se eu sair daqui eu vou
mudar

Eu to ouvindo alguém me
chamar (2x)

Tinha um maluco lá na rua de
trás.

Que tava com moral até
demais.

Ladrão, ladrão, e dos bons.

Especialista em invadir
mansão.

Comprava brinquedo a reviria.

Chamava a molecada e
distribuía.

Sempre que eu via ele tava só.

O cara é gente fina mas eu sou
melhor.

Eu aqui na pior, ele tem o que
eu quero.

Jóia escondida e uma 380.
Num desbaratino ele até se
crescia.
Se páh, ignorava até que eu
existia.
Tem um brilho na janela, é
então.
A bola da vez tá vendo
televisão.
(Psiu....Vamo, vai, entramo)

Guina no portão, eu e mais um
mano.

- Como é que é neguinho?
Humm.... Se dirigia a mim, e
ria, ria, como se eu não fosse
nada.

Ria, como fosse ter virada.
Estava em jogo, meu nome e
atitude. (tiros)

Era uma vez Robin Hood.
Fulano sangue ruim, caiu de
olho aberto.

Tipo me olhando, Hee, me
jurando.

Eu tava bem de perto e acertei
os seis.

O Guina foi e deu mais três.
Lembro que um dia o Guina
me falou.

Que não sabia bem o que era
amor.

Falava quando era criança.

Uma mistura de ódio,
frustração e dor.

De como era humilhante ir pra
escola.

Usando a roupa dada de
esmola.

De ter um pai inútil, digno de
dó.

Mais um bêbado, filho da puta
e só.

Sempre a mesma merda, todo
dia igual

Sem feliz aniversário, Páscoa
ou Natal.

Longe dos cadernos, bem
depois.

A primeira mulher e o 22.

Prestou vestibular no assalto do
busão.

Numa agência bancária se
formou ladrão.

Não, não se sente mais
inferior.

Aí neguinho, agora eu tenho o
meu valor.

Guina, eu tinha mó admiração,
ó.

Considerava mais do que meu
próprio irmão, ó.

Ele tinha um certo dom pra
comandar.

Tipo, linha de frente em
qualquer lugar.

Tipo, condição de ocupar um
cargo bom e tal.

Talvez em uma multinacional.

É foda, pensando bem que
desperdício.

Aqui na área acontece muito
disso.

Inteligência e personalidade,
mofando atrás da porra de uma
grade.

Eu só queria ter moral e mais
nada.

Mostrar pro meu irmão.

Pros cara da quebrada.

Uma caranga e uma mina de
esquema.

Algum dinheiro resolvia o meu
problema.

O que eu tô fazendo aqui?

Meu tênis sujo de sangue,
aquele cara no chão.

Uma criança chorando e eu
com um revólver na mão.

Ou era um quadro do terror, e
eu que fui ao autor.

Agora é tarde, eu já não podia
mais.

Parar com tudo, nem tentar
voltar atrás.

Mas no fundo, mano, eu sabia.

Que essa porra ia zoar minha
vida um dia.

Me olhei no espelho e não
reconheci.

Estava enlouquecendo, não
podia mais dormir.

Preciso ir até o fim.

Será que Deus ainda olha pra
mim?

Eu sonho toda madrugada.

Com criança chorando e
alguém dando risada.

Não confiava nem na minha
própria sombra.

Mas segurava a minha onda.

Sonhei que uma mulher me
falou, eu não sei o lugar.

Que um conhecido meu
(quem?) ia me matar.

Precisava acalmar a adrenalina.

Precisava parar com a cocaína.

Não to sentindo meu braço.

Nem me mexer da cintura pra
baixo

Ninguém na multidão vem me
ajudar.

Que sede da porra, eu preciso
respirar.

Cadê meu irmão?

Eu to ouvindo alguém me
chamar (2x)

Nunca mais vi meu irmão.

Diz que ele pergunta de mim,
não sei não.

A gente nunca teve muito a
ver.

Outra idéia, outro rolê.

Os malucos lá do bairro.

Já falava de revólver, droga,
carro.

Pela janela da classe eu olhava
lá fora.

A rua me atraia mais do que a
escola.

Fiz dezessete, tinha que
sobreviver.

Agora eu era um homem.

Tinha que correr.

No mundão você vale o que
tem.

Eu não podia contar com
ninguém.

Cuzão, fica você com seu
sonho de doutor.

Quando acordar cê me avisa,
morô?

Eu e meu irmão, era como óleo
e água.

Quando eu sai de casa trouxe
muita mágoa.

Isso há mais ou menos seis
anos atrás.

Porra, mó saudade do meu pai!
Me chamaram para roubar um
posto.

Eu tava duro, era mês de
Agosto.

Mais ou menos três e meia, luz
do dia.

Tudo fácil demais, só tinha um
vigia.

Não sei, não deu tempo, eu não
vi, ninguém viu.

Atiraram na gente, o moleque
caiu.

Prometi pra mim mesmo, era a
última vez.

Porra, ele só tinha dezesseis.

Não, não, não, tô afim de
parar.

Mudar de vida, ir pra outro
lugar.

Um emprego decente, sei lá.
 Talvez eu volte a estudar.
 Dormir a noite era difícil pra mim.
 Medo, pensamento ruim.
 Ainda ouço gargalhadas, choro e vozes
 A noite era longa, mó neurose.
 Tem uns malucos atrás de mim.
 Qual é? Eu nem sei.
 Diz que o Guina tá em cana e eu que caguei.
 Logo quem, logo eu, olha só, ó.
 Que sempre segurei os B.O.
 Não, eu não sou bobo, eu sei qual é que é!
 Mas eu não to com esse dinheiro que os cara quer.
 Maior que o medo, o que eu tinha era decepção.
 A traiagem, a pilantragem, a traição.
 Meus aliado, meus mano, meus parceiro.
 Querendo me matar por dinheiro.
 Vivi sete anos em vão.
 Tudo que eu acreditava não tem mais razão, não.
 Meu sobrinho nasceu.
 Diz que o rosto dele é parecido com o meu.
 Hee, diz, um pivete eu sempre quis.
 Meu irmão merece ser feliz.
 Deve estar a essa altura.
 Bem perto de fazer a formatura.
 Acho que é direito, advocacia.
 Acho que era isso que ele queria.
 Sinceramente eu me sinto feliz.
 Graças a Deus, não fez o que eu fiz.
 Minha finada mãe, proteja o seu menino.
 O diabo agora guia o meu destino.
 Se o Júri for generoso comigo.
 Quinze anos para cada latrocínio
 Sem dinheiro pra me defender.
 Homem morto, cagueta, sem ser.
 Que se foda, deixa acontecer
 Não há mais nada a fazer.
 Essa noite eu resolvi sair.

Tava calor demais, não dava pra dormir.
 Ia levar meu canhão, sei lá, decidi que não.
 É rapidinho, não tem precisão.
 Muita criança, pouco carro, vou tomar um ar.
 Acabou meu cigarro, vou até o bar.
 (E aí, como é que é, e aquela lá ó?)
 To devagar, to devagar.
 Tem uns baratos que não dá pra perceber.
 Que tem mó valor e você não vê.
 Uma pá de árvore na praça, as crianças na rua.
 O vento fresco na cara, as estrela, a lua.
 Dez minutos atrás, foi como uma premonição.
 Dois moleques caminharam em minha direção.
 Não vou correr, eu sei do que se trata.
 Se é isso que eles querem.
 Então vem, me mata.
 Disse algum barato pra mim que eu não escutei.
 Eu conhecia aquela arma, é do Guina, eu sei.
 Uma 380 prateada, que eu mesmo dei.
 Um moleque novato com a cara assustada
 (Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você)
 Mas depois do quarto tiro eu não vi mais nada.
 Sinto a roupa grudada no corpo.
 Eu quero viver, não posso estar morto.
 Mas se eu sair daqui eu vou mudar.
 Eu tô ouvindo alguém me chamar.

RAPAZ COMUM

Parece que alguém está me carregando perto do chão
 Parece um sonho, parece uma ilusão
 A agonia, o desespero toma conta de mim.
 Algo no ar me diz que é muito ruim.
 Meu sangue quente. Não sinto dor.

A mão dormente não sente o próprio suor.
 Meu raciocínio fica meio devagar.
 Quem me fodeu?
 Eu tô tentando me lembrar.
 Cresceu o movimento ao meu redor.
 Meu Deus! Eu não sei mais o que é pior.
 Mentir a vida toda pra si mesmo.
 Ou continuar e insistir no mesmo erro.
 Me lembro de um fulano:
 \"mata esse mano!\"
 Será que errar dessa forma é humano?
 Errar a vida inteira é muito fácil.
 Pra sobreviver aqui tem que ser mágico.
 Me lembro de várias coisas ao mesmo tempo.
 Como se eu estivesse perdendo tempo.
 \"A ironia da vida é foda!\"
 Que valor tem? Quanto valor tem?
 Uma vida vale muito, vim saber só agora.
 Deitado aqui e os manos na paz, tudo lá fora
 Puxando ferro ou talvez batendo uma bola.
 \"Pode crer. Deve tá mó lua da hora\"
 Tem alguém me chamando, quem é?
 Apertando minha mão, tem voz de mulher.
 O choro a faz engolir as palavras.
 Um lenço que enxuga meu suor enxuga suas próprias lágrimas.
 No rosto de uma mãe que reza baixinho.
 Que nunca me deixou faltar, ficar sozinho.
 Me ensinou o caminho desde criança.
 Minha infância, mais uma eu guardo na lembrança.
 Na esperança da periferia eu sou mais um.
 \"Clip, clap, bum!\"
 Rapaz comum.
 \"Clip, clap, bum!\"
 \"A lei da selva é assim\"

"Clip, clap, bum!"
 Rapaz comum.
 "A lei da selva é assim"
 "Clip, clap, bum!"
 "Predatória".
 Rapaz comum.
 "Preserve a sua glória!"

Queria atrasar o meu relógio.
 Pra mim vale muito um minuto
 a mais de ódio.
 Mas me sinto fraco, indefeso,
 desprotegido.
 Eu vou mais alto, cusão! Pra te
 levar comigo!
 Vou ser um encosto na sua
 vida.
 Você criou um monstro sem
 cura, sem alternativa!
 Me enganar pra quê?
 Se o fim é virar pó!
 Fiquei muito pior.
 Segura o seu B.O.!
 O preto aqui não tem dó!
 Mais uma vida desperdiçada e
 é só.
 Uma bala vale por uma vida do
 meu povo.
 No pente tem quinze, sempre
 há menos no morro, e então?
 Quantos manos iguais a mim se
 foram?
 Preto, preto, pobre, cuidado,
 socorro!
 Quê que pega aqui? Quê que
 acontece ali?
 Vejo isso frequentemente,
 desde moleque.
 Quinze de idade já era o
 bastante, então.
 Treta no baile, então. Tiros de
 monte!
 Morte nem se fala!
 Eu vejo o cara agonizando!
 "Chame a ambulância!"
 Alguém chame a ambulância!"
 Depois ficava sabendo na
 semana
 Que dois já era.
 Os preto sempre teve fama.
 No jornal, revista e TV se vê.
 Morte aqui é natural, é comum
 de se ver.
 Caralho! Não quero ter que
 achar normal
 ver um mano meu coberto de
 jornal!
 É mal! Cotidiano suicida!
 Quem entra tem passagem só
 pra ida!

Me diga. Me diga: que adianto
 isso faz?
 Me diga. Me diga: que
 vantagem isso traz?
 Então...
 A fronteira entre o Céu e o
 Inferno tá na sua mão.
 Nove milímetros de ferro.
 Cusão! otário! que pôrra é
 você?
 Olha no espelho e tenta
 entender
 A arma é uma isca pra fisgar.
 Você não é polícia pra matar!
 É como uma bola de neve.
 Morre um, dois, três, quatro.
 Morre mais um em breve.
 Sinto na pele, me vejo entrando
 em cena.
 Tomando tiro igual filme de
 cinema.

"Clip, clap, bum!"
 Rapaz comum.
 "Clip, clap, bum!"
 "A lei da selva é assim"
 "Clip, clap, bum!"
 Rapaz comum.
 "A lei da selva é assim"
 "Clip, clap, bum!"
 "Predatória".
 Rapaz comum.
 "Preserve a sua glória!"

Minha idéia tá clareando.
 Eu fico atacado, mó neurose, o
 tempo tá esgotando.
 Não quero admitir, meus olhos
 vão abrir.
 Vou chorar, vou sorrir, vou me
 despedir.
 Não quero admitir que sou
 mais um.
 Infelizmente é assim, aqui é
 comum.
 Um corpo a mais no necrotério,
 é sério.
 Um preto a mais no cemitério,
 é sério.
 Eu tô me vendo agora e é
 difícil.
 Minha família, meus manos.
 No centro um crucifixo.
 Meus filhos olhando sem
 entender o porquê.
 Se eu pudesse falar talvez iriam
 saber.
 Não acredito que esse mano
 veio até aqui!
 Me matou, quer certeza e quer

conferir.
 Me acompanham até a
 sepultura.
 Vejo um tumulto no caixão.
 Hã!
 E alguém segura!
 Mais uma mãe que não se
 conforma.
 Perder um filho dessa forma é
 foda!
 Quem se conforma?
 Como eu podia imaginar no
 velório de outras pessoas.
 Hoje estou no lugar.
 No buraco desce o meu caixão.
 Jogam terra, flores, se
 despedem na última oração.
 Tão me chamando, meu tempo
 acabou.
 Não sei pra onde ir!
 Não sei pra onde vou!
 Qual que é?
 Qual que é?
 O quê que eu vou ser?
 Talvez um anjo de guarda pra
 te proteger
 Não sou o último nem muito
 menos o primeiro
 A lei da selva é uma merda e
 você é o herdeiro!

VIDA LOKA PARTE I

Vagabunda, queria atacar do
 malucão, usou meu nome
 O pipoca abraçou
 Foi na porta da minha casa lá
 botou pânico em todo mundo
 3h da tarde
 E eu nem tava lá... vai vendo!
 É mas aí, Brown, tem uns tipo
 de mulher truta
 Que não dá nem pra comentar
 Eu nem sei quem é os maluco,
 isso que é foda
 Aí vamo atrás desse pipoca aí e
 já era
 Ir atrás de quem e aonde? Sei
 nem quem é, mano
 Mano, não devo, não temo e dá
 meu copo que já era

E aí, bandido mal, como que é,
 meu parceiro?
 E aí, Abraão, firmão truta?
 Firmeza total, Brown... e a
 quebrada aí, irmão?
 Tá pampa, aí fiquei sabendo do
 seu pai
 Aí, lamentável truta, meu

sentimento mesmo, mano!
 Vai vendo, Brown, meu pai morreu
 E nem deixaram eu ir no enterro do meu coroa não, irmão
 Isso é louco, você tava aonde na hora?
 Tava batendo uma bola, meu, fiquei na mó neurose, irmão
 Aí foram te avisar?
 É, vieram me avisar, mas tá firmão, brou
 Eu tô firmão, logo mais tô aí na quebrada com vocês aí
 É quente, na rua também num tá fácil não morô, truta?
 Uns juntando inimigo, outros juntando dinheiro
 Sempre tem um pra testar sua fé, mas tá ligado
 Sempre tem um corre a mais pra fazer
 Aí, mano, liga, liga nós aí qualquer coisa lado a lado
 Nós até o fim morô, mano?
 Tô ligado!

Fé em Deus que ele é justo
 Ei irmão nunca se esqueça, na guarda, guerreiro
 Levanta a cabeça truta, onde estiver seja lá como for
 Tenha fé porque até no lixo nasce flor

Ore por nós pastor, lembra da gente
 No culto dessa noite, firmão segue quente
 Admiro os crente, da licença aqui
 Mó funcao, mó tabela, pow, desculpa ai

Eu me, sinto às vezes meio pá, inseguro
 Que nem um vira-lata sem fé no futuro
 Vem alguém lá, quem é quem, quem sera meu bom
 Dá meu brinquedo de furar moletom

Porque os bico que me vê com os truta na balada
 Tenta ver, quer saber de mim não vê nada
 Porque a confiança é uma mulher ingrata

Que te beija, e te abraça, te rouba e te mata
 Desacreditar, nem pensa, só naquela
 Se uma mosca ameaça me cata piso nela

O bico deu mó guela, ró
 Bico e bandidão vão em casa na missão
 Me tromba na cohab
 De camisa larga, vai sabe Deus que sabe
 Qual é a maldade comigo inimigo num migue
 Tocou a campanhia plin, pá trama meu fim, dois maluco
 Armado sim, um isqueiro e um stopim
 Pronto pra chamar minha preta pra falar
 Que eu comi a mina dele, rá, se ela tava lá
 Vadia, mentirosa, nunca vi deus mo faia
 Espírito do mal
 Cão de buceta e saia

Talarico nunca fui, é o seguinte
 Ando certo pelo certo, como 10 e 10 é 20
 Já penso doido, e se eu tô com o meu filho no sofá
 De vacilo desarmado era aquilo
 Sem culpa e sem chance, nem pra abri a boca
 Ia nessa sem sabe
 (pô cê vê) vida loka

Mais na rua num é não, até jack
 Tem quem passa um pano
 Impostor pé de breque, passa pro malandro
 A inveja existe, e a cada 10, 5 é na maldade
 A mãe dos pecado capital é a vaidade

Mais se é para resolver, se envolver, vai meu nome
 Eu vou fazer o que, se cadeia é pra homem
 Malandrão eu? Não, ninguém é bobo
 Se quer guerra terá
 Se quer paz, quero em dobro
 Mais verme é verme, é o que é
 Rastejando no chão, sempre embaixo do pé
 E fala 1, 2 vez, se marcar até 3

Na 4ª xeque-mate, que nem no xadrez

Eu sou guerreiro do rap
 E sempre em alta voltagem
 Um por um, Deus por nós, tô aqui de passagem
 Vida loka
 Eu não tenho dom pra vitima
 Justiça e liberdade, a causa é legítima
 Meu rap faz o cântico do lokos e dos românticos
 Vo por o sorriso de criança, onde for
 Os parceiros tenho a oferece minha presença
 Talvez até confusa, mais real e intensa

Meu melhor marvin gaye, sabadão na marginal
 O que será, será, é nós vamo até o final
 Liga eu, liga nós, onde preciso for
 No paraíso ou no dia do juízo pastor
 E liga eu, e os irmão
 É o ponto que eu peço, favela, fundão
 Imortal nos meus versos
 Vida loka

DIÁRIO DE UM DETENTO

"São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da manhã.
 Aqui estou, mais um dia.
 Sob o olhar sanguinário do vigia.
 Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK.
 Metralhadora alemã ou de Israel.
 Estraçalha ladrão que nem papel.
 Na muralha, em pé, mais um cidadão José.
 Servindo o Estado, um PM bom.
 Passa fome, metido a Charles Bronson.
 Ele sabe o que eu desejo.
 Sabe o que eu penso.
 O dia tá chuvoso. O clima tá tenso.
 Vários tentaram fugir, eu também quero.

Mas de um a cem, a minha chance é zero.
 Será que Deus ouviu minha oração?
 Será que o juiz aceitou apelação?
 Mando um recado lá pro meu irmão:
 Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão.
 Ele ainda tá com aquela mina. Pode crer, moleque é gente fina.
 Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá...
 Tanto faz, os dias são iguais. Acendo um cigarro, vejo o dia passar.
 Mato o tempo pra ele não me matar.
 Homem é homem, mulher é mulher.
 Estuprador é diferente, né?
 Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés,
 e sangra até morrer na rua 10.
 Cada detento uma mãe, uma crença.
 Cada crime uma sentença.
 Cada sentença um motivo, uma história de lágrima,
 sangue, vidas e glórias,
 abandono, miséria, ódio,
 sofrimento, desprezo,
 decepção, ação do tempo.
 Misture bem essa química.
 Pronto: eis um novo detento
 Lamentos no corredor, na cela,
 no pátio.
 Ao redor do campo, em todos os cantos.
 Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã...
 Aqui não tem santo.
 Rátátátá... preciso evitar
 que um safado faça minha mãe chorar.
 Minha palavra de honra me protege
 pra viver no país das calças bege.
 Tic, tac, ainda é 9h40.
 O relógio da cadeia anda em câmera lenta.
 Ratatátá, mais um metrô vai passar.
 Com gente de bem, apressada, católica.
 Lendo jornal, satisfeita,
 hipócrita.

Com raiva por dentro, a caminho do Centro.
 Olhando pra cá, curiosos, é lógico.
 Não, não é não, não é o zoológico
 Minha vida não tem tanto valor quanto seu celular, seu computador.
 Hoje, tá difícil, não saiu o sol.
 Hoje não tem visita, não tem futebol.
 Alguns companheiros têm a mente mais fraca.
 Não suportam o tédio, arruma quiaca.
 Graças a Deus e à Virgem Maria.
 Faltam só um ano, três meses e uns dias.
 Tem uma cela lá em cima fechada.
 Desde terça-feira ninguém abre pra nada.
 Só o cheiro de morte e Pinho Sol.
 Um preso se enforcou com o lençol.
 Qual que foi? Quem sabe? Não conta.
 Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta (...)
 Nada deixa um homem mais doente
 que o abandono dos parentes.
 Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?
 A vaga tá lá esperando você.
 Pega todos seus artigos importados.
 Seu currículo no crime e limpa o rabo.
 A vida bandida é sem futuro.
 Sua cara fica branca desse lado do muro.
 Já ouviu falar de Lúcifer?
 Que veio do Inferno com moral.
 Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um.
 Comendo rango azedo com pneumonia...
 Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril, Parelheiros,
 Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela,
 Heliópolis, Itapevi,
 Paraisópolis.
 Ladrão sangue bom tem moral na quebrada.

Mas pro Estado é só um número, mais nada.
 Nove pavilhões, sete mil homens.
 Que custam trezentos reais por mês, cada.
 Na última visita, o neguinho veio aí.
 Trouxe umas frutas, Marlboro, Free...
 Ligou que um pilantra lá da área voltou.
 Com Kadett vermelho, placa de Salvador.
 Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
 com uma nove milímetros embaixo da blusa.
 Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?
 Lembra desse cururu que tentou me matar?"
 Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso.
 Ficava muito doido e deixava a mina só.
 A mina era virgem e ainda era menor.
 Agora faz chupeta em troca de pó!"
 Brown: "Esses papos me incomoda.
 Se eu tô na rua é foda..."
 Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."
 Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí.
 Eu quero mudar, eu quero sair.
 Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum.
 E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."
 Amanheceu com sol, dois de outubro.
 Tudo funcionando, limpeza, jumbo.
 De madrugada eu senti um calafrio.
 Não era do vento, não era do frio.
 Acertos de conta tem quase todo dia.
 Ia ter outra logo mais, eu sabia.
 Lealdade é o que todo preso tenta.
 Conseguir a paz, de forma violenta.
 Se um salafrário sacanear alguém,
 leva ponto na cara igual

Frankenstein
 Fumaça na janela, tem fogo na
 cela.
 Fudeu, foi além, se pã!, tem
 refém.
 Na maioria, se deixou envolver
 por uns cinco ou seis que não
 têm nada a perder.
 Dois ladrões considerados
 passaram a discutir.
 Mas não imaginavam o que
 estaria por vir.
 Traficantes, homicidas,
 estelionatários.
 Uma maioria de moleque
 primário.
 Era a brecha que o sistema
 queria.
 Avise o IML, chegou o grande
 dia.
 Depende do sim ou não de um
 só homem.
 Que prefere ser neutro pelo
 telefone.
 Ratatatá, caviar e champanhe.
 Fleury foi almoçar, que se foda
 a minha mãe!
 Cachorros assassinos, gás
 lacrimogêneo...
 quem mata mais ladrão ganha
 medalha de prêmio!
 O ser humano é descartável no
 Brasil.
 Como modess usado ou
 bombril.
 Cadeia? Claro que o sistema
 não quis.
 Esconde o que a novela não
 diz.
 Ratatatá! sangue jorra como
 água.
 Do ouvido, da boca e nariz.
 O Senhor é meu pastor...
 perdoe o que seu filho fez.
 Morreu de bruços no salmo 23,
 sem padre, sem repórter.
 sem arma, sem socorro.
 Vai pegar HIV na boca do
 cachorro.
 Cadáveres no poço, no pátio
 interno.
 Adolf Hitler sorri no inferno!
 O Robocop do governo é frio,
 não sente pena.
 Só ódio e ri como a hiena.
 Rátátátá, Fleury e sua gangue
 vão nadar numa piscina de
 sangue.
 Mas quem vai acreditar no meu
 depoimento?

Dia 3 de outubro, diário de um
 detento."

PERIFERIA É PERIFERIA

Esse lugar é um pesadelo
 periférico
 Fica no pico numérico de
 população
 De dia a pivetada a caminho da
 escola
 A noite vão dormir enquanto os
 manos "decola"
 Na farinha... hã! Na pedra...
 hã!
 Usando droga de monte, que
 merda, hã!
 Eu sinto pena da família desses
 cara
 Eu sinto pena, ele quer mais,
 ele não pára
 Um exemplo muito ruim pros
 moleque
 Pra começar é rapidinho e não
 tem breque
 Herdeiro de mais alguma Dona
 Maria
 Cuidado senhora, tome as
 rédias da sua cria
 Porque chefe da casa trabalha e
 nunca está
 Ninguém vê sair, ninguém
 escuta chegar
 O trabalho ocupa todo o seu
 tempo
 Hora extra é necessário pro
 alimento
 Uns reais a mais no salário
 Esmola de patrão cuzão
 milionário
 Ser escravo do dinheiro é isso,
 fulano
 Trezentos e sessenta e cinco
 dias por ano sem plano
 Se a escravidão acabar pra você
 Vai viver de quem? Vai viver
 de quê?
 O sistema manipula sem
 ninguém saber
 A lavagem cerebral te fez
 esquecer que andar com as
 próprias pernas não é difícil
 Mais fácil se entregar, se omitir
 Nas ruas áridas da selva
 Eu já vi lágrimas demais, o
 bastante pra um filme de guerra

Aqui a visão já não é tão bela...
 Não existe outro lugar...
 Periferia...Gente pobre...

Aqui a visão já não é tão bela...
 Não existe outro lugar...
 Periferia é periferia...

Aqui a visão já não é tão bela...
 Não existe outro lugar...
 Periferia...Gente pobre...

Aqui a visão já não é tão bela...
 Não existe outro lugar...
 Periferia é periferia...

Um mano me disse que quando
 chegou aqui
 Tudo era mato e só se lembra
 de tiro aí
 Outro maluco disse que ainda é
 embaçado
 Quem não morreu, tá preso
 sossegado
 Quem se casou quer criar o seu
 pivete ou não
 Cachimbar e ficar doido igual
 moleque, então
 A covardia dobra a esquina e
 mora ali
 Lei do cão, lei da selva... hã...
 hora de subir
 (Mano, que treta, mano! Mó
 treta, você viu? Roubaram o
 dinheiro daquele tio!)
 Que se esforce sol a sol, sem
 descansar
 Nossa Senhora o ilumine, nada
 vai faltar
 É uma pena, um mês inteiro de
 trabalho
 Jogado tudo dentro de um
 cachimbo, caralho!
 O ódio toma conta de um
 trabalhador
 Escravo urbano, um simples
 nordestino
 Comprou uma arma pra se
 auto-defender
 Quer encontrar o vagabundo
 desta vez não vai ter... "boi"
 Não vai ter "boi" (Qual que
 foi?)
 Não vai ter... "boi" (Qual que
 foi?)
 A revolta deixa o homem de
 paz imprevisível
 E sangue no olho, impiedoso e
 muito mais
 Com sede de vingança e
 prevenido
 Com ferro na cinta, acorda na...
 madrugada de quinta.
 Um pilantra andando no

quintal.
Tentando, roubando as roupas
do varal.
Olha só como é o destino,
inevitável
O fim de vagabundo, é
lamentável
Aquele puto que roubou ele
outro dia
Amanheceu cheio de tiro, ele
pedia
Dezenove anos jogados fora!
É foda, essa noite chove muito
porque Deus chora

Muita pobreza, estoura a
violência...
Nossa raça está morrendo mais
cedo...
Não me diga que está tudo
bem...

Muita pobreza, estoura a
violência...
Nossa raça está morrendo mais
cedo...
Não me diga que está tudo
bem...

Muita pobreza, estoura a
violência...
Nossa raça está morrendo mais
cedo...
Não me diga que está tudo
bem...

Muita pobreza, estoura a
violência...
Nossa raça está morrendo mais
cedo...

Veveve... verdade seja dita...

Vi só de alguns anos pra cá,
pode acreditar
Já foi bastante pra me
preocupar com meus filhos
Periferia é tudo igual
Todo mundo sente medo de
sair de madrugada e tal
Ultimamente andam os doidos
pela rua
Louco na fissura, te estranham
na loucura
Pedir dinheiro é mais fácil que
roubar, mano
Roubar é mais fácil que
trampar, mano
É complicado, o vício tem dois
lados

Depende disso ou daquilo ou
não tá tudo errado
Eu não vou ficar do lado de
ninguém por quê?
Quem vende droga pra quem?
Hã
Vem pra cá de avião, pelo
porto ou cais
Não conheço pobre dono de
aeroporto e mais
Fico triste por saber e ver
Que quem morre no dia a dia é
igual a eu e a você

Periferia é periferia... Que
horas são, não sei responder...
Periferia é periferia... Milhares
de casas amontoadas...
Periferia é periferia... Vacilou,
ficou pequeno pode acreditar...
Periferia é periferia... Em
qualquer lugar... Gente pobre...

Periferia é periferia... Vários
botecos abertos, várias escolas
vazias...
Periferia é periferia... E a
maioria por aqui se parece
comigo...
Periferia é periferia... Mães
chorando, irmãos se matando,
até quando...
Periferia é periferia... Em
qualquer lugar.... Gente
pobre....

Periferia é periferia... Aqui meu
irmão é cada um por si...
Periferia é periferia... Molecada
sem futuro eu já consigo ver...
Periferia é periferia... Aliados
drogados...
Periferia é periferia... Em
qualquer lugar.... Gente
pobre....

Periferia é periferia... Deixe o
crack de lado, escute meu
recado... cado... cado...

QUAL MENTIRA VOU ACREDITAR

São apenas dez e meia tem a
noite inteira,
Dormir é embaçado numa
sexta-feira.
Tv é uma merda prefiro ver a
lua,
Preto Edi Rock está a caminho
da rua.

Hã, sei lá vou pr'uma festa se
pam,
Se os cara não colar volto às
três da manhã.
Tô devagar, tô a cinqüenta por
hora,
Ouvindo funk do bom minha
trilha sonora.
A polícia cresce o olho, eu
quero que se foda,
Zona norte a bandidagem curte
a noite toda.
Eu me formei suspeito
profissional,
Bacharel pós-graduado em
tomar geral.
Eu tenho um manual com os
lugares horários,
De como dar perdido, ai
caralho...
Prefixo da placa é MY sentido
Jaçanã, Jardim Ebrom.
Quem é preto como eu, já tá
ligado qual é, nota fiscal RG
polícia no pé.
Escuta aqui o primo do
cunhado do meu genro é
mestiço,
Racismo não existe, comigo
não tem disso,
É pra sua segurança. Falou,
falou... Deixa pra lá.
Vou escolher em qual mentira
vou acreditar.

Tem que saber curtir, tem que
saber lidar.
Em qual mentira vou acreditar?
A noite é assim mesmo então,
deixa rolar.
Vou escolher em qual mentira
vou acreditar.
Tem que saber curtir, tem que
saber lidar.
Em qual mentira vou acreditar?

Ôh, que caras chato ó,
Quinze pras onze eu nem fui
muito longe
E os home embaçou.
Revirou os banco, amassou
meu boné branco,
Sujou minha camisa do Santos.
Eu nem me lembro mais pra
onde eu vou,
Hii quem será que ligo?
Espere na estação eu tô na zona
sul,
Eu chego rapidinho assinado:
Blue.

Pode crer, naquele lado de Santana
 Conheço uns lugar, conheço umas fulana.
 Juliana? Não. Mariana? Não. Alessandra? Não. Adriana? Não.
 O nome é só um detalhe, o nome é só um nome.
 953 hum... Esqueci o telefone.
 Porra demorou, hein!
 E aí, Blue como é que é?
 Isso aqui é inferno, tem uma pá de mulher.
 Trombei uma pá, de gente uma pá de mano,(pode crer)
 Tô há quase uma hora te esperando.
 Passou uma figura aqui e deu ideia,
 Disse que te conhece, se pá chama Léa. (Eu)
 Cabelo solto vestido vermelho, Estrategicamente a um palmo do joelho. (Hummm...)
 Os caras comentaram o visual, oh os bico que tal? Pagando o mó pau.
 Ninguém falou ah ah mas eu ouvia,
 Meio mundo xingando por telepatia. (Filha da puta)
 Economizava meu vocabulário, Não tinha o que falar, falava o necessário.
 Meio assim, é claro será qual é que é truta?
 Aqui falta mina filha da puta. Tudo comigo, confio no meu taco,
 Versão africana Don Juan DeMarco.
 Tudo muito bom, tudo muito bem,
 Sei lá o que é que tem, idéia vai idéia vem.
 Ela era princesa eu era o plebeu,
 Quem é mais foda que eu?
 Espelho espelho meu?
 Tipo Thaís de Araújo ou Camila Pitanga?
 Uma mistura, confesso, fiquei de perna bamba.
 Será que ela aceita ir comigo pro baile?
 Ou ir pra zona sul ter um grand finale?
 Amor com gosto de gueto até às seis da manhã,

Me chamar de meu preto e me cantar Djavan.
 Ninguém ouviu, mas puta que pariu.
 Em fração de segundos meu castelo caiu,
 A mais bonita da escola rainha passista,
 Se transformou numa vaca nazista.
 Eu ouvindo James Brown, pá... Cheio de pose.
 Ela perguntou se eu tenho, o quê? Guns N' Roses?
 Lógico que não! A mina quase histérica
 Meteu a mão no rádio e pôs na transamérica.
 Como é que ela falou? Só se liga nessa,
 Que mina cabulosa olha só que conversa.
 Que tinha bronca de neguinho de salão, (não)
 Que a maioria é maloqueiro e ladrão. (aí não)
 Aí não mano! Foi por pouco, Eu já tava pensando em capotar no soco.
 Disse pra "mim" não falar gíria com ela,(pode crer)
 Pra me lembrar que não tô na favela.
 Bate-boca mó guela será que é meia-noite, já?
 A cinderela virou bruxa do mal?
 Me humilhar não vai, vai tirar o carai,
 Levanta o seu rabo racista e sai.
 Eu conheço essa perversa há mó cara,
 Correu a banca toda de uns playba
 Que cola lá na área.
 Pra mim ela já disse que era solitária,
 Que a família era rígida e autoritária.
 Tem vergonha de tudo cheia de complexo,
 Que ainda era cedo pra pensar em sexo.
 A noite é assim mesmo, então deixa rolar,
 Vou escolher em qual mentira vou acreditar.
 Tem que saber mentir, tem que saber lidar,
 Em qual mentira vou acreditar.

Tem que saber curtir, tem que saber lidar.
 Em qual mentira vou acreditar?
 A noite é assim mesmo, então deixa rolar,
 Vou escolher em qual mentira vou acreditar.
 Tem que saber curtir, tem que saber lidar.
 Em qual mentira vou acreditar?

Ih caralho, olha só quem tá ali?
 O que que esse mano tá fazendo aqui?
 E aí esse maluco veio agora comigo,
 Ligou que era até seu amigo.
 Morava lá na sul, irmão da Cristiane,
 Dei um cavalo pra ele no lausane.
 Ia levar um recado pra uns parente local,
 Da Igreja Evangélica Pentecostal.
 Desceu do carro acenando a mão, (na paz do senhor!)
 Ninguém dava atenção.
 Bem diferente do estilo dos crentes,
 Um bombojaco e touca mas a noite tá quente.
 Que barato estranho, só aqui tá escuro,
 Justo nesse poste não tem luz de mercúrio.
 Passaram vinte fiéis até agora,
 Dá cinco reais, cumprimenta e sai fora.
 Um irmão muito sério em frente à garagem,
 Outro com a mão na cintura em cima da laje.
 De vez em quando a porta abre e um diz:
 "Tem do preto e do branco!"
 Encosta o nariz.
 Isso sim isso é que é união,
 O irmão saiu feliz sem discriminação.
 De lá pra cá veio gritando rezando,
 "Aleluia, as coisas tão melhorando!"
 Esse cara é dentista, sei lá... Diz
 Que a firma dele chama Boca S/A.
 Será material de construção?

Vendedor de pedras? Lá na zona sul era patrão.
 Ih! Patrão o caralho! Ele é safado,
 Fugiu do Valo Velho com os dias contados. (Tava desconfiando...)
 Na paranoia de fumar era fatal, Arrombava os barracos saqueava os varal. (Demorô)
 Bateu na cara do pai de um vagabundo,
 Humm... Tá fazendo hora extra no mundo.
 A noite tá boa a noite tá de barato,
 Mas puta gambé pilantra é mato.

Tem que saber curtir, tem que saber lidar.
 Em qual mentira vou acreditar?
 A noite é assim mesmo, então deixa rolar.
 Qual mentira vou acreditar?

MÁGICO DE OZ

Aquele moleque, sobrevive como manda o dia a dia, tá Na correria, como vive a maioria, preto desde Nascimento escuro de sol, eu tô pre ver ali igual no Futebol, sair um dia das ruas é a meta final viver Descente, sem ter na mente o mal, tem o instinto, que A liberdade deu, tem a malícia, que a cada Esquina deu, conhece puta, traficante ladrão, toda Raça uma par de aluscinado e nunca embaço,
 Confia nele mais do que na polícia, quem confia em Polícia, eu não sou louco, a noite chega, e o frio Também, sem demora e a pedra o consumo aumenta a cada Hora, pra aquecer ou pra esquecer, viciar, deve Ser pra se adormecer, pra sonhar, viajar na paranoia Na escuridão, um poço fundo de lama, mais um Irmão, não quer crescer, ser fugitivo do passado, Envergonhar-se aos 25 ter chegado, queria que

Deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo Mágico de Oz...

Queria que Deus ouvisse a minha Voz!
 (Que Deus Ouvisse a minha Voz)
 No mundo mágico de Oz

Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio,
 Pagando a rodada risada e vagabunda no meio, a Imprensão que dá, é que ninguém pode parar, um carro Importado, som no talo, Homem na Estrada
 Eles gostam, só bagaceira só, o dia inteiro só, como Ganha o dinheiro, vendendo pedra e pó, rolex
 Ouro no pescoço a custa de alguém, uma gostosa do lado Pagando pau pra quem? A polícia passou e Fez o seu papel, dinheiro na mão, corrupção à luz do Céu, que vida agitada hein? gente pobre tem, Periferia tem, você conhece alguém, moleque novo que Não passa dos doze, já viu viveu, mais que Muito homem de hoje, vira a esquina, e para em frente A uma vitrini, se ve, se imagina na vida do Crime, dizem que quem quer segue o caminho certo, ele Se espelha em quem tá mais perto, pelo Reflexo do vidro ele vê, seu sonho no chão se Retorcer, ninguém liga pro moleque tendo um ataque, Foda-se quem morrer desta porra de crack, relaciona os Fatos com seus sonhos, poderia ser eu no Seu lugar, Ah, das duas uma eu não quero desandar, foram Aqueles manos que trouxeram essa porra pra Cá, matando os outros, em troca de dinheiro e fama, Grana suja como vem vai não me engana, queria Que Deus, ouvisse a minha voz e transformasse aqui no

Mundo mágico de Oz...

Queria que Deus ouvisse a minha Voz!
 (Que Deus Ouvisse a minha Voz)
 No mundo mágico de oz

Hey mano, será que ele terá uma chance, quem vive Nesta porra, merece uma revanche, é um dom Que você tem de viver, é um dom que você recebe pra Sobreviver, história chata, mas você tá ligado?
 Que é bom lembrar, que quem entrar é um em cem, pra Voltar, quer dinheiro pra vender, tem um Monte aí, tem dinheiro quer usar, tem um monte aí, Tudo dentro de casa, vira fumaça, é foda, será Que Deus deve tá provando minha raça? só desgraça, Gira em torno daqui, falei do Jb, é o que Queria fazer, rezei pra um moleque que pediu, qualquer Trocado qualquer moeda, me ajuda tio? pra Mim não faz falta, uma moeda não neguei, e não quero Saber, o que que pega se eu errei, Independente a minha parte eu fiz, tirei um sorriso Ingênuo, fiquei um terço feliz, se diz que Moleque de rua rouba, o governo, a polícia no Brasil Quem não rouba? Ele só não têm diploma pra Roubar, ele não se esconde atrás de uma farda suja, é Tudo uma questão de reflexão irmão, é Uma questão de pensar, Ah, a polícia sempre dá o mal Exemplo, lava minha rua de sangue, leva o Ódio pra dentro, pra dentro, de cada canto da cidade, Pra cima dos quatro extremos da Simplicidade, a minha liberdade foi roubada, minha Dignidade violentada, que nada, os manos se

Ligar, parar de se matar,
amaldiçoar, levar pra longe
Daqui essa porra, não quero
que um filho meu
Um dia Deus me livre morra,
ou um parente meu acabe
Com um tiro na boca, é preciso
morrer pra
Deus ouvir minha Voz, ou
transformar aqui no mundo
Mágico de Oz...

Queria que Deus ouvisse a
minha Voz!
(Que Deus Ouvisse a minha
Voz)
No mundo mágico de Oz

Jardim Filhos da Terra e tal,
Jardim Ebrom, jáçanã,
Jowa Rural, Piquiri e Mazzei,
Nova Galvão,
Jardim Corisco, Fontalis e
então, Campo Limpo,
Guarulhos Jardim Peri, Jb, Edu
Chaves e Tucuruvi,
Alo Doze, Mimosa e São
Rafael, Zachy Narchi tem lugar
No céu, Às vezes eu fico
pensando se Deus
Existe mesmo, moro? Porque
meu povo já sofreu demais,
E continua sofrendo até hoje!
Só quero ver
Os moleque nos farol, na rua,
muito louco de cola, de
Pedra, e eu penso que poderia
ser um filho
Meu, moro? Mas aí! Eu tenho
fé, eu tenho fé... em
Deus.

FÓRMULA MÁGICA DA PAZ

Essa porra é um campo
minado.
Quantas vezes eu pensei em me
jogar daqui,
Mas aí, minha área é tudo o
que eu tenho.
A minha vida é aqui, eu não
consigo sair.

É muito fácil fugir mas eu não
vou.
Não vou trair quem eu fui,
quem eu sou.
Eu gosto de onde eu vou e de
onde eu vim,
Ensino da favela foi

muito bom pra mim.

Cada lugar um lugar, cada
lugar uma lei,
Cada lei uma razão, eu sempre
respeitei,
Qualquer jurisdição, qualquer
área,
Jardim Santo Eduardo, Grajaú,
Missionária.

Funxal, Pedreira e tal, Joaniza.
Eu tento adivinhar o que você
mais precisa.
Levantar sua "goma" ou
comprar uns "pano",
Um advogado pra tirar seu
mano.

No dia da visita você diz que
eu vou mandar
Cigarro pros maluco lá no X.
Então, como eu tava dizendo,
sangue bom,
Isso não é sermão, ouve aí, tem
o dom?

Eu sei como é que é, é foda
parceiro
É a maldade na cabeça o dia
inteiro.
Nada de roupa, nada de carro,
sem emprego,
Não tem Ibope, não tem rolê
sem dinheiro.
Sendo assim, sem chance, sem
mulher,
Você sabe muito bem o que ela
quer, é.

Encontre uma de caráter se
você puder.
É embaçado ou não é?
Ninguém é mais que ninguém,
absolutamente,
Aqui quem fala é mais um
sobrevivente.
Eu era só um moleque, só
pensava em dançar,
Cabelo Black e tênis All Star.

Na roda da função "mó zoeira!"
Tomando vinho seco em volta
da fogueira.
A noite inteira, só contando
história,
Sobre o crime, sobre as treva na
escola.

Não tava nem aí, nem levava

nada a sério.

Admirava os ladrão e os
malandro mais velho.
Mas se liga, olhe ao seu redor e
me diga:
O que melhorou? Da função
quem sobrou?
Sei lá, muito velório rolou de lá
pra cá,
Qual a próxima mãe que vai
chorar?

Há! Demorou, mas hoje eu
posso compreender,
Que malandragem de verdade é
viver.

Agradeço a Deus, glórias
glórias,
Parei no meio do caminho e
olhei pra trás.
Meus outros manos todos
foram longe de mais:
- Cemitério São Luis, aqui jaz.

Mas que merda, meu oitão tá
até a boca, que vida louca!
Por que é que tem que ser
assim?
Ontem eu sonhei que um
fulano aproximou de mim,
"Agora eu quero ver ladrão, pá!
pá! pá! pá!", Fim.

É... sonho é sonho, deixa
quieto.
Sexto sentido é um dom, eu tô
esperto.
Morrer é um fator, mas
conforme for,
Tem no bolso, na agulha e mais
5 no tambor.

Joga o jogo, vamos lá, caiu a 8
eu mato a par.
Eu não preciso de muito pra
sentir-me capaz
De encontrar a Fórmula
Mágica Da Paz.

Eu vou procurar, sei que vou
encontrar, eu vou procurar,
Eu vou procurar, você não bota
uma fé, mas eu vou atrás
(Eu vou procurar e sei que vou
encontrar)
Da minha Fórmula Mágica Da
Paz.

Eu vou procurar, sei que vou

encontrar
Procure a sua(eu vou procurar,
eu vou procurar, você não bota
mó fé...)
Eu vou atrás da minha(você
não bota mó fé)
(Eu vou procurar e sei que vou
encontrar)

Caralho! Que calor, que horas
são agora? Dá pra ouvir a
pivettata gritando
Lá fora. Hoje acordei cedo pra
ver, sentir a brisa de manhã e o
Sol
Nascer. É época de pipa, o céu
tá cheio. 15 anos atrás eu tava
ali no meio.
Lembrei de quando era
pequeno, eu e os cara... faz
tempo, faz tempo,
E O Tempo Não Para.

Hoje tá da hora o esquema pra
sair, é... vamo, não demora,
mano, chega aí!
"Cê viu ontem? Os tiro ouvi de
monte! Então, diz que tem uma
pá de
Sangue no campo." Ih, mano
toda mão é sempre a mesma
idéia junto:
Treta, Tiro, Sangue, aí, muda
de assunto. Traz a fita pra eu
ouvir
Porque eu tô sem,
principalmente aquela lá do
Jorge Ben. Uma pá de mano
Preso chora a solidão. Uma pá
de mano solto sem disposição.
Empenhorando
Por aí, rádio, tênis, calça,
acende num cachimbo... virou
fumaça!
Não é por nada não, mas aí,
nem me ligo ô, a minha
liberdade eu curto
Bem melhor. Eu não tô nem aí
pra o que os outros fala. 4, 5, 6,
preto
Num Opala. Pode vir Gambé,
Paga Pau, tô na minha na moral
na maior,
Sem Goró, Sem Pacau, Sem
Pó. Eu tô ligeiro, eu tenho a
minha regra,
Não sou pedreiro, não fumo
pedra. Um rolê com os aliados
já me faz feliz,
Respeito mútuo é a chave é o

que eu sempre quis(diz...).
Procure a sua, a
Minha eu vou atrás, até mais,
da Fórmula Mágica Da Paz.

Eu vou procurar, sei que vou
encontrar
Eu vou procurar, eu vou
procurar
Você não bota mó fé..., mas eu
vou atrás...
(Eu vou procurar e sei que vou
encontrar)
Da Fórmula Mágica Da Paz

Eu vou procurar, sei que vou
encontrar
Eu vou procurar, eu vou
procurar
Você não bota mó fé..., mas eu
vou atrás...
(Eu vou procurar e sei que vou
encontrar)

Choro e correria no saguão do
hospital. Dia das criança,
feriado e luto
Final. Sangue e agonia entra
pelo corredor. Ele tá vivo! Pelo
amor de
Deus Doutor! 4 tiros do
pescoço pra cima, puta que
pariu a chance é
Mínima! Aqui fora, revolta e
dor, lá dentro estado
desesperador!
Eu percebi quem eu sou
realmente, quando eu ouvi o
meu sub-consciente:
"E aí mano Brown vaçilão?
Cadê você? Seu mano tá
morrendo o que você
Vai fazer?". Pode crê, eu me
senti inútil, eu me senti
pequeno, mais um
Cuzão vingativo(mais um).
Putá desespero, não dá pra
acreditar, que pesadelo,
Eu quero acordar. Não dá, não
deu, não daria de jeito nenhum,
o Derlei era só
Mais um rapaz comum! Dali a
poucos minutos, mais uma
Dona Maria de luto!
Na parede o sinal da cruz. Que
porra é essa ? Que mundo é
esse ? Onde
Tá Jesus ? Mais uma vez um
emissário não incluiu Capão
Redondo

Em seu itinerário. Pôrra, eu tô
confuso. Preciso pensar. Me dá
um tempo
Pra eu raciocinar. Eu já não sei
distinguir quem tá errado, sei
lá, minha
Ideologia enfraqueceu. Preto,
Branco, Polícia, Ladrão Ou Eu,
Quem é mais filha da puta, eu
não sei! Aí fudeu, fudeu,
decepção essas
Hora... a depressão quer me
pegar vou sair fora.
2 de Novembro era finados. Eu
parei em frente ao São Luis do
outro lado
E durante uma meia hora olhei
um por um e o que todas as
Senhoras
Tinham em comum: a roupa
humilde, a pele escura, o rosto
abatido pela
Vida dura. Colocando flores
sobre a sepultura. ("podia ser a
minha mãe").
Que loucura.
Cada lugar uma lei, eu tô
ligado. No extremo Sul da
Zona Sul tá tudo
Errado. Aqui vale muito pouco
a sua vida. A nossa lei é falha,
violenta e
Suicida. Se diz que, me diz
que, não se revela: parágrafo
primeiro na lei da
Favela. Legal... Assustador é
quando se descobre que tudo dá
em nada e
Que só morre o pobre. A gente
vive se matando irmão, por quê
? Não me
Olhe assim, eu sou igual a
você. Descanse o seu gatilho,
descanse o seu
Gatilho, entre no trem da
humildade, o meu Rap é o
Trilho.

Vou Dizer....

Procure a sua paz....
Pra todas a famílias aí que
perderam pessoas importante
morô meu!!!!
(Eu vou procurar e sei que vou
encontrar)
Procure a sua Paz(Paz....)
Não se acostume com esse
cotidiano violento,
Que essa não é a sua vida, essa

não é a minha vida morô
mano!!!!
Procure a sua paz....
Aí Derlei, descanse em paz!
Aí Carlinhos procure a sua paz!
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
Aí Quico, você deixou saudade
morô mano!
Agradeço à Deus e aos
Orixás....
Eu tenho muito a agradecer por
tudo
Agradeço à Deus e aos
Orixás....
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
Cheguei aos 27, sou um
vencedor, tá ligado mano!!!!
Agradeço à Deus e aos
Orixás....
Aí procure a sua, eu vou atrás
da minha Fórmula Mágica Da
Paz!
Você não bota mó fé....
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
Aí, manda um toque na
quebrada lá, Coab, Adventista
e pá Rapaziada!!!!
Malandragem de verdade é
viver....
Se liga!!!!
Procure a sua paz!!!!
Você não bota mó fé....
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
Que tu fala é Mano Brown
mais um sobrevivente
Agradeço á Deus, Agradeço á
Deus....
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
27 ano, contrariando a

estatística morô meu!!!!
Agradeço á Deus, Agradeço á
Deus....
Procure a sua paz....
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)
Eu vou procurar....
Procure a sua paz...
Procure a sua!!!!
Eu vou encontrar
Você pode encontrar a sua paz,
o seu paraíso!!!!
Eu vou procurar
Você pode encontrar o seu
Inferno!!!!
A Fórmula Mágica Da
Paz.....!
(Eu vou procurar e sei que vou encontrar)

Eu prefiro a
P A Z ! ! ! ! !

SALVE

Eu vou mandar um salve pra
comunidade do outro lado do
muro
As grades nunca vão prender
nosso pensamento mano...
Se liga aí jardim evana, parque
do engenho, gerivá,
jardim rosana, pirajusara, santa
tereza...
Vaz de lima, parque santo
antônio, capelinha, João
morá, vila calu, branca flor,
paranapanema,
iaracati...
Novo oriente, parque arariba,
jardim ingá, parque
ipê...
Pessoal da sabin, jardim
marcelo, cidade ademar,
jardim são carlos, jardim

primavera, santa amélia,
jardim santa terezinha, jardim
míriam, vila santa
catarina...
Aí vietinã, cocáia, cipó,
colônia, campanário de
diadema, calúpsa e são
bernardo...Jardim Calux
Vila industrial santo andré,
bairro das pimentas,
brasilândia, jardim japonês,
jardim ebron, coabi 1,
coabi 2, são matheus, itai,
cidade tiradentes,
barueri, coabi de tapas...
Mangueira, boréus, cidade de
Deus, e aí DF, expansão,
P norte, P sul...
E aí pessoal do sul, restinga...
E aí quebradas, zona noroeste
santos, rádio favela,
bh...
E pra todos os aliados
espalhados pelas favelas do
brasil
Firma!!!
Todos os djs, todos os mcs, que
fazem do rap a trilha
sonora do gueto...
E pros filha da puta que
querem jogá minha cabeça
pros
porco...ai, tenta a sorte mano,
eu acredito na
palavra
de um homem de pele escura,
de cabelo crespo, que
andava entre mendigos e
leprosos, pregando a
igualdade...
Um homem chamado Jesus...só
ele sabe a minha hora
Aí ladrão, tô saindo fora
Paz...

ÁLBUM NADA COMO DIA APÓS O OUTRO DIA (2002)

SOU MAIS VOCÊ

Benção, mãe
Estamos iniciando nossas
transmissões
Essa é a sua rádio Êxodos
Hei! Hei!
Vamos acordar, vamos acordar,
porque o sol não espera
demorou, vamos acordar
O tempo não cansa ontem a
noite você pediu, você pediu...

Uma oportunidade
Mais uma chance, como Deus é
bom né não nego?? Olha aí,
mais um dia todo seu
Que céu azul louco hein?
Vamos acordar, vamos acordar,
agora vem com a sua cara, sou
mais você nessa guerra
A preguiça é inimiga da vitória,
o fraco não tem espaço e o
covarde morre sem tentar

Não vou te enganar, o bagulho
ta doido e eu não confio em
ninguém
Nem em você, os inimigos vêm
de graça
É a selva de pedra, eles matam
os humildes demais
Você é do tamanho do seu
sonho, faz o certo, faz a sua
Vamos acordar, vamos acordar,
cabeça erguida, olhar sincero,

ta com medo de quê?
Nunca foi fácil, junta os seus
pedaços e desce pra arena

Mas lembre-se: Aconteça o que
aconteça, nada como um dia
após outro dia.

VIVÃO E VIVENDO

É nois mesmo vagabundo,
Demoro o loco, firmão..

Você está nas ruas de São
Paulo
onde vagabundo guarda o
sentimento na sola do pé,
né pessimismo não é assim que
é,
vivão e vivendo guerreiro tira
chinfra é o doce veneno..

Viajei voltei pra você, voltei
pelos locos
voltei pelos pretos, e pelas
verde conseqüentemente..
Mééu Deus é quente
É desse jeito..

Ei você sonhador que ainda
acreditar, liga nois
Eu tenho fé, amor e a fé no séc
21
onde as conquistas científicas,
espaciais, medicinais,
e a confraternização dos
homens e a humildade
de um rei serão as armas da
vitória para a paz universal
Ei pé de breque vai pensando
que tá bom
Todo mundo vai ouvir, Todo
mundo vai saber

Tem que ser vagabundo
tem que ser vagabundo
tem que ser..

se eu me perco na noite eu não
me acho no dia,
ei tentação da uma estia..
Faz assim com o meu coração
minha mente é um labirinto
e meu coração chora, chora
agora ri depois haha

Vem comigo nego
Vem comigo nego..
tá tudo ai pra nois é só saber
chegar
Vem comigo nego,

Vem comigo nego.

Com deus no coração o resto
nois resolve..
How, ligaram nois demoro jáo

VIDA LOKA

Vagabunda, queria atacar do
malucão, usou meu nome
O pipoca abraçou
Foi na porta da minha casa lá
botou pânico em todo mundo
3h da tarde
E eu nem tava lá... vai vendo!
É mas aí, Brown, tem uns tipo
de mulher truta
Que não dá nem pra comentar
Eu nem sei quem é os maluco,
isso que é foda
Aí vamo atrás desse pipoca aí e
já era
Ir atrás de quem e aonde? Sei
nem quem é, mano
Mano, não devo, não temo e dá
meu copo que já era

E aí, bandido mal, como que é,
meu parceiro?

E aí, Abraão, firmão truta?
Firmeza total, Brown... e a
quebrada aí, irmão?
Tá pampa, aí fiquei sabendo do
seu pai
Aí, lamentável truta, meu
sentimento mesmo, mano!
Vai vendo, Brown, meu pai
morreu
E nem deixaram eu ir no
enterro do meu coroa não,
irmão
Isso é louco, você tava aonde
na hora?

Tava batendo uma bola, meu,
fiquei na mó neurose, irmão
Aí foram te avisar?
É, vieram me avisar, mas tá
firmão, brou
Eu tô firmão, logo mais tô aí na
quebrada com vocês aí
É quente, na rua também num
tá fácil não morô, truta?
Uns juntando inimigo, outros
juntando dinheiro
Sempre tem um pra testar sua
fé, mas tá ligado
Sempre tem um corre a mais
pra fazer
Aí, mano, liga, liga nós aí
qualquer coisa lado a lado
Nós até o fim morô, mano?

Tô ligado!

Fé em Deus que ele é justo
Ei irmão nunca se esqueça, na
guarda, guerreiro
Levanta a cabeça truta, onde
estiver seja lá como for
Tenha fé porque até no lixão
nasce flor

Ore por nós pastor, lembra da
gente
No culto dessa noite, firmão
segue quente
Admiro os crente, da licença
aqui
Mó função, mó tabela, pow,
desculpa ai

Eu me, sinto às vezes meio pá,
inseguro
Que nem um vira-lata sem fé
no futuro
Vem alguém lá, quem é quem,
quem sera meu bom
Dá meu brinquedo de furar
moletom

Porque os bico que me vê com
os truta na balada
Tenta ver, quer saber de mim
não vê nada
Porque a confiança é uma
mulher ingrata
Que te beija, e te abraça, te
rouba e te mata
Desacreditar, nem pensa, só
naquela
Se uma mosca ameaça me cata
piso nela

O bico deu mó guela, ró
Bico e bandidão vão em casa
na missão
Me tromba na cohab
De camisa larga, vai sabe Deus
que sabe
Qual é a maldade comigo
inimigo num migue
Tocou a campanha plin, pá
trama meu fim, dois maluco
Armado sim, um isqueiro e um
stopim
Pronto pra chamar minha preta
pra falar
Que eu comi a mina dele, rá, se
ela tava lá
Vadia, mentirosa, nunca vi deu
mo faia
Espírito do mal

Cão de buceta e saia

Talarico nunca fui, é o seguinte
Ando certo pelo certo, como 10
e 10 é 20
Já penso doido, e se eu tô com
o meu filho no sofá
De vacilo desarmado era aquilo
Sem culpa e sem chance, nem
pra abri a boca
Ia nessa sem sabe
(pô cê vê) vida loka

Mais na rua num é não, até jack
Tem quem passa um pano
Impostor pé de breque, passa
pro malandro
A inveja existe, e a cada 10, 5 é
na maldade
A mãe dos pecado capital é a
vaidade

Mais se é para resolver, se
envolver, vai meu nome
Eu vou fazer o que, se cadeia é
pra homem
Malandrão eu? Não, ninguém é
bobo
Se quer guerra terá
Se quer paz, quero em dobro
Mais verme é verme, é o que é
Rastejando no chão, sempre
embaixo do pé
E fala 1, 2 vez, se marcar até 3
Na 4ª xeque-mate, que nem no
xadrez

Eu sou guerreiro do rap
E sempre em alta voltagem
Um por um, Deus por nós, tô
aqui de passagem
Vida loka
Eu não tenho dom pra vitima
Justiça e liberdade, a causa é
legítima
Meu rap faz o cântico do lokos
e dos românticos
Vo por o sorriso de criança,
onde for
Os parceiros tenho a oferece
minha presença
Talvez até confusa, mais real e
intensa

Meu melhor marvin gaye,
sabadão na marginal
O que será, será, é nós vamo
até o final
Liga eu, liga nós, onde preciso
for

No paraíso ou no dia do juízo
pastor
E liga eu, e os irmão
É o ponto que eu peço, favela,
fundão
Imortal nos meus versos
Vida loka

NEGRO DRAMA

Entre o sucesso, e a lama,
Dinheiro, problemas,
Invejas, luxo, fama,

Negro drama,
Cabelo crespo,
E a pele escura,
A ferida, a chaga,
A procura da cura,

Negro drama,
Tenta vê,
E não vê nada,
A não ser uma estrela assim
Longe meio ofuscada,

Sente o drama,
O preço, a cobrança,
No amor, no ódio,
A insana vingança,

Negro drama,
Eu sei quem trama,
E quem tá comigo,
O trauma que eu carrego,
Pra não ser mais um preto
fodido,

O drama da cadeia e favela,
Túmulos, sangue,
Sirenes, choros e velas,

Passageiro do brasil,
São Paulo,
Agonia que sobrevivem,
Em meia zorra e covardias,
Periferias, vielas, cortiços,

Você deve tá pensando,
O que você tem a ver com isso?
Desde o início,
Por ouro e prata,

Olha quem morre,
Então veja você quem mata,
Recebe o mérito, a farda,
Que pratica o mal,

Ver o pobre preso ou morto,
Já é cultural

Histórias, registros,
Escritos,
Não é conto,
Nem fábula,
Lenda ou mito,

Não foi sempre dito,
Que preto não tem vez,
Então olha o castelo e não,
Foi você quem fez cuzão,

Eu sou irmão,
Dos meus truta de batalha,
Eu era a carne,
Agora sou a própria navalha,

Tim..Tim..

Um brinde pra mim,
Sou exemplo, de vitórias,
Trajetos e glórias,

O dinheiro tira um homem da
miséria,
Mas não pode arrancar,
De dentro dele,
A favela,

São poucos,
Que entram em campo pra
vencer,
A alma guarda
O que a mente tenta esquecer,

Olho pra trás,
Vejo a estrada que eu trilhei,
Mó cota,
Quem teve lado a lado,
E quem só fico na bota,
Entre as frases,
Fases e várias etapas,

Do quem é quem,
Dos mano e das mina fraca,

Rum..

Negro drama de estilo,
Pra ser,
E se for,
Tem que ser,
Se tremer é milho,

Entre o gatilho e a tempestade,
Sempre a provar,
Que sou homem e não um
covarde,
Que Deus me guarde,

Pois eu sei,
Que ele não é neutro,
Vigia os rico,
Mais ama os que vem do gueto,

Eu visto preto,
Por dentro e por fora,

Guerreiro,
Poeta entre o tempo e a
memória,
Hora,
Nessa história,
Vejo o dólar,
E vários quilates,

Falo pro mano,
Que não morra, e também não
mate,
O tic tac,
Não espera veja o ponteiro,
Essa estrada é venenosa,
E cheia de morteiro,

Pesadelo,
Hum,

É um elogio,
Pra quem vive na guerra,
A paz
Nunca existiu,
No clima quente,
A minha gente soa frio,

Tinha um pretinho,
Seu caderno era um fuzil,

Um fuzil,
Negro drama

Crime,futebol, música, caralho,
Eu também, vou consegui fugir
disso ai,
Eu sou mais um,
Forest Gump é mato,
Eu prefiro contar uma história
real,

Vou contar a minha...

Daria um filme,
Uma negra,
E uma criança nos braços,
Solitária na floresta,
De concreto e aço,

Então veja,
Olha outra vez,
O rosto na multidão,
A multidão é um monstro,

Sem rosto e coração,

Hey,
São Paulo,
Terra de arranha-céu,
A garoa rasga a carne,
É a torre de babel,

Família brasileira,
Dois contra o mundo,
Mãe solteira,
De um promissor,
Vagabundo,

Luz,
Câmera e ação,

Gravando a cena vai,
O bastardo,
Mais um filho pardo,
Sem pai,

Hey,

Senhor de engenho,
Eu sei,
Bem quem você é,
Sozinho, cê num guenta,

Sozinho,
Cê num guenta a pé,

Cê disse que era bom,
E as favela ouviu, la
Também tem
Whisky, e Red Bull,
Tênis Nike,
Fuzil,

Admito,

Seus carro é bonito sim,
Eu não sei fazer,
Internet, vídeo-cassete,
Os carro louco,

Atrasado,
Eu tô um pouco sim,
Tô,
Eu acho sim,

Só que tem que,

Seu jogo é sujo,
E eu não me encaixo,
Eu sou problema de montão,
De carnaval a carnaval,
Eu vim da selva,
Sou leão,
Sou demais pro seu quintal,

Problema com escola,
Eu tenho mil,
Mil fita,
Inacreditável, mas seu filho nos
imita,
No meio de vocês,
Ele é o mais esperto,
Ginga e fala gíria,
Gíria não dialeto,

Esse não é mais seu,
Hó,
Subiu,
Entrei pelo seu rádio,
Tomei,
Se nem viu,
Nós é isso, era aquilo,

O que,
Se não dizia,
Seu filho quer ser preto,
Rá,
Que ironia,

Cola o pôster do 2pac ai,
Que tal,
Que se diz,
Sente o negro drama,
Vai,
Tenta ser feliz,

Hey bacana,
Quem te fez tão bom assim,
O que cê deu?
O que cê faz?
O que cê fez por mim?

Eu recebi seu tic,
Quer dizer kit,
De esgoto a céu aberto,
E parede madeirite,

De vergonha eu não morri,
Eu tô vivão,
Eis-me aqui,

Você não,
Cê não passa,
Quando o mar vermelho abrir,

Eu sou o mano
Homem duro,
Do gueto, Brown,

Obá,

Aquele loco,
Que não pode errar,
Aquele que você odeia,

Ama nesse instante,
Pele parda,
Ouço funk,

E de onde vem,
Os diamante,
Da lama,

Valeu mãe,

Negro drama,
Drama, drama.

Aí,
Na época dos barraco de pau lá
na pedreira
Onde cês tava?
O que que cês deram por mim ?
O que que cês fizeram por mim ?

Agora tá de olho no dinheiro
que eu ganho
Agora tá de olho no carro que
eu dirijo
Demorou, eu quero é mais
Eu quero é ter sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que sou
Ice Blue, edy rock e klj, e toda
a família
E toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou
A geração que vai revolucionar
Anos 90, século 21
É desse jeito
Aí, você saí do gueto,
Mas o gueto nunca saí de você,
morou irmão?
Cê tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho em
você, morou?
Sabe por quê?
Pela sua origem, morou irmão?
É desse jeito que você vive
É o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou
o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama
Aí dona Ana, sem palavra, a
senhora é uma rainha, rainha
Mas aí, se tiver que voltar pra
favela
Eu vou voltar de cabeça
erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé,

Vagabundo nato!

A VÍTIMA

-Então Cocão, aí, não leva a
mal não,
mas aí vai fazer um tempo
que eu tô querendo fazer essa
pergunta pra você.
Tem como você falar daquele
acidente lá,
eu sei que é meio chato,
embaçado.
-É nada, você quer saber a
gente fala né mano.
Vamos lá. Foi dia ó, eu lembro
que nem hoje
ó, vixe até arrepiou, dia 14 de
outubro de 94,
eu tava morando no Leblon tá
ligado,
aí o Opala tava na oficina do
di,
a gente ia fazer um barato a
noite, a gente ia se trombar em
Pinheiros,
eu não sei se você se lembra,
porque você ia
com o Kleber
direto pra Pinheiros, você ia
direto,
e nós, eu o Brown ia pra
Zona Sul.

Naquela noite eu acordei
e não sabia onde estava/
Pensei que era sonho, o
pesadelo apenas começava/
Aquela gente vestida de
branco/
Parecia com o céu, mas
o céu é lugar de santo/
Os caras me perguntando:
E aí mano cê tá legal?/
Cheiro de éter no ar nunca é
bom sinal/
Dor de cabeça, tontura/
Aquela sala rodava
estilo brisa de droga, loucura/
Sangue na roupa rasgada/
Fio de sutura me costura,
porra gente não vale nada/
Do que adianta você ter o que
quer/
Sucesso, dinheiro, mulher,
beijando seu pé/
E num piscar de olhos é foda/
Você é furado igual peneira ou
sem valor numa cadeira de
roda/
(O que que eu tô
fazendo aqui, não quero
admitir, agora é tarde, tarde,

tarde...)/
Lamento, meus parceiros me
contaram/ Cena
após cena, passo a passo que
presenciaram/
Mano foi um
arregaço na Marginal/
Você capotou, teve até uma
vítima
fatal/
Da Zona Sul e tal, sentido ao
centro/
Uma da
manhã, lembrei daquele
momento/
Vários Opalas, mó
carreata/
E eu logo atrás da primeira
barca diplomata/
Tô dirigindo ali no volante/
Opala cinza escuro, 2Pac no
alto-falante/
Por um instante tive um mal
pressentimento/
Mas não liguei, não dei conta,
não
tava atento/
Que merda, um cara novo
morreu/
Fatalidade é uma imprudência,
divergência, fudeu/
Ele deixou uma mulher que
esperava um filho/
Um evangélico
que nem conheceu o filho/
Um suspiro perdi a calma/
Vi uma faca atravessando a
minha alma/
Olhei no espelho e
vi um homem chorar/
A mídia, a justiça, querendo me
fuzilar/
Virei notícia, 1ª página/
Um paparazzi
focalizou a minha lágrima/
Um repórter da Globo me
insultou/
Me chamava de assassino
aquilo inflamou/
Tumultuou, nunca vi tanto
carniceiro/
Me crucificaram,
me julgaram no país inteiro/
Pena de morte, se tiver sorte/
Cadeira elétrica se fosse
América do Norte/
Opinião pública influenciada/
Era o réu sem direito a
mais nada/
Meu mundo tinha desabado/

Na lei de Deus
fui julgado, na lei do homem
condenado/

-Então Kleber, o cara morreu
mano!
-É então, agora é daqui pra
frente Cocão.
Não tem mais jeito, tá ligado,
não se abala não,
tem que ficar firme, nós tá
junto aí!

Dois anos e poucos de
audiência/
Pra mim já era o
início da minha penitência/
Aquele prédio no Fórum é
mó tortura/
Ali na frente sempre para
várias viaturas/
O movimento é intenso o
tempo inteiro/
Parece o
trânsito, o tráfego, um
formigueiro/
Advogado pra cima, pra baixo/
Ganhando dinheiro com mais
um réu,
eu acho/ Registrei um cara
algemado num canto/
De cabeça baixa, me parecia
um cara branco/
Esperando a vez de ser
solicitado/
Julgado, talvez até se pá
libertado/
Escoltado, vários gambé/
Esse aí não deve ser um
preso qualquer/
Com a mão pra trás olhando
pra parede/
Fui beber água, me deu mó
sede/
Uma ligação com urgência/
Meu advogado, com o
resultado da sentença/
O celular tava falhando/
Não dá pra escutar, mas eu tô
indo pra aí falou, tô chegando/

É irmão, fui de metrô/
Aquele frio na espinha que eu
tinha, então voltou/
A cada estação ele aumentava/
Eu não sabia se descia ou se eu
continuava/
A procura de uma distração/
Olhava o vagão lotado, a
movimentação/

Aquele povo indo pra algum
lugar/
Trabalhar, estudar, passear,
roubar, sei
lá/
Vi uma mina bonita, discreta/
Pinta de modelo, corpo de
atleta/
Eu vi um cara lendo
concentrado/
Naípe de estudante,
daqueles filhos dedicados/
Vi uma tia crente em pé
cansada/
De cor escura com a pele
enrugada/
Ela me fez lembrar/
Parece a mãe da vítima,
como será que ela deve
estar/.../

Cheguei no prédio da
Ipiranga com a São João/
Respirei fundo, subi a manga
do
meu camisão/
Decisão eu tô trêmulo/
Mó resposta não, não entendo/
Muita calma sempre é preciso/
Proibido fumar li no aviso/
Um porteiro tiozinho
lembra meu pai/
Que andar? Qual andar que
você vai?/
No décimo, me sinto péssimo/
A balança fez questão de mais
um acréscimo/
Elevador quebrado/
Tem dia que é melhor não
acordar que dá tudo errado/
Fui pela escada contando cada
degrau/
Cada passada chegava o juízo
final/
Tive a sensação de alguém me
olhando/
Parecia me seguir tava ali me
gorando/
Senti um calafrio/
Recordei daquela cena que
você não viu/
Do capote, de um grito forte,
dos holofotes/
Um vacilo seu já era,
resulta em morte/
Daquela Kombi velha partida
ao meio/
Daquela hora que eu tentei
pisar no freio/
Andar por andar, onde eu tô

não importa/
Lembra da vítima cheguei na
porta/

-Então Smurf, é isso aí,
deu pra você entender?
-É embaçado heim Cocão, que
fita hein!
-É o seguinte aí, passou eu
acho
que uns 3 anos, 3, 4
anos de corre pra lá e pra cá,
tentando se acertar com
a justiça, pagando
o que eu devia Graças a Deus,
aí
hoje eu tô firmão,
não devo mais nada pra
ninguém, me
acertei com Deus
e principalmente com a família
lá,
com a justiça também,
e é o seguinte né, a vida tem
que continuar, tá ligado...

NA FÉ FIRMÃO

Século 21 eu sei muito bem o
que eu quero
Começo o plano dois
Zero...Zero Dois (zero dois)
É um mistério trago na manga
um suspense
Tenho um revolver engatilhado
dentro da mente
Pense e vá Raciocine já a
profecia diz que o mundo tá pra
acabar
Eu Quero resgatar tudo aquilo
que eu perdi
Cronometrei o tempo só que
ainda truta num venci
O que eu falo é ilícito sangue
Demarco meu espaço sem aço
sem gang
Aonde eu ande trago o anjo do
bem
Que ilumina meu caminho e
me mostra quem é quem
Comprei um colete a prova de
bala
Tenho a guerrilha na mente
falange de senzala
Som que abala a parede
estremece
Playboy soa frio mauricinho
não se mete
Sou Lá do Norte e eu venho pra
rima
Eu sei do meu direito ninguém

vai me entima
 Pra bala eu só vou se um
 pilantra me matar
 Quem não deve não teme vem
 Tobias de Aguiar
 No Corredor da Morte o apelo
 da setença
 O Sol da liberdade a verdadeira
 recompensa
 Meu Delito um Rap que atira
 consciencia
 É crime ediondo a favela de
 influencia
 Na Rua eu conheço as leis e os
 mandamentos
 Minha divida sagrada eu
 carrego um juramento
 Corra sempre atras do que é
 seu quero dinheiro igual
 Coreano e Judeu...Fudeu então
 vem cá minha kra
 o Rap Aki não para Racionais
 de volta igual a febre da
 malária

Rátátátá....
 Mãos ao alto..É um assalto
 EDI....RO....CK
 (To Firmão, na fé Firmão)

Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva di
 Robin Hood
 A Fita foi tomada se joga to
 envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só
 guerreiro no abrigo
 Eu digo
 Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva di
 Robin Hood
 A cena foi tomada se joga to
 envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só
 guerreiro no meu abrigo

Pros Mano e Pras Mina A Cura
 a Vacina
 Prototico, antidoto Uma Nova
 adrenalina
 Puxa prende solta a fumaça
 Viaja no meu som, que essa
 erva é de graça
 Levante a Taça e tome um
 trago
 Não é Cigarro nem vinho tinto
 amargo
 Não é skank, mesclado ou
 raxixe
 é bem pior que toma acido ou

heroína (xiiii)
 Chega Mais aqui tem pra todos
 não sou racista, nem um tolo
 preconceituoso
 Sei meu valor quem quiser vai
 aprender
 Não me comparo a Cristo, Não
 dou a Cara pra bater
 Quem Vai querer ainda tenho
 meia duzia....
 Tá mulquirado com o esquema
 do crime acusa
 Uso uma blusa....preta de couro
 puro....
 Se eu vazar ninguem vai me
 encontrar no escuro
 Eu to trepado, armado pente
 estufado
 Inteligencia e QI pós-graduado
 Cocão uma violação do código
 penal
 Eu sou parceiro de Ice Blue e
 Mano Brown
 KLJ vira mazinha.. é puro
 veneno
 Cachorro loko lá do Norte pra
 quem ta vendo
 No Nosso exercito tem vários
 trutas
 De Prontidão pra enquadrar
 filhas da puta
 Traidor aqui logo mostra sua
 cara...
 Desertor no caminho não
 aguenta e para
 É mais dificil do que ele penso
 Tem que ser malandro pra ficar
 de pé e fazer gol...(Gol)
 Gol... que gol..... morô ... liga
 os loko do trago que Pablo
 ressuscitou
 Sou o Franco atirador meu
 homicidio é diferente...
 Eu Sou o bem mato o mal pela
 frente.....

Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva di
 Robin Hood
 A Fita foi tomada se joga to
 envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só
 guerreiro no abrigo
 Eu digo
 Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva di
 Robin Hood
 A cena foi tomada se joga to
 envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só

guerreiro no meu abrigo

Voltei to firmão... então...
 dakele jeito
 Eu Não sou santo.... eu tenho
 meus defeitos
 Meu Homicidio é diferente.....
 eu sou bem...
 Já citei mato o mal pela frente
 Pois o mal te oferece...se
 entregar no ceu numa bandeja...
 depois
 Discracha na revista veja ou
 seja anuncio o fim da guerra
 fria
 No politico, na globo.... em
 quem você confia
 Não sou o crime e nem o
 gramy
 Mas o meu time não exita aqui
 não treme
 Pra mim o rap é o caminho de
 uma vida....
 A vida é o jogo... e vencer é a
 unica saida
 Cheguei até aqui e não posso
 perder
 Vacilar..... vou prosseguir
 aprendi.... sei jogar
 30 anos se passaram não é
 nenhum brinquedo
 Eu to na fé parceiro prossigo
 sem medo
 Armadilha tem um monte a
 minha espera...Final feliz só em
 novela
 Nos deram uma pobreza.. A
 Favela, A Bola, tráfico, tiro,
 morte, cadeia e um saco de
 cola...
 Droga, toca, rola, bola tá em
 jogo, 5x0 os cartolas ganharam
 de novo
 Cáviar e Champagne pra quem
 não conhece
 Ligue a Tv e assista o
 programa Flash..... Socialight
 Piscina, dolares, mansão
 escafote brilha a olho de
 qualquer ladrão
 Pra quem não tem mais a
 perder.. enquadra uma
 cherokee na mira de uma PT

Escuta Aqui, Escuta Aqui
 EDI inspirado na selva di
 Robin Hood
 A Fita foi tomada se joga to
 envolvido
 Pilantra aqui não cabe é só

guerreiro no abrigo
Eu digo
Escuta Aqui, Escuta Aqui
EDI inspirado na selva di
Robin Hood
A cena foi tomada se joga to
envolvido
Pilantra aqui não cabe é só
guerreiro no meu abrigo
To Ligeiro...

12 DE OUTUBRO

12 de outubro de 2001
Dia das Criança
Várias festa espalhada na
periferia
No Parque Santo Antônio hoje
teve uma festa
Foi bancada pela irmandade,
uma organização
Tavam confeccionando roupa
lá no Parque Santo Antônio lá
Lutando
Remando contra a maré
Mas tá lá tá firme
Tinha umas 300 pessoa
Só, na festa das criança
Comida, música
Tinha um grupo de rap de uma
menininha de 10 ano
Cantando muito
Aí saímo de lá voador
E fomo numa otra quermesse
de rua também,
Na Vila Santa Catarina
Lá do outro lado da Zona Sul
Quase no Centro
E chegamo lá
A festa num tinha começando
ainda
Aí no caminho passamo por
uma favela assim
E trombamo com uns
molequinho jogando bola e tal
E começamo a provocar
"Ei moleque, ce é santista, tal."
"Não, eu sou corintiano."
Eu falei
"Ei, Marcelinho vai 'rebentar
vocês."
Os moleque vinho naquela
idéia de jogo
Daí eu comecei a pesar do lado
dos moleque
"E aí, mano, e aí, tá estudando
e tal."
Aí o moleque falou assim
"Ih, esse aqui hoje xingou a
mãe dele."
Aí eu falei assim

"Porque você xingou sua
mãe?"
"Ah, porque..."
Não, nem foi isso, ele falou
assim
Eu falei
"Ganhou, vocês ganharam
presente?"
Eu perguntei
Num foi não, Neto
"Vocês ganharam presente?"
Aí ele falou
"Ganhei foi um tapa na cara
hoje."
Aí eu falei
"Porque você tomou um tapa
na cara?"
"Ah, minha mãe deu um tapa
na minha cara, foi isso que eu
ganhei, não ganhei presente
não."
Falou assim, ó, bem convicto
mesmo
Aí eu falei assim
"Porque você tomou um tapa
na cara?"
"Ah, porque eu xinguei ela."
"Ma', porque você xingou ela?"
"Ah, lógico, todo mundo
ganhou presente e eu não
ganhei porque?"
Aí eu fiquei pensando, né mano
Como uma coisa gera a outra
Isso gera um ódio
O moleque com 10 ano, pô
Tomar um tapa na cara
No dia das criança
Eu fico pensando
Quantas morte, quantas
tragédia
em família, o governo já não
causou
Com a incompetência
Com a falta de humanidade
Quantas pessoas num morreram
De frustração, de desgosto
Longe do pai, longe da mãe
Dentro de cadeia
Por culpa da incompetência
desses daí
Entendeu
Que fala na televisão
Fala bonito
Come bem
Forte, gordo
Viaja bastante
Tenta chamar os gringo aqui
'pa dentro
Enquanto os próprio brasileiro
tão aí, ó jogado

No mundão
Do jeito que o mundão vier
Sem nenhum plano tra, traçado
Sem trajetória nenhuma
Vivendo a vida
Só
E o moleque era mó revolta,
vai vendo
Moleque revolta
E ele tava friozão
Jogando bola lá, tal
Como se nada tivesse
acontecido
Ali marcou pra ele
Talvez ele tenha se
transformado numa outra
pessoa aquele dia
Vai vendo o barato
Dia das criança.

EU SOU 157

Hoje eu sou ladrão, artigo 157
As cachorra me amam
Os playboy se derretem
Hoje eu sou ladrão, artigo 157
A polícia bola um plano
Sou herói dos pivete

Uma par de bico cresce o zóio
quando eu chego
Zé povinho é foda, how, né não
nego
Eu tô de mau com o mundo
terça-feira a tarde
Já fumei um ligeiro com os
covarde
Eu só confio em mim, mais
ninguém
Cê me entende?

Fala gíria bem até papagaio
aprende
Vagabundo assalta banco
usando But Versatti
Civil dá o bote usando
caminhão da Lait
Presente de grego num é cavalo
de Tróia
Nem tudo que brilha, é relíquia
nem jóia não
Lembra aquela fita lá: How,
fale aí João!
O bico veio aí mó cara de
ladrão

Como é que é rapa? Calor do
caraio
Cê sabe, deixa eu fumar, passa
bola Romário Hum
Meio confiado, Né? É, eu

percebi
 Pensei: Ó só, Que era truta seu
 Ó o milho e despedi o canal
 Que vende isso e aquilo
 Quem é? Quem tem? M, pra
 vender?
 Quero um quilo
 Um quilo de quê jhow? Cê
 conhece quem?
 Sei lá, sei não, hein
 Eu sou novo também

Irmão, quando ele falou: "Um
 quilo"
 É o deixo, é o milho a mixa
 caiu
 Mas onde é que já se viu, assim
 Tá de piolhagem não vai, daqui
 ali
 Mó chavão nesse trajas
 De óculos escuros, bermuda e
 chinelo
 O negão era polícia, irmão
 Mó castelo

Hoje eu sou ladrão, artigo 157
 As cachorra me amam
 Os playboy se derretem
 Hoje eu sou ladrão, artigo 157
 A polícia bola um plano
 Sou herói dos pivete

Nego, São Paulo é selva
 E eu conheço a fauna
 Muita calma ladrão, muita
 calma
 Eu vejo os ganso descer e as
 cachorra subir
 Dos espelho dá pra ver quem
 guia o Gti
 Mais também né João sem
 fingir, sem dá pano
 É boca de favela, ô, vamos e
 convenhamos
 Tiazinha "trabaia" 30 'ano' e
 anda a pé
 As vez cagueta te revolta né?

Que né nada disso não!
 Cê tá nessa? Revolta com o
 governo
 Não comigo, as conversa
 Traidor, cobra cega, pensou se
 a moda pega
 nêgo! Eles te entrega pô depatri
 Aê sujo de bolinho complô
 Pode até, ser que tem sei lá
 Qualquer lugar, vários tem
 celular
 Não dá pra acreditar que

aconteça
 Na hora do choque que um de
 nós
 Troque uma cabeça por incrível
 que pareça
 Pode ser, ó, meu, oh dia de
 amanhã
 Quem sabe é Deus eu não sei,
 não vi,
 Não sou, morro cadeado.
 Firmão
 Deixa eu ir, quem não é visto
 Não é lembrado

Hoje eu sou ladrão, artigo 157
 As cachorra me amam
 Os playboy se derretem
 Hoje eu sou ladrão, artigo 157
 A polícia bola um plano
 Sou herói dos pivete

Família em primeiro lugar, é o
 que há!
 Juro pra senhora mãe que eu
 vou parar
 Meu amor é só seu brilhante
 num cofre
 Enquanto eu viver a senhora
 nunca mais sofre
 Tá daquele jeito, se é, é agora
 É calça de veludo ou é bunda
 de fora
 Me perdoe, me perdoe mãe
 Se eu não tenho mais o olhar
 que um dia foi te agradar
 Com cartaz, escrito assim: 12
 de maio em marrom,
 Um coração azul e branco em
 papel crepom
 Seu mundo era bom pena que
 hoje em dia
 Só encontro no seu álbum de
 fotografia
 Eu juro que vou te provar que
 não foi em vão
 Mais do pior do de bacana, não
 dá mais não

Xi, João falando sozinho?
 Essa era da boa hein, pôe dessa
 pra mim
 O barato tá doido e os mano te
 ligou ali
 Mas tem que ser já sem pensar,
 cê quer ir?
 A ponta é daqui a pouco 8
 hora, 8 e pouco
 Tá tudo no papel dá pra
 arrumar uns troco
 O time tava montado mas tem,

o que não pode os mano
 É do outro lado mais é, é pela
 ordem
 Vamo dá mó mamão só catar,
 demorou!
 Ó só, te pus na fita 'qué' cê é
 merecedor
 Na vou te por em fita podre
 aliado
 A cena é essa, ó, fica ligado

Um mão branca fica só de
 migué
 No bar em frente o dia inteiro,
 tomando café, é nosso!
 O outro é japonês, o Kazu
 Que fica ali vendendo um dog
 talão zona azul
 Cê compra o dog dele e fica ali
 no bolinho
 Ele tem só um canela seca no
 carrinho
 Se liga a loira né? Então! Vai tá
 lá dentro
 De onda com os guardinha,
 pam
 É nessa aí que eu entro

É 2! Tem mais um
 Foi quem deu, tá ligeiro, na
 hora ele vai tá de H no
 banheiro
 Tem uma Xt na porta e uma
 Sahara
 Pega a contramão vira a
 esquerda e não para
 A cara é direto e reto, na
 mesma até a praça
 Que tá tudo em obra e os carro
 não passa
 Do outro lado tá a Rose de
 Golf, na espera
 Dá as arma e os malote pra ela
 e já era,
 Depois só praia e maconha,
 comer todas as burguesas
 Em Fernando de Noronha.

Nossa mano, colar com aqueles
 gadinho lá
 Que mora no condomínio
 Vixi, hiii, aquelas mina lá
 Só gata feio, se elas até gosta
 de fumar um baseado, vou
 levar elas toda

O dia D chegou, se esse é o
 lugar então aqui estou!
 Quanto mais frio mais em prol
 uma amante do dinheiro

pontual como o sol, igual eu.
De roupão e capacete no frio já
é quente
Ainda usando colete já era!
Tou aqui
E aonde cê tá, João? Tô vendo
ninguém
E o japonês tá aqui não ou tá
Não tá né? Quanto mão
Nem quando eu também
Desde que eu cheguei
Mais por que logo hoje? Por
que que mudaram?
É difícil errar mais quem deu a
fita errada? Sei não
Tá esquisito, João, tá sinistro
Não é melhor nós se jogar
Vê direito e qualquer coisa
A loira vai ligar num tem
pressa
Cê é que nem meu irmão
Caraio, porra num dá essa!

Só tem um Zé Povinho e os
motoboy
Tá gelado, vamo entrar,
vagabundo é nós!
Nossa senhora neguinho passou
a mil
Eu falei, nem ouviu, nem
olhou, nem me viu
Minha cara é esperar, eu não
 tiro o zóio
Lá dentro eu não sei meu
estômago dói
Lá vem o truta! Vamo
É agora! Tudo errado, vambora
Caiu a fita, sujô!
Cadê o neguinho? Demorou,
caraio bem que eu falei
Todos fuça mudou só tinha 2,
mais tem 3
O neguinho vinha vindo do que
vinha rindo?
O pesadelo do sistema é não ter
medo da morte
Dobrou o joelho e caiu como
um homem
Na giratória, abraçado com o
malote

Eu falei: Porra, não te falei?!
Pra mãe dele quem que vai
falar
Quando nós chegar um filho
pra criar
Imagina a notícia! Lamentável,
vamo aí
Vai chover de polícia

A vida é sofrida mas não vou
chorar
Viver de que? Eu vou me
humilhar?
É tudo uma questão de
conhecer o lugar
Quanto tem, quanto vem
E a minha parte quanto dá.
Porque..

Hoje eu sou ladrão, artigo 157
As cachorra me amam
Os playboy se derretem
Hoje eu sou ladrão, artigo 157
A polícia bola um plano
Sou herói, dos pivete

Aí louco, muita fé naquele que
tá lá em cima
Que ele olha pra todos, e todos
têm o mesmo valor
Vem fácil, vai fácil, essa é a lei
da natureza!
Não pode se desesperar
E aí molecadinha, todo de olho
em vocês, hein?!
Não vai pra grupo não, a cena é
triste
Vamo estudar, respeitar o pai e
a mãe
E viver, viver, essa é a cena
Então louco

A VIDA É DESAFIO

É necessário sempre acreditar
que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você,
truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é
só uma fase
E o sofrimento alimenta mais a
sua coragem
Que a sua família precisa de
você
Lado a lado se ganhar pra te
apoiar se perder
Falo do amor entre homem,
filho e mulher
A única verdade universal que
mantém a fé
Olhe as crianças que é o futuro
e a esperança
Que ainda não conhece, não
sente o que é ódio e ganância
Eu vejo o rico que teme perder
a fortuna
Enquanto o mano
desempregado, viciado, se
afunda
Falo do enfermo irmão, falo do

são então,
Falo da rua que pra esse louco
mundão
Que o caminho da cura pode
ser a doença
Que o caminho do perdão às
vezes é a sentença
Desavença, treta e falsa união
A ambição é como um véu que
cega os irmãos
Que nem um carro guiado na
estrada da vida
Sem farol no deserto das trevas
perdidas
Eu fui orgia, ébrio, louco, mas
hoje ando sóbrio
Guardo o revolver enquanto
você me fala em ódio
Eu vejo o corpo, a mente, a
alma, o espírito
Ouço o repente e o que diz lá
no canto lírico
Falo do cérebro e do coração
Vejo egoísmo, preconceito de
irmão para irmão
A vida não é o problema, é
batalha, desafio
Cada obstáculo é uma lição, eu
anuncio

É isso aí voce não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te
abraçar
Acreditar que sonhar sempre é
preciso
É o que mantém os irmãos
vivos

Várias famílias, vários barracos
uma mina grávida
E o mano tá lá trancafiado
Ele sonha na direta com a
liberdade
Ele sonha em um dia voltar pra
rua longe da maldade
Na cidade grande é assim
Você espera tempo bom e o
que vem é só tempo ruim
No esporte no boxe ou no
futebol
Alguém sonhando com uma
medalha o seu lugar ao sol
Porém fazer o quê se o maluco
não estudou
500 anos de Brasil e o Brasil
aqui nada mudou
"Desespero ali, cena do louco,
invadiu o mercado farinhado,
armado e mais um pouco"
Isso é reflexo da nossa

atualidade
Esse é o espelho derradeiro da realidade
Não é areia, conversa, chaveco
Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco
Ser empresário não dá, estudar nem pensar
Tem que tramar ou ripar para os irmãos sustentar
Ser criminoso aqui é bem mais prático
Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático
Será instinto ou consciência
Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência

"O aprendizado foi duro e mesmo diante desse revés não pareio de sonhar, fui persistente porque o fraco não alcança a meta
Através do rap corri atrás do prejuízo e pude realizar o meu sonho por isso que eu afro X nunca deixo de sonhar"

Conheci o paraíso e eu conheço o inferno
Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno
No Mundo moderno, as pessoas não se falam
Ao contrário se calam, se pisam, se traem e se matam
Embaralho as cartas da inveja e da traição
Copa, ouro e uma espada na mão
O que é bom pra si e o que sobra é do outro
Que nem o sol que aquece, mas também apodrece o esgoto
É muito louco olhar as pessoas
A atitude do mal influencia a minoria boa
Morrer à toa e que mais, matar à toa e que mais
Ir preso à toa, sonhando com uma fita boa
A vida voa e o futuro pega
Quem se firmou, falo
Quem não ganhou, o jogo entrega
Mais uma queda em 15 milhões
Na mais rica metrópole, suas várias contradições

É incontável, inaceitável, implacável, inevitável
Ver o lado miserável se sujeitando com migalhas, favores
Se esquivando entre noite de medo e horrores
Qual é a fita, treta, cena
A gente reza, foge, e continua sempre os mesmos problemas
Mulher e dinheiro tá sempre envolvido
Vaidade, ambição munição pra criar inimigo
Desde o povo antigo foi sempre assim
Quem não se lembra que Abel foi morto por Caim
Enfim quero vencer sem pilantrar com ninguém
Quero dinheiro sem pisar na cabeça de alguém
O certo é certo na guerra ou na paz
Se for um sonho, não me acorde nunca mais
Roleta russa quanto custa engatilhar
Eu pago o dobro pra você em mim acreditar

"É isso aí, você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos"

Geralmente quando os problemas aparecem
A gente tá desprevenido né não?
Errado
É você que perdeu o controle da situação
Perdeu a capacidade de controlar os desafios
Principalmente quando a gente foge das lições
Que a vida coloca na nossa frente tá ligado?
Você se acha sempre incapaz de resolver
Se acovarda moro
O pensamento é a força criadora
O amanhã é ilusório
Porque ainda não existe
O hoje é real

É a realidade que você pode interferir
As oportunidades de mudança
Tá no presente
Não espere o futuro mudar sua vida
Porque o futuro será a consequência do presente
Parasita hoje
Um coitado amanhã
Corrida hoje
Vitória amanhã
Nunca esqueça disso, irmão.

1 POR AMOR 2 POR DINHEIRO

Na Zona Sul hei hei, essa é dedicada para todos os Mc's do Brasil que veio do sofrimento rimando e exercendo a profissão perigo;
É tudo nosso, tudo nosso, tudo nosso
Quem é você que fala o que quer que se esconde igual mulher por trás da caneta
vai Zé buceta sai da sombra, cai então toma seu mundo é o chão
quem tem Cu tem medo e treme mostra a cara Mister M.
vem pra ver como é bom poder chegar na alta cúpula e entrar sem pagar simpatia promessas vazia caô caô
nem vem, nem vem
sofredor aqui tem sensor não tem rei não tem réu pai de mel Bam- Bam - Bam
quem age certo é que fala é que pam andarilho ou idoso ou bom criminoso
igual depois
da pólvora não tem cabuloso
Eu nunca 'quis nem vou' agradar todo mundo 'e rir pra' tudo quanto é que se diz
vagabundo o rei dos reis foi traído na terra "
" morrer como o homem é o prêmio da guerra sem menção honrosa sem massagem
a vida é loka nego nela eu tô de passagem zum, zum, zum, zum meu cérebro balançou

século XXI
 revolução não é pra qualquer
 um
 só quem é kamikaze leal
 guerreiro de fé se o Rap é um
 jogo eu sou jogador
 nato errou o Rap é uma guerra
 e eu sou gladiador pra
 jogar pra lutar
 pra matar pra morrer sorrindo
 esmagando vermes
 quebrando e falindo cassinos
 eu vou
 sair pra descolar um qualquer
 meu pivete já conta pá
 amanhã no café se o crime é
 uma doença eu conheço
 infecção nem por isso eu " "
 sou pá
 no plano de ninguém
 Jão 1 por amor 2 por dinheiro 3
 pela África 4 pros
 parceiro que estão na guerra
 sem medo de errar quem
 quiser falar só Deus pode
 julgar,
 10 cadeira numa mesa
 de mármore com 10 nego em
 volta falando assim:
 mil pra você mil pra mim, o
 que?
 Mil pra você mil pra mim,
 tem mais? mil pra você mil pra
 mim,
 e o meu mil pra você
 mil pra mim doidão tá firmão
 tá feliz no sapatinho ai
 sim.
 Não vai deixar seu pivete ao
 Léu
 na mão de
 um cara pálido topete e gel.
 Sensacional 'hei hei'
 nego aqui quem fala é o vatsom
 do momento DJ Nel via
 satélite mantendo o clima
 quente até nas quartas
 feiras cinzas da vida Ei
 quebrada eu vejo seus olhos
 tristes tentando ver a luz este
 som é Funk e a frase
 do dia é (hei) as palavras nunca
 voltam vazias, 1 por
 amor 2 pelo dinheiro vida loka
 Capão de fé sou
 guerreiro 1 por amor 2 pelo
 dinheiro vida loka Capão
 de fé sou guerreiro, Ih esses
 Mano ai de bombeta
 branca e vinho agitando a festa

chega no bolinho
 respeita doidão ai não fala
 assim bolinho pra você é
 família 'pra mim' veja bem
 escuta a natu o espírito
 'mau o' loko da Zona Sul eu
 vivo a reali vou superar
 a missão do sofredor é se
 adiantar é quente a é quente
 quente Vale das Virtudes é nós
 no pente já era boyzão
 cê sabe como é' o bagulho tá
 doido cê tem um qualquer
 Mãe e Irmão Irmã e Sobrinho
 se o dinheiro constar Eu
 não gasto sozinho, Ei camarada
 a cara é correr a
 quebrada é sofrida Eu também
 fazer o que dinheiro no
 bolso Deus no coração família
 unida champanhe pros
 irmão amor pela mãe, ocupa o
 meu tempo um coração
 puro
 quanto mundo enfermo não há
 nada na vida que o amor
 não
 supere o mundão desandou ei
 você não se entregue olha
 ao seu redor a expansão do
 terror apocalipse já que
 o profeta pregou, você trai por
 amor ao luxo o dinheiro
 agora sem dor nem escrúpulo
 Ei ouve o que a rima fala
 entre a compra e a venda o
 pecado se estala, certo
 tio
 é o neguinho que tá na cena
 vida loka família Jardim
 Rosana é arena vindo do
 emprego e meio ao Robocop de
 Golf facino humilha o Inocopio
 Zé Polvinho registra
 tem coxinha na 'porta' pode me
 acionar que tem *QSJ.
 Rosana Bronks lealdade
 primeiro 1 por amor 2 'por'
 dinheiro de um lado as de 100
 do outro as de 50 fusão
 Leste Sul que tal representa em
 plena Mateo Bei de 900
 Zera sentido Zona Sul a rapa
 me espera,
 aqui ninguém quer fama
 e diz que diz 4 mil dolar já me
 faz feliz
 dinheiro 'city' capital da
 Gozolândia
 malandro bom não

humilha e não desanda liga o
 outro Mano
 o da mil e cem
 Ne pagando no Capão é que
 mais tem de Audi
 ou Citroen
 já disse o Brow um role pela
 fundão é fundamental
 quem
 é quem diz que diz buchicho
 não me faz feliz vida
 alheia ora bola minha cota eu
 quero em dólar na
 periferia tem uma 'pá' com
 disposição atrás do cifrão
 só vai quem tem o Dom jogue a
 moeda pra ver no que
 vai dar coroa negativa a cara é
 comigo com Ele lá em
 cima Eu não estou sozinho
 Deus esta trilhando pode
 crer o meu caminho vou que
 vou, vou pra decidir estou
 de pé não vou cair mas que
 nada eu vou fazer minha
 caminhada encontrar com os
 irmãos na quebrada
 satisfeito sou sujeito com
 respeito bater no peito
 sete um furado aqui não
 compra ninguém corromper a
 minha mente ai nem vem sai
 fora nem cola *(ii)
 demora,
 1 por amor 2 por dinheiro na
 selva é assim e você
 vale
 o que tem, vale o que tem na
 mão, na mão 1 por amor 2
 por dinheiro na selva é assim e
 você vale o que tem,
 vale o que tem na mão, na mão
 1 por amor 2 por
 dinheiro na selva é assim e
 você vale o que tem, vale
 o que tem na mão, na mão.
 Vida loka é só quem é *
 guerreiro de fé todo amor pros
 parceiro, 'liberdade'
 e dinheiro quem é quem diz
 que diz buchicho não me
 faz feliz vida alheia ora * bola
 * minha cota eu
 quero
 em dólar, você vale o que tem
 (minha cara),
 você vale o que tem (minha
 cara)
 você vale o que tem,

você vale o que tem
nós é mato uhu-uhu.

DE VOLTA A CENA

É tru, Racionais tá aí de novo,
morô?
E os caras é mili anos na
parada, pode crê,
o caras representa a favela do
começo ao fim,
mais aí, é muita treta, é idéia de
mil grau no baguio.
Racionais roubando a cena/
realidade é a palavra, atitude é
o meu lema/
esquema feito a justiça está
com nós/
lei da periferia irmão, ouça a
minha voz/
meu rap é linha de frente dessa
guerrilha/
faça o que puder, vier siga
minha estreita trilha/
na picadilha a matilha está a
solta/
idéia de mil grau e o veneno
escorrendo da boca/
nego, a vida é loka, cruel e
sangrenta/
só muito pior, sem dó, marginal
e violenta/
o sangue esquenta hei Eder eu
quero ver/
Edinho liga o marquinho pra
fazer o chão tremer/
pode crê não sou aquele que
via satélite te seduz/
porque? bala de PT não faz
sinal da cruz/
nem muito menos tô aqui pra
fazer média/
não sou aquele que pega carona
na tragédia/
vejo de perto a viúva da dor/
pisando em caco de vidro, filha
do rancor/
convivendo com o divino
diabólico/
entre os crentes, os espíritas, o
crime e os católicos/
tristes, eufóricos, tranquilos e
melancólicos/
o engatilhado sofrimento é
metabólico/
soldado da paz, mas treinado
para guerra/
meu arsenal é o seu calvário
nas ruas da serra

OTUS 500

500 anos ...tudo igual ..
América ... justiça ...
500 anos depois ... tudo igual ...
Justiça .. paz
500 anos ...
Jesus está por vir mas o diabo
já está aqui ..
500 anos o brasil é uma
vergonha
Polícia fuma pedra moleque
fuma maconha...
Dona cegonha entrega mais
uma princesa
Mais uma boca com certeza
que vem à mesa
Onde cabe um .. dois .. cabe 3
A dificuldade entra em cena
outra vez
Enquanto isso playboy forgado
anda assustado
Deve tá pagando algum erro do
passado
Assalto .. sequestro é só o
começo
A senzala avisou
Mauricinho hoje paga o preço.
..
Sem adereço, desconto ou
perdão
Quem tem vida decente não
precisa usar oitão
É doutor, seu titanic afundou
Quem ontem era a caça
Hoje pah é o predador
Que cansou de ser ingênuo
humilde e pacato
Encapuçou virou bandido e não
deixa barato
Se atacou
E foi pra rua buscar
Confere se não tá abrindo o seu
frigobar
Na sala de estar
Assistindo a um dvd
Com sua esposa de refém
esperando você
Quer sair do compensado e ir
pra uma mansão
Com piscina digna de um
patrão
Com varios cães de guarda ..
rottweiler
E dama socialite de favela
estilo galle
Quer jantar com cristal e
talheres de prata
Comprar 20 pares de sapato e
gravata
Possuir igual você .. tem um
foker 100

Tem também na garagem 2
mercedes-benz
Voar de helicóptero à beira mar
Armani e hugo-boss no guarda-
roupa pra variar
Presentear a mulher com
brilhantes
Dar gargantilha 18 pra amante
Como agravante a ostentação
O que ele sonha até então tá na
sua mao
De desempregado a homem de
negócio
Pulou o muro já era
Agora é o novo sócio ...

CRIME VAI CRIME VEM

o mano,cê viu o tanto de
polícia que tem na área ai
mano?
-é,então,ta embaçado o morro
certo mano?então,no fim de
ano ir pra cadeia não vira...ó
quem ta chegando ai irmão...
-e ai cláudio,firmeza?
-e ai,firmeza família?como é
que ta o morro?
-então,o morro ta daquele
jeito,certo mano?então tem que
ficar ligeiro,porque ta cheio de
polícia,cheio de ganso.
-então ai,to descabelado
mano,vim pra me levantar de
novo.
-então,vamo cola ae?

Ta vendo aquele truta parado
ali;

Bolando idéia com os mano na
esquina;
É envolvido com
crack,maconha e cocaina;
Tirou cadeia,cumpriu a sua
cota;
Pagou o que devia mas agora
ele ta de volta;
Saudades da quebrada,da
família;
Coração amargurado pelo
tempo perdido na ilha;
Se levantar agora é só,nada
mais importa;
Louco é mato,ta cheio no
morro não falta;
Esses anos aguardou paciente;
O limite é uma fronteira criada
só pela mente;
Conta com o que ficou e não
com o que perdeu;

Quem vive do passado é
memória,museu;
Dinheiro,segredo,palavra-
chave;
Manipula o mundo e articula a
verdade;
Compra o silêncio,monta a
milícia;
Paga o sossego,compra a
política;
Aos olhos da sociedade é mais
um bandido;
E a bandidagem paga o preço
pela vida;
Vida entre o ódio,a traição e o
respeito;
Entre a bala na agulha e a faca
cravada no peito;
Daquele jeito;
Ninguém ali brinca com fogo;
Perdedor não entra nesse jogo;
É como num tabuleiro de
xadrez;
Xeque-mate,vida ou morte;
1,2,3,vê direito;
Para,pensa,nada a perder;
O réu acusado já foi
programado pra morrer;
Quem se habilita a debate
(pode crer);
Quem cai na rede é peixe,não
tem pra onde correr;

(refrão)
O crime vai,o crime vem;
A quebrada ta normal e eu tô
também;
O movimento da dinheiro sem
problema;
O consumo ta em alta como
manda o sistema;
O crime vai,o crime vem;
A quebrada ta normal e eu tô
também;
Onde há fogo; a fumaça;
Onde chega a droga é
inevitavel,embaça;

Eu tô aqui com uma nove na
mão;
Cercado de droga e muita
disposição,ladrão;
Fui rotulado pela sociedade;
Um passo a mais pra ficar na
criminalidade;
O meu cotidiano é um teste de
sobrevivencia;
Já to na vida,então,paciencia;
Pra cadeia não quero,não volto
nunca mais;

Ae truta,se for pra ser,eu quero
é mais;
Aqui é mó covil,ninho de
serpentes;
Tem que ser louco pra vim
bater de frente;
Minha coroa não pode passar
veneno;
Já é velha e meu moleque ainda
é pequeno;
Um irmão morreu,o outro se
casou;
Saiu dessa porra,firmeza se
jogou;
Só eu fiquei fazendo tempo por
aqui;
Tentei evitar mas não
consegui,aí;
Se meu futuro já estiver
traçado;
Eu vou até o fim só pra ver o
resultado;
Quero dinheiro e uma vida
melhor;
Antes que meu castelo se
transforme em pó;

Só,o vício da morte está a
venda;
Em cada rua uma alma;
Em cada alma uma encomenda;
O consumo pra alguns é uma
ameaça;
Vários desanda,vacila e vira
caça;
Tem mano que dá várias
narigada ali;
Cheira até umas hora;

Deixa cair;
É intensidade o tempo inteiro;
Quartel latino,são paulo ao rio
de janeiro;
Dá mó dinheiro,dólares;
Rato de sócio;
Nesse ramo são que nem abutre
no negócio;
A noite chega,a febre aumenta;
Pode ser da paz ou curviana
violenta;

-então,vamo terminar de
enrolar um "bagueio"
pra nós fazer o role,irmão.
-firmeza,firmeza mano.
-vai,vai,vai,vai,vai...todo
mundo é mão na cabeça,
mão na cabeça,cadê o bagueio
irmão...
vai que ta caguetado,quem que

é o claudio aí?
vai,quem que é o claudio ai no
bagueio?

Trafico não tranca mais
segredo;
São 3 horas da manhã
e pra alguns maluco ainda é
cedo;
Na esquina,na entrada da
favela;
Uma mula de campana;
Fumando na viela;

-ai,cade o claudio?

Ai,o claudio ta perdido;
Foragido da quebrada;
Ele deixou tudo comigo;
Os ganso ta na febre;
Mas flagrante é dinheiro;
Eu tô ligeiro a todo instante
parceiro;

Mês de agosto atravessa o
inverno;
Os anjo do céu guia meus
passos andando no inferno;
Será eterno a estrada do fim;
Ai que tá,é vulneravel;
Provavel pra mim;
Que seja assim;
Um ganha e outro perde;
Enquanto um louco cheira,o
demonio se diverte;

(refrão)

O pobre,o preto,no gueto é
sempre assim;
O tempo não pára;
A guerra não tem fim;
O crime e a favela é lado a
lado;
É que nem dois aliado;
O isqueiro e o cigarro;
Na viela,no beco,na rua sem
saída;
Na esquina da quebrada;
Continua assim na mesma vida;
Rotina que assim vai e
prossegue;
Vitorioso é aquele que se
pá,consegue sobreviver;
E não deitar crivado na bala;
Igual na rua d,ensanguentado
no meio da vala;
Muita cautela ainda é pouco;
Mano armado,traíra,andando
que nem louco;

Mano passando uns barato
roubado;
Jogo arriscado,mas quem ta
preocupado?
Sujeito ou cuzão,heroi ou vilão;
Cada .40 na mente,diferente
reação;
Cada estrada uma lição;
Da própria vida;
Cada caminho um atalho;
Uma tentativa;
A qualidade daqui,são das
piores;
Varios maluco dando o sangue
por dias melhores;
Foi dado um golpe de estado
cavernoso;
A maquina do desemprego;
Fabrica criminoso;
De bombeta,tatuado,sem
camisa;
De bermudão,no pião,na
mesma brisa;
Formação de quadrilha conduz
o crime;
Fora da lei,eu sei,eu vejo filme;
Las vegas o patrão gira a
roleta;
Controla tudo,na ponta da
caneta;
Sentindo na garganta,o amargo
do fel;
Com o crime organizado,na
torre de babel;
Inteligente é o que vai pra
cama mais cedo;
Com uma quadrada na cintura
não é mais segredo;
Não tenha medo,então,por que
você veio aqui?
É guerra fria e você ta bem no
meio aí;
Fogo cruzado,lado norte;
Só vagabundo,bandidagem,e a
morte;
Boa sorte.

JESUS CHOROU

O que é, o que é?
Clara e salgada
Cabe em um olho
E Pesa uma tonelada

Tem sabor de mar
Pode ser discreta
Inquilina da dor
Morada predileta

Na calada ela vem
Refém da vingança

Irmã do desespero
Rival da esperança

Pode ser causada por
Vermes e mundanas
E o espinho da flor
Cruel que você ama

Amante do drama
Vem pra minha cama, por
querer
Sem me perguntar, me fez
sofrer

E eu que me julguei forte
E eu que me senti
Serei um fraco quando outras
delas vir

Se o barato é louco e o
processo é lento
No momento, deixa eu
caminhar contra o vento

O que adianta eu ser durão e o
coração ser vulnerável?
O vento não, ele é suave, mas é
frio e implacável

(É quente)
Borrou a letra triste do poeta
(Só)
Correu no rosto pardo do
profeta

Verme, sai da reta
A lágrima de um homem vai
cair
Esse é o seu B.O. pra
eternidade

Diz que homem não chora
Tá bom, falou
Não vai pra grupo irmão
Aí, Jesus chorou

Porra, vagabundo
Ó, vou te falar
Tô chapando
Eita, mundo bom de acabar!

O que fazer quando a fortaleza
tremeu
E quase tudo ao seu redor
Melhor, se corrompeu?

Epa, pera lá! Muita calma,
ladrão
Cadê o espírito imortal do
Capão?

Lave o rosto nas águas
sagradas da pia
Nada como um dia após o
outro dia?

Que?

Quem sou eu, seu lado direito
Tá abalado? Por que veio?
Nego, é desse jeito!?

Durmo mal, sonho quase a
noite inteira
Acordo tenso, tonto e com
olheira
Na mente, sensação de mágoa e
rancor
Uma fita me abalou na noite
anterior

Alô!
Aí! Dorme, hein, doidão! Mil
fita acontecendo e cê aí?
Que horas são?
Meio dia e vinte, ó
A fita é o seguinte, ó
Não é esqueirando não, ó
Fita de mil grau.
Ontem eu tava ali de Cb, no
pião
Com um truta firmeção
Cê tem que conhecer
Se pã, cê liga ele
Vai saber, de repente
Ele fazia até um rap num
passado recente.
Aham.
vai vendo a fita
Cê não acredita
Quando tem que ser, é, jão.
Pres'tenção
Vai vendo, parei pra fumar um
de remédio
Com uns moleque lá e pá,
trifica nos prédios
Um que chegou depois, pediu
pra dar uns 2
Logo um patrício, ó, novão e os
carai
Fumaça vai, fumaça vem
ele chapou o coco
Se abriu que nem uma flor,
ficou louco
Tava eu mais dois truta e uma
mina
Num Tempra prata show
filmado, ouvindo Guina
Ih, o bico se atacou, ó! Falou
uma pá do cê
Tipo o que?

Esse Brown aí é cheio de
querer ser
Deixa ele moscar, vir cantar na
quebrada
Vamo ver se é isso tudo
quando ver as quadrada
Periferia nada, só pensa nele
mesmo
Montado no dinheiro e cês aí
no veneno?
E a cara dele, truta?
Cada um no seu corre
Tudo pelas verde
Uns matam, outros morrem
Eu mesmo, se eu catar, a boa
numa hora dessa
Vou me destacar pro outro lado
depressa
Vou comprar uma house de
boy, depois alugo
Vão me chamar de senhor, não
por vulgo
Mas pra ele só a Zona Sul que
é a pá
Diz que ele tira nós, nossa cara
é cobrar
O que ele quiser nós quer, vem
que tem
Porque eu não pago pau pra
ninguém?
E eu, só registrei, né? Não era
de lá
Os mano tudo só ouviu,
ninguém falou um A
Quem tem boca fala o que quer
pra ter nome
Pra ganhar atenção das mulher
e/ou dos homem
Amo minha raça, luto pela cor
O que quer que eu faça é por
nós, por amor
Não entende o que eu sou, não
entende o que eu faço
Não entende a dor e as
lágrimas do palhaço

Mundo em decomposição por
um triz
Transforma um irmão meu
num verme infeliz
E a minha mãe diz:
Paulo, acorda! Pensa no futuro
que isso é ilusão
Os próprio preto não tá nem aí
com isso não
Ó o tanto que eu sofri, o que eu
sou, o que eu fui
A inveja mata um, tem muita
gente ruim.
Pô, mãe! Não fala assim que eu

nem durmo
Meu amor pela senhora já não
cabe em Saturno.

Dinheiro é bom
Quero, sim, se essa é a
pergunta
Mas a dona Ana fez de mim
um homem e não uma puta!

Ei, você! Seja lá quem for
Pra semente eu não vim
Então, sem terror

Inimigo invisível, Judas incolor
Perseguido eu já nasci,
demorou

Apenas por 30 moeda o irmão
corrompeu
Atire a primeira pedra quem
tem rastro meu

Cadê meu sorriso? Onde tá?
Quem roubou?
Humanidade é má e até Jesus
chorou
Lágrimas, lágrimas
Jesus chorou

Vermelho e azul, hotel
Pisca só no cinza escuro do céu

Chuva cai lá fora e aumenta o
ritmo
Sozinho, eu sou agora o meu
inimigo íntimo

Lembranças más vêm,
pensamentos bons vai
Me ajude, sozinho eu penso
merda pra carai

Gente que acredito, gosto e
admiro
Brigava por justiça e paz, levou
tiro
Malcolm X, Ghandi, Lennon,
Marvin Gaye
Che Guevara, 2pac, Bob
Marley
E o evangélico Martin Luther
King

Lembrei de um truta meu falar
assim:
Não joga pérolas aos porco,
irmão, joga lavagem
Eles prefere assim, cê tem de
usar piolhagem!

Cristo que morreu por milhões
Mas só andou com apenas 12 e
um fraquejou

Periferia: corpos vazios e sem
ética
Lotam os pagode, rumo à
cadeira elétrica

Eu sei, você sabe o que é
frustração
Máquina de fazer vilão

Eu penso mil fita, vou
enlouquecer
E o piolho diz assim quando
me vê:
Famoso pra carai, durão! Ih,
truta!
Faz seu mundo, não, jão! A
vida é curta
Só modelo por aí dando boi
Põe elas pra chupar e manda
andar depois
Rasgar as madrugadas só de
mil e cem
Se sou eu, truta, tem pra
ninguém!
Zé povinho é o cão, tem esses
defeito
Quê? Cê tendo ou não, cresce
os olhos de qualquer jeito
Cruzar, cê arrebenta
De repente, vai, de ponto
quarenta
Só querer, tá no pente

Se só de pensar em matar, já
matou
Eu prefiro ouvir o pastor

?Filho meu, não inveje o
homem violento
E nem siga nenhum dos seus
caminhos?

Lágrimas

Molha a medalha de um
vencedor
Chora agora, ri depois
Aí, Jesus chorou

Lágrimas

FONE
E ai Paulo marquei um jogo pra
domingo
A mano demoro em tem uns

dia já que eu não jogo uma
 bola, e ai Rafa vamo joga uma
 bola ai?
 A mano tô indo da um role
 I mano eu e o Paulo fomo não
 role loco segunda-feira
 ai mano
 Ai Rafa dexaro nóis
 Pode crê
 Não foi dessa vez
 A tinha varias mulhe la em
 mano
 Nem te falo em só as de elite
 (Celular toca)
 Alo
 E ai colega tudo beim?
 E ai quem tá falando que tá
 falando
 Tem um tempo pra mim
 A mais quem tá falando
 Eu so aquela morena de
 segunda
 A pode crê e ai mônica come
 qui é
 São tantas né?
 A também não tô com essa
 bola toda não
 Se não me ligo mais por que
 Não te liguei por que puta
 varias fita
 Queria ver quando a gente pode
 se ver
 Pode ser sexta-feira
 tô com saudade
 Também bem tô com saudades
 Vê se me liga tá
 Eu te ligo tá volta liga ai pra
 gente marca
 Tchau bejaum
 Tchau
 Ai Paulo aquela morena la
 Que nada se pa é aquela loira
 em
 Quem atendeu o telefone?
 Quem será agora perai alô
 Oi amor tô te esperando
 Oi tudo bem?
 Você não ia passa aqui?
 Vo passa ai já amor daqui a
 pouco
 Você prometeu que ia ser hoje
 lembra
 Não vai ser hoje eu tardo mais
 não falho
 tô daquele jeito pra você
 Á demoro
 Ai rapo o barato fico loco olha
 só quem tá ligando
 Vixe
 Vixe

É hoje em
 Ai Paulo sua mulher
 I mano esqueci ela la no centro
 ó

Que que tá acontecendo eu so
 troxa agora
 O que
 Se tá me achando com cara de
 palhaça
 A se só ligo agora pra chinga
 Você não falo que ia passa no
 centro pra me pega
 Por que se não ligo pra lembra
 Eu tava te esperando pô
 Acabei de sai da reunião
 Nem precisa vim mais em
 Por que você não me ligo pra
 avisa
 Seu safado no mínimo você foi
 fica com outra
 Ligo pa fica xingando
 Pilantra, sem-vergonha,
 irresponsável, cachorro
 I da licença se da licença ó que
 mina cabulosa desligou
 na minha cara ó.

ESTILO CACHORRO

Conheço um cara que é da
 noite, da madrugada
 que curte varias fitas, várias
 baladas
 ele gosta de viver, e viajar
 sem medo de morrer, sem
 medo de arriscar
 não atira no escuro, um cara
 ligeiro
 faz um corre aqui ali
 sempre atrás de dinheiro
 "ah, jogar pra perder parceiro
 não é comigo óh"
 esse cara é bandido, aham,
 objetivo
 um bom malandro,
 conquistador
 tem naipe de artista, pique de
 jogador
 impressiona no estilo de patife
 roupa de shopp, artigo de grife
 sempre na estica, cabelo
 escovinha
 montado numa novecentas azul
 novinha
 anel de ouro combinando com
 as correntes
 relógio caro é claro, de marca
 quente
 anda só no sossego, sem muita
 pressa

relaxa a mente, se não estressa
 no momento que interessa, ele
 já tem
 uma Kawasaki, e liberdade
 meu bem
 o que esse cara tem sangue
 bom,
 os invejosos eu escuto
 moto, dinheiro, vagabundo fica
 puto
 ah isso não é justo oh, e os
 irmão
 uma fatia do bolo, se orienta
 doidão
 conhece várias gatas, tipos
 diferentes
 as pretas, as brancas, as frias,
 as quentes
 loira tingida, preta sensual
 Índia do Amazonas até flor
 oriental
 tem boa fama, no meio das
 vadias
 daquelas modelo que descansa
 durante o dia,
 tá ligado tem seus critérios,
 tem sua lei
 montou naquela garupa já foi
 que eu sei
 no Motel ou em casa, ah vamos
 na sua
 de Caranga no Drive-in no
 H.O.
 ou à luz da lua
 segundas intensões, elementar
 as
 camisinha tão no bolso e a
 maldade no olhar,
 sabe chegar, sim, sabe sair
 sabe ser notado e cogitado
 aonde ir
 pra conseguir aquilo o que
 sempre quer
 utiliza a mesma arma que você,
 mulher

[REFRÃO]:

Mulher e dinheiro, dinheiro e
 mulher,
 quanto mais você tem muito
 mais você quer,
 mesmo que isso um dia, traga
 problema,
 viver na solidão, não, não vale
 a pena
 Mulher e dinheiro, dinheiro e
 mulher,
 sem os dois eu não vivo qual
 dos dois você quer,
 mesmo que isso um dia, traga

problema,
ir pra cama sozinho, não vira
esquema

[Ice Blue]:

Segunda, a Patricia
Terça, a Marcela
Quarta, a Rayssa
Quinta, a Daniella
Sexta, a Elisângela
Sabado, a Rosangela
E domingo, é matinê 16 o
nome é Angela
tenho uma agenda com dezenas
de telefones
um lista de características, e os
nomes
qual é a fonte parceiro
ah, isso não é segredo
ando de moto tá ligado, tenho
dinheiro
as cachorras ficam tudo
ouriçada quando eu chego
eu ponho pânico, peço
Champagne no gelo
aquele balde prateado, em cima
da mesa
dá o clima da noite, uma caixa
de surpresa
fico ali olhando sentado
filmando
só maldade pra lá e pra cá,
desfilando
elas fazem de tudo, pra chamar
sua atenção
pára, taca na cara, na pretensão
cola de calça apertada, boca de
sino
de blusa decotada perfumada e
sorrindo
me pede um isqueiro e oferece
um Cigarro
- Oi você tem fogo?
- Oh, mais é claro
Qual é o seu nome
meu nome é Viviane
mas pra você sou Vi, tá aqui
meu telefone
5892 esse prefixo é lá da Sul
prazer meu nome é Paulo aí,
vulgo ICe Blue
de que lugar que você é
moro no Vaz de Lima
conhece o Maraca então, ali pra
cima
isso até rima coincidência na
pista
vai montar na minha garupa,
aste lá vista

[REFRÃO]:

Mulher e dinheiro, dinheiro e
mulher,
quanto mais você tem muito
mais você quer,
mesmo que isso um dia, traga
problema,
viver na solidão, não, não vale
a pena
Mulher e dinheiro, dinheiro e
mulher,
sem os dois eu não vivo qual
dos dois você quer,
mesmo que isso um dia, traga
problema,
ir pra cama sozinho, não vira
esquema

[Mano Brown]:

Au au, estilo cachorro
Au au au au, não é machismo

Fale o que quiser, o que é
verme ou sangue-bom tanto faz
pra mulher
não importa de onde vem nem
pra que
se o que ela quer mesmo é
sensação de poder
com um ladrão fez rolê se
envolveu sei lá saiu
mas ou menos em abril curtiu
quem viu, viu
em Maio foi vista de RR a mil
na BR no frio, com boyzão da
Civil, viu
uns e outros aí bom rapaz
abre o coração e sofre de mais
conversa com os pais ali no
sofá da sala
ouvi e dá razão enquanto ela
fala
e fala, cai no canto da sereia
vê que ele é irmão igual um
prego na areia
prego, jogou o égo, dentro de
um buraco
um Bom Vivant jámais, mostra
o ponto fraco
pergunte a Sansão quem foi
Dalila
ouça o sangue-bom Martinho
da Vila
de vários amores, de todas as
cores
de vários tamanhos, de vários
sabores
quanto mais tem, mais vem se

tem maravilha
BMG, Morango e Baunilha
não é por nada, sem debate,
sem intriga
minha cara, é um Chocolate,
hummm, é o que liga
mas cabô cabô sem tchau, nem
bilhete
seu pai se mata por amor ao
sorvete
e ele tava impunga
pra leva-la no trampo lá na
Barra Funda
10 graus, cinco da manhã sem
problema
se ela não morasse em
Diadema
pontual como o big-baing 4 ano
assim
nem Sheakspeare, imaginaria o
fim
te trocou por 1 vadio, sem
vergonha
que vende até a mãe quando
acaba a maconha
E ela diz que é feliz, que ele é
cabuloso
eu sei, pisa pra caralho moscão
pegajoso
mulher finge bem, casar é
negócio
você vê quem é quem, só
depois do divorcio
hey, hey neném de amor eu não
morro
vocês consagraram o estilo
cachorro.

VIDA LOKA PARTE II

Firmeza total, mais um ano se
passando aí
Graças a Deus a gente tá com
saúde aê, morô, com certeza
Muita coletividade na quebrada
Dinheiro no bolso, sem miséria
E é nós, vamo brindar o dia de
hoje
O amanhã só pertence a Deus
A vida é loka

Deixa eu fala, pro cê
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é
fase irmão
Logo mais vamo arrebeitar no
mundão
De cordão de elite, 18 quilate
Põe no pulso, logo breiting

Que tal, tá bom

De lupa bausch & lomb,
bombeta branca e vinho
Champanhe para o ar, que é pra
abrir nossos caminhos
Pobre é o diabo, e eu odeio a
ostentação
Pode rir, ri, mas não
desacredita não

É só questão de tempo, o fim
do sofrimento
Um brinde pros guerreiro, zé
povinho eu lamento
Vermes que só faz peso na
terra

Tira o zóio

Tira o zóio, vê se me erra
Eu durmo pronto pra guerra
E eu não era assim, eu tenho
ódio
E sei que é mau pra mim
Fazer o que se é assim
Vida loka cabulosa
O cheiro é de pólvora
E eu prefiro rosas

E eu que... e eu que

Sempre quis um lugar
Gramado e limpo, assim verde
como o mar
Cercas brancas, uma
seringueira com balança
Disbicando pipa cercado de
criança

How... how brown

Acorda sangue bom
Aqui é capão redondo tru
Não pokemon
Zona sul é invés, é stress
concentrado
Um coração ferido, por metro
quadrado

Quanto mais tempo eu vou
resistir, pior
Que eu já vi meu lado bom na
u. t. I
Meu anjo do perdão foi bom
Mas tá fraco
Culpa dos imundo, do espírito
opaco

Eu queria ter, pra testar e vê
Um malote, com glória, fama
Embrulhado em pacote

Se é isso que seis qué
Vem pega

Jogar num rio de merda e ver
vários pula
Dinheiro é foda
Na mão de favelado, é mó
guela
Na crise, vários pedra 90,
esfarela

Eu vou joga pra ganha

O meu money, vai e vem
Porém quem tem, tem
Não cresço o zóio em niguem
O que tiver que ser
Será meu
Tá escrito nas estrela
Vai reclama com Deus

Imagina nós de audi
Ou de citroen
Indo aqui, indo ali
Só pam
De vai e vem
No capão, no apura, vo cola
Na pedreira do são bento
Na fundão, no pião
Sexta-feira

De teto solar
O luar representa
Ouvindo cassiano, ah
Os gambé não guenta
É mais se não dé

Nego
O que é que tem
O importante é nós aqui
Junto ano que vem
E o caminho
Da felicidade ainda existi
É uma trilha estreita
É em meio a selva triste

Quanto se paga
Pra vê sua mãe agora
E nunca mais vê seu pivete
Embora
Da a casa, da o carro
Uma glock, e uma fal
Sobe cego de joelho
Mil e cem degrau

Quente é mil grau
O que o guerreiro diz
O promotor é só um homem
Deus é o juiz

Enquanto zé povinho
Apedrejava a cruz
Um canalha fardado
Cuspiu em Jesus

Hó

Aos 45 do segundo arrependido
Salvo e perdoado
É dimas o bandido

É loko o bagulho
Arrepi na hora
Ó

Dimas primeiro vida loka da
história

Eu digo

glória... glória
Sei que Deus tá aqui

E só quem é
Só quem é vai sentir

E meus guerreiro de fé
Quero ouvi... quero ouvi

E meus guerreiro de fé
Quero ouvi... irmão

Programado pra morre nós é
É certo... é certo... é crer no que
der

Firmeza

Não é questão de luxo
Não é questão de cor
É questão que fartura
Alega o sofredor

Não é questão de presa
Nem cor
A ideia é essa
Miséria traz tristeza, e vice-
versa
Inconscientemente
Vem na minha mente inteira

Uma loja de tênis
O olhar do parceiro
Feliz de poder comprar
O azul, o vermelho
O balcão, o espelho
O estoque, a modelo

Não importa
Dinheiro é truta

E abre as porta
Dos castelo de areia que quiser

Preto e dinheiro
São palavras rivais
É
Então mostra pra esses cú
Como é que faz

O seu enterro foi dramático
Como o blues antigo
Mais de estilo
Me perdoe de bandido

Tempo pá pensar
Qué para
Que se qué
Viver pouco como um rei
Ou então muito, como um zé

às vezes eu acho
Que todo preto como eu
Só qué um terreno no mato
Só seu

Sem luxo, descalço, nadar num
riacho
Sem fome
Pegando as fruta no cacho

aí truta, é o que eu acho
Quero também
Mas em são paulo
Deus é uma nota de 100
Vidaloka

Porque o guerreiro de fé nunca
gela
Não agrada o injusto, e não
amarela
O rei dos reis, foi traído, e
sangro nessa terra
Mais morre como um homem é
o prêmio da guerra
Mais ó
Conforme for, se precisar,
afoga no próprio sangue
Assim será
Nosso espírito é imortal,
sangue do meu sangue
Entre o corte da espada e o
perfume da rosa
Sem menção honrosa, sem
massagem

A vida é loka nego
E nela eu tô de passagem

A dimas o primeiro
Saúde guerreiro

Dimas... dimas... dimas

EXPRESSO DA MEIA NOITE

[Edi Rock]:

Tô de rolê na quebrada, de
Parati filmada
são 23 horas e a noite tá
iluminada
acendo um cigarro, tô inspirado
ando sozinho, não não, Deus tá
do lado
é Sabado a rua tá cheia uma pá
de gente
delegacia 73 rebelião no pente
no São Luis alguém sangrando
na fila de espera
enquanto em alguma
encruzilhada se acende vela
na Igreja os crentes faz vigilha
pra se salvar
ansiedade a espera de Jesus
quando voltar
em frente um bar tá lotado
fim de carreira varios tio
embreagado
talvez seja frustrado, com a
familia
ou tenha espancado até a sua
própria filha
que brilha naquela maldade
com o próprio corpo
15 anos de idade já fez aborto
o que não falta é louco e louca
tem de sobra
periferia legião mãos a obra
alcool e droga tá ali corre junto
a morte a foice atrás de mais
um assunto
é 2 minutos pra arrumar
quem tá de luto aqui nem chega
a respirar
tem que pensar mais rápido e
puxar o gatilho
se não for ligeiro parceiro,
toma tiro
tá no limite tá, a flor da pele tá
quem é ferido com o mesmo
ferro sempre fere
a arma de fogo impõe respeito
no submundo da metrópole é
desse jeito
não pense, não pisque não dê
um passo
quem se abilita, falô, é um
abraço
a paz é dichavada e fumada na
seda

tranquilidade enquanto a brasa
tá acesa
a cortina de fumaça sobre o
holofote
onde a aliada maior, é a sorte
em cada lote uma viela
nas curvas da nova Galvão uma
favela
que testemunha toda hora
algum coitado
igual aquele que no meio foi
rasgado
metralhado, vários tiros de
automatica
pros covardes é a forma que é
mais prática
eliminar e deixar pra trás
uma mancha de sangue que não
apaga nunca mais
familias destroçadas pela
maldade
criança sem pai, vai, ser o que
mais tarde
a vida não é um conto de fadas
(não), principalmente na calada
(na quebrada)
onde a gente vê, registra várias
fitas
o que ser humano é capaz você
não acredita
(só quem é de lá ... sabe o que
acontece)
eu vejo terra (eu vejo), eu vejo
asfalto
eu vejo guerra, morte e assalto
sangue no chão, a esperança
que agoniza
reflete a vida que a novela
satiriza
aí, fica ligeiro que na esquina tá
embassado
a area tá sinistra e o clima tá
pesado
a Zona Norte é grande e
extensa
cada quebrada uma situação,
uma sentença
sem diferença, conheço os 4
cantos eu vi
a violência, se iguala por
enquanto aqui
chacina, estupro tráfico
a noite é foda irmão, só dá
lunático
vida de louco, de inferno e
sufoco
dinheiro vai e vem mais ainda é
muito pouco
se tem coragem até uns doido
correm atrás

se 2 é bom trutão, 3 nunca é demais
 mais uma pá de prego espera acontecer
 agora a mina grávida, o que se vai fazer?
 vender um barato na esquina ou vai roubar
 o pivete logo vai nascer, quem vai bancar?
 famílias vem, famílias vão fugindo da morte, fugindo da prisão
 a vida do fundão é desequilibrada
 Hebron, Piquiri, Jeovah, Serra Pelada
 (só quem é de lá ... sabe o que acontece ...)
 ninguém confia em ninguém, é melhor assim (melhor)
 eu nem na minha sombra, e nem ela em mim
 hoje qualquer moleque tá andando armado
 puxar o cão sem pensar pra ser respeitado
 eu tô ligado, eu sei quem é quem
 o Super-Homem de bombeta vai matar alguém
 sendo refém de espíritos malignos
 mal intencionado cínico, leviano indigno
 fui obrigado a conviver com isso
 com uma quadrada e um velho crucifixo
 é sempre bom andar ligeiro na calada
 a vida não é um conto de fadas!
 (só quem é de lá ... sabe o que acontece ...)

TRUTAS E QUEBRADAS

Essa é para os manos daqui (muito amor e saúde, fé em Deus, esperança)
 Essa é para os manos de lá (estão com Deus... em todo lugar)
 Com certeza, a hora é essa nego, demoro
 Viva!
 Astros convidados
 Só o sol com futebol e doce pra molecada
 Muito respeito para Trutas e Quebradas (é quente)

Jardim Vaz de Lima, Três Estrelas, Imbé, Paranapanema, Parque, Jardim Lídia, Bela Vista
 E aê Lô, Dão, Silvão, Luis, Jacaré, Edston, Jura, Ivan, Kiko, Rodrigo, Família Pessoa mó respeito
 Família Jesus, família Andrade, Joãozinho, Rogério, Rodne, Kiko, Ed, Seu Veleci brilha no céu
 Cássio, Bola, Perninha, Jarrão, Celsa ta ae diz ae bandido, Chácara, Casa Verde, São Bento, Independência, Grajaú, Vila São José, Morro São Bento de Santos e ae toda a rapa
 Juninho, Dinho, Rafa, Mala, Vitor, Roberto, Marquinho, Davi, Meire essas são as pessoas que tricô nas horas difíceis, certo?
 Valdir, Sandra, Bebe e Fátima, Time Tranbicagem, Diego, Pachá, Larrói, Wilian, Cora, Paulinho, Bicudo e Tico e Catraca, Fernando, Lobão, Paulinho, Mateus só os fortes sobrevivem, Tia Vilma, Tia Maria e Tio Celso

Não sei de nada
 Não salvo e amo quem me ama
 Desprezo o zé polvinho e amo a minha quebrada
 Obrigado Deus por eu poder caminhar de cabeça erguida
 Ae Jaçanã, Serra Pelada, Jardim Ebron de fé
 Firmeza Valcinho
 E ae 9 de julho, é nós
 Wellington, Pulguento, tá valendo
 Calibre do gueto, Raciocínio das ruas, Relatos da invasão... é a caminhada certa
 Serrano, resistente, firmão
 Ei, Valdiza sem palavras hein
 Jairão tá no coração, irmãozão
 Garotos de periferia sacode a rede que vocês são o amanhã, certo?
 Vila Mazzei forte abraço Jó
 Marcelo boy, Jardim Tremembé te espera
 Cachoeira, ei Dédo muita fé hein
 Voz Ativa, Pasto, Nova

Galvão, Resgate Negro
 Jalwa última chance, Vila Zilda, Piquiri, Richard, Nino, Madá daquele jeito
 Fontales, Lakers, Zé Hamilton, Luis Barba, Vila Sapo valeu
 Claudinei, Sidnei, Mário
 Jardim Perí, Branco da Rocha, Anderson de Itu, Jackson esqueleto de Porto Alegre
 muita treta
 Cristiano, Santista, bairro do Limão, Dona Dóris e Seu Ourides cuidando da molecada
 Itaquera, Cidade Tiradentes, São Miguel, São Mateus, Mauá, Santo André
 E ae Edson, pq não?
 Zona Sul... e ae Zona Sul
 Zona Oeste firmão
 Cumbi, Carujá, Cocaia, Natanael movimento de rua
 Miltão Costa Norte, Edmilson, Albertão de Guarulhos, Cidão de São Miguel
 509-E e todos aqueles que fortalecem o hip-hop
 aí, firmeza é nós

Alô alô, um, dois, um, dois (tu vutum vutum vutum vutum)
 Ae Diadema, Gildão, Alexandre
 Toda rapa do clube do rap valeu mermo, hein?
 Alô alô Zona Leste, Itaquera Codorna, Xis, Treze, Duda, Eltão, Fabinho, Tupac da Coab pô esqueci dos demais, mas aí desculpa aí, tá no coração hein
 E aí Tucuruvi, Zona Norte Jó, Adí, Baiano, Dodô, Miliano hein, Claudinei, Sidnei, Zé, Cebola, Panão
 E aí Fubá, achou que eu não ia lembrar truta? Cê tá ligado né
 E ai Lauzane saudades dos que se foram e dos que ficaram muito respeito, hein
 À toda Zona Oeste páá
 Alô alô nani, firmeza total
 Zona Sul sem palavras, muito obrigado pelo respeito hein
 Mas aí, bora ir então? firmão
 Alô alô Coyote, Décio, Jeferson, Ébano, Núbio, James, Rappin Wood, Johnny Mc, Camal, Max PO, JL, Paulo Brown, Meire, Micheli, Levir, Fátima, Tatiane, Cebola,

Sabotage, Sombra vivo aí

À Jesus Cristo que não me abandona
 Vila Fundão Caio, Japonês,
 Corró, Binho, Keu, Carlito, Du,
 Ronaldo, Vagner, Chibimba,
 Cacá Palmeirense, Gatula,
 Paraibinha, Jardel, FF, Davi,
 Sóssa, Fubá, Valtinho, Vandão,
 Paulo Magrão, Rua Aglicio em peso, Cebloia, Gordo
 Aí rapa, aí negredo, Natal,
 Nelsinho, Lecão, toda rapa da sabinha
 Charles, Richard, Neno,
 Gordinho, Alan e os irmão cara de pau
 Toda rapa que cola na barraca do Saldanha
 A rapa do Rosana, Valquiria
 Paz para o Jardim Irene
 Rosas, Macedônia, Maria
 Sampaio aí primo Edson,
 Cesinha, Ratinho
 A rapa do engenho, Jerivá,
 Aurélio, Sora, Cone, firmão Coab
 Paí, Parque Fernanda,
 Comercial, Benê, Jota,
 Araponga, Wiliam, firmão
 Pirajuçara, família Santa Rita,
 Di, Ivan, Selé, Alex, Boi, Jó,
 Márcio, Marcílio, Mimi, Gege,
 Daniel, Miltinho, Paulinho ae Santo Eduardo
 Firmão tuá, firmão Ricardo,
 Nirron esteja em paz
 Campinho, Beira Rio, Vietnam,
 Rua Alba, Souza Dantas
 Aí Jardim Evana, Santa Ifigênia, Ipê, Novo Oriente,
 Regina, Jardim Ingá, Maria Virgínia, Morro da Puma,
 Favela da Coca-cola, Morro Dunga, Morro da Macumba,
 São Vitor, Pedreira eterna morada
 Jardim Santa Teresinha, Jardim Apurá lugar lindo hein
 Família Camorra, Charuto,
 Dinho Lê, Família Sem Querer,
 Família da Joaniza, Testa,
 Fábio Gordo, Sete Vida
 Aí Josias, aí Scooby Doo,
 Serginho, firmão Edinho
 Zé Roberto, Tico, Rock,
 Marquinho, Neto, Leci,
 Guineto
 Deus abençoe a todos, obrigado

pela companhia

Estamos encerrando nossas transmissões.
 Lembrando que a dama mais glamurosa da noite é a própria noite.
 Tenham um bom dia.

DA PONTE PRA CÁ

A lua cheia clareia as ruas do Capão,
 Acima de nós só Deus humilde,
 né não? né não?
 Saúde! Plin, mulher e muito som,
 Vinho branco para todos um advogado bom
 Cof,cof, ah, esse frio tá de foder,
 Terça-feira é ruim de role, vou fazer o que
 Nunca mudou nem nunca mudará
 O cheiro de fogueira vai, perfumando o ar
 Mesmo céu, mesmo cep no lado sul do mapa,
 Sempre ouvindo um rap para alegrar a rapa
 Nas ruas da sul eles me chamam Brown,
 Maldito,vagabundo, mente criminal
 O quê? Toma uma taça de champagne também curte
 Desbaratinado, tubaína, tutti-frutti.
 Fanático, melodramático, bon-vivant,
 Depósito de mágoa quem esta certo é o saddam, ham...
 Playboy bom é chinês, australiano,
 Fala feio e mora longe não me chama de mano
 "- E ae brother, hey, uhhuul, " pau no seu c...aaaíí,
 Respeito sou sofredor odeio todos vocês
 Vem de artes marciais que eu vou de Sig Sauer,
 Quero sua irmã, seu relógio Tag Heuer
 Um conto se pá, dá pra catar,
 Ir para a quebrada e gastar antes do galo cantar.
 Um triplex pra a coroa é o que malandro quer,
 Não só desfilar de Nike no pé

Ô vem com a minha cara e o din-din do seu pai,
 Mais no rolê com nós cê não vai!
 Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar.
 Entendeu? se a vida é assim, tem culpa eu?
 Se é o crime ou o creme, se não debes não teme,
 As perversa se ouriça e os inimigo treme
 E a neblina cobre a estrada de Itapeirica...
 Sai, Deus é mais, vai morrer para lá zica.

Não adianta querer, tem que ser tem que pá,
 O mundo é diferente da ponte pra cá!
 Não adianta querer ser tem que ter para trocar,
 O mundo é diferente da ponte pra cá

Outra vez nós aqui vai vendo,
 Lavando o ódio embaixo do sereno
 Cada um no seu castelo, cada um na sua função,
 Tudo junto, cada qual na sua solidão
 Hei, mulher é mato a marijane impera,
 Dilui a rádio e solta na atmosfera
 Faz da quebrada o equilíbrio ecológico,
 E distingui o judas só no psicológico
 Hó, filosofia de fumaça e nariz,
 E cada favelado é um universo em crise
 Quem não quer brilhar, quem não? mostra quem,
 Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém
 Quantos caras bom, no auge se afundaram
 Por fama
 E tá tirando dez de Havaiana
 E quem não quer chegar de Honda, preto e banco de couro,
 E ter a caminhada escrita em letras de ouro
 A mulher mais linda sensual e atraente,
 Da pele cor da noite, lisa e reluzente

Andar com quem é mais leal e verdadeiro,
 Na vida ou na morte o mais nobre guerreiro
 O riso da criança mais triste e carente,
 Ouro e diamante, relógio e corrente
 Ver minha coroa onde eu sempre quis por,
 De turbante, chofer uma madame nagô.
 Sofrer, pra quê? Mas se o mundo jaz do maligno,
 Morrer como homem e ter um velório digno,
 Eu nunca tive bicicleta ou vídeo-game,
 Agora eu quero o mundo igual cidadão Kane,
 Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola,
 Minha meta é dez, nove e meio nem rola
 Meio ponto a ver... Rum e morre um,
 Meio certo não existe "tru" o ditado é comum
 Ser humano perfeito, não tem mesmo não,
 Procurada viva ou morta a perfeição!
 Errare humanum est, grego ou troiano,
 Latim, tanto faz pra mim: fí de baiano
 Mas se tiver calor ou quentão no verão,
 Cê quer da um rolê no capão daquele jeito,
 Mas perde a linha fácil, veste a carapuça,
 Esquece estes defeitos no seu

jaco de camurça,
 Jardim Rosana, três estrela e Imbé,
 Santa Tereza, Valo Velho e dom José.
 Parque, Chácara, Lídia, Vaz, Fundão
 Muita treta pra Vinícius de Moraes

Não adianta querer, tem que ser tem que pá,
 O mundo é diferente da ponte pra cá!
 Não adianta querer ser tem que ter para trocar,
 O mundo é diferente da ponte pra cá

Mas não leve a mal brow, cê não entendeu,
 Cada um na sua função, o crime é crime e eu sou eu.
 Antes de tudo eu quero dizer, pra ser sincero
 Que eu não pago de quebrada mula ou banca forte,
 Eu represento a sul, conheço loco na norte,
 No 15 olha o que fala, perus, chicote estrala
 Ridículo é ver os malandrão vândalo,
 Batendo no peito feio e fazendo escândalo
 Deixa ele engordar, deixa se criar bem,
 Vai fundo, é com nós, super star, Superman, vai...
 Palmas para eles digam hey, digam how,
 Novo personagem pro Chico Anísio Show

Mas firmão né, se Deus quer sem problemas,
 Vermes e leões no mesmo ecossistema
 Cê é cego doidão? Então, baixa o farol!
 Hei hou, se quer o quê, com quem, jow?
 Tá marcando? Não dá pra ver quem é contra a luz...
 Um pé de porco ou inimigo que vem de capuz
 Ei truta eu tô louco, eu tô vendo miragem,
 Um Bradesco bem em frente da favela é viagem...
 De classe "A" da "Tam" tomando Jb
 Ou viajar de blazer pro 92 Dp
 Viajar de gti quebra a banca,
 Só não pode viajar c'os mão branca.
 Senhor guarda meus irmão nesse horizonte cinzento,
 Nesse capão redondo, frio, sem sentimento
 Os manos é sofrido e fuma um sem dar guela,
 É o estilo favela e o respeito por ela
 Os moleque tem instinto e ninguém amarela.
 Os coxinha cresce o zóio na função e gela.

Não adianta querer, tem que ser tem que pá,
 O mundo é diferente da ponte pra cá!
 Não adianta querer ser tem que ter para trocar,
 O mundo é diferente da ponte pra cá

ÁLBUM TÁ NA CHUVA (2009)

TÁ NA CHUVA

Chove chuva aaaaah
 Chove sem parar
 Chove chuva aaaaah
 Chove sem parar
 Parar...parar...

Meu Clan tá formado, vc é meu aliado
 Atraves do seu ouvido tô envolvido lado a lado

Ideia te incentiva pra c num segui o crime
 Cada um no seu lugar e vc não é desse time
 Mesmo q vc discorde do q eu tenha pra falar
 Melhor vc na rua do q ver sua mãe chorar
 Sê sabe q cadeia, só uma questão de tempo
 Não caia nessa teia uma cena triste lamento

Lamento o q doidão, se vc já me conhece
 Só sofre quem não tem dinheiro esse é o teste
 Eu vou fazer a boa, não vou moscar a tóa
 Me aposentar e parar antes de ser coroa
 Isso tudo é uma ilusão, de poder em ascensão
 Tudo tem um preço não se esqueça negão

A ambição vai te cobrar, te cegar, te arrastar
 O homem dá com a mão pra com a outra vir tirar
 Fazendo sê sonhar com carro digital
 Ser heroi com o celular de 2000 real
 Sê sabe q mulher, não falta nunca né
 Se tiver uma caranga pro rolê e um nike no pé
 É o Brasil é mó zica quanto tempo
 E a quanto tempo o homem já não era violento
 mais uma coisa puxa, outra é triste inevitável
 A miséria não acaba pq ainda é favorável
 Imaginem só, o Brasil sendo melhor
 Com divisão de terra e espaço ao redor
 Redor de quê? Redor de quem tá viajando
 Esgoto a céu aberto é a real de varios manos
 Vc tá vivendo na ilusão da cidade
 Do ensino meia boca, lendo a mentalidade
 Dificil é resistir, se pensar vai ser pior
 Nossa cara é ir pra cima e fazer nosso melhor
 Melhor dentro da escola, melhor q uma vitrini
 Melhor longe da esmola, melhor longe do crime
 Que a vida nos ensine, traga o conhecimento
 Que mostre o outro lado e não o sofrimento
 A rua violenta pode ser de outro jeito
 Ninguém é perfeito mas ainda tem o direito
 Direito de falar, direito de pensar
 Direito de viver descentemente sem roubar
 Direito de aprender como se ganha dinheiro
 Sem ter que trapacear no jogo o tempo inteiro
 Direito de ouvir e de criticar também
 Direito de entender e debater com vc além

A lei que foi criada pra incentivar
 O nosso acesso é restrito, o processo é só aumentar
 Vamô chegar, mudar, pra revolucionar
 Racionais está no ar, e o RAP também tá
 Em qualquer lugar, onde a mensagem vá
 Sei que um Aliado mais um...vou resgatar!!!

MULHER ELÉTRICA

Ela chega, Ela olha, Ela bate um flash, Ela invade a pista e ninguém se mexe
 Ela dança, Ela ri, Ela quer curtir, quer amar, quer beijar, quer se divertir
 Ela manda, Ela pode, Ela é quem faz, Ela é funk, Ela é samba, Ela é mais mais mais
 Ela é Dolce & Gabbana, Ela é Louis Viton, Ela é Madureira, Ela é Kingston, Ela é Barra Funda, Ela é Bela Vista, reflete no globo ilumina e pista, Ela é...

Ela é preta da cor loira no cabelo, Ela é 1 hora e meia em frente ao espelho, Ela é...
 Ela é Naomi, Ela é Clara, é Nunes, é Dona Summer, Rosa, é Sônia, Ela é Tereza, Ela é Ana, Ela é Glória, Ela é bem Brasil, me engana que eu gosto ela tem tristeza, balança o swing rara beleza, Ela é...

Onde vai...? Mulher Elétrica
 Mulher Elétrica 3000 volts
 Ela é frenética hipnotizou real Maquiavélica me atraiu
 Onde vai...? Mulher Elétrica
 Mulher Elétrica...

3 da manhã, Ela é só suor, Ela flerta, Ela causa, Ela é mó B.O.
 Ela é manta, é nagô, é ioruba, Ela é vingativa, Ela é de matar !!!
 Ela canta, Ela chora, Ela multa, Ela compra, Ela bebe e malandro paga, Ela...
 E a festa não acaba... uns 10 na fita e eu também...

se vai vai, vem vem...
 Ei DJ toca Mary Jane, que Ela dança, Ela ri, Ela quer curtir, quer beijar, quer amar, Quer se divertir... Ela é zica na cena, Ela é glamour, Ela é ie ie ie ie, ou ou ou ou...

D I S C O ela é as 10 mais da Billboard, Ela é Capão Redondo, Ela é Xerém, Ela é Blacking Loving, Ela é Soul Tran, Ela é poucas palavras, talvez já viveu, já sofreu o sistema na pele... é ZN, ZS ou ZO, Baixada Santista, ABC ou ZL...

Podia me Aproximar...

Ela opera a festa, Ela é quem comanda e a minha comanda quase preencheu, mais
 Se Ela vier valeu.... ooo entendeu...
 Contos de uma festa Black é a cinderela High Tech, vai vendo muleque, Ela foi capaz de entrar no banheiro e não voltar mais, Ela é...

Infelizmente a sua chamada não pode ser completada, Por favor verifique o número discado e tente novamente

Onde vai...? Mulher Elétrica
 Mulher Elétrica 3000 volts
 Ela é frenética hipnotizou real Maquiavélica me atraiu
 Onde vai...? Mulher Elétrica
 Mulher Elétrica...

Mulher Elétrica 3000 volts
 Ela é frenética hipnotizou real Maquiavélica me atraiu
 Onde vai...? Mulher Elétrica
 Mulher Elétrica...

Infelizmente a sua chamada não pode ser completada, Por favor verifique o número discado e tente novamente

Tente Novamente !!!
 Tente Novamente !!!
 Tente Novamente !!!

Ten ten ten ten ten ten te
Novamente !!!
Tente Novamente !!!
Tente Novamente !!!

CANTO DE ORAÇÃO E OYA

Beleza muito boa noite !
Essa é para o Belo
Uma volta triunfal.
É um guerreiro bom, bandido mau.
Bob firmeza.
Familia Cosa
Nostra, orgulhosamente apresenta.

Por que é preciso brigar
sangrar calado jamais, chorar à toa e arrastar os demais
até que jogue a toalha
enquanto a tinta não falha...

Xô chué e o samba ficou vazio
mais de 100 moto a mil tem
que se organizar
batucada e fumaça a fuga em massa
Mas alguém tem que parar pra pensar

Carai ... quem foi ?
Alguém da vizinhança
Suave irmão era só a ambulância
tragicomédia da vida
inimigos a parte
a vida imita a arte e vice e versa
enquanto isso na sala de justiça
o líder fariseu
comemora a notícia
De um capricho do céu
invejoso cruel
trama via Embratel quero ver quem vai rir (bis)

O guerreiro tá de volta com
"nóis" pra curtir
vai ser o dinheiro, nego
É desse jeito Belo
Família Vida Loca tá na área
Mano Brown, Ice Blue, Belo, Do Bronx, Dom Quixote, Black Doom

Ao ver o Morro chorar Laia laia
Ore, moça bonita não chore

Desilusão em cadeia, mais um crioulo na teia
Que só queria levar sua garota ao cinema
E depois cantar, cantar e cantar tudo é tudo, nada é nada
Nada mal
Nada mais que um Jaguar
nada como um dia a pós o outro sem juri
nada, nada que um bom samba não cure
nada além de que um castelo que os moleque quer
novela de Janet Clair
Legal, é bad boy, James Dean de gel no cabelo, cigarro entre os dedos, conversível vermelho
Os branco abraço se tornou herói.
então o mundo mudou e surgiu os Playboy
Aqui Roberto Carlos e o seu novo carrão
Mostrou que os outros pobre loco tem mais que invadir
porque sim, porque não um malandro explicou

É "nóis" que tá no "baguio", Brown
Só se for nossa sina de dar uma volta por cima
subi 1800 colinas
é preciso viver chapa de frente pro mar
Enteder essa brisa
Qual que pá dessa vida
O rico sabe o que é bom
Sol, som, maresia ...
aquele que Tom Jobim via

Eu prefiro as curvas da estrada de Santos
Vestindo meu manto, jogando com a dez
traficar melodia mas que o Abadia
Rima, pedindo pra Deus "oia".
vamos !

Part. Belo

Oya
É o povo de cá pedindo pra não sofrer
Nossa gente ilhada precisa sobreviver

E levantam-se as mão pedindo pra Deus olhar
Já não se vive sem farinha e pirão não há
Não haveria motivos pra gente desanimar
Se houvesse remédio pra gente remediar
Já vai longe a procura da cura que vai chegar
Lá no céu de Brasília estrelas irão cair
E a poeira de tanta sujeira há de subir
Oya
Será que a força da fé que carrega nosso viver
Pode mover montanhas e jogar dentro do mar
Tanta gente de bem que só tem mal pra dar
Será que a força da fé que carrega nosso viver
Pode mover montanhas pra gente poder passar
É a nossa oração pedindo pra Deus

O JOGO É HOJE

Começa o jogo da vida
E nós vamos com já
Com a alma eu vou jogar
Eu vim pra ganhar
Brasileiro sai do gueto
Atrás dos sonhos vai
Com a família em pensamento
Seu pai morreu dizendo, "é o melhor do mundo"
Iniciô uniforme sujo
Na várzea com os adultos
Feis cresce o vulgo
O sonho de moleque
Concretiza agora
A sina veste o manto decola
No Brasil apavora explode
É a alegria da massa
Mostrando sua magia
Com a proposta do Barça
Qué joga na Europa
Brilha na copa
O povo é quem convoca e hoje tá aí
Defendendo o seu país
Como quis seu pai
Convocado pra fita
O jogo é hoje vai

(Refrão)

O jogo é hoje, o jogo é hoje,
o jogo é hoje...

Eu vo
 Vo corre pelo time
 Um lançamento decide
 É só olha, calcula, não se inibi
 Vontade de quem tava no
 crime, vo chega
 A luz que ascendeu veio pra
 brilha
 Família do norte
 A mãe empregada
 O coroa braço forte
 Tento a sorte só
 Só marcas na pele
 Crio seus filhos só
 Foi batalhando conquisto com
 a fé de Jó
 Herdei sua vontade
 E suas qualidades
 Não olhei pro dinheiro
 Entre as necessidades
 Esperei esse combate
 É a hora da verdade
 Eu sei que um vai sofrer
 E outro te felicidade
 O placar de 0 x 0
 Mostra a rivalidade
 Tradição em campo
 Cresce a dificuldade
 Vem um calafrio
 O jogo a mil "na trave"
 O que vai acontecer
 Pra vence eu tenho a chave
 O jogo é hoje é
 Este dia esperei
 Na raça que vem a taça
 Eu treinei me preparei
 Cento e oitenta milhões
 Apenas onze por vocês
 O Maraca lotado
 Ouvi o hino me inspirei.

(Refrão)
 O jogo é hoje, o jogo é hoje,
 o jogo é hoje...

(Mano Brown)

Que vença o melhor enfim
 Mais Oh irmãozinho
 Pior se desacreditado neguin
 Não posso perde, Perde como
 assim
 O que seá de nós , num pode
 O que será de mim
 Um violão triste
 A perseguir-me
 Permitis - te senhor eis me aqui
 O jogo é hoje
 Em jejum desde ontem as 10

Até la pra não me causa um
 revés
 E dizem valha-me nossa
 senhora
 Ouvi que quem cede a vez não
 quer vitória
 O Jogo é hoje
 Que horas são nem vi
 Coincidência ou não
 Eu num consegui durmi
 Deslumbrei o céu azul entre as
 telhas pai
 Apenas sou mais uma ovelha
 Os lobos uivam por sangue é
 um teste eu sei
 Meu mestre até aqui me
 trouxe rei
 Já não sei bem dizer se erre
 Nem quantos lobos eu matei
 O Jogo é hoje
 Vi terror desespero no ar
 Devaneios no olhar do
 companheiro
 Honra de um homem em shek
 Todos os olhares em nós
 muleque
 No dia da nossas vidas eles
 verão que eu existo
 E por não ter sido visto eu
 preciso vence
 Minha torcida é sofrida
 Linda de se vê
 E por ela eu sou capaz de
 morrer
 Ao perdedor desamor o beijo
 da lona
 Praça pública explana verdades
 á tona
 Oposto da Fama
 Sem dó desprezo das damas
 O Jogo é hoje
 Meu Amor eu vou indo
 Meu uniforme ta pronto
 É mais que um confronto
 É uma pá
 É mais que 3 pontos.

(Refrão)
 O jogo é hoje, o jogo é hoje,
 o jogo é hoje...

QUEM PROCURA ACHA

Éh...
 Ai choque, a união é um sonho
 Talvez só exista no céu,
 Se ta ligado, traidor é mato, e a
 traição tem gosto de ferro.
 (Paw Paw Paw)
 Nem é com nós, mas se
 esconde ladrão,

Tem mais um judas sangrando
 na via, já passou sexta feira da
 paixão?
 Nas ruas da sul, a tensão só
 aumenta, o amor agoniza, a
 misericórdia é rara..
 Uma cedônia no rosa, no
 pirajuçara..
 Mas enquanto houver um filha
 da puta justo, essa porra ainda
 não ta perdida.
 Cachorro Loco Mano Brown,
 apresenta os comparças.
 Sabedoria de Vida

Sinceramente é foda conseguir,
 alguma coisa na vida que nos
 faça feliz,
 Mas quem procura acha, pode
 vir que tem.
 Não tem valor quem, despreza
 tudo o que tem
 Tenho familia mãe, pai e
 irmãos também, todos me
 querem muito bem.
 Mas bem aqui é foda de ficar,
 tem uma pá de cara que quer
 nos derrubar.
 A inveja que promove tudo
 isso, ele ainda fala que é nosso
 amigo, e diz que só quer o
 nosso bem.
 Mas falso quenem ele eu não
 conheço ninguém, mas se você
 se tocou vamos mais além,
 Sabedoria de vida, pode vir que
 tem.

Quem procura acha, pode vir
 que tem. (Vem vem, pode vir
 que tem)
 Mano que é mano não tira
 Ninguém.

Tem o que você quiser, e
 imaginar, pagou um pau já era,
 pode acreditar.
 Não quero te matar, apenas te
 alertar apenas uma frase pode
 te derrubar.
 Uma frase feita com sabedoria,
 scrash, rimas e sabedoria

O INIMIGO É DE GRAÇA

Se tem amor (a favela chora
 também)
 Sem amor (não tem chance pra
 viver bem)
 Pelo amor (inimigo é de graça)

Se tem amor (a favela chora também)
Sem amor (não tem chance pra viver bem)
Pelo amor (inimigo é de graça)

Você constrói de role
Assim que tem que ser
Dividiu u pior que,
Se no futuro ver,
Tudo que é de bom ter
No que for,
Chega sempre com amor de exercer
Vai lhe dar nos conforme
Só do melhor, amanhã o sol como
Vier tá bom pra nos, bela vida
Saber viver assim que é alguém lamenta
Sem o amor nem água benta
Se renda, já te falei do desfalque
Na vila tamo a noite, na rua tamo avont's
Com o time vários irmãos, pressentimento
Não envolve, de volta o treizoitao vacilão
Em ação vai eu sai dali fui no peão
Veio pegar um levou Cidao
Subiu a vinte, com pretexto
Preconceito, relembro vários momentos
Desespero eu vi, maldade sim,
Bala perdida o fim, canta-galo viva abaixo
No hospital sofri, lado a lado com o diabo
Com o cobertor cobri, quem peco não vai a frente
Não vou mentir, vai ganhar de "ganha pão"
Decepção no final imploro, só sobrou quem tem amor
Jhao
Sou da pobreza, aqui tem a certeza, quem é da Conquista
Ficou os da direita, passado bom, malandro bom
Quem comprou ligou, até ganhou, negou
Para isso vai saber quem chegou, o caminho me indique
Por toda luz da vida, pecou!
Não se ilude
A primeira foi um truque,
negão fiz u que pude,

Quem é tá na virtude, tem que ser de fé no Jaraguá
É como se dizia representar

Se, tem amor (a favela chora também)
Sem amor (não tem chance pra viver bem)
Pelo amor (inimigo é de graça) x2

[Ice blue]
O braço gordo é mato tio vários de chapéu
Os carecedores, cospem suas sílabas de véu
Os moleque bom tão exposto ao cruéis
Passarinhos são acuados entre cascavéis, vicio
Que se vê, u que se tem, viu
Eu tenho o que jhow, eu vejo u que tio?
Tanque cheio, coração vazio..hienas perto
Cimento quente, olhares frio, morte no deserto
Putas nem sempre são mulheres, depende
Que mata quando querem, se me entende?
Moleque bom, arrimo de família assassinada
Igual um cão, por causa de buceta
Muita treta jão, pedras vão rolar
Frias calculistas vão voltar
1000 Lutas, 1000 letras, 1000 trutas, 1000 tretas
1000 Corpos na gaveta, Bin Laden de bombeta
Franzino roupa larga, você sabe que anemia é o veneno
Inimigo do sistema é isso memo
Cada um cada um, tudo e nada nosso
Por baixo dos provérbios é só destroços
E é no beco das droga, onde os tristes se junta
E o silêncio que esmaga, 1 milhão de perguntas
Sofredor, tente esconder sua dor, por favor, pelo amor
Alguém salve essa flor,
responde alguém que pode ver além

Sofro menos quando finjo pá não ta nem
Princípios são valores, valores servem para
Comprar tênis Nike e camisas Che Guevara
Armas e motos, celular que bate foto é fantástico
Favela digital, (viva as flores de plástico)
Sim, eis o futuro chego e agora
Mas sem amor favela chora!

Se tem amor (a favela chora também)
Sem amor (não tem chance pra viver bem)
Pelo amor (inimigo é de graça)

Se tem amor (a favela chora também)
Sem amor (não tem chance pra viver bem)
Pelo amor (inimigo é de graça)

Se a favela chorar também, é que não tem
O amor.. O amor!

MÃOS

Firmeza, firmeza, total
É desse jeito vagabundo, Almir Guineto e mano brown
Foram me chamar to aqui que que há
Hã, vagabundo nato!

[Mano Brown]
Um role de vmax um gole de Le Chandon
Mãos pobres querem ter o que é bom
Mãos nordestinas me ensinou
Que mãos para trás, neguinho, não senhor
As mãos de Tyson, ódio, nocaute
As mãos do mal também usam esmalte
Mãos que apontam, mãos que delatam
Toda mão tem, mãos tremulas matam
Mãos na cabeça o mão branca armou
Algemas prende a mão de um sonhador
Mãos negras, sinfonia funk
As mãos do rap não usam Mont Blanc

Palma da mão, palma, negro
dança
Soube lavar alma, as mãos que
se humilham aos céus
Serão as que ergueram troféu
Demoro já, vou cambá,
Porque o samba, em boas mãos
tá
Michelangelo vive bem perto
Em forma de samba ele é
Almir Guineto...

E ae Brow, Firmeza?
Firmeza total, espero ter
representado ae
Agora a missão ta nas suas
mãos, demorô
[Almir Guineto]
Ah, então vou trazer minha
clínica geral ae
A percussão nacional

Mãos se rendem, pra outras que
tudo levam
Quase em extinção, mãos
honestas (mãos honestas),
amorosas (amorosas)
E nossas pobres mãos, bate as
cordas
Pago pra ver, (pago pra cer,
queimar) queimar em brasa
Mãos de baixareis que não
condenam o mal
Que inocentam réus, em troca
do seu metal
Mãos de baixareis que não
condenam o mal
Que inocentam réus, em troca
do vil metal
Em mãos de infieis la laia...
Quem veste não contenta la
laia...
Governa a diretriz la laia... tão
fraudulenta
Sem réu e sem juiz, mãos não
se acorrenta
Justiça Põe as mãos na
consciência
Ato que fez Pilatos la laia...
travando tuas mãos
Eu vejo que injustiça, com as
próprias mãos
Mãos que fracassaram na torre
de Babel
Porque desafiaram mãos do céu
Mãos...

[Mano Brown]
Verdadeiro poeta é aquele
segura a caneta

E deixa Deus escrever
Como diz a escritura, é o
seguinte:
Deus usa os loucos pra
confundir os sábios
Então ao poeta dos loucos,
Almir Guineto

SOU FUNÇÃO

[Função]
Sô função, pra quem não tá
ligado me apresento
e as ruas represento
Dá licença aqui deu chegar
nesse balanço
É quente negrão a idéia que eu
te lanço
Estilo original de bombeta
branca e vinho
Vai, só não vai pra grupo com
neguinho
Ando gingando cuns braços pra
trás
Só falo na gíria e pros bico é
demais
Forgado afronto os gambé, sô
polêmico
Na favela o meu diploma
acadêmico
De tênis all star, de cabelo
black
Meu beck, a caixa e o bumbo e
o clap
Cresci ali envolvidão qua
função
Na sola do pé bate o meu
coração
Esse som é do bom, dá uns dois
e viaja
Nós somos negros não importa
o que haja
O ritmo é nosso trazido de lá
Das ruas de terra sem luzes e
pá
O fascínio não morre ele só
começo
Das festa de preto que os boy
não colô
Sô o que sô vivo aquilo que
falo
Meu rap é do gueto e não é
pros embalo
Vagabundo, se for pra somar
chega aí
Paguei pra entrar e nunca mais
vou sair
Então vem que vem, dinheiro
eu quero
Uma linda mulher e um belo
castelo

Eu sô raiz mais cadê você
A função e o funk jamais vão
morrer...

[Dexter]
Muito amor, muito amor, pelo
som pela cor
A herança ta no sangue
louvado seja meu senhor
Que me quis descendente de
raiz
Preto função sou sim, sou feliz
Favelado legítimo escravo do
ritmo
Dos becos e vielas eu sô amigo
íntimo
Dexter o filho da música negra
Exilado sim, preso não com
certeza
O rap me ensinou a ser quem
eu sô
E honra minha raça pelo preço
que for
Dos vida loka da história eu sô
um a mais
Que te faz ver a paz como sôro
eficaz
No gueto jaz, o inofensivo
morreu
Pela magia do funk renasceu o
plebeu
Aí fudeu, o monstro cresceu se
criô ô
Agora já era é lamentável
doutor
A guerra já não é tão mais fria
assim
Sô pelos função e a função é
por mim
Até o fim, "plim", nossa luz
contagia
Assim como o sol, que clareia
o dia
E aquece o pivete que dorme
na rua
Que passou a madrugada em
claro a luz da lua
Se situa que o que ofereço é
muito bom
Força e poder dom através do
som
Negô, vem com nós mais vem
de coração
Por paixão, por amor não pela
emoção firmão
Pra ser função tem que ser
original
Apresentando e tal mais um
irmão leal

[Mano Brown]
 Ser vida loka aqui está então
 pode saber
 Deixa as dama aproximar jão
 opa tamo aê
 Na arena mil juras de amor ao
 criador que nos guia
 Antes de nada mais para nós
 muito bom dia
 Salve! só chegar meu irmão
 lêlê
 Por que não monstro? viva
 negro Dexter
 De vinte em vinte eu paguei
 duzentas flexão
 Calçando jeito de burlar a lei e
 a minha depressão
 Menino bom mas, pobre, feio,
 fraco, infeliz, só
 Se sentindo o pior vários
 monstro ao meu redor
 Com tambor de gás fiz mais
 cinqueta em jejum
 Ódio do mundo eu via em tudo,
 filme do platoon
 No café o açúcar com limão no
 abacate
 Puta eu olhei a blusa suja de
 colgate
 Se ser preto é assim ir pra
 escola pra quê?

Se o meu instinto é ruim e eu
 não consigo aprender
 Esfregando calças velhas fiz a
 lista do tanque
 Era um barraco sim, mas meu
 castelo era funk
 Folha seca num vendaval, um
 inútil
 É morrer aos pouco eu me senti
 assim, tio
 Eis que um belo dia alguém
 mostrou pra mim
 Uma reunião tribal, James
 Brown e All Green , uau "sex
 Machine"
 O orgulho brotou, poder para o
 povo preto, que estale os
 tambor
 Veio as camisas de ciclistas,
 calça lee, fivelão
 Tênis farol white uou uou uou
 ladrão
 Às seis mil ano até pra plantar
 Os pretos dança todo mundo
 igual sem errar
 Agradecendo aos céus pelas
 chuvas que cai
 Santo deus me fez funk,
 obrigado meu pai
 Nem por isso eu num... vou
 jogar filé mignon pras piranha

O pierrô contra os play boy
 fuma maconha
 Não vejo nada, não vejo fita
 dominada
 Eu vejo os pretos sempre triste
 nos canto do mundão
 Então morô jão, um dois um
 dois drão
 Aham aham, alma, mente sã,
 corpo são
 Dexter tem que está, com fé no
 senhor
 Tem que orar, tem que brigar,
 tem que lutar negro
 Ah meu bom juiz abra seu
 coração
 Se ouvir o que esse rap diz ia
 sentir o perdão
 Meu argumento é pobre, mas a
 missão nobre
 Mestrão irá saber reconhecer o
 homem bão
 Deixo aqui desde já, promessa
 de voltar
 É só querer, é só chamar que eu
 estarei lá
 Eis o doce veneno vivendo e
 vivão
 Um dia por vez, sem pressa, fui
 nessa negrão
 Sô função

ÁLBUM CORES E VALORES (2014)

CORES E VALORES

Somos o que somos
 Somos o que somos
 Somos o que somos
 Cores e valores
 Cores e valores
 Cores e valores
 Somos o que somos
 Somos o que somos
 Somos o que somos
 Cores e valores
 Conspiração funk international
 in
 Jamaica Queen, Fundão Sabin
 Função pra mim
 Se Deus me fez assim
 Fechou neguim
 Eu trouxe um do verdim
 Nuvens e Ovelhas negras desde
 sempre acompanham-me
 Na fase negra vem era nós
 também sim
 Na linha pontilhada vou indo

indo indo
 Na terra cujo herói matou um
 milhão de índios
 Então, pelas marginais os
 pretos agem como reis
 Gostar de nós tanto faz tanto
 fez
 Vou me degradar pra agradar
 vocês? nunca
 Por que eu não falei eles
 pensam que eu não sei
 São Paulo tem dinheiro pra
 carai pra "trincar" né
 Sem perder o foco olha o fluxo
 Vi cross fox tucson
 X5 é estouro preto amarelo
 ouro é luxo
 Somos o que somos
 Somos o que somos
 Com sorriso de disfarce a
 espera na solidão
 Unção, meus irmãos sem fé,
 com ambição

Fase triste mostra a indignação
 Acúmulo de mágoa, jão,
 desilusão
 Liberdade não se cede
 Se editar o distrital cada qual
 com o que merece
 Uns põe em teste e não se mexe
 Cêis que é o chiclete, cara pro
 chão
 Ninguém se fere, quero
 espécie, dinheiro
 Nada pessoal o assunto é
 financeiro
 Difícil compreender, se as ruas
 tem as suas lei
 Não são minha linhas, inventei,
 eu me adaptei
 Guerra fria, muçulmanos, usa
 Preto e branco como jogo de
 xadrez
 Seu escuro da pele, é sedução
 meu desejo
 Me exige abusar do vermelho

Bens materiais, não pagam o
seu beijo
Cores reais, no rosa amor eu
vejo
Viajo no verde, no degradê do
céu
Não sento os parceiros no
banco dos réus
Porque

SOMO O QUE SOMOS

Somos o que somos
Somos o que somos
Com sorriso de disfarce, a
esperar na solidão
Unção, meus irmãos sem fé,
com ambição
Fase triste mostra a indignação
Acúmulo de mágoa, jão,
desilusão
Liberdade não se cede
Se editar o distrital
Cada qual com o que merece
Uns põe em teste e não se mexe
Cêis fica chiclete, cara pro
chão
Ninguém se fere, quero
espécie, dinheiro
Nada pessoal, o assunto é
financeiro
Difícil compreender se as ruas
têm as suas leis
Não são minhas, nem as
inventei, eu me adaptei
Guerra fria, muçulmanos, USA
Preto e branco como jogo de
xadrez
Seu escuro da pele é sedução,
meu desejo
Me exige abusar do vermelho
Bens materiais não pagam o
seu beijo

Cores reais, no rosa amor eu
vejo
Viajo no verde, no degradê do
céu
Não sento os parceiros no
banco dos réus
Porque

Somos o que somos
Somos o que somos
Somos o que somos
Somos o que somos
**CORES E VALORES –
PRETO E AMARELO**

[Verso 1: Ice Blue]

Neguim tá na pista, cê não quis
acreditar
Visto preto e amarelo, a gente
se identifica

Cosa Nostra é a fita, pode vim
qualquer teste
Desde a fria do Sul ou o calor
do Nordeste
O que tá tendo no momento é
libra, euro e o dólar
No jet de Corolla nós também
tá afim
O certo é certo é, tiozin
Pastor, ore por mim
Muito esforço na obra, tenho
gana de sobra
Verde é o valinho da flor, rico
o fruto penhor
Na medida do possível vou
louvando o Senhor
Dinheiro é bom no Capão,
Nova Iorque, onde for
Pessoa determinada
demonstrando valor
Vou nessa

EU TE DISSE

Falei pra você, vai pra grupo
não depois
Não vai dizer que santo antônio
te enganou
Meu Deus, o que você fez,
cara?

De algum lugar da américa do
sul (sul)
Sobe o morro (quem, quem?)
Com classe e elegância vem no
destaque
Swing e chocolate, preta
cadillac
Não encare ou encoste, nem
ferrari ou lacoste
É o veneno da mamba, tem o
samba de morte

Nesse caso ou acaso ela não
goste da idéia
Hm, bonitão... Melhor fugir pra
coreia (oow)
Porque os valores vão além do
sexo
Ramelão, vai pro inferno sem
entender o processo
Espertão, vai vendo

Se eu acho necessário? Dizer o
que, se não cabe a mim?
No sumário frio, vários ficam
no caminho (diga)
Um velho ditado lá de onde eu
vim
"Mulher alheia é sagrada, e é

isso aí"
Arrombado

PRETO ZICA

Preto zica, truta meu, disse
assim
"Ih truta, mó fita! "
O truta meu disse assim (vai
vendo)
Preto zica, truta meu, disse
assim
"Mó fita, mó treta! " o truta
meu disse assim (que fita)
Preto zica, truta meu, disse
assim
"Ih truta, mó fita! " o truta meu
disse assim (vai vendo)
Preto zica, truta meu, disse
assim
"Mó fita, mó treta! " o truta
meu disse assim (que fita)

Veja quanta ideia, bonitão
Os truta aqui tão, no mó
conchavo
Torcendo por você e
calculando seu cada centavo
Ficaram cego e a meta é tomar
seu lugar
Intravenosa, venenosa, via
jugular
Eu não quero tá na pele dos que
leva e traz
Nem imaginar ou sumariar esse
rapaz
Salve, mas um truta meu assim
me disse
"Negar dinheiro é o carai, não
fala tolices"
Que nem boliche, vixe,
apavorou

Mas o resultado é consequência
que o mestre falou
É tudo um teste, how! É como
peste
Alastra e arrasta até que nada
do nada me reste
Um truta meu me disse que o
chicote estala
O inimigo da risada da sua vala
no sofá da sala
Como se fala: "uma bala,
escolha a sua! "
Encomenda o fracasso do
palhaço em plena luz da lua
Quem de alma nua atua na sua
mente
Faz você achar que o azar é só
mero presente

Que aquela treta do passado se
torne recente
Remanescente, dificilmente sai
da guerra cientes
É deprimente, inocente, não
olha pra frente
Em cada mente um pensamento
desse inconsequente
Ou indecente, tente, ou
iminente, é quente
É simplesmente: São vários e
vários doentes

CORES E VALORES – FINADO NEGUIN

[Intro: Mano Brown]

Yeah

São Paulo, Brasil

Aham, aham

Cosa Nostra, é

Vila Fundão, Capão

Simples assim, o povão da

Sabin

[Verso 1: Mano Brown]

Por um gosto pessoal do finado
Neguin

Laranja e preto decidiu, se ser
assim é assim

Honra branco marfim, vinho
tinto, carmim

Quem? Quem permitiu?

Deus dirigiu esse filme

Dizem: "Crime é o Rap"

Dizem: "Rap é o crime"

Você diz, você decide

O resto só coincide

Olho por olho era lei, cegava
todos sem ver

Pra ver direito, rever, viver e
deixar viver

Bandeira branca sobe pra quem
não sabe saber

Falsos não conseguem, quem
tem juízo segue

Se você não deve, firmão, fica
leve!

Seis preto na esquina, objetivo
só: notas verde azul piscina

Careta é bem melhor

Vinte mil papelote, ó! A 20
cada um

Pra quatro molecote a 400 mil
bruto

Eu sei como fazer um plano
estratégico, sei

Traz pelo cais, vai! Num

container da Bélgica veio

Dez, noventa, cem pentes de

cinquenta

3Kg, cano curto tem, 900 por
minuto, quem?

"Quero ver quem"

5. 7 por 18 para destros e
canhotos

compacta e segura, mano

Impacto de um furacão,

compara-se a um fura, jow

Os cara é só à vista, tio

Malandrão se arromba, é...

Vários homem bomba

Entre as lâminas, 12

microcâmeras ToF

Sistema do choque, HD, ó só,

os sócios vão ver

Uma por beco, duas na endola

O Big Brother é em dolar, a

firma é bico seco

A festa acaba cedo, se falta pra
geral

Por que nada vai bem se os
negócios vão mal

[Outro]

Prra-papa-papa-peí!

Meu baby é bravo, eu sei

E a natureza se recicla, outro

mil neguin zica

Pior que a C. I. A

Prra-papa-papaa-peí!

Quero ver quem vem, quero
ver

EU COMPRO

Na mão de favelado é mó guela

É mó guela (guela), é mó guela
(guela)

Olha só aquele shopping, que
da hora!

Uns moleques na frente

pedindo esmola

De pé no chão, mal vestido,
sem comer

Será que alguns que estão ali
irão vencer?

Minha ambição tá na pista,
pode pá que eu encosto

Bm branca e preta M3 com as
roda cinza eu gosto

Os nego chato no rolê de

Mercedes

Apenas dois, três, quatro é foda

poucos vencem

E seu sonho de ter a Fireblade

vermelha Repsol Cbr

Uma Vmax, um apê, R8 Gt

Ou uma Porsche Carrera, pô

no pulso um Zenith

Ou um Patek Philippe

Pingente de ouro com diamante
e safira

No pescoço um cordão, os bico
vê e não acredita

Que o neguinho sem pai que
insiste pode até chegar

Entra na loja, ver uma nave
zera e dizer

"Eu quero, eu compro e sem
desconto! "

À vista, mesmo podendo pagar

Tenha certeza que vão

desconfiar

Pois o racismo é disfarçado há
muito séculos

Não aceita o seu status e sua
cor

(Eu compro)

Cordão (eu compro)

Que agride (eu compro)

Os pano (eu compro)

De grife (eu compro)

Mansão (eu compro)

De elite (eu compro)

Pra nós não tem limite

Na mão de favelado é mó guela

É mó guela (guela), é mó guela
(guela)

"Fique rico ou Morra

tentando", assim falou 50 Cent

Sem ter como, sem dinheiro cê
não entra no game

E no corre do cash tem que
ganhar mais que perder

Financiar o seu sonho e
acreditar em você

Seu limite cê que sabe, quer
chegar aonde?

Ter helicóptero no iate,

conquiste sua condição

Sem trauma, malandragem é
viver

Depois que aposentar não pode
mais sofrer

O que todos almejam é
patrimônio e riqueza

Pro favela é proeza, ostentar a
nobreza

Viajar, conforto, tem que ser
primeira classe!

Hotel cinco estrelas em Miami
na night gastar

Os nego quer algo mais do que

um barraco pra dormir
Os nego quer não só viver de
aparência
Quer ter roupa, quer ter joia e
se incluir
Quer ter euro, quer ter dólar e
usufruir

(Eu compro)
Cordão (eu compro)
Que agride (eu compro)
Os pano (eu compro)
De grife (eu compro)
Mansão (eu compro)
De elite (eu compro)
Pra nós não tem limite

Na mão de favelado é mó guela
É mó guela (guela), é mó guela
(guela)

A ESCOLHA QUE EU FIZ

Foi a escolha que eu fiz
Agora o sangue que escorre
não apaga, não é giz
Eu vacilei, não olhei
Tinha um pé ali atrás no balcão
quando enquadrei
Entrei suando, era a deixa
Cada, cada prejuízo, o seu é a
queixa
Eu me fodi de verdade, se pá
não vai dar
Não vou ver nem as grades

Que merda é essa que eu fiz
Eu não ouvi o meu parceiro
como eu ouço o juiz
[Infeliz]
Respire fundo, otário
Violento e desnecessário
Dói pra caralho e agora não é
hora de rezar e brisar
Louco, deixa de história!
Tem que ser homem, ladrão
Mesmo sendo massacrado no
chão, né não?

Pelo barulho da moto
Aquele filha da p... me deixou
feio na foto
Volto, com a prova do crime na
mão
Mano, to precisando de mais
um pulmão

Com vinte anos apenas, nunca
dei orgulho
Só acumulo problemas
Ao menos não arrastei ninguém

Se eu for pro túmulo é o
mínimo que se espera de
alguém

No chão por alguns reais
Missão de risco, ousadia
Sabia, mas fui incapaz
De ter a calma, planejar o
esquema
Agora jaz, não da mais, sou
refém do sistema

Pela sirene fudeu
Arrancaram o capacete, um
povinho me reconheceu
Cuspe na cara, chute, algema
Pior que bicho, lixo arrastado,
mó cena

Se um datena filmar...
E a minha estrela brilhar...
Eu morro feliz
Vilão, vagabundo, foda-se o
que esse porco diz

A PRAÇA

"Madrugada de domingo em
São Paulo... "
"O show da virada cultural
terminou em meio a uma
gigantesca confusão
Foi a apresentação do grupo de
rap Racionais Mc's"
"Racionais... "
"Racionais Mc's... "
"Foi na praça a Sé, uma
verdadeira praça de guerra... "
"Bombas de efeito moral e
balas de borracha... "
"Desesperadas as pessoas
tentavam fugir do confronto"
"Vem pra cá... Vem pra cá"
"quer dizer, a polícia não
poderia ter evitado? "
"até que ponto o uso de bala de
borracha e gás lacrimogênio
não acaba aumentando a
confusão? "
"Tem que pensar com
inteligência. O cara tem que ter
inteligência, certo?
Essa correria aí de um lado pro
outro só vai machucas as
pessoas"

Uma faísca, uma fagulha, uma
alma insegura
Uma arma na cintura, o sangue
na moldura
Uma farda, uma armadura, um

disfarce, uma ditadura
Um gás lacrimogênio e algema
não é a cura, é luxúria.
Uma censura, tentaram e
desistiram
Pularam atrás da porta,
filmaram e assistiram
Pediram o nosso fim, forjaram
uma lei pra mim
Tiraram o nosso foco dos bloco
e o estopim
Tentaram eliminar, pensaram
em manipular

Tentaram, não bloquearam a
força da África
Chamaram a Força Tática,
Choque a Cavalaria
Polícia despreparada, violência
em demasia!
Mississípi em chamas, sou fogo
na Babilônia
Tragédia, vida real com a mão
de um animal
Brutal com os inocentes,
crianças, velhos, presentes
Ação inconsequente, covarde e
desleal
Os moleque com pedra e pau
Polícia com fuzil, bomba, carro
pegando fogo

Porta de aço, tomba, a mãe que
chama o filho
Enquanto toma um tiro, alguém
perdeu alguém
A alma no gatilho, fugir para o
metrô
Tumulto no corredor,
pisotearam alguém
Que ali mesmo ficou nas ruas
adjacentes
A cena era presente, destruição
e guerra
O mundo que desabou, ho!

"05h30 da manhã e a polícia
ainda encontrava dificuldade
pra controlar a multidão"
"A praça a Sé parece nesse
momento uma praça de guerra.
Muito vidro quebrado pelo
chão e lixo espalhado por todo
lado"
"11 pessoas foram presas e
quatro ficaram feridas"
"A prefeitura vai assumir todas
as suas responsabilidades... E
dará todo apoio as pessoas que
tiveram algum dano

relacionado ao incidente"
"Os Racionais..."

O MAL E O BEM

Uma vida, uma história de
vitórias na memória
Igual o livro o mal e o bem
Pro seu bem, pro meu bem
rosa, uma trilha
Uma curva perigosa a mais de
cem
Pro seu bem, pro meu bem

Pow pow pow, meu destino
agora sou
Vou sem capacete, sem placa e
sem retrovisor
Quem me aguarda?
Quem me espera?
Não me desespera pelos morros
que eu passei
Fora da lei, eu sei, perdi e
ganhei
Errei e acreditei numa luz que
eu enxerguei
Kl jay, dj, vila mazzei, o jó me
apresentou em meados de 83
Dançando break a parceria
fechou, formou
Mais uma dupla de são paulo
se aventurou

Em meio as trevas
É, e o sereno elaboramos a
cura, a fórmula com veneno
E até hoje convivendo com o
perigo andando
Em facções, roubando os
corações feridos
Contra o racismo, contra a
desigualdade
A máquina, a fábrica que
exporta criminalidade
Várias cidades, só, vários
parceiros
Um salve nas quebradas de são
paulo, rio de janeiro
Pelo ponteiro a 220 estou
Desde 80 é espírito que me
levou

Uma vida, uma história de
vitórias na memória
Igual o livro o mal e o bem
Pro seu bem, pro meu bem
Um espinho, uma rosa, uma
trilha
Uma curva perigosa a mais de
cem
Pro seu bem, pro meu bem

Céu azul

Então vai, em 90 a cena ficou
violenta
Brown e o blue com pânico na
zona sul
Escolha o seu caminho, negro
limitado
A voz ativa de um povo que é
descriminado
Me lembro bem, bem e o mal
que você me fez
É que me mantém bem pra não
ser pego outra vez
As armadilha que engatilha no
meio da trilha
Um cumprimento, um abraço,
um olho que brilha
E que atira, na mira um coração
bandido

Bem vindo a selva onde todos
saíram feridos
Mas tamo aqui, a postos pro
seu general
Cavando o túnel e rumo ao
banco central
Tô na função em direção ao
horizonte
Muito sinai, quem vai chegar
ao monte
Na adolescência meu velho
falava um montão
Sobre a vida sobre o mal sobre
as tentação
Fechou negrão, tudo sempre
será lembrado
Foi meu chefe, meu parceiro,
foi meu aliado
Acelerado a milhão, na 1100
Um destino, uma brisa, o mal e
o bem

Uma vida, uma história de
vitórias na memória
Igual o livro o mal e o bem
Pro seu bem, pro meu bem
Um espinho, uma rosa, uma
trilha
Uma curva perigosa a mais de
cem
Pro seu bem, pro meu bem

Céu azul
25 Anos depois firme e forte
Vivão e vivendo
Racionais mc's

VOCE ME DEVE

Você me deve
Sob o céu cor de prata sobre o
chão cinza chumbo
Do capão pro mundo é nós por
nós, vagabundo
Vesti minha camisa listrada e
saí por aí
Por dinheiro, carai, não pra
curtir
Entre putas e loucos, caretas e
loques
Arrombados em choque,
chamam no walk-talk

Reino da malandragem, o
asfalto é selvagem, é danger
Coxinha de santana e os
malandro de ranger
Vida loka original, dos
barracos de pau
Percebeu, que o vil metal só
não quer quem morreu, morou
meu?
Morou meu truta, é a cena, é o
banguê
O chavão, de golf sapão
vermelho-sangue
Por mil camarões, santas
reuniões
Será o ali babá e seus quarenta
ladrões
Digo: Se o preto gosta de curtir
no salão
Se o preto gosta de curtir no
salão

Ê, salve, salve, salve nós, salve
massa!
Viva la raça, progresso pros
nossos
No fundo da boate ampliando
os negócios
Matando o dragão da preguiça
e do ócio
Onde os preto de coragem
exibe os blim-blim
Sem axé, sem massagem pros
cu do plim-plim
A vida é difícil, sim jhonny

Companheiros pedem sua voz
ao microfone
Por mim, só satisfação, tamo
junto isso mesmo tru
Rappin' hood, lakers, eu
também sou zulu
Família unida, esmaga boicote
Ê, bora pixote, hollywood não
espera
Nova era, os preto tem que

chegar
Tem que ser assim, tem que
chegar, porque não?

QUANTO VALE O SHOW Mano Brown]

A primeira coisa que aprendi a
fazer na minha vida foi isso
aqui, ó!
Ráááá! É isso!
Só eu sei os desertos que cruzei
até aqui
Pode pá, tá lançada a sorte

83 era legal, sétima série, eu
tinha 13 e pá e tal
Tudo era novo em um tempo
brutal
O auge era o Natal, beijava a
boca das minas
Nas favelas de cima tinha um
som e um clima bom
O kit era o Faróait
O quente era o Patchouli
O pica era o Djavan
O hit era o Billie Jean
Do rock ao black as mais tops
Nos dias de mais sorte ouvia no
Soul Pop
Moleque magro e fraco,
invisível na esquina
Planejava a chacina na minha
mente doente, hey!
Sem pai, nem parente, nem,
sozinho entre as feras
Os malandro que era na miséria
fizeram mal
Meu primo resolve ter revólver
Em volta outras revoltas,
envolve-se fácil
Era guerra com a favela de
baixo
Sem livro nem lápis e o Brasil
em colapso

[Refrão]
"Quanto vale...
Quanto vale...
Quanto vale..."
Quanto vale o show?

Já em 86 subi aos 16 ao time
principal
Via em São Paulo, tava mil
grau já, favela pra carai, fi
Bar em bar, baile em baile,
degrau pós degrau, ia
Quanto baixo eu pude ir, pobre
muito mal

O preto vê mil chances de
morrer, morô?
Com roupas ou tênis sim, por
que não?
Pra muitos uns Artemis,
benzina ou optalidon
Tudo pela preza, irmão
Olha pra mim e diga: Vale
quanto pesa ou não?

[Refrão]
"Quanto vale...
Quanto vale...
Quanto vale..."
Quanto vale o show?

[Verso 3: Mano Brown]
A César o que é de César
Primeira impressão: Os
muleque tinha pressa, mano
Que funk louco, que onda é
essa, mano?
E assim meus parceirin virou
ladrão
É que malandro é malandro
memo e várias fita
Era Bezerra o que tava tendo,
Malandro Rife
Outros papo, outras gírias mais,
outras grifes
Cristian Dior, Samira, Le Coq
Sportif
G-Shock eu tive sim, calça com
pizza eu fiz
Brasil é osso, a ideia fixa eu
tinha
Porque pardin igual eu assim
era um monte, uma pá
Fui garimpar, cruzei a ponte
pra lá
Ei, zica
Isso significa que era naquele
pique, tocando repique de mão,
jow
No auge da Chic Show, nos
traje
Kurtis Blow era o cara,
curtição da massa
Era luxo, só viver pra dançar,
fui ver Sandra Sá
Whodini eu curti
A vitrine Pierre Cardin, Gucci,
Fiorucci, Yves Saint Laurent,
Indigo Blue
Corpo negro semi-nu
encontrado no lixão em São
Paulo
A última a abolir a escravidão
Dezembro sangrento, Sp,
mundo cão promete

Nuvens e valas, chuvas de
balas em 87
Quanto vale?
Quanto vale o show?

CORAÇÃO BARRABAZ
Você feliz por aí e eu aqui na
prisão que eu mesmo construí,
sobrevivo
Dentre os muros do desejo eu
vejo dor, fagulhas, mágoas no
ventilador
Um abismo, paixão e egoísmo
Guerra entre os dois sós
Veja só o que sobrou de nós

Só o vício de ter e querer por
querer pra depois se enganar
Da decisão de ser, estar, tentar
ser feliz
Eis por 36 horas de amor
ininterrupto eu quis
Num dom corrupto diz que eu
sou um monstro
É que meu coração barrabaz,
por amar demais
Ia ser julgado a revelia e a lei

Se soubesse o que eu sei não
amaria, há!
Esses pobres monstros, se
soubesse o que eu sei
Dessa pena capital vou dar o
sopro só
Urubus ao meu redor esperam a
noite chegar
Eu posso ser um assassino, não
me pressione
Reconheço a dor de um homem
quando vê

Lutar pra ser feliz, eu te
proponho
Pelos mais e melhor dias de
nossas vidas
Eu acredito

EU TE PROponho
Baby, eu te proponho
Meu jardim secreto, a casa do
meu sonho
Matriz do meu lugar, onde
você poderia nadar
Sem lenda, sem fenda, eu tentei
te levar

Vamos fugir desse lugar
Vamos fugir desse lugar
Vamos fugir desse lugar
Baby, desse lugar

Me dê sua mão e confia em
mim, eu
Quero te mostrar um mundo
novo, só meu
Peço discrição por mais de mil
motivos
Não por nada, um pouco
possessivo, perdão
Algo que me orgulhe para que
eu mergulhe
Nesse corpo absurdo, nesse
corpo inseguro
Eu posso ser seu escudo no
claro ou no escuro
E é eterno enquanto dure e
através do muro
E se moiar? E se o júri ter
provas contra nós?
Tem além do horizonte, vida
nova, outro ar
Vem, vem

No nosso dicionário tem
Meu imaginário diz: "larga de
ser boba e vem ver"
Eu peço o que eu te fiz, ler e
harmonia
O dia nasce feliz, baby
Abre os seus braços, a gente
faz um país, baby
Essa é a vida que eu quis, eu
abraçei com as 10
Exagerando à 180 ou jogado
aos seus pés, baby
"Vamos fugir desse lugar,
baby"
Se tá pra ser feliz
Te proponho
Mais e melhores dias em
nossas vidas
Acredito em ti

De cara com seu sexo, kariri,
sabor do mel
Vou ao céu, Estresse ou
loucura, esquece de cura,
esquece
Estou por mim, por um triz
Vou entre suas coxas, minha
diretriz
Não há morro tão alto, vale tão
fundo
Toda pressão, tudo, foda-se o
mundo cão
Você no toque e eu com a
glock na mão, já era
Refúgio na serra, eu fujo à
vera, eu fui
Fundo na ideia eu bolo a vela,

eu fumo
O norte é meu rumo, ao norte
eu não erro
Os federais dão um zoom na
381 verá

Hoje o amanhecer é lindo,
cultuar
Ao seu senhor aos dias de
domingo, acordar
Som das catedrais e o cheiro de
café
Jamais olhar pra outra mulher
Vem ver, vamos fugir desse
lugar
"Algo me diz
Que amanhã a coisa irá mudar
Só mesmo um grande amor
Nos faz ter capa... "



Theuan Carvalho Gomes da Silva e Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown. Foto feita em 05.06.2017, em frente ao espaço RedBull Station.